



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

FÁBIO FLORENÇO GOMES

UM SÓ DESTINO! EXAME HISTÓRICO SOBRE O
PENSAMENTO EDUCACIONAL E POLÍTICO DE MARCUS
GARVEY (1887-1940)

FORTALEZA

2020

FÁBIO FLORENÇO GOMES

**UM SÓ DESTINO! EXAME HISTÓRICO SOBRE O
PENSAMENTO EDUCACIONAL E POLÍTICO DE MARCUS
GARVEY (1887-1940)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de Concentração: Educação Brasileira Orientador : Henrique Cunha Jr.

FORTALEZA

2020

FÁBIO FLORENÇO GOMES

**UM SÓ DESTINO! EXAME HISTÓRICO SOBRE O
PENSAMENTO EDUCACIONAL E POLÍTICO DE MARCUS
GARVEY (1887-1940)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador : Henrique Cunha Jr.

Aprovada em : __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Henrique Cunha Jr. (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Drª Sandra Haydeé Petit

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Drº José Gerardo Vasconcelos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr.º Thiago de Abreu Lima Florencio

Universidade Regional do Cariri (URCA)

Profa. Drª. Fernanda Oliveira da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa contou com a colaboração de entidades, movimentos sóciocomunitários, professores, investigadores, bibliotecários, estudantes e militantes políticos ao redor do mundo africano.

A supervisão do orientador Prof. Dr.º Henrique Cunha Jr. foi fundamental para o andamento, procedimentos e exercícios de pensamento que conduziram este trabalho. Dr. Henrique Cunha Jr. assumiu a orientação desta pesquisa com o espírito de justiça intelectual a Marcus Garvey e ao seu legado descomunal.

A compreensão amável de minha família na América do Sul (Tarana) e na Costa Ocidental Africana foi o primeiro fundamento para a caminhada nesta senda investigativa.

O bolsa de estudo do CNPQ viabilizou parte considerável dos custos financeiros do trabalho de pesquisa.

Indubitavelmente, os ancestrais estiveram ao meu lado na busca por respostas sobre Marcus Garvey, seu contexto, pensamento e continuidades.

HARAMBEE!

JAH RASTAFARI !

ANKH - UDJA -SENEB



**Estátua em homenagem ao Honorável Marcus Garvey – Kingston
Jamaica- St. Ann Parish Library**

O tempo realmente veio para que os asiáticos se governem na Ásia, como os europeus estão na Europa e no mundo ocidental, também é sabido que os africanos se governem em casa, e assim trarão paz e satisfação a toda à família humana. (Garvey, 2019,p.69).

RESUMO

RESUMO

Este é um trabalho de pesquisa sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey (1887-1940), jornalista, orador, empreendedor e organizador sociocomunitário nascido na Jamaica. No ano de 1914, Marcus Garvey idealizou a Associação Universal para o Progresso do Negro (UNIA), uma entidade que alcançou milhares de pessoas no continente africano e em sua diáspora, inclusive no Brasil. Um dos motivos que possibilitou a expansão da UNIA foi o seu veículo de comunicação impressa, o jornal *The Negro World*. A UNIA e o *The Negro World* foram duas forças políticas anticoloniais que dominaram o período das décadas de 1920-1930. Ao longo de toda a segunda metade do século XX, a filosofia e as opiniões de Marcus Garvey influenciaram tanto os movimentos por justiça social na diáspora, quanto os movimentos de libertação nacional no continente africano. Especialmente entre os anos de 1980-2000, Marcus Garvey foi referência temática para a criação de uma Universidade Pan-Africana em Uganda, uma Cátedra de Estudos na Jamaica, um assentamento comunitário na África do Sul e dezenas de livros publicados no eixo Caribe-Inglaterra. A nossa tese é que a UNIA, o Movimento Rastafari e a ideia de um devir Renascentista Africano mantiveram a vitalidade cultural do pensamento de Marcus Garvey nos últimos 100 anos de história (1914-2014). O problema identificado pela pesquisa foi a escassez documental sobre Marcus Garvey em língua portuguesa, especialmente no contexto brasileiro. O objetivo central desta pesquisa foi elaborar um material de introdução a Marcus Garvey, a partir de um exame histórico sobre a educação e a política em seu pensamento intelectual. Considerando a falta de literatura sobre Marcus Garvey no Brasil, a questão principal desta investigação foi entender as circunstâncias da primeira visita de um membro da família Garvey ao país em 2013, no âmbito dos preparativos globais para as celebrações dos 100 anos de fundação da UNIA em 2014. A investigação transcrita conecta estudos biográficos, históricos, historiográficos e informações coletadas de entrevistas. A abordagem inovadora trabalha em diálogo com o método Pan-Africano de Bangura (2011); a historiografia sobre Marcus Garvey de Martin (1983-1986) e Lewis (1986-1988); os arquivos de documentação da UNIA organizados por Hill (1983,1985); as épocas históricas do Movimento Rastafari apresentadas por Barnett (2014), Campbell (1987) e Bonacci (2010); e com as teorizações sobre Renascimento Africano em Diop (1990), Gnonsea (2003) e Obenga (2013).

Palavras-chave : Pan-Africanismo; Nacionalismo Negro Universal; Rastafari; Renascença Africana; Unidade

ABSTRACT

This is a research paper on the intellectual thought of Marcus Garvey (1887-1940), a journalist, orator, entrepreneur and socio-community organizer born in Jamaica. In 1914, Marcus Garvey created the Universal Negro Advancement Association (UNIA), an organization that reached thousands of people on the African continent and in its diaspora, including Brazil. One of the reasons for the UNIA's expansion was its print media outlet, The Negro World. The UNIA and The Negro World were two anti-colonial political forces that dominated the 1920s-1930s. Throughout the second half of the 20th century, Marcus Garvey's philosophy and opinions influenced both social justice movements in the diaspora and national liberation movements on the African continent. Especially between the years 1980-2000, Marcus Garvey was a thematic reference for the creation of a Pan-African University in Uganda, a Chair of Studies in Jamaica, a community settlement in South Africa and dozens of books published on the Caribbean-England axis. Our thesis is that the UNIA, the Rastafari Movement and the idea of an African Renaissance have maintained the cultural vitality of Marcus Garvey's thought over the last 100 years of history (1914-2014). The problem identified by the research was the scarcity of documents on Marcus Garvey in Portuguese, especially in the Brazilian context. The central aim of this research was to develop introductory material on Marcus Garvey, based on a historical examination of education and politics in his intellectual thought. Considering the lack of literature on Marcus Garvey in Brazil, the main question of this investigation was to understand the circumstances of the first visit of a member of the Garvey family to the country in 2013, as part of the global preparations for the celebrations of the 100th anniversary of the founding of the UNIA in 2014. The transcribed research connects biographical, historical and historiographical studies and information gathered from interviews. The innovative approach works in dialogue with Bangura's Pan-African method (2011); the historiography on Marcus Garvey by Martin (1983-1986) and Lewis (1986-1988); the UNIA documentation archives organized by Hill (1983, 1985); the historical epochs of the Rastafari Movement presented by Barnett (2014), Campbell (1987) and Bonacci (2010); and with the theorizations on African Renaissance in Diop (1990), Gnonsea (2003) and Obenga (2013).

Keywords : Pan-Africanism; Universal Black Nationalism; Rastafari; African Renaissance; Unity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Seminário sobre Marcus Garvey em Cabo Verde -Ilha de Santiago, 2014		
Figura 2	Blog Conexão Global Rastafari		
Figura 3	Aula aberta em homenagem a Joseph Ki-Zerbo		
Figura 4	Identidade visual do Círculo Iniciático Marcus Garvey - CIMG		
Figura 5	Marcus Garvey utilizando uma bengala devido ao atentado que sofreu em 1919		
Figura 6	Capa do documento DCN		
Figura 7	Nut, um Neter ou deidade do antigo Egito que representava o Céu sobre Geb, o Neter que representava a Terra		
Figura 8	Estrela Preta		
Figura 9	Ilustração da Batalha de Adowa		
Figura 10	Marcus Garvey durante Conferência da UNIA		
Figura 11	Amy Jaques Garvey		
Figura 12	Membros da delegação jamaicana Back to Africa com o presidente Kwame Nkrumah em Accra, Gana, 1961		
Figura 13	Um momento protocolar do dia da Coroação de Ras Tafari Makoneen em 2 de novembro de 1930		
Figura 14	Leonard P. Howell		
Figura 15	Núcleo fundador do The Waiollers ; Bunny Wailer, Bob Marley e Peter Tosh		
Figura 16	Dr. Cheikh Anta Diop		
Figura 17	Ausar , conhecido na literatura ocidental pelo nome grego Osiris		
Figura 18	Escrita Obeah, a primeira se refere ao caráter da pessoa e o segundo ao caráter espiritual		
Figura 19	Abuna Yesehaq		
Figura 20	Abeng, o chifre da chamada de prontidão Maroon		

Figura 21	Nanny dos Maroons		
Figura 22	lustração retrato de Samuel Sharpe		
Figura 23	Thomas Butchell		
Figura 24	Quadro da cidade de Morant Bay no século 19, antes dos combates		
Figura 25	Paul Bogle		
Figura 26	Manifestação tradicional da Kumina na Jamaica		
Figura 27	Representação gráfica da Cruz Bakongo		
Figura 28	Representação gráfica do Paradigma de organização sociocomunitária na diáspora		
Figura 29	Cidade de Kingston destruída por um ciclone em 1907		
Fugura 30	Alexander Bedward		
Figura 31	Dr. Robert Love no final do século 19		
Figura 32	Taytu Betul e Menelik II		
Fugura 33	O advogado Henry Silverter Willians		
Figura 34	Convite para a Conferência Pan-Africana de 1900 em Londres		
Figura 35	Professor, escritor e intelectual Pan-Africanista, W.E.B. Du Bois		
Figura 36	Logotipo da NAACP		
Figura 37	Sr. Booker Taliaferro Washington		

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	O Rio Niger e o seu formato em U		
Mapa 2	África dividida em colônias pelo imperialismo europeu		
Mapa 3	Mapa de Saint Ann's Bay		
Mapa 4	Mapa de identificação do canal do Panamá com a sua rota principal em vermelho realçado		
Mapa 5	Mapa da Ilha do Haiti em 1723		
Mapa 6	Serra Leoa, Costa Ocidental Africana		
Mapa 7	Nomes Taino das ilhas do Caribe		
Mapa 8	Jamaica do século 19 com discriminação das zonas de influência Maroon e centros urbanos		
Mapa 9	Geopolítica das emancipações ou abolições da escravatura nas Américas		

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico		
Tabela 2	Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico - Período secular (15 E.C. em diante)		
Tabela 3	Geografia africana na Bíblia Versão King James e Católica		
Tabela 4	Negros na versão King James e Católica da Bíblia		

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO		
INTRODUÇÃO : PORQUE UM EXAME HISTÓRICO SOBRE O PENSAMENTO INTELECTUAL DE MARCUS GARVEY ?		
1.1	Marcus Garvey e a UNIA no contexto do Pan-Africanismo Histórico	
1.2	Justificativa Brasil para um exame histórico sobre o pensamento educacional e político de Marcus Garvey	
1.3	Problema : sustentáculo da escassez material bibliográfica	
1.4	Objetivos	
1.5	Metodologia	
1.6	Revisão da literatura : Linha bibliográfica principal e termos de referência	
1.6.1	Termos de Referência	
1.6.2	Linha bibliográfica auxiliar	
1.6.2.1	Pan-Africanismo	
1.6.2.1.2	Dimensões históricas e cultural do Movimento Pan-Africanista	
1.6.2.1.3	Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico	
1.6.1.3	Fase Secular Formal do Movimento Pan-Africano : uma Introdução ao Etiopianismo	
1.6.2.2	UNIA e suas Épocas Históricas	
1.6.2.3	Movimento Rastafari	
1.6.2.4	Renascença Africana	
1.7	Questões da tese:	
1.8	Hipótese	
1.9	Estrutura da tese	

APRESENTAÇÃO

Marcus Garvey foi um dos maiores organizadores sócio-comunitários dos últimos trezentos anos de história global africana. O seu contributo coletivo está no mesmo patamar que os de Zumbi dos Palmares (Brasil), Shaka Zulu (África do Sul), Lat Dior (Cayor), Toussaint L'Overture (Haiti), Harriet Tubman/Aramita Ross (Estados Unidos da América), Kwame Nkrumah (Gana), Amílcar Cabral (Cabo Verde / Guiné-Bissau) e Winnie Mandela (África do Sul). Nascido em 1887 na Jamaica, Marcus Garvey construiu um percurso político-biográfico transcontinental. Entre as décadas de 1910-1930, o seu pensamento foi recorrente nas articulações de resistência anticolonial no Caribe, América do Sul, Estados Unidos da América, Inglaterra e França. Há mais de 100 anos que a filosofia e as opiniões de Marcus Garvey são referências para organização sócio-comunitária no continente africano e em sua diáspora.

No ano de 1914, Marcus Garvey mobilizou alguns jovens para fundação da Associação Universal para o Progresso do Negro (UNIA), uma entidade-movimento¹ suportada por dois eixos : 1) a organização sociocomunitária na diáspora africana; e 2) a reorganização do continente africano em uma unidade político-administrativa. Ambos os eixos objetivavam alcançar uma soberania global africana. Na epígrafe extraída de Marcus Garvey (2019, p.69), “[...] **é sabido que os africanos se governem em casa**”. A “casa” afirmada por Marcus Garvey é o continente africano, exemplificando a centralidade geopolítica africana no tipo de movimento Nacionalista Negro avançado pela UNIA, um Nacionalismo Negro (ou africano) Universal².

Entendemos que o Nacionalismo Negro da UNIA assumiu um caráter universal e foi calcado no que Marcus Garvey identificou como Fundamentalismo Africano³, uma teoria política comentada nessa presente transcrição de pesquisa. A UNIA mobilizou cerca de seis milhões de pessoas em três continentes (Americano, Africano e Europeu) através de meios como o seu jornal principal (The Negro World), empreendimentos comerciais, eventos, publicações e instalações físicas (conhecidas como Capítulos ou Divisões) . A presidência da

¹ Entidade-Movimento é um termo que utilizamos para identificar as organizações sócio-comunitárias que assumiram o triplo embate de : mobilização, organização e ação contínua no terreno.

² Nacionalismo Negro Universal é uma expressão que utilizamos nesta tese para denominar a o tipo de Nacionalismo da UNIA, diferenciando-o do Nacionalismo Negro, vulgar e limitado.

³ Fundamentalismo Africano é título de um documento escrito por Marcus Garvey e no que denominamos teoria política do Nacionalismo Negro Universal .

UNIA com Marcus Garvey foi encerrada em 1940 na Inglaterra, ano e local de seu desaparecimento físico .

Nos últimos trinta anos de história da UNIA (1984-2014), a filosofia, as opiniões e a biografia de Marcus Garvey foram temas para pesquisas realizadas em diversas academias ao redor do Mundo Africano⁴. Periodicamente são produzidos seminários, conferências, concursos, festivais de artes e debates sobre o legado multidimensional de Marcus Garvey. É crescente o número de homenagens a Marcus Garvey através de bustos e propostas arquitetônicas, como no caso da Fundação Marcus Garvey, projetada para ser construída no Gana. Nas figuras seguintes, é possível identificar uma atividade do centenário de Marcus Garvey (Fig.1-2), e o projeto arquitetônico para a Fundação Marcus Garvey no Gana (Fig.3). A arquitetura projetada para a Fundação Marcus Garvey é em formato de estrela, uma menção a Estrela Preta⁵, símbolo máximo da companhia marítima da UNIA, a Black Star Shippe Line Inc.

Figura 1 Centenário 2014

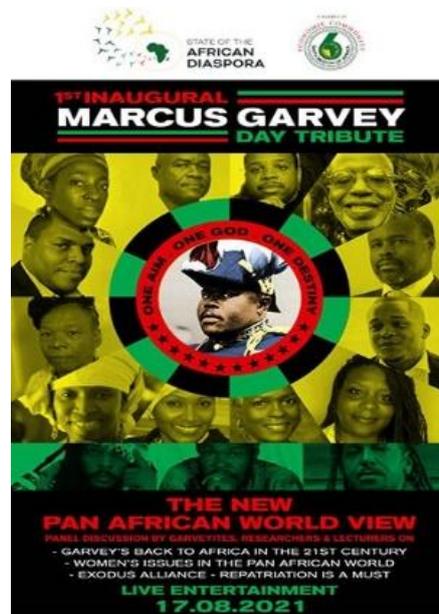


Fonte : <https://sfbayview.com/>

⁴ Mundo Africano é o termo que utilizamos para envolver em um mesmo suporte analítico a diversidade das populações africanas no continente e na diáspora.

⁵ A Estrela Preta também possui uma interpretação esotérica em relação à experiência milenar africana de observação, registro e meditação sobre os movimentos ou imagem do cosmo, em relação ao destino das populações Negras.

Figura 2 Tributo anunciado para o ano de 2021



Fonte : <https://www.cbpm.org/>

Figura 3 Projeto Fundação Marcus Garvey



Fonte: <https://gogetfunding.com/mmg-foundation-marcus-garvey-memorial-centre>

Próximos ao aniversário de 110 anos de fundação da UNIA (2024) e considerando a tradição de celebrar a memória do seu fundador, demarcamos nessa apresentação algumas circunstâncias que motivaram a nossa pesquisa histórica sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey. Primeiramente, a escassa literatura sobre Marcus Garvey em língua

portuguesa no Brasil, e, de acordo com o nosso levantamento, em todos os países africanos que utilizam a língua portuguesa como oficial⁶. Uma segunda circunstância: o equívoco da idolatria a Marcus Garvey, uma atitude incapaz de considerar a importância fundamentalmente comunitária da UNIA e de seus membros, como a Sra. Amy Jacques Garvey.

A terceira circunstância que motivou a nossa pesquisa está na análise contextual sobre a visita do filho de Marcus Garvey (Julius Garvey) ao Brasil em 2013, no âmbito das celebrações dos 100 anos de fundação da UNIA (1914-2014). A visita de Julius Garvey ao país foi um acontecimento histórico que envolveu entidades, movimentos e setores da imprensa nacional. Pensamos que esse assunto pode aquecer um diálogo sobre os desafios enfrentados por temáticas como Nacionalismos Negros, Pan-Africanismo, Movimento Rastafari e Renascença Africana em contextos lusotropicalistas, como o brasileiro. O lusotropicalismo é um sistema de teoria e ação racista eurocêntrico de matriz portuguesa, caracterizado pela desafricanização de indivíduos ou coletivos, tanto no continente africano quanto em sua diáspora (LOPES, 2004).

Quarta circunstância, a vitalidade cultural do legado de Marcus Garvey, que – na perspectiva de nossa tese, durante toda a segunda metade do século 20 foi suportada por três colunas de ação : 1) a arquivística africana da UNIA; 2) a militância política-cultural do Movimento Rastafari; e 3) o devir Renascentista Africano, agitado pela historiografia e projeção de uma unidade federal africana na década de 1950.

É importante comentar que o contexto vivido pelo autor na construção desta pesquisa foi de participação em frentes Pan-Africanas⁷ de cultura, política e educação entre os anos de 2005-2015. A partir do ano de 2015, o autor criou o projeto Aksum Livros & Cultura (A.L.&C.), um empreendimento comercial no formato de uma pequena livraria, que

⁶ Após o início desta pesquisa em 2016, ocorreram iniciativas coletivas e qualificadas de tradução que publicaram coletâneas com escritos de Marcus Garvey . Esse tema sobre a recente literatura sobre Marcus Garvey em língua portuguesa pode ser analisado objetivamente no artigo *Porque um estudo sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey hoje? (escrito pelo autor e no prelo)*

⁷ O Pan-Africanismo nesta tese é tratado como um movimento nacionalista africano transcontinental voltado à unidade multinacional do continente africano, justiça social na diáspora africana e soberania global das populações Negras . O Pan-Africanismo foi formalizado na diáspora africana entre o final do século 19 e primeiras décadas do século 20 . Nesta pesquisa voltaremos outras vezes a este tema e o nosso tratamento.

assumiu o propósito de divulgar autores e literaturas do mundo africano. O A.L. & C. foi instalado na cidade capital de Cabo Verde (Praia), dentro do Mercado de Sucupira.

Figura 4 Entrada da Aksum Livros & Cultura



Fonte: arquivo pessoal do autor

Entre os anos de 2015-2017, o A.L.&C. organizou palestras, encontros sobre saúde, lançamentos de livros, exposições, debates comunitários e uma contínua colaboração com movimentos sociais, tanto de Cabo Verde quanto do Brasil. Em 2015, o projeto foi apoiado por associações culturais locais, dessa parceria foi produzido um Seminário de formação dedicado ao Pan-Africanismo e ao legado de Marcus Garvey. Esse seminário foi dividido em dois encontros no interior da Ilha de Santiago, precisamente no Conselho de Assomada, uma base histórica de resistência antiescravista e anticolonial no arquipélago.

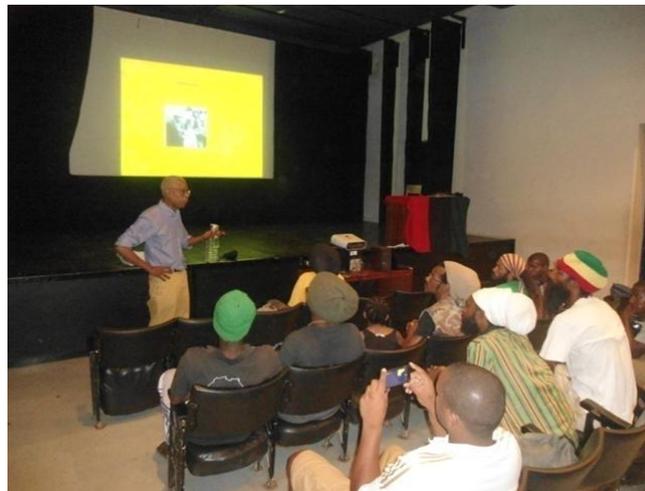
O primeiro encontro do Seminário abordou a contextualização histórica do Pan-Africanismo, sendo integralmente voltado à reflexão sobre o Movimento político e o seu conteúdo de militância cultural. O segundo encontro discorreu a respeito do trabalho/legado de Marcus Garvey em relação aos campos da imprensa, diplomacia, formação de quadros e empreendimentos econômicos da UNIA. Nesse encontro, foram comentadas algumas semelhanças dos pensamentos de Marcus Garvey com os de Amílcar Cabral⁸. Na ocasião, o seminário contou com a presença enriquecedora do Dr. Henrique Cunha Jr.(Brasil).

⁸ Amílcar Cabral (1924 -1973) , engenheiro agrônomo e organizador sócio comunitário que secretariou de forma triunfal o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) contra o colonialismo português durante as décadas de 1950,1960 e 1970.

Segundo o relato do Dr. Cunha Jr., entre as décadas de 1920-1930 na cidade de São Paulo (Brasil), os seus avós possuíam um conhecimento sobre a importância política de Marcus Garvey. Esse conhecimento foi transmitido ao filho do casal, Henrique Antunes Cunha⁹, pai de Henrique Cunha Jr. e uma referência incontornável da história do Movimento Negro no país dos anos de 1940 a 1980.

Durante o Seminário em Cabo Verde, na condição de um herdeiro natural da memória de gerações Negras politicamente engajadas no Brasil, Dr. Cunha Jr. não deixou de afirmar o seu interesse pessoal pela justiça intelectual a Marcus Garvey, cuja obra é pouco conhecida no país.

Figura 5 Seminário Marcus Garvey



Fonte : Arquivo pessoal do autor

Ao longo de trinta anos (1980-2000), Dr. Cunha Jr. exerceu atividades acadêmicas internacionais nos EUA, Guyana (República Cooperativa), Trinidad & Tobago e Jamaica, países de referência histórica nas ações da UNIA. No Seminário da A.L.&C. em Cabo Verde, Dr. Cunha Jr. compartilhou com os participantes as suas impressões sobre a importância do legado de Marcus Garvey como base para iniciativas comunitárias autônomas nos quadros da cultura, educação, fabricação de bens, política e comércio.

No decurso do Seminário, foram expostos exemplos da multidimensionalidade presente no trabalho da UNIA. Uma das conclusões do encontro foi que após 100 anos de

⁹ Henrique Antunes Cunha (1908-1998) desenhista – projetista, militante do Movimento Negro no Brasil e membro das entidades Jornal Clarim da Alvorada, Círculo Palmares e Associação Cultural do Negro .

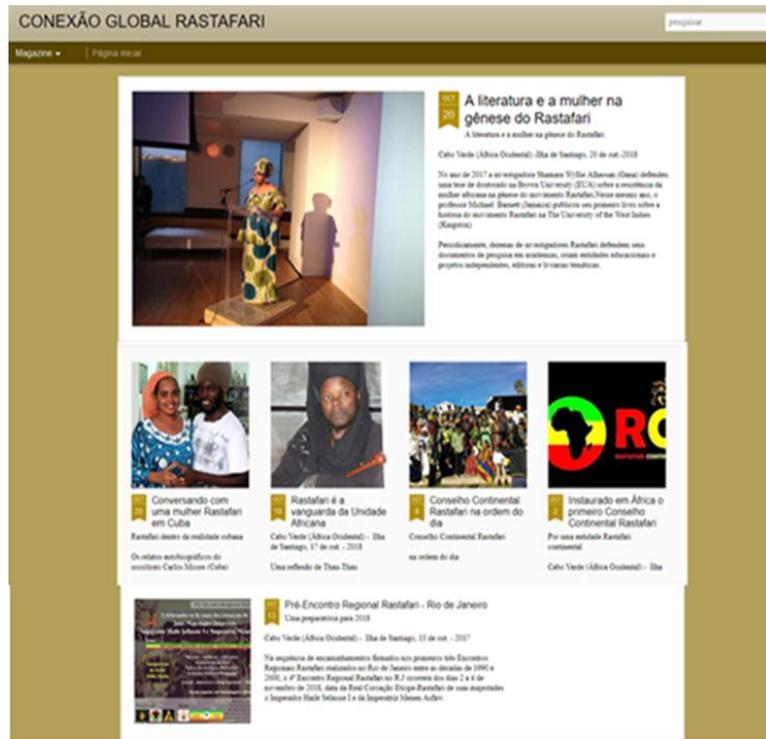
fundação da entidade (1914-2014), as mensagens de Marcus Garvey continuam influenciando centenas de empreendimentos econômicos, literatura, artes e política ao redor do mundo africano. Nas reflexões finais, reconhecemos que o difícil acesso à literatura sobre Pan-Africanismo, Nacionalismos Negros, Movimento Rastafari e Renascença Africana é uma realidade transcontinental, algo observado durante o mestrado realizado pelo autor desta pesquisa (2012-2014)¹⁰. No ano seguinte ao Seminário realizado em Cabo Verde (2016), o autor começou a formular um projeto de investigação sobre Marcus Garvey, que foi aprovado no processo de seleção de doutorado do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Ceará.

No início desta pesquisa em 2016-2017, o autor foi convidado a integrar a Comissão Instaladora do Movimento Federalista Pan-Africano em Cabo Verde, tornando-se membro e posteriormente colaborador do subcomitê científico da entidade no país. No ano seguinte, iniciou por meio do A.L.&C. e da entidade Casa de Cultura Raíz Ancestral - CACURA (Brasil) o Seminário Rastaologia, um encontro periódico para debates sobre assuntos do interesse do Movimento Rastafari, sobretudo o Pan-Africanismo e o Nacionalismo Negro Universal.

O Seminário Rastaologia obteve edições subscritas aos temas : Introdução à Rastaologia e Movimento Rastafari no Brasil (2017); Rastafari contra o Genocídio da População Negra (2018) e Rastafari na Construção da Unidade Africana (2019). Em 2017, o autor criou um canal de comunicação do Seminário Rastaologia, o *blog* Conexão Global Rastafari, integralmente voltado à informações diversas sobre cultura, política e espiritualidade do Movimento Rastafari.

¹⁰ A pesquisa de Mestrado intitulada Pan-Africanismo, Historiografia e Educação: Experiências em Cabo Verde e no Brasil (2014), representa o processo rudimentar de construção da Didática Pan-Africana e a sofisticação do Afrika Shen como ferramenta para a restauração de uma prática milenar africana, eficaz na resolução dos problemas identificados pelo próprio mestrado.

Figura 6: Página do blog Presença Global Rastafari



Fonte: <https://conexaoglobalrastafari.blogspot.com/>

Ainda no ano de 2017, a presente investigação já havia levantado um conjunto consistente de material bibliográfico sobre Marcus Garvey e de seu contexto histórico. Com esse material o autor decidiu criar o Guia Pan-Africano de Referências (G.P.R.), uma inventariação patrimonial e cartografia social do Movimento Pan-Africanista. Através do A.L.&C., foi proposto à Comissão Instaladora do Movimento Federalista Pan-Africano em Cabo Verde o primeiro Atelier do G.P.R., uma atividade voltada à partilha de informações sobre teorias, teses, práticas, projetos e ideias Pan-Africanas .

Nesse período, o Ciclo de Formação Marcus Garvey (Brasil) organizou a primeira coletânea de artigos de Marcus Garvey, materiais traduzidos para a língua portuguesa sob o título de Procure por mim na Tempestade (2017). Posteriormente foram publicados outras duas coletâneas, A Ressurreição do Negro (2019) e Trajédia da Injustiça Branca (2020). No Brasil, a demanda crescente por livros sobre Marcus Garvey, Pan-Africanismo, Rastafari e Nacionalismos Negros, por exemplo, não possui correspondência quantitativa às ofertas livrescas das editoras no território nacional. Mesmo em menor quantidade, poucas editoras administradas por pessoas Negras têm demonstrado interesses por esses temas ou autores.

Nos dois primeiros anos de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC (2017-2018), deparamo-nos com a ausência de atividades educacionais que pudessem abordar esses temas como Pan-Africanismo e Movimento Rastafari, por exemplo. Foi nesse intuito que o autor promoveu seminários livres sobre Pan-Africanismo na UFC e na Universidade do Estado do Ceará (UECE), sempre abertos à comunidade não acadêmica .

No ano de 2018, as temáticas abordadas nesses seminários livres foram estendidas à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na UFRJ, o autor compôs a organização de uma aula aberta em homenagem ao historiador Pan-Africanista Joseph Ki-Zerbo (Burkina Faso). O evento contou com a participação de antigos membros do Movimento Negro no país, como o Prof. Dr. Babalawô Ivanir dos Santos e do Mestre/Maestro Antônio Spirito Santo.

Figura 7 – Homenagem a Joseph Ki-Zerbo

Aula Aberta sobre a trajetória intelectual do Prof. Dr. Joseph Ki-Zerbo

Professores convidados

- Prof. Dr. Babalawô Ivanir dos Santos - UFRJ
- Prof^a. Mariana Gino - Doutoranda em História Comparada - UFRJ
- Prof. Kwesi Ta Fari - Projeto Aksum Livros

22/11/2018
18H

Mediador
Prof. Cyro Garcia Junior - Pós-graduando em Ciências Sociais e Educação Básica - PROPGPEC.

Organização

CEAP
CENTRO DE APLICACÃO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÕES

LHER
Laboratório de História das Experiências Religiosas IN - UFRJ

UFRJ - IFCS - SALA 400
Largo de São Francisco de Paula, nº 1. Centro/RJ

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Esse doutorado em educação possui duas qualificações no período dos quatro anos de curso. Qualificações são exames gerais que antecipam a defesa final da tese, elas são realizadas no início e na metade do doutoramento. O nosso estudo de três anos acumulou mais de 1.000 páginas divididas em três blocos: 1) o exame historicamente contextualizado sobre o pensamento educacional e político de Marcus Garvey; 2) um inventário internacional e cartografia social do movimento Pan-Africanista (base para o Atelier Guia Pan-Africano de Referências/GPR); e 3) centenas de informações no formato de verbetes enciclopédicos sobre o contexto histórico Pan-Africanista das décadas de 1880 e 1940.

Os dois últimos blocos de materiais (a inventariação e os verbetes) seriam originalmente anexos da presente investigação sobre o pensamento intelectual de Marcus

Garvey. Na primeira Qualificação, a banca avaliadora recomendou a supressão dos Anexos para que o mesmo não afetasse o objetivo central da pesquisa : o exame histórico do pensamento educacional e político de Marcus Garvey. Além da correta orientação da banca de qualificação, o autor compreendeu que o caráter do material projetado para o anexo exigia um tratamento específico para uma publicação posterior. Após a segunda qualificação da tese em 2018, foi realizado em 2019 mais um segundo Atelier do Guia Pan-Africano de Referências (G.P.R.) na Cátedra Amílcar Cabral (Cabo Verde). A partir dessa atividade, a matriz para o G.P.R. já estava completa com mais de 1.000 referências catalogadas como entidades, movimentos, álbuns musicais, eventos históricos e literatura.

Ao longo desse ano de 2019, o autor realizou uma série de entrevistas com pessoas que participaram da palestra do Dr. Julius Garvey (filho de Marcus Garvey) na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em 2013, Rio de Janeiro. Essa primeira visita de Julius Garvey ao Brasil foi justificada pelo centenário de fundação da UNIA no ano seguinte, 2014. As entrevistas somadas ao recolhimento de propagandas sobre o evento veiculadas pela imprensa possibilitou-nos a identificação de aspectos-chave sobre o Brasil no contexto do centenário de Marcus Garvey.

No âmbito desta pesquisa foi agendada uma visita à Jamaica, no intuito de investigar arquivos, entrevistar pessoas e experienciar vivências comunitárias. O nosso primeiro contato para uma visita de pesquisa foi com a Dra. Donna McFarlane, curadora do Museu Marcus Garvey (Libert Hall) no país, e interessada no nosso trabalho de investigação. Infelizmente, a Dra. McFarlane fez sua transição no ano de 2017, deixando um legado museológico incrível sobre a memória de Marcus Garvey.

Dra. McFarlane deteve uma perspectiva muito poderosa, ampla e prática sobre o legado de Marcus Garvey, em suas palavras para a Pearl Radio em 2010 “ [...] estamos desenvolvendo o Liberty Hall como uma instituição cultural/educacional que será benéfica primeiro para os residentes das comunidades vizinhas do centro da cidade de Kingston, depois para toda a Jamaica e para o mundo.”¹¹. A seguir, uma imagem da Dra. Donna MacFarlane durante homenagem a Marcus Garvey na Jamaica em 2016 (imagem veiculada pelo Institute of Jamaica).

¹¹ Trecho extraído de matéria publicado em : <https://pearlradio.sx/2010/08/13/marcus-garvey-birthday-celebration-on-radio-this-weekend/> (2010) (tradução nossa).

Figura 8 Dra Donna McFarlane Diretora do Liberty Hall



Fonte: <https://www.facebook.com/instituteofjamaica.ioj/photos/director-liberty-hall-the-legacy-of-marcus-garvey-dr-donna-mcfarlane>

O nosso segundo contato na Jamaica foi com o Dr. Michael Barnett, professor da University Of The West Indies – WIU (Jamaica). O diálogo com Dr. Michael Barnett ocorreu ao longo de 2018 com muitos intervalos de tempo e indisponibilidades. Nesse período, o Departamento de Estudos Rastafari da WIU foi encerrado, inviabilizando um convênio formal entre as universidades do Brasil e da Jamaica. Decididos a realizar uma investigação na Jamaica, mesmo sem convênio, iniciamos um planejamento de viagem para o início de 2020, mas fomos surpreendidos pela pandemia/sindemia¹² da COVID 19, que nos impediu de avançar com deslocamentos internacionais.

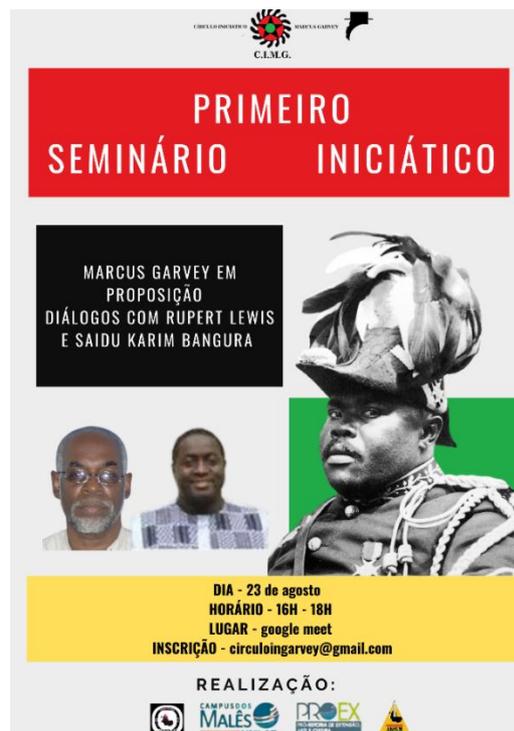
Independente das dificuldades para realização de uma viagem a Jamaica, mantivemos um diálogo com o Dr. Rupert Lewis, historiador reconhecido como uma das maiores

¹² Sindemia é um termo utilizado para conjugar a ação de uma doença com problemas sociais crônicos, essa combinação serve como um amplificador da gravidade dos problemas sociais e dos efeitos da doença. No Caso do Brasil, o caráter social da doença COVID 19 possui determinação racial e econômica. .

autoridades sobre o tema Marcus Garvey no país. Dr. Lewis é ex-diretor da Cátedra Marcus Garvey, que funcionou durante anos na University of West Indies (Jamaica). Esperamos que em breve a amenização da pandemia/sindemia possibilite a realização de uma viagem de estudos à Jamaica.

No segundo semestre de preparação para a defesa da tese em 2020, o autor ministrou um minicurso sobre Marcus Garvey na Universidade da Integração Luso-Afro-brasileira UNILAB- Malês. Essa atividade foi fundamentada nos documentos da pesquisa, o que levou o autor a criar uma ferramenta de formação presencial e *online* denominada : Círculo Iniciático Marcus Garvey (CIMG) . Na concepção do autor , os Seminários sobre Pan-Africanismo, sobre Movimento Rastafari e o CIMG deveriam funcionar de forma complementar dentro das atividades da própria pesquisa.

Figura 9- Primeiro Seminário Iniciático



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Desde o início desta pesquisa, o autor tentou realçar a grandiosidade do trabalho da UNIA e não o de Marcus Garvey isoladamente, como um “herói”, “profeta” ou até mesmo “pai” do Pan-Africanismo. Nesse sentido, é de natureza equivocada o questionamento recorrente sobre como Marcus Garvey conseguiu mobilizar e organizar milhares de pessoas

oriundas de três continentes. Marcus Garvey trabalhou em conjunto com dezenas de homens e mulheres engajados sob um mesmo propósito Nacionalista Negro Universal. Foi o trabalho coletivo na UNIA que permitiu que as mensagens de Marcus Garvey alcançassem milhares de pessoas entre 1910-1930.

O exame histórico sobre o pensamento de Marcus Garvey estimulou o autor a estudar o que foi uma das chaves para o sucesso da UNIA, a sistematização do conhecimento. Graças a salvaguarda de Amy Jacques Garvey, o engajamento de historiadores, o empenho do Dr. Robert Hill, os arquivos da UNIA revelam-se como um dos maiores acervos políticos do mundo africano, reunindo mais de 5 mil páginas publicadas em 13 volumes durante as décadas de 1990-2000 : Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers (Duke University). Essa compreensão arquivística sobre a UNIA foi um incentivo para que durante o doutorado o autor obtivesse uma formação em patrimônio e museologia (Fundação Amílcar Cabral), com o objetivo de penetrar na estrutura da organização documental e em meios técnicos de sua preservação para difusão hoje.

Nos dois últimos anos de pesquisa (2018-2020), o autor acompanhou com descrição alguns dos grandes debates que ocorreram no Brasil sobre Marcus Garvey e o seu legado. O motivo da descrição foi para não influenciar ou interferir no contexto dos debates, possibilitando o conhecimento sobre os mais diversos posicionamentos a respeito do pensamento de Marcus Garvey no país.

No encerramento desta tese, o autor compreende o advento de Marcus Garvey sob três dimensões : uma dimensão literal (militância política, utilização estratégica de meios de comunicação, cultura de organização sócio comunitária e empreendimentos econômicos); uma dimensão simbólica (bandeira, marchas, vestimentas, discursos, fotografias e *slogans*); e uma dimensão metafísica/filosófica (conteúdo moral iniciático e espiritual das mensagens). Essas três dimensões em unidade, constituem um ponto fundamental sobre a vitalidade cultural da memória da Marcus Garvey suportada pela UNIA, Movimento Rastafari e Renascença Africana.

O trabalho final aqui registrado é modesto, trata-se de uma síntese de leituras, diálogos e vivências ocorridas durante a pesquisa, inclusive com autores especialistas em Marcus Garvey como a Dra. Kim Butler (EUA), Dr. Rupert Lewis (Jamaica) e Dra. Nzinga Assata (Inglaterra). Especialmente, agradecemos postumamente à Dra. Donna McFarlane, que se empenhou em apoiar o autor em uma proposta de instalação museológica em Cabo Verde dedicada a Marcus Garvey. Talvez um dia essa proposta seja materializada. Aproveitamos

para destacar o nosso forte agradecimento ao Dr. Rupert Lewis, que nos concedeu entrevistas e nos enviou todos os seus livros escritos sobre Marcus Garvey.

O que realmente nos interessa com essa investigação é colaborar com a justiça intelectual à memória e legado de Marcus Garvey. Motivados pelo conhecimento organizado e partilha da pesquisa, encerramos a nossa apresentação geral para introduzir os leitores ao conteúdo do nosso exame histórico sobre o pensamento educacional e político de Marcus Garvey.

Um Só Destino !

1 INTRODUÇÃO : PORQUE UM EXAME HISTÓRICO SOBRE O PENSAMENTO INTELECTUAL DE MARCUS GARVEY ?

Esta é uma pesquisa sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey, jornalista, orador, empreendedor e militante político nascido na Jamaica em 1887. No ano de 1914, Marcus Garvey foi o idealizador e um dos fundadores da Associação Universal para o Progresso do Negro (UNIA)¹³. O propósito geral da UNIA foi organizar a autonomia das comunidades Negras na providência de meios para saúde, segurança, justiça e prosperidade material. A UNIA se afirmou nas décadas de 1920-1930 como uma entidade comunitária, anticolonial e transnacional, fora de limitações geográficas ou étnicas. Marcus Garvey compreendia que uma África livre do colonialismo e em unidade político-econômica continental seria a base de uma soberania global das populações Negras¹⁴.

Na presidência da UNIA entre os anos de 1914-1940¹⁵, Marcus Garvey defendeu que as comunidades Negras organizadas na diáspora e no continente africano deveriam unir forças para a destruição do colonialismo, visando a construção de uma soberania global. Foi nessa perspectiva Nacionalista Negra Universal que, na década de 1920, a UNIA instalou em Cuba uma unidade de treinamento militar para possíveis combates anticoloniais no continente africano, por exemplo.

Uma das etapas do projeto político da UNIA foi organizar com homens e mulheres oriundos da diáspora uma nação independente com território constituído no continente africano¹⁶. A teoria política do Nacionalismo Negro Universal é definida nesta pesquisa como Fundamentalismo Africano¹⁷, uma expressão utilizada por Marcus Garvey em seus escritos. Nas palavras de Marcus Garvey (2019, p.18) “[...] a UNIA começou esta proposta de resgatar a África e construir nosso país, para não molestarem vocês no país que seus pais fundamentaram há centenas de anos”.

¹³ No corpo do texto utilizamos a sigla UNIA como forma geral de abreviação para Universal Negro Improvement Association / Associação Universal para o Progresso do Negro e Liga das Comunidades Africanas. Na literatura internacional é comum a utilização da sigla completa, UNIA-ACL. A sigla ACL (referente à African Communities League Liga das Comunidades Africana) foi acrescentada ao nome original da UNIA em 1920 durante a Convenção dos Povos Negros do Mundo, organizada pela entidade.

¹⁴ Nesta introdução, utilizamos o termo Negro/Negra (singular ou plural) com letra maiúscula em concordância às determinações da UNIA em seus documentos oficiais.

¹⁵ Nesse período houve uma interrupção da presidência de Marcus Garvey quando de sua prisão na segunda metade da década de 20, sob acusação de fraude postal.

¹⁶ A UNIA tentou duas vias para concretizar esta etapa do projeto político, acordos internacionais para ocupação de territórios africanos invadidos por países europeus que perderam a Primeira Guerra Imperialista do Ocidente. A outra via foi o programa Libéria, voltado a instalação de uma grande comunidade agrícola e industrial administrada pela UNIA.

¹⁷ A identificação do Fundamentalismo Africano como teoria política da UNIA é uma proposta desta pesquisa.

No exercício desta pesquisa, identificamos três eixos do pensamento educacional e político de Marcus Garvey : a justiça, a unidade e a soberania. Esses eixos demarcam o caráter prático e teórico do Nacionalismo Negro Universal desenvolvido pela UNIA. Nesse sentido, no discurso *If you believe the Negro Has a Soul* proferido em 1921, Marcus Garvey (1984,p.732) afirma que :

Caros cidadãos de África, saúdo-vos em nome da Associação Universal para o Progresso do Negro (...). Poderão perguntar: "Que organização é essa?" Cabe-me informar-vos que a Associação Universal para o Progresso do Negro é uma organização que procura unir, num só corpo sólido, os quatrocentos milhões de Negros do mundo. Para ligar os cinquenta milhões de Negros nos Estados Unidos da América, com os vinte milhões de Negros das Índias Ocidentais, os quarenta milhões de Negros da América do Sul e Central, com os duzentos e oitenta milhões de Negros de em África, com o objetivo de melhorar as nossas condições industriais, comerciais, educacionais, sociais e políticas. (tradução nossa)

As mensagens de Marcus Garvey e as ações da UNIA ao longo de 20 anos alcançaram populações de três continentes, representando um fenômeno sem precedentes na história da África contemporânea. O advento de Marcus Garvey e da UNIA possui um valor patrimonial incalculável para comunidades Negras, tanto no continente quanto na diáspora. Nos seus primeiros dez anos de existência (1914-1924), a UNIA transformou-se em um grande movimento popular legitimado pelos seus serviços educacionais, médicos, semi industriais e comerciais nas comunidades. Há mais de um século que a entidade simboliza uma experiência de alta organização política e, ao mesmo tempo, a vitalidade cultural do pensamento de Marcus Garvey.

Figura 10 - Marcus Garvey portando uma bengala devido ao atentado que sofreu em 1919.



Fonte:<https://www.archive.voice-online.co.uk/article/memorial-service-black-country-celebrate-marcus-garvey>

Somado ao interesse pelo exame histórico sobre o pensamento educacional e político de Marcus Garvey, o centro de nossa proposição nesta pesquisa está diretamente conectado a vitalidade cultural dessa memória. Um conjunto de quatro motivações impulsionou a razão de nossa proposta de pesquisa sobre o pensamento educacional e político de Marcus Garvey. A primeira motivação foi o interesse por identificar e interpretar os componentes do pensamento de Marcus Garvey.

No exercício da análise de textos escritos por Marcus Garvey ou transcritos dos seus discursos, a nossa pesquisa identificou a educação e a política como as duas referências (componentes) permanentes em seu pensamento. Essas duas referências são entendidas como indissociáveis do projeto político da UNIA e, portanto, sintomáticas no cerne do Fundamentalismo Africano, a teoria política do tipo Universal do Nacionalismo Negro Universal praticado por Marcus Garvey. A integração harmoniosa dessas duas referências nos possibilita contemplar a existência de uma unidade no pensamento educacional e político

Marcus Garvey, que – de acordo com a nossa pesquisa- possui os seus próprios fundamentos (história/filosofia) e conteúdos (justiça/unidade/soberania).

A influência de Marcus Garvey na presidência da UNIA foi decisiva para transformações de movimentos que foram seus contemporâneos, tais como os que incorporaram os Nacionalismos Negros¹⁸, Pan-Africanismo¹⁹, Movimento Rastafari²⁰ e Movimento da Negritude²¹. Formalizado na diáspora durante as primeiras décadas do século XX, o Pan-Africanismo permaneceu deveras restrito a pequenos grupos de teóricos, acadêmicos e políticos, não havia uma adesão real das massas de consciência²² ao movimento. Além disso, o movimento assumiu uma postura política limitada à denúncia, branda diante das agressões do racismo colonial capitalista em África. Essa situação mudaria radicalmente com os impulsos organizacionais da UNIA e da própria difusão do Pan-Africanismo no continente africano. No caso da UNIA, a entidade foi responsável por inserir elementos teóricos do Fundamentalismo Africano e práticos do Nacionalismo Negro Universal no Pan-Africanismo.

Através de uma imprensa independente, a partir do final da década de 1910 a UNIA alcançou o perímetro dos movimentos anticoloniais no continente africano, inspirando

¹⁸ Nacionalismos Negros : conjunto ideológico e de ações voltadas à organização político-econômica de uma comunidade, essa comunidade pode ser demarcada pela região, país, continente ou presença Universal do Negro , como no caso da UNIA. Pensamos que os tipos de Nacionalismos Negros históricos e principais são : local (país) , diaspórico (regional), cultural (grupo humano ou étnico) , continental (África) e universal (Pan-Africano).

¹⁹ “Pan-Africanismo”, “Pan-africanismo” e “panafricanismo” são algumas das grafias utilizadas com mais frequência para denominar esse movimento social nacionalista. No corpo do nosso texto, nós utilizamos a grafia Pan-Africanismo/Pan-Africano, entendendo-a como convencional no bojo da produção literária internacional.

²⁰ Movimento Rastafari é ao mesmo tempo um Nacionalismo Negro (Universal) e uma cultura espiritual referenciada na antiguidade histórica africana . As primeiras manifestações contemporâneas do Movimento Rastafari ocorreram na Jamaica entre as décadas de 1920-1930, fundamentalmente com a ascensão do etíope Tafari Makoneen, titular da denominação Ras – o regente de uma determinada província etíope e imperador da Etiópia – Haile Selassie I.

²¹ Movimento da Negritude nasceu entre as décadas de 1920-1930 no eixo entre a diáspora africana, Caribe, Europa e a Costa Ocidental africana. O Senegal, a França e a Martinica foram três pólos do Movimento da Negritude. Suas ações foram fundamentalmente literárias e artísticas, sem um forte vínculo com Nacionalismos Negros ou com o Pan-Africanismo.

²² Essa situação mudaria drasticamente a partir das entidades políticas africanas continentais e anticoloniais das décadas de 1930-1940 na África Ocidental, muitos dos militantes dessas entidades foram influenciados pelo trabalho da UNIA e mensagens de Marcus Garvey, especialmente no caso do Gana através de Kwame Nkrumah, admirador de Marcus Garvey e primeiro presidente do país independente em 1957. Há um debate sobre a oscilação de reverência de Kwame Nkrumah a Marcus Garvey (PAIVA, 2018), mas é importante sublinhar que diferente de Vladimir Ilitich Ulianov (Lenin), Marcus Garvey não tinha uma teoria fechada de Estado, um projeto de governação. Isso se explica pela própria condição do Negro na diáspora africana e em constante trânsito entre países , como foi o caso de Marcus Garvey . O diálogo com Marxistas foi fundamentalmente sobre a busca de alianças estratégicas, compreensão do sistema capitalista e suas resistências no mundo contemporâneo.

entidades como a União Congoleza (antigo Congo Belga) e a Kenya Land and Freedom Army (KLFA), popularmente conhecido como Movimento Mau Mau, o maior expoente anticolonial do Quênia entre os anos de 1920-1960. No período das décadas de 1930-1940, a UNIA motivou o surgimento de associações nacionalistas anticoloniais importantes para história do Movimento Pan-Africanista, tais como a Ethiopian World Federation (1936), o National Council of Nigeria and Cameroons em 1944 (Nigéria e Camarões) e o United Gold Coast Convention em 1947 (Costa do Ouro, atual Gana).

Na figura a seguir, duas dimensões da influência de Marcus Garvey no Quênia, uma influência para Jomo Kenyatta, liderança nacional (esquerda), e outra influência para Field Marshal Musa Mwariama, quadro importante da militância do KLFA. A imagem faz parte de um conjunto de fotos realizadas em dezembro de 1963, na época, Jomo Kenyatta exercia o cargo de primeiro ministro e se reuniu com militantes do KLFA para debater direitos políticos após a interrupção dos combates anticoloniais no território nacional.

Figura 12 - Jomo Kenyatta e Musa Mwariama (liderança do Kenya Land and Freedom Army)



Fonte: <https://medium.com/pan-african-voice/jomo-kenyatta-and-the-mau-mau-c1787d821e77>

O pesquisador Ken S. Jones (2002, p.11) compilou uma série de declarações em reverência memorial a Marcus Garvey, uma delas de Jomo Kenyatta sobre o a presença e significado do The Negro World no Quênia da década de 1920 :

Em 1921, os nacionalistas quenianos, incapazes de ler, reuniam-se à volta de um leitor do jornal de Garvey, *The Negro World*, e ouviam um artigo, duas ou três vezes. Depois, percorriam o resto de várias maneiras, com o cuidado de repetir tudo, que tinham memorizado, aos africanos sedentos de uma doutrina que os tirasse da consciência servil em que vivia África (tradução nossa).

A UNIA assumiu um compromisso triplo: libertar a África do colonialismo; unificar o continente africano; e assegurar direitos humanos às populações Negras na Diáspora. Se por um lado, entidades do Movimento Pan-Africanista adotaram esse triplo compromisso da UNIA, por outro lado, historiadores e estudiosos incorporaram Marcus Garvey como coluna da historiografia e história do Pan-Africanismo. Dotada de uma filosofia africana e teoria política próprias²³, a UNIA é uma referência histórica que simboliza a cultura de organização sócio-comunitária africana nas Américas. Essa constatação da pesquisa inspirou-os a pensar sobre a necessidade de criação de um campo de estudos e vivências baseado na experiência africana de organização sócio-comunitária no Brasil, a Kilombologia²⁴. Esse campo em construção faz parte de um necessário processo de ruptura com a historiografia da “fragmentação”, que exalta a escravidão como marco único e isola o Brasil do contexto global africano .

As possibilidades de estudos sobre Marcus Garvey são múltiplas, a exemplo dos trabalhos de Têtêvi Godwin Teté-Adjalogo (Togo), Tony Martin (EUA) e Rupert Lewis (Jamaica), que estão entre os autores clássicos desses estudos. No final do século 20, estudiosos como Jah Ansell (1999), Amos Wilson (1999), Ivette Taylor (2003), Colin Grant (2010) e Nzingah Assata (2015) apresentaram abordagens inovadoras sobre dimensões sociológicas e psíquicas do legado de Marcus Garvey no século XX. Pensamos que a década de 2010 encerrou um ciclo internacional e diversificado de publicações sobre Marcus Garvey. Nesse sentido, e diante de uma gama de publicações, há alguma relevância no estudo sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey?

As mais de cinco mil páginas de arquivos da UNIA (*The Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers Project*), que começaram a ser publicadas no final do século XX, demonstram que o acervo sobre Marcus Garvey é muito extenso e não se resume a sua biografia, ou frases de impactos. Não somente a inovação de abordagens deve

²³ Nós identificamos que, complementar a teoria política do Nacionalismo Negro Universal (Fundamentalismo Africano), Marcus Garvey também expressou um outro campo desse nacionalismo, a Filosofia da Ressurreição, que também é abordada nesta tese.

²⁴ Kilombologia ainda é uma proposta muito inicial. Trata-se de um experimento de identificação, acesso e interpretação histórica a respeito das formas africanas de organização sócio-comunitária no Brasil. A Kilombologia é também uma forma de enfrentamento ao eurocentrismo e racismo acadêmico penetrante nas abordagens sobre escravidão e suas resistências na diáspora. Nos Capítulos 2-3 e na Conclusão desta tese nós exploramos mais a ideia e proposta da Kilombologia.

ser contemplada, mas a geopolítica das abordagens, inclusive a partir da América do Sul e de África. Possivelmente, o nosso trabalho está entre as primeiras investigações dedicadas a Marcus Garvey em língua portuguesa. A segunda motivação desta pesquisa foi o desafio invulgar de teorizar sobre a filosofia e teoria política de Marcus Garvey, enquanto categorias de seu pensamento intelectual.

Este estudo que realizamos sobre Marcus Garvey foi uma oportunidade de conhecer, interagir e analisar uma experiência cultural centenária, que ajudou a moldar a história global africana no século XX. No Brasil das décadas de 1920 à nascente década de 2020, os diálogos com Marcus Garvey e seu legado tem sido repletos de descontinuidades. Nesse período de um século, não foi construída uma tradição de estudos sobre Marcus Garvey, UNIA e temas afins no país. A terceira motivação desta pesquisa foi colaborar para a construção de um corpo sistemático de estudos sobre Marcus Garvey, considerando as temáticas que envolvem o Pan-Africanismo, Nacionalismos Negros, Rastafari e Renascença Africana.

Na metade da década de 1920, a UNIA assumia um corpo de milhares de associados em dezenas de sucursais, também conhecidas pela historiografia como Divisões ou Capítulos, distribuídas nas Américas, África e Europa²⁵. Na década de 1920, o patrimônio material da UNIA albergava uma empresa de navegação (Black Star Ship Line), cafés-restaurante, uma fábrica de bonecas, confecções, imprensas (Jornal The Negro World/Black Man), viaturas e lojas de departamento. A UNIA foi a maior entidade e movimento político-intelectual na diáspora africana durante o século XX, ao mesmo tempo que Marcus Garvey foi o mais destacado organizador sócio-comunitário desde a fundação da UNIA em 1914.

Mais de setenta anos após o desaparecimento físico de Marcus Garvey em 1940, o seu legado permanece despertando interesses de acadêmicos engajados, artistas, movimentos sociais, intelectuais, estudantes, militantes políticos e religiosos. Na literatura internacional, desde as décadas de 1970-1980, há uma vasta oferta de temáticas sobre Marcus Garvey ramificadas em biografias e estudos que abordam diversas temáticas. Existem estudos que lançam novas ideias interpretativas sobre Marcus Garvey e seu pensamento, tal como o religioso *The Gospel According to Marcus Garvey: His Philosophies & Opinions about Christ* (2013); os infantis *A Man Called Garvey: The Life and Times of the Great Leader Marcus Garvey* (2004), *Teach me about Marcus Garvey* (2018) e *The Garveyite Workbook One: Beginner: A Comprehensive Study of the Life and Work of Marcus Garvey* (2019); e o holístico *Kulturel Planner Year of Garvey* (2020).

²⁵ As ramificações da UNIA chegaram até a Austrália, segundo estudos de Rupert Lewis (1994), Amos Wilson (1999), Tony Martin (1986) e Joseph Hill (2011). Ver Referências.

No Brasil, a circulação recente de livros com textos de Marcus Garvey traduzidos para a língua portuguesa é a premissa para uma série de novos estudos, proposições e ações coletivas. Após tantas interrupções, uma literatura independente torna irreversível a difusão de assuntos até então evitados por movimentos marxistas, faculdades acadêmicas e grandes editoras em operação no Brasil. Pan-Africanismo e Nacionalismos Negros são exemplos desses temas evitados, de difícil publicação em língua portuguesa, a pesquisa é pouca, a produção é mínima, as traduções estão no início e a demanda nacional é grande.

A quarta motivação para esta pesquisa foi contribuir para uma literatura básica sobre Marcus Garvey, UNIA, Pan-Africanismo entre outros assuntos no contexto africano continental e diaspórico que se utiliza da língua portuguesa. Essas quatro motivações formam a resposta direta para o questionamento inicial sobre o porque de um exame histórico sobre o pensamento educacional e político de Marcus Garvey

Uma das projeções da pesquisa foi conseguir extrair do pensamento intelectual de Marcus Garvey e do trabalho da UNIA elementos que sejam úteis para o enfrentamento de desafios organizacionais da comunidade Negra no Brasil, inclusive no que se refere as relações com países, movimentos ou entidades organizadas no continente africano. As experiências de projetos fundamentados na UNIA são múltiplas e compartilham das bases do pensamento intelectual de Marcus Garvey.

Na Jamaica do final do século XX, foram criadas condições para o estudo científico das contribuições de Marcus Garvey através de uma Cátedra Acadêmica localizada na University of West Indies -Mona Campus (Cátedra Marcus Garvey). No início dos anos 2000, o governo jamaicano apoiou a criação de um Museu em homenagem a Marcus Garvey, denominado The Liberty Hall (inaugurado em 2003). No Uganda, criou-se em 2011 uma entidade denominada Marcus Garvey Pan-African University (MPAU), que além de homenagear Marcus Garvey se inspirou no mesmo para desenvolver uma grande linha epistemológica disciplinar denominada Africologia²⁶, sob auspícios do Dr. Dani Wadada Nabuderi²⁷.

²⁶ Africologia foi fundamentalmente desenvolvida por Dr. Dani Wadada Nabuderi, não confundir com a Africalogia, disciplina do Paradigma da Afrocentricidade lecionada na Universidade Temple (EUA) .

²⁷ Dr. Dani Wadada Nabudere (1932-2011) – nascido em Uganda, trabalhou no ramo de advocacia, foi quadro de academias africanas, investigador, escritor, militante Pan-Africanista (de formação marxista) e fundador da Universidade Pan-Africana Marcus Garvey. Um de seus trabalhos acadêmicos mais relevantes é a formulação do paradigma da Africologia. Dr. Nabuderi condensou os parâmetros da Africologia em seu livro *Afrikology, Philosophy and Wholeness* (2011) . A Africologia tem recebido atenção científica de escritores como Sanya Osha (Nigéria), Kalushi Drake Koka (África do Sul) e James L. Conyers Jr. (EUA) . Voltaremos a citar Kalushi Drake Koka no Capítulo 7 desta tese.

O documento oficial de apresentação da MPAU foi publicado em 2011 pelo Marcus Garvey Pan-African Institute, a entidade responsável pela MPAU. No texto, há um nítido posicionamento diante de problemas ligados à ciência, o neocolonialismo e as problemáticas de suas elites africanas privilegiadas e as massas populacionais. Dentro da proposta levantada pela Africologia, a MPAU assumiu abertamente o seu referencial na experiência das civilizações africanas da antiguidade histórica como base para os presentes desafios enfrentados no mundo africano.

O Instituto Pan-Africano Marcus Garvey e a sua ramificação, a Universidade Pan-Africana Marcus Garvey foram criados precisamente para aproveitar profundamente a herança cultural e civilizacional dos povos africanos. Essas entidades visa trabalhar com os povos africanos para revitalizar, recuperar e aplicar o conhecimento endógeno e sistemas de sabedoria para a melhoria significativa de situações que afligem africanos e toda a humanidade.²⁸ (tradução nossa)

Há mais de cinco décadas, selos editoriais no Caribe e nos EUA publicam documentos sobre Marcus Garvey, UNIA e Garveyismo²⁹ inclusive instituições acadêmicas como a Universidade da Califórnia, onde e' stá instalado o The Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers Project, sob a direção magistral do Dr. Joseph Hill. O legado patrimonial de Marcus Garvey chega ao século XXI geopoliticamente amplo e com influência agregadora na diversidade do Mundo Africano³⁰.

Os estudos sobre pensamento de pessoas de destaque no mundo africano é um importante subsídio para movimentos, culturas, consciências e tendências de uma sociedade em dado período histórico. As investigações sobre os escritos de Ptah-Hotep³¹, por exemplo, são pertinentes para a compreensão da filosofia africana de governação no Vale do Hapi durante o período dinástico da história do Kemet³². Sob esse mesmo ângulo histórico, os escritos de Amílcar Cabral sobre a luta anticolonial de Guiné e Cabo Verde são chaves para o contexto político libertário das décadas de 1950-1970 no continente africano. Um dos pontos

²⁸ Marcus Garvey Panafrican Institute, 2011, p.1.

²⁹ Garveyismo é um termo genérico de referência para o pensamento e as ações políticas de Marcus Garvey durante a sua presidência na UNIA 1914-1940 (com um intervalo simbólico no final da década de 1920, a pós a sua deportação dos EUA para Jamaica). Nesta tese , nós entendemos que o Garveyismo, mesmo tendo sido objeto de análise historiográfica e sociológica por Amy Jacques Garvey, pode também representar uma agenda de idolatria a Marcus Garvey e apagamento do projeto político Negro Universal da UNIA.

³⁰ Mundo africano é o termo que utilizamos para nos referirmos ao continente africano e à sua diáspora africana.

³¹ Ptah Hotep foi um vizir do Kemet (Egito Antigo) e que produziu um importante conjunto de Sebayet – Instruções de governação e bem viver .

³²Kmt / Kemet um termo vernáculo em sesh medew netjer (escrita hieroglífica) para o território , ou parte, que denominamos hoje de República Árabe do Egito. Segundo linguístas como Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga , o termo Kemet significa nação ou comunidade onde habitam as pessoas de pele preta, escura , Negra.

em comum que justificam o estudo sobre Ptah Hotep e Amílcar Cabral é a atemporalidade de seu conteúdo sobre organização sócio-comunitária. O exame histórico sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey envolve atemporalidade, conteúdo de organização sócio-comunitária, o contexto entre as décadas de 1880-1940 e a dimensão universal da africanidade.

Considerando a escassez de literatura sobre Marcus Garvey, UNIA, Nacionalismos Negros e Pan-Africanismo em língua portuguesa, as críticas feitas aos mesmos em circulação no Brasil devem ser sujeitas a uma avaliação cuidadosa do leitor. Desde 1968, com o livro *Pan-Africanismo de Ontem e de Hoje*³³, as críticas a Marcus Garvey em língua portuguesa foram feitas sem uma contraposição literária. A ausência de documentações em língua portuguesa criou uma prática acadêmica de crítica fundamentada em críticas e não em análises críticas sobre um determinado tema de estudos. No Brasil, desde a década de 1990, editoras investiram em autores de críticas a Marcus Garvey e movimentos de organização sócio-comunitária. Durante décadas seguidas, o único livro publicado no Brasil tratando objetivamente do Pan-Africanismo, sua história, crítica, autocrítica, escritores e movimentos foi *Pan-Africanismo na América do Sul – emergência de uma rebelião negra* (1981), da pesquisadora Elisa Larkin Nascimento.

No referido livro, Elisa Larkin comentou sobre as convenções organizadas pela UNIA como verdadeiramente populares, distintas das atividades Pan-Africanas da época. Outro destaque importante feito pela autora, a forma precisa que o continente africano ocupava um papel central na UNIA. Elisa Larkin (1981, p.84) pontuou corretamente que:

A Associação Universal para o Avanço do Negro (UNIA) , fundada e liderada pelo jamaicano Marcus Garvey, foi o mais destacado movimento internacional negro já conhecido na história. Seu sucesso em organizar o proletariado e as massas negras marginalizadas provou que o nacionalismo nasce das necessidades e aspirações populares Negras e não dos esforços isolados de líderes ou intelectuais .

Após demarcar as quatro motivações desta pesquisa, é possível precisar que o propósito do nosso trabalho foi produzir uma introdução a Marcus Garvey a partir do exame histórico de seu pensamento educacional e político. Entretanto, não há na perspectiva do autor quaisquer pretensões de sensibilizar governos ou gestores de instituições brasileiras para inserção curricular das temáticas abordadas nesta tese. Marcus Garvey e UNIA são exemplos

³³ *Pan-Africanismo Ontem e Hoje* (1968) é um dos únicos livros dedicados ao tema Pan-Africanismo escrito em língua portuguesa. O documento é uma crítica direta ao Nacionalista Negro Universal e à tese de unidade política administrativa africana apresentada por Cheikh Anta Diop. O autor apresenta um Pan-Africanismo vazio de seu significado sócio-comunitário e adaptado aos interesses de elites dominantes em estados neocoloniais.

de assuntos incompatíveis com as estruturas curriculares racistas /eurocêntricas dominantes nas instituições de ensino do Brasil, inclusive com a própria historiografia, constrangedoramente eurocêntrica e antiafricana.

Esta introdução da nossa pesquisa possui dois objetivos, o primeiro é ambientar Marcus Garvey e a UNIA no contexto histórico Pan-Africano das décadas de 1880-1940. Dentro desse primeiro objetivo, localizamos o Brasil no campo da escassez planejada de literaturas condenadas ao apagamento pela academia tradicional do país, lusotropical³⁴. O segundo objetivo desta introdução é elencar os tópicos que estruturaram o processo de pesquisa sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey: problema, literatura, objetivos, método e hipótese.

1.1 Marcus Garvey e a UNIA no contexto do Pan-Africanismo Histórico

O final da década de 1880 foi agitado pela corrida imperialista europeia no continente africano e pelo terrorismo capitalista de estados racistas do Norte ao Sul das Américas. No avanço dos enfrentamentos aos sistemas imperialistas de dominação, o Caribe foi um polo de resistências que se ramificaram pela diáspora e no continente africano. Nessa região, o Haiti representou uma base de militância ant imperialista daquele período, personalidades como Louis-Joseph Janvier³⁵ e Antenor Firmin³⁶ foram referências de resistência política nacional. A Jamaica revelou-se um centro gerador de militantes nacionalistas Negros, como foi o caso de Marcus Garvey, quase dez anos nos EUA. O nascimento da UNIA na Jamaica em 1914 é um atributo histórico do contexto social Pan-Africano na diáspora da virada do século XIX para o XX.

Marcus Garvey nasceu no ano de 1887 em uma Vila no município de St. Ann, Norte da Jamaica. Membro de uma família protestante e financeiramente bem estruturada, o jovem Garvey cresceu em meio à uma vasta literatura organizada pelo seu pai, trabalhador na construção civil e iniciado na Maçonaria Negra (Garvey, 2014, p.2). A Sra. Garvey foi uma chefe de cozinha e empreendedora, que se envolveu em questões políticas a favor de causas trabalhistas. O jovem Garvey destacou-se nos estudos e se interessou pela imprensa escrita,

³⁴ Lusotropical /lusotropicalismo – nesta abordagem se referem ao sistema ideológico e de ação política cultural eurocêntrica fundamentada na experiência de racismo colonial português no Brasil e posteriormente em suas colônias no continente africano.

³⁵ Louis-Joseph Janvier (1855-1911) – foi um político, médico, escritor e diplomata nascido no Haiti e com uma vida em trânsito na França. Sua obra literária abrange medicina, política e cultura.

³⁶ Antenor Firmin foi escritor (1850-1911) - diplomata e político nascido no Haiti e fundamental no enfrentamento de teorias racistas formuladas na Europa do final do século 20.

mas logo foi obrigado a substituir os estudos formais por trabalhos em plantações, que o fizeram migrar para a capital da Jamaica, Kingston. Nesse deslocamento, Marcus Garvey obteve formações na área gráfica e a partir do início da década de 1910 firmou um trânsito nas Américas Centro-Sul. A necessidade de interromper prematuramente os estudos escolares levou Marcus Garvey se empenhar em estudos autônomos, grupos de estudos, investigações independentes e na busca por autoconhecimento.

A oportunidade de deslocamento a trabalho nas Américas possibilitou a Marcus Garvey construir para si uma poderosa consciência política, aprendendo e vivenciando as dificuldades de organização das comunidades Negras em diversos países. Fora das Américas, os ataques imperialistas do colonialismo europeu ao continente africano foram confrontados por movimentos como o Pan-Africano, formalmente constituído no final do século XIX. Trabalhar com gráfica e com a imprensa, permitiu ao jovem Garvey conhecer o mundo dos sindicatos e das entidades políticas anticoloniais de médio-porte, experiências que o ajudaram na criação da UNIA ao lado de um círculo fechado de fundadores, inclusive Amy Ashwood³⁷, organizadora comunitária, secretária e sua futura esposa.

A partir do ano de 1916 a UNIA passou a ter sua base de operações em New York (EUA). Essa mudança geográfica foi acompanhada por transformações importantes no propósito da entidade, que assumiu uma posição política Nacionalista Negra com forte característica internacionalista, global. A UNIA chega em um EUA onde o Pan-Africanismo ainda limitava-se a um protesto anticolonial tímido e ancorado em reações integralistas à violência das políticas de segregação, ao mesmo tempo que o Harlem, bairro onde Marcus Garvey se instalou em New York, vivia um período de esplendor material para a organização sócio-comunitária Nacionalista Negra. A UNIA e o pensamento de Marcus Garvey influenciariam radicalmente o movimento Pan-Africanista e o Nacionalismo Negro ao longo do século XX³⁸.

O termo Pan-Africanismo começou a ser utilizado nos anos de 1897-1898 com a Associação Pan-Africana³⁹, entidade responsável pela organização da primeira Conferência Pan-Africana realizada em Londres em 1900. Através de congressos, jornais, panfletos,

³⁷ Amy Ashwood (1897-1969) – nascida na Jamaica, foi uma escritora e militante Pan-Africanista dedicada à situação da mulher na organização sócio-comunitária. Cofundadora da UNIA em 1914 e dirigente da Black Star Line Steamship Corporation em 1919. Entre os anos de 1919-1922, foi esposa de Marcus Garvey.

³⁸ Há um debate em voga sobre os conflitos entre Pan-Africanistas e os adeptos do Nacionalismo Negro Universal da UNIA, reservamos alguns comentários sobre esse debate para o capítulo final desta tese.

³⁹ Associação Pan-Africana foi criada na Inglaterra por Henry Silvester Willians (1869-1911) – advogado, escritor e militante político nascido em Trinidad & Tobago. Inicialmente, a entidade foi denominada Associação Africana, mas logo em seguida de Associação Pan-Africana.

campanhas, entidades e movimentos, o Pan-Africanismo conseguiu agregar militantes anticoloniais de diversas partes do continente africano e de sua diáspora. As manifestações Pan-Africanistas nas artes, cultura, escrita da história, espiritualidade, economia e projetos políticos tornou o movimento a identidade da história africana contemporânea. Em outras palavras, a história contemporânea e o Pan-Africanismo são inseparáveis (Yabara, 2014), no mesmo sentido que o advento da UNIA é incontornável dentro do contexto Pan-Africano da história contemporânea.

Os Congressos Pan-Africanos realizados entre 1900-1945 tiveram uma função crucial para a formalização do próprio movimento. Essas reuniões serviram como ferramentas para o aperfeiçoamento das ideias teóricas e das práticas do movimento, que entre as décadas de 1950-1960 assumia abertamente os objetivos de construir uma unidade política administrativa do continente africano, assim como a soberania global das populações Negras.⁴⁰ Argumentos que, na década de 1920 levaram a UNIA à marginalização por parte de militantes Pan-Africanistas e marxistas⁴¹.

Na primeira metade do século XX, as ações da UNIA foram deflagradas com dois grandes periódicos (*The Negro World/ Black Man*) e uma empresa de Navegação a vapor, a *Black Star Ship Line*. Fisicamente, Marcus Garvey jamais conseguiu um visto para alguma colônia ou país (como no caso da Libéria) do continente africano, um possível visto para uma pessoa nascida na Jamaica deveria ser emitido pela administração colonial britânica, entretanto, o historiador Rupert Lewis (2018,p.40) comenta que “[...] Mas a mensagem de esperança e liberdade foi transmitida através de milhares de Garveyitas em atividade no continente (africano) e através do jornal *The Negro World*.” (tradução nossa)

A expansão física, a diversidade negócios e a influência política da UNIA foram acompanhadas por duras críticas, que procuravam desqualificar Marcus Garvey como pensador e liderança política de um movimento daquele proporção internacional. Salientamos

⁴⁰ Objetivos do Pan-Africanismo no âmbito continental africano e das populações Negras na diáspora foi desenvolvido durante décadas por meio de Congressos, debates, enfrentamento anticolonial, investigações e reflexões. Na segunda metade do século XX, essas ideias foram reforçadas por Kwame Nkrumah na presidência do Gana a partir de 1957, com a formulação dos fundamentos econômicos e culturais para unidade federal Africana propostas por Cheikh Anta Diop em 1960, com as primeiras comitivas de visitação ao continente africano organizadas na Jamaica em 1961, com a criação da Organização da Unidade Africana em 1963 na Etiópia e com a formulação da Organização da Unidade Afro-Americana (OUAA), idealizada por Malcom X, secretariada por Betty Shabazz e apoiada pelo historiador John Henrik Clarke.

⁴¹ Há uma contenda fundamental entre a via Pan-Africana para a resolução dos problemas de natureza político econômica em África e na diáspora e a via Marxista. Sem penetrar, agora, nas diferenças entre as duas vias, é necessário demarcar a premissa Marxista de que África e Diáspora não disponibilizam de experiência histórica e constructo intelectual capaz de resolver problemas sobre modelo de governação e política-econômica.

na legenda da foto no início deste capítulo que em 1919 um homem invadiu a sede da UNIA em New York e disparou tiros contra Marcus Garvey, atingindo-o gravemente na perna. Esse atentado exemplifica um traço importante da violência do contexto político que a UNIA enfrentou durante a presidência de Marcus Garvey.

A teoria política e a filosofia de Marcus Garvey serviram de candeeiro às ações da UNIA, que tiveram como imperativo a soberania das populações Negras na linha de frente do combate ao racismo capitalista global. As ideias de autodeterminação e prioridade da organização do Negro⁴² face a quaisquer outras demandas humanistas ou classistas acumularam desgostos para Marcus Garvey, entre eles W.E.B. Du Bois⁴³, C.R.L. James⁴⁴ e George Padmore.⁴⁵ Na década de 1920, o ponto de convergência entre diferentes grupos sociais nos Estados Unidos da América foi que Marcus Garvey deveria ser preso e deportado do país. A UNIA foi severamente abalada pelas pressões políticas e econômicas de governos incomodados com as mensagens de Marcus Garvey. A maioria dos abalos que atingiram a UNIA foram contidos pelos núcleos familiares que asseguravam o gerenciamento das dezenas de Capítulos da entidade na diáspora e no continente africano.

Black Cross Nurses, The Universal Negro Motor Corps e a Women's Page (The Negro World) foram alguns dos órgãos da UNIA onde as mulheres exerceram cargos de chefia. As mulheres desempenharam um papel decisivo para o arquivo documental da entidade, na viabilização de publicações, na angariação de recursos e na mobilização popular, entre essas mulheres militantes estiveram Amy Ashwood, Amy Jaques, Mary Lawrence, Lillian Galloway, Madam CJ Walker, Marie Duchatellier, Mittie Maueda Gordon, Charlotta Bass, Ethel Trew Dunlap, Augusta Savage entre outras⁴⁶. As duas primeiras citadas são as

⁴² Organização sóciocomunitária das populações Negras a nível global e atreladas a um centro administrativo do continente africano simbolizam o significado projeto político da UNIA.

⁴³ W.E.B. Du Bois (1868-1963) – nascido nos EUA, foi um escritor, historiador, professor e economista alinhado ao marxismo, comunismo e Pan-Africanismo. Participou nos campos político e acadêmico dos embates sobre raça nos EUA. Um de seus maiores adversários políticos foi Marcus Garvey.

⁴⁴ Cyril Lionel Robert James (1901-1989) – nascido em Trinidad & Tobago, Historiador, escritor e militante político de formação marxista. Exerceu influências positivas para história e historiografia tanto do Haiti quanto de todo o Caribe com o seu livro Os Jacobinos Negros. Sua influência perpassou movimentos Socialistas, alcançando universidades, círculos de imprensa, literatura novelesca, desporto, Pan-Africanistas, Nacionalistas Negros, Movimento da Negritude entre outras iniciativas de base comunitária anticolonial.

⁴⁵ George Padmore (1903-1959) – nascido em Trinidad & Tobago é um dos maiores expoentes do Pan-Africanismo na primeira metade do século XX. Integrante das fileiras do marxismo-socialista, George Padmore divulgou seu pensamento político através do jornalismo, na participação de congressos e na literatura, um de seus livros mais importantes é Pan-Africanismo ou Comunismo? A próxima luta pela África (1956). Desempenhou um papel político-chave na orientação política da independência do Gana em 1956 com o Convention People Party sob ministério de Kwame Nkrumah.

⁴⁶ A pesquisadora Nizingha Assata apresenta um quadro biográfico dessas mulheres e de outras que foram muito importantes para o funcionamento da UNIA. ver: Women in the Garvey Movement (2015).

mais conhecidas na oralidade e literatura sobre a UNIA ou Marcus Garvey, por três motivos: organizadoras comunitárias com formação em secretariado, ambas eram militantes políticas e se casaram com Marcus Garvey.

Amy Ashwood nasceu em 1897, deteve formações sólidas em secretariado, profissão que exerceu auxiliando Marcus Garvey desde a fundação da UNIA em 1914 até o ano de 1922. Amy Ashwood foi uma das diretoras da companhia marítima da UNIA (Black Star Line Steanship) além de produtora cultural, colaboradora no jornal *The Negro World*, debatedora política e poetisa. No ano de 1919 casou-se com Marcus Garvey, uma relação que durou até 1922, após a explosão de uma série conflitos privados do casal, que se tornaram públicos⁴⁷ na época.

Nascida na Jamaica em 1895, Amy Euphemia Jaques foi uma expert em secretariado, escritora, investigadora, editora, jornalista e militante Pan-Africanista. Nos EUA, trabalhou como assistente pessoal de Marcus Garvey, com quem se casou em 1922 e teve 2 filhos no início da década de 1930. A primeira compilação de artigos escritos por Marcus Garvey foi editada por Amy Jaques Garvey (sua esposa na época) e publicada em 1923 pela UNIA sob o título de *Filosofia e Opiniões de Marcus Garvey*. O título pensado por Amy Jacques Garvey indica-nos a existência de uma filosofia (no singular) e de uma série de opiniões (no plural) características no pensamento intelectual de Marcus Garvey.

Figura 13 : Amy Jaques Garvey



Fonte: <https://academichustler1975.wordpress.com/2016/03/09/part-i-amy-jacques-garvey-jamaican-roots-education-and-the-politics-of-love/>

⁴⁷ Trocas de acusações entre ambos no campo da infidelidade .

Nesta investigação, nós creditamos a Amny Jacques Garvey a elaboração de uma Arquivística Africana universal (referente UNIA), e da base para o que seria a historiografia da UNIA, desencadeada pela publicação de Garvey and Garveyism (2014). Garvey and Garveyism foi originalmente publicado no ano de 1963, sob grande atenção de entidades, pesquisadores, movimentos sócio-comunitários do mundo africano. Na perspectiva do historiador John Henrik Clarke (Garvey, 2014,vii), o livro Filosofia e Opiniões de Marcus Garvey promoveu o renascimento global do Garveyismo. Nesta pesquisa, o livro citado é considerado para além do Garveyismo, trata-se de marcador historiográfico e sociológico do Nacionalismo Negro Universal. Nos trechos a seguir, extraídos de Garvey & Garveyism (2014). Amy Jacques Garvey é possível dimensionar um pouco da atmosfera sociológica e histórica construída por Amy Jacques Garvey (2014, p.269) :

Estudando os sistemas que controlam as várias nações brancas, e a sua aplicação e implementação em relação às raças negra, amarela e castanha, chega-se à conclusão de que a raça branca está suficientemente bem organizada para tentar manter a sua liderança no Mundo. Alguns são suficientemente diplomáticos para não o ostentar, outros mantêm uma conspiração de silêncio sobre o assunto; mas quem tem de enfrentar as barreiras diariamente, ou tentar evitar as armadilhas, sente e sabe que ela está sempre presente, em maior ou menor grau, em todas as partes do Mundo; por isso, cabe à raça negra posicionar-se de tal forma para obter reconhecimento e respeito, e não ficar presa à vontade ou ao prazer ou desagrado da superior raça branca, que é livre. (tradução nossa) .

Em outro trecho , Amy Jacques Garvey comenta sobre o legado de Marcus Garvey no contexto da publicação do livro Garvey & Garveyism na década de 1960, que também foi o contexto das lutas pelas independências nacionais em África :

África para os africanos, no país e no estrangeiro, é o slogan do Garveyismo, proclamado por ele em 1916, quando havia apenas duas nações independentes em África; mas o ano de 1960 foi verdadeiramente um ano de destino, quando a maioria das vinte e oito nações emergiu do domínio colonial para usar a sua liberdade para combater a ignorância, a pobreza e a doença, desenvolvendo os recursos dos seus territórios para a elevação e o bem-estar de todos os seus povos. Na verdade, a Nação é o ideal mais elevado de todos os povos.(Garvey, 2015, p.299).

A incansável militância de Amy Jacques Garvey à frente da UNIA foi fundamental para a manutenção da vitalidade cultural do legado de Marcus Garvey no século XX. Amy Jacques Garvey representa a síntese da força da militância de base exercidas pelas mulheres na UNIA, além de entidades Nacionalistas Negras, Pan-Africanistas e do Movimento Rastafari. Mesmo enfrentando um grau de apagamento histórico, essas mulheres trabalharam

como protagonistas individuais, ao lado de seus companheiros, junto às famílias, dentro de entidades e nas comunidades. Nzinga Assata (2015), Ula Yvete Taylor (2002) , Rhorda Reddock (2014) e Natanyan Duncan (2009) estão entre as principais pesquisadoras da temática mulher dentro da UNIA⁴⁸. Nzingha Assata (2015, p.2) comenta que :

A filosofia da UNIA incentivou e promoveu o trabalho das mulheres (...). Mulheres de diversas origens participaram nos programas da organização. Os membros puderam desenvolver competências literárias, artísticas, de organização e de gestão para pequenos negócios (...). Um outro objetivo foi promover a unidade do povo africano em escala global. A filosofia do Movimento encorajava as mulheres africanas a serem ativas em todos os níveis. (tradução nossa)

Na nossa perspectiva de trabalho, essa filosofia da UNIA comentada por Nzingah Assata foi a Filosofia da Ressurreição⁴⁹ presente no pensamento Nacionalista Negro Universal de Marcus Garvey. Essa filosofia envolve um conjunto de instruções reflexivas voltadas ao autoconhecimento do Negro sobre si mesmo, sua relação com Deus (força suprema do universo), seu passado cultural milenar e capacidade de superar desafios de toda a ordem. Mais que uma mensagem aparentemente religiosa, a Ressurreição possui um componente espiritual no sentido da motivação metafísica e da superação de desafios das mais variadas naturezas. No texto a seguir, Marcus Garvey aborda a força esses aspectos exemplificando história do Cristo há mais de um milênio em similaridade ao que que ele, a UNIA e o povo Negro enfrentava na década de 1920⁵⁰.

Aquele que tenta trazer mudanças na ordem da sociedade humana é considerado um impostor, perigoso para a sociedade e para aqueles que controlam o sistema atual. O desejo de subjugar os outros foi uma atitude histórica do homem para manter o seu irmão em escravidão – sujeito ao propósito de exploração (...) O exemplo trazido pelo Cristo , o exemplo estabelecido por nosso Senhor e Mestre , mil e novecentos anos atrás (...). A esperança da Associação Universal para o Progresso do Negro é que os 400.000.000 de Negros do mundo perceberão que estamos vivendo –vida nova- uma vida ressuscitada – uma vida de conhecer a nós mesmos. (Garvey, 2019, p.75, tradução nossa)

⁴⁸ Essas autoras citadas como referências nos estudos sobre as mulheres na UNIA podem ser verificadas na lista de referências bibliográficas desta tese.

⁴⁹ Durante a nossa pesquisa, identificamos que o Dr. Maulana Ron Karenga abordou a ressurreição no pensamento filosófico de Marcus Garvey em 2008 no texto *The Moral Anthropology of Marcus Garvey: In the Fullness of Ourselves* (2008).

⁵⁰ O mito de Ausar foi criado no Vale do Hapi e trata alegoricamente da superação de um homem justo diante de um violento e humilhante ataque sobre a sua vida, levando-o à morte e ao Renascimento dentro da narrativa mitológica. No Capítulo 6, abordamos mais essas conexões do Renascimento com a Ressurreição, de Ausar com o Cristo, no mesmo sentido que Deus é o Ntr (força criadora do universo) na cultura Kemita.

Nesse sentido de perspectiva de trabalho, o Fundamentalismo Africano foi uma teoria política elaborada por Marcus Garvey para a organização sócio-comunitária e ao combate anticolonial. Coube ao Fundamentalismo Africano dar suporte ao Nacionalismo Negro Universal, assegurando centralidade da independência continental africana na razão das intervenções e empreendimentos da UNIA. Nas palavras de Marcus Garvey:

Nosso direito a nossa doutrina . Devemos inspirar uma literatura e promulgar uma doutrina nossa sem qualquer desculpa para os poderes contrários, esse é nosso direito. Por nosso Deus , deixemos sentimentos contrários e opiniões cruzadas para os ventos. A oposição à independência da raça é a arma do inimigo para derrotar as esperanças de um povo infeliz . Temos o direito a nossas próprias opiniões e não devemos ter obrigações ou vínculos com opiniões alheias .(Garvey,2017,p.124, tradução nossa)

A Filosofia da Ressurreição, o Fundamentalismo Africano e o Nacionalismo Negro (Universal) são componentes da UNIA. O Garveyismo é um termo genérico para o conjunto teórico e prático do pensamento de Marcus Garvey. Esses três elementos são as colunas do livro Filosofia e Opiniões de Marcus Garvey (1923), projetado para ser publicado em três volumes. Nesta investigação, nós identificamos no Volume 1 de Filosofia e Opiniões como um livro iniciático do Nacionalismo Negro Universal⁵¹. Nos referimos a livro iniciático nos sentidos metafísico e cultural, uma seleção de textos focada na formação das mentalidades. Textos como a Epigrams (1923), I am a Negro (1923) e Peace (1928) tratam do autoconhecimento profundo, que transcende a política, a economia e o anticolonialismo. A opção política de Amy Jaques Garvey foi também pedagógica, esboçando o caráter iniciático como uma linha mestra das publicações da UNIA. A primeira metade do século XX foi dominada por movimentos de organização sócio-comunitária com práticas iniciáticas vivenciadas regularmente por seus membros, com a UNIA não foi diferente.

História é o tema que abre o livro Filosofia e Opiniões de Marcus Garvey, e ao mesmo tempo, o campo de conhecimento mais presente na lógica dos discursos de Marcus Garvey, como podemos conferir a seguir:

A história é o traço pelo qual somos direcionados para o verdadeiro curso da vida.
A história de um movimento, de uma Nação, de uma raça é o guia para o destino desse movimento, o destino dessa Nação, o destino dessa raça.
O que você faz hoje é valioso, inspirando outros a agir no futuro.
O destino ainda não satisfaz a esperança do povo sofredor.

⁵¹Na nossa perspectiva , o volume 1 de Filosofia e Opiniões de Marcus Garvey , organizado em 1923 por Amy Jaques Garvey é um livro iniciático do Nacionalismo Negro Universal, como outras entidades no formato de irmandades publicavam no Caribe , no mesmo formato. Abordamos esse tema no Capítulo 4 desta tese.

A ação, a autoconfiança, a visão de si mesmo e do futuro, têm sido os únicos meios pelos quais os oprimidos viram e perceberam a luz da sua própria liberdade. (Garvey, 2009, p.1, tradução nossa)

O ano de 1923 também foi um dos momentos de ascensão política contra Marcus Garvey após o atentado de 1919. Nesse ano, os desafetos de Marcus Garvey no governo o levaram a julgamento sob acusação forjada de fraude postal. Em 1925, julgado e condenado há cinco anos de prisão, Marcus Garvey foi extraditado dos EUA em 1927 e nunca mais conseguiu voltar ao país. Após anos na prática de militância política anticolonial entre Jamaica, América do Sul e Europa, no início da década de 1930 Marcus Garvey se instalou definitivamente na Inglaterra, onde veio a falecer no ano de 1940 em meio a combates intelectuais que aceleraram a degradação de sua saúde.

Entre 1940 e 2020, o legado de Marcus Garvey no mundo africano permanece em intensa vitalidade cultural nas artes, cultura, estudos, negócios e políticas voltadas à organização sócio-comunitária. Considerando as quatro motivações que justificam a nossa pesquisa de forma geral, no próximo tópico nós exploramos um outro aspecto que envolve a nossa pesquisa, a tradição eurocêntrica racista dominante nas instituições de ensino do Brasil, o contexto local onde esta tese sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey foi produzida.

1.2 Justificativa Brasil para um exame histórico sobre o pensamento educacional e político de Marcus Garvey

Questionar o porquê de um exame histórico sobre o pensamento educacional e político foi a ação mental preliminar para a elaboração do projeto que deu início a pesquisa aqui transcrita. No tópico anterior, sinalizamos os quatro elementos que nos possibilitaram responder sobre o porquê desta pesquisa. Um desses quatro elementos trata do Brasil, onde há uma escassez de materiais sobre Marcus Garvey e outros assuntos que envolvem o contexto histórico Pan-Africano dos séculos XIX-XX, inclusive as manifestações do Pan-Africanismo no Brasil daquele período⁵².

A nossa justificativa para a realização desta pesquisa pode ser dividida em duas observações, a primeira é que a UNIA (Jamaica) é a terça parte de um Paradigma da

⁵² Entendemos como manifestação Pan-Africana ações de exaltação do objetivo do Pan-Africanismo, sem compromisso com ações contínuas e programadas por entidades de base.

Organização Sócio-comunitária na Diáspora Africana. As outras duas partes que completam esse paradigma são: as experiências de Quilombos no Brasil, com destaque ao Quilombo de Palmares no século XVII⁵³; e a Revolução de S. Domingos (Haiti) na virada do século XVIII para o XIX. Dentro dessa perspectiva, o não estudo sobre Marcus Garvey e UNIA significa o descarte histórico dessa estrutura paradigmática de organização sócio-comunitária.

A segunda observação que justifica a nossa pesquisa sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey é a conexão da UNIA com o Brasil. Através de militantes do Movimento Negro no país durante as décadas de 1920 e 1930⁵⁴ matérias do *The Negro World* foram traduzidas para a língua portuguesa, ao mesmo tempo que Roraima (Norte do Brasil) foi um canal de intercâmbio entre militantes da UNIA e populações Negras locais, mesmo que de forma limitada⁵⁵, essas conexões ocorreram. Dentro dessa segunda observação há uma questão capital a ser considerada, existe uma conexão interdiaspórica de Movimentos Sociais organizados pelas comunidades Negras. A história das entidades do Movimento Negro no Brasil, considerando as suas conexões e desconexões com a UNIA não foje à questão capital sobre conexão interdiaspórica de movimentos sócio-comunitários.

A Frente Negra Brasileira (FNB) foi uma entidade de grande porte e partido político criado pela comunidade Negra de São Paulo (Brasil) em 16 de setembro de 1931. Desde a sua fundação, a FNB se ramificou nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do país, com os objetivos de “ (...) unir a gente negra para afirmar seus direitos históricos e reivindicar seus direitos atuais.” (Lopes, 2004, p.284). Além da reivindicação política, a FNB calçou suas iniciativas em ações proativas como formações em música, curso de admissão ao Ginásio⁵⁶ e no aprendizado da língua inglesa. Sob a análise de um dos pioneiros nos estudos sobre a entidade, a FNB ofereceu à população Negra no Brasil:

possibilidades de organização, educação e ajuda no combate à discriminação racial. Incentivou a conquista de posições dentro da sociedade e a aquisição de bens foi (...) conservadora, expressava aspirações de negros classe média e teve concepções políticas limitadas. Mas tentou dar aos afro-brasileiros condições de se integrarem à sociedade capitalista e conseguiu resposta popular, como prova o grande número de filiais que estabeleceu e de associados que conquistou. (Barbosa, 2007, p.12)

⁵³ Quilombo de Palmares (Ngola Djaga) foi o maior e mais duradoura comunidade nacional africana no Brasil do período colonial (XVI-XIX). Localizado em Alagoas, Região Nordeste do país.

⁵⁴ No início da década de 1920, matérias do *The Negro World* e assuntos envolvendo a UNIA foram debatidos pela Imprensa Negra no Brasil, através de periódicos como o *Clarim da Alvorada* e *Jornal Getulino*.

⁵⁵ Roraima no Norte do Brasil foi um ponto terrestre de conexão da UNIA com as comunidades Negras no país ainda na década de 1920, tema brevemente abordado pela Dra. Kim D. Butler em *Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers, Volume XI The Caribbean Diaspora 1910-1920*.

⁵⁶ Ginásio é a antiga nomenclatura para o atual Ensino Médio na estrutura do sistema de ensino brasileiro.

Alguns dos membros da FNB nutriam admiração pelo trabalho da UNIA⁵⁷, mas existiam diferentes tendências na entidade, como indica Márcio Barbosa (2007) e confirma o Sr. José Correia Leite (2007), um dos membros da FNB e fundador da Associação Cultural do Negro⁵⁸ : “O movimento Garveyista entre nós ficou restrito, mas serviu para tirar certa dubiedade do que nós estávamos fazendo...Fomos descobrindo a maneira sutil do preconceito brasileiro, a maneira de como a gente era discriminado.” (Leite, 2007,p.77)

De acordo com as palavras do Sr. Correia Leite (2007), houve uma linha de admiradores das ideias de Marcus Garvey no Brasil, mesmo que restrita. Segundo estudos realizados por Kim Butler (1998), Márcio Barbosa (2007) e Cuti (2007), a FNB possuía diferentes tendências de pensamento e foram comuns as dissidências, assim como a identificação com o Nacionalismo Negro Universal da UNIA. Nas memórias do Sr. Correia Leite é possível identificar uma crítica à alta cúpula da FNB, que assumiu um perfil sociopolítico elitista, responsável por afastar militantes locais, descartar uma possível conexão político-institucional com a UNIA e ignorar movimentos internacionais de caráter Pan-Africanista.

A FNB existiu entre os anos de 1931 e 1937, passando por uma fase conservadora (sob o comando de Arlindo Veiga⁵⁹), uma expansão promovida pelo seu jornal Voz da Raça, dissidências de membros para um grupo paramilitar (Legião Negra)⁶⁰ e uma transição para partido político, denominado Órgão Político e Social da Raça. Mas a FNB não resistiu ao golpe de Estado que instalou em 1937 o governo autoritário de Getúlio Vargas⁶¹. Uma das primeiras ações do Presidente Vargas foi outorgar a constituição da República Brasileira⁶², tornando extintos todos os partidos políticos a partir de 1937. A entidade ainda tentou se

⁵⁷ Alguns membros da Frente Negra Brasileira (1931-1937) foram admiradores da UNIA, como nos casos dos Senhores José Correia Leite e Francisco Lucrécio.

⁵⁸ Associação Cultural do Negro (ACN) , foi uma entidade política e de convívio comunitário fundada em 1956 em São Paulo, Brasil.

⁵⁹ Arlindo Veiga (1902-1978), escritor, militante político e professor universitário que participou na fundação da Frente Negra Brasileira, fez parte do conjunto de lideranças da entidade e idealizou o seu jornal, o A Voz da Raça.

⁶⁰ Legião Negra foi formada em São Paulo em 1932 como um núcleo paramilitar dentro na Frente Negra Brasileira em um contexto de tensões com o governo de Getúlio Vargas .

⁶¹ Getúlio Vargas (1882-1954), nascido no período escravista brasileiro , foi um militar e advogado que assumiu a décima presidência do país após um golpe militar em 1930, iniciando um ciclo de 20 anos distribuído em dois períodos de uma administração racista e autoritária .

⁶² A Eugenia como teoria racista da desafricanização do Negro no Brasil foi assumida abertamente pelo estado brasileiro na constituição de 1934. Mais informações em página 96. Ano 3 Número 1 – Revista Afrodiáspora .

reconstruir sob os nomes de União Negra e Clube Recreativo Palmares, mas não conseguiu devido à dispersão de membros e mudanças na conjuntura social do Negro⁶³ no país.

Durante as décadas de 1920-1930, informações sobre a UNIA e Marcus Garvey foram acessadas no Brasil por meio de periódicos da Imprensa Negra, tais como o Getulino, o Clarim D'Alvorada e o Quilombo⁶⁴. O Clarim da Alvorada, publicado em São Paulo, traduziu matérias do *The Negro World* que percorreram o Brasil. No entanto, as manifestações de alinhamento ao pensamento de Marcus Garvey e ao projeto político da UNIA foram muito rarefeitas no país, dentro da nossa pesquisa, o único documento que identificamos dedicado a Marcus Garvey no século 20 foi uma homenagem reflexiva escrita por Abdias Nascimento (Brasil), militante Pan-Africanista de alto-relevo internacional.⁶⁵ O exame histórico sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey, nos termos que estamos propondo, é também um caminho para a compreensão da geopolítica transnacional entre entidades Negras na primeira metade do século XX, a UNIA foi um agente crucial nessa interconexão.

Pensamos que o legado patrimonial da UNIA deve ser conhecido, preservado, analisado, criticado e aplicado à realidade concreta em apoio à organização sócio-comunitária. Na nossa perspectiva de pesquisa, a educação e a política são duas marcas estruturais e estruturantes do pensamento intelectual de Marcus Garvey, por isso optamos por examiná-las neste estudo. A pesquisa transcrita aqui pretende servir como material de consulta ao serviço de estudantes, professores, artistas, investigadores, entidades e movimentos sociais. O academicismo e suas competições estão descartados pelo autor.

A literatura sobre Marcus Garvey em língua inglesa é ampla e popular ao redor do mundo africano. Somente a série de livros intitulada *The Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers Project* possui 13 volumes com total de aproximadamente 5 mil páginas de documentos extraídos dos arquivos da UNIA. Entretanto, asseveramos que

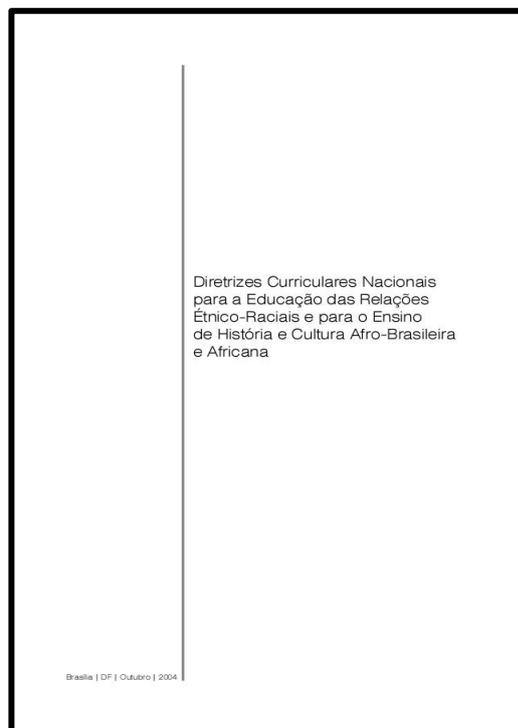
⁶³ Os estudos sobre o Negro no Brasil durante a segunda metade do século XX foram muito influenciados por leituras que ignoraram a raça em detrimento à classe, tais como as de Otávio Ianni (2004) e Thomas E. Skidmore (2012). Esse perfil de análise classista da história do Negro no Brasil vem mudando desde a década de 1980 com os trabalhos de Abdias Nascimento (1980), Henrique Cunha Jr. (1992), Maria Beatriz Nascimento (2018), Flávio Santos Gomes (2006), Elisa Larkin Nascimento (1981), Carlos E. D. Machado (2009). Mas, há um longo e desafiador caminho das investigações, publicações, formações e entidades educacionais administradas sob pressupostos do Pan-Africanismo e do Nacionalismo Negro Universal.

⁶⁴ O jornal Quilombo foi um periódico da imprensa Negra que circulou entre 1948 e julho de 1950. O jornal foi uma publicação política que pode ser considerada como uma expressão do Nacionalismo Negro no Brasil. O jornal foi um canal de comunicação da comunidade produzido pelo Teatro Experimental do Negro, ambos presididos pelo militante político Abdias Nascimento.

⁶⁵ Abdias Nascimento (1914-2011) Militante Pan-Africanista, escritor, dramaturgo, político e artista plástico nascido no Brasil e detentor de uma extraordinária trajetória internacional no mundo africano. Entre diversas contribuições, Mestre Nascimento foi diretor do Teatro Experimental do Negro, do Instituto de Pesquisa e Educação Afrobrasileira, da Revista *Thoth* entre outros.

essa literatura sobre Marcus Garvey e UNIA é escassa em língua portuguesa, incomum no Brasil⁶⁶. Através dos esforços políticos do Movimento Negro no país, o estudo sobre Marcus Garvey foi inserido como sugestão de referência nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCN)⁶⁷. Esse documento, o DCN, agrega conteúdos e procedimentos para o reforço da Lei Federal 10639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura Africana e Afro-brasileira no currículo escolar nacional a partir do ano de 2003.

Figura 14 – Capa do documento DCN



Fonte : <http://www.acaoeducativa.org.br>

⁶⁶ Após o início desta pesquisa , entre os anos de 2017 e 2020 foram publicadas traduções de artigos de Marcus Garvey e estudos Garveyistas, essa produção deu-se através de editoras independentes e estudiosos engajados , em sua maioria advindos de São Paulo e Bahia (Sudeste e Nordeste do Brasil).

⁶⁷ A principal responsável pelo exímio trabalho no DCN foi a Profa. Dra. Petronília Rodrigues dos Santos, escritora, investigadora e professora acadêmica. Militante do Movimento Negro no Brasil .

No DCN, a indicação de Marcus Garvey está presente na sessão de determinações para ações educativas de combate ao racismo e às discriminações (DCN, 2004). O material assinala que :

os sistemas de ensino e os estabelecimentos de Educação Básica, nos níveis de Educação Infantil, Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, Educação Superior, precisarão providenciar: [...] Inclusão de bibliografia relativa à história e cultura afro-brasileira e africana às relações étnico-raciais, aos problemas desencadeados pelo racismo [...] Inclusão de personagens negros (DCN, 2004, p.24).

No balanço geral de quinze anos após a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e da Lei 10639/03, o silêncio sobre Marcus Garvey permanece latente nos currículos de entidades de ensino e bibliotecas de todo o Brasil, um país com tradição de instituições educacionais racistas eurocêntricas. As publicações de textos de Marcus Garvey traduzidos para a língua portuguesa são muito recentes no país, e , em sua maioria, resultam de iniciativas autônomas que se autodefinem Garveyistas ou Nacionalistas Pretos.

Há mais de um século (1914-2020) que Marcus Garvey é uma referência incontestável da história, dos movimentos, de projetos e entidades organizados pela população Negra ao redor do mundo africano. Em 2013, ano que antecedeu o centenário de fundação da UNIA, ocorreram centenas de preparativos para a celebração do legado de Marcus Garvey, e pela primeira vez na história, o Brasil recebeu a visita de um membro da família Garvey, o Dr. Julius Garvey, filho mais novo de Marcus Garvey. A nossa pesquisa analisou a visita de Julius Garvey ao Rio de Janeiro procurando compreender a recepção da imprensa e de pessoas que estiveram presentes no evento., considerando a falta de literatura sobre as temáticas envolvendo o centenário.

Completos quinze anos da Lei Federal 10639/03, observamos que a mesma não surtiu efeitos nos campos qualitativo quantitativo de literatura sobre as grandes temáticas que envolvem o Pan-Africanismo. Contudo, mesmo considerando o fator de escassez material, como um problema objetivo que a nossa pesquisa enfrenta, o cerne das motivações que provocam a escassez é o retrato do verdadeiro problema que justifica o apagamento e obstáculos para o alvorecer de uma literatura Pan-Africana no Brasil.⁶⁸

A nossa tese nesta pesquisa é que a vitalidade cultural do legado de Marcus Garvey deve-se por três fatores: 1.o trabalho arquivístico da UNIA; 2. a militância do Movimento

⁶⁸ Literatura Pan-Africana no Brasil , uma categoria que utilizamos para interpretar a ocorrência de produção temática no país, ainda muito recente escassa.

Rastafari; e 3. o devir Renascentista Africano. A análise da visita do Dr. Julius Garvey ao Brasil, Rio de Janeiro, reforçou a nossa tese de trabalho. Nas próximas sessões e capítulos da transcrição desta tese, nós nos debruçamos sobre esses três fatores que também se encontram em estado de escassez literária no Brasil.

1.3 Problema : sustentáculo da escassez material bibliográfica

No Brasil, a problemática mais aparente é o vazio, a escassez de literatura livresca acessível sobre Nacionalismos Negros, Pan-Africanismo e conseqüentemente sobre Marcus Garvey na esfera da UNIA. Entretanto, durante a década de 2010, foram publicados artigos acadêmicos sobre Marcus Garvey, entre eles: Petrônio Domingues (2017), Danilo Rabelo (2013), Osmundo Pinho (2015) . Esses materiais são de base investigativa e conseguiram quebrar um pacto de silêncio de décadas sobre essas temáticas nas academias. Entretanto, os autores optaram por não estabelecer um diálogo com uma sistemática epistemológica de Pan-Africana. No caso de Danilo Rabelo com o ensaio Um balanço historiográfico sobre o Garveyismo às vésperas do centenário da UNIA (2017), a qualidade alta sintaxe é acompanhada por uma objetificação acadêmica de Marcus Garvey, UNIA e Movimento Rastafari, formatados em termos eurocêtricos de mestiçagem, como o hibridismo.

A escassez documental literária sobre Marcus Garvey, Nacionalismos Negros , Pan-Africanismo e outros temas tratados até aqui não é um problema isolado, há o agente que provoca mantém essa escassez: o racismo capitalista operado pelo estado brasileiro. A especificidade do racismo capitalista no Brasil é a sua base ou matriz eurocêntrica lusotropical, caracterizada por forte apelo cultural eugênico⁶⁹, violência física genocida⁷⁰, apologética à desaffricanização⁷¹, segregação territorial⁷², terror econômico⁷³, subnutrição programada⁷⁴, epistemicídio⁷⁵ e ecocídio⁷⁶. O racismo no Brasil é um sistema organizado sob

⁶⁹ Cultural eugênico, no sentido das práticas correntes racismo naturalizado por políticas de estados e meios de comunicação .

⁷⁰ Genocida prática planejada e calculada por uma grupo com poder bélico para o extermínio de um povo ou grupo de pessoas a partir de critérios fenotípicos, religiosos e culturais .

⁷¹ Desaffricanização – termo apresentado em verbete por Nei Lopes na Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana (2004).

⁷² Segregação territorial é uma forma de isolamento ou semi-isolamento de uma população ou grupo marginalizado.

⁷³ Terror econômico, políticas fiscais, de juros e de preços empreendidos por governos, bancos e multinacionais contra grupos populacionais e até países.

⁷⁴ Subnutrição programada é um planejamento calculado de controle populacional por meio de alimentos de baixa qualidade que atingem corpo e psicológico de populações. Na década de 1970, o historiador Walter Rodney abordou os efeitos da subnutrição em África administrada pelo colonialismo europeu no livro Como a

a teoria do lusotropicalismo, idealizada na primeira metade do século XX pelo escritor e político Gilberto Freire. A base da teoria lusotropical é a prática da desafricanização, que se apoia na idealização eugênica⁷⁷ do mestiço como uma categoria racial diferenciada por herdar elementos europeus, pindorâmicos⁷⁸ e africanos. É considerando esse tipo de racismo lusotropical que nós estamos propondo um entendimento sobre: desorganização sócio-comunitária, a produção literária e o trabalho do historiador engajado.

A desorganização sociocomunitária é o que nutre a escassez literária. A comunidade organizada é a agente capaz de enfrentar currículos escolares de estados neoliberais. Entendemos que o arquivo, a arquivística, é o principal suporte material do historiador, facultando-o recursos que o tornam apto para impedir a propagação do caos epistemicida causado pela escassez literária. A produção literária por si só, não será capaz de enfrentar os silêncios na história (Depelchin, 2005), a historiografia colonial (Ki-Zerbo, 2011), o eurocentrismo (Amin, 1999), a falsificação da história (Diop, 2014) e o racismo nas instituições de ensino-pesquisa ascenderam de comunidades de estudiosos. A problemática da escassez deve ser enfrentada de forma cooperativa e comunitária, nesse sentido, os historiadores engajados podem se organizar em entidades, produzir propostas e levá-las ao campo da prática investigativa com propósitos educacionais. Associações, livrarias e cooperativas têm servido de apoio nesse propósito de enfrentar a escassez literária através da organização do conhecimento feita por historiadores engajados⁷⁹.

No contexto racista lusotropical brasileiro, a escassez literária recai sobre todas e quaisquer campos temáticos envolvendo o mundo africano. No caso que nos interessa objetivamente, além de Marcus Garvey/UNIA, destacamos o grande campo literário envolvendo Pan-Africanismo, Movimento Rastafari e a Renascença Africana. A nossa alegação pode ser verificada quando consideramos que, no caso do Pan-Africanismo, o

Europa subdesenvolveu a África (1975), posteriormente o médico Laila O. Afrika aprofundou este tema em seu livro *Nutricide*

⁷⁵ Epistemicídio é o ato conjunto de práticas eurocêntricas utilizadas, principalmente, em meios acadêmicos para silenciar estudiosos e teses em desacordo aos valores estabelecidos pelo eurocentrismo.

⁷⁶ Ecocídio é expressão que diz respeito ao conjunto de práticas que violentam a ordem e o estar do meio ambiente em todas as suas dimensões, inclusive à que prove meios à vida humana no planeta terra.

⁷⁷ Idealização eugênica é a projeção política e cultural da desafricanização sobre uma comunidade, país, região ou continente.

⁷⁸ Pindorâmicos advém da palavra pindorama, que na antiga língua do povo Tupi referia-se ao leste da América do Sul, dentro da região costeira que o Brasil ocupa maioritariamente. Há iniciativas entre os povos tradicionais do Brasil em utilizar o termo Pindorama para denominar o território país.

⁷⁹ Historiadores Engajados é uma categoria de análise da história africana contemporânea explorada por Amzat Bukari Yabara em *África Unite* (2014). No contexto Pan-Africano em África e na sua diáspora os Historiadores Engajados foram peças-chave em movimentos de resistência.

primeiro livro dedicado ao tema com circulação em língua portuguesa no Brasil foi a tradução de uma pesquisa realizada por Elisa Larkin Nascimento, intitulada *Pan-Africanismo na América do Sul - emergência de uma rebelião Negra* (1981). Quase quarenta anos depois, o historiador, professor e escritor Abisogun Olatunji Oduduwa. Prof. Abisogun é membro da União dos Coletivos Pan-Africanistas⁸⁰ e autor do livro *O Pan-Africanismo* (2019), o primeiro documento dedicado ao Pan-Africanismo publicado no Brasil. O fato de *O Pan-Africanismo* não ser um trabalho equalizado nos desejos acadêmicos, demarca a importância das iniciativas comunitárias contra os silenciamentos racistas e políticos⁸¹.

No que se refere ao Movimento Rastafari, a situação literária no Brasil é muito precária. O único livro com seriedade e densidade investigativa sobre o Movimento Rastafari publicado no país advém de uma tese de doutorado escrita pela Dra. Débora Pamplona, a pesquisa foi publicada em 2017 e intitulada *História do Movimento Rastafari – Da Jamaica para o Mundo*⁸². Nesse mesmo ano de 2017, a Frente Nacional Etíope – Brasil traduziu e publicou o artigo *O fim do Historicídio através dos ensinamentos de Kamatologia, Estudos Africana, Africalogia e Rastaologia*. Esse artigo foi originalmente escrito por Ras E.S.P. McPherson e seria apresentado no Brasil em 2008 durante um Colóquio organizado pelo Centre for Black and African Arts and Civilization (CBAAC) da Nigéria. Entretanto, na ocasião do Colóquio o autor em questão não pode comparecer ao evento. No Brasil, a *História do Movimento Rastafari* (2017) e *O fim do Historicídio* (2017) são as únicas publicações físicas qualificadas sobre o Movimento Rastafari.⁸³

A respeito do tema *Renascença Africana*, ou *Renascimento Africano*, até o momento desta escrita, ainda não existem livros específicos publicados no Brasil, sejam eles traduzidos ou produzidos originalmente em língua portuguesa. A falta de referências sobre *Renascença Africana* pode ter sido o motivo que condicionou o pesquisador Ivan da Silva Poli a afirmar em seu livro *Antropologia dos Orixás a civilização Yorubá a partir de seus mitos, seus orikis*

⁸⁰ União do Coletivos Pan-Africanistas (UCPA) em São Paulo, região Sudeste do Brasil.

⁸¹ O que não impediu que Universidades fizessem parcerias com grandes editoras para a publicação de alguma obra de crítica ou de distorção às ideias do Pan-Africanismo, como já aconteceu no Brasil com as publicações de *A Casa de meu Pai* (1997), escrita por Kwame Anthony Appiah, e *o Atlântico Negro* (2001), escrito por Paul Gilroy.

⁸² A pesquisa foi orientada pelo Dr. Henrique Cunha Jr. (Universidade Federal do Ceará), no ano de sua publicação, o autor da presente tese foi pessoalmente responsável por organizar o lançamento da obra na Biblioteca de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, que contou com a presença de estudantes e professores de escolas públicas locais.

⁸³ Movimento Rastafari – é um Movimento Nacionalista Negro que ascendeu na Jamaica entre as décadas de 1920-1930. O movimento foi localmente influenciado pelo etiopianismo e por práticas espirituais de origem Bantu e Akan dominantes na ilha. O nome Rastafari advém da contração do termo Ras (administrador de província em Amharic) e Tafari Makoonem, nome daquele que seria Coroado Haile Selassie I, imperador anticolonial da Etiópia em 1930.

e sua diáspora (Poli, 2019), que a cultura Hindu é a referência histórico-conceitual da Renascença Africana. Todavia, como vemos nos Capítulos 7-8, a ideia de Renascença Africana é milenarmente anterior ao hinduísmo.

As implicações da escassez literária sobre Marcus Garvey e UNIA no Brasil, apaga o significado do Caribe Histórico para África e sua Diáspora. O Caribe é uma sub-região da grande diáspora africana nas Américas, que compõe um circuito de conexões e desconexões de resistências combativas ao escravismo em atividade entre os séculos XVII-XIX. A Jamaica, neste contexto africano-caribenho, é um pólo referencial de todo o tipo de resistência, inclusive da produção intelectual engajada. Nós não comungamos e não temos a pretensão de estabelecer diálogos com o Caribe repetindo a tradicional e equivocada postura internacional do estado brasileiro.

Nas últimas décadas do século XX, os diálogos do Brasil com a Comunidade do Caribe (CARICOM) estruturou-se na justificativa geográfica (fronteira de 300 km com o mar da Guyana na linha do Equador) e em uma série de ações geopolíticas de caráter duvidoso. Além da Jamaica, fazem parte do CARICOM : Antígua, Barbuda, Bahamas, Barbados, Dominica, Granada, Santa Lúcia, São Cristóvão, Névis, São Vicente, Granadinas,Trinidad & Tobago , Haiti, Belize, Guiana e Suriname. Sob a chancela de governos que integram o CARICOM, o Brasil liderou no Haiti uma missão militar das Nações Unidas, a MINUSTAH.

Nessa seara em que o Haiti já enfrentava problemas consequentes do imperialismo francês (século XIX), da intervenção dos EUA (século XX) e de severos desastres ambientais (século XXI), a presença do Brasil no país, a partir de 2004, foi permeada por crimes contra as populações locais. Esses crimes do Brasil no Haiti envolveram assassinatos, torturas e exploração sexual⁸⁴. O investigador Franck Seguy (Haiti) deixa nítido o papel que o Brasil desempenhou em seu país:

A última ocupação vem ocorrendo no início deste século XXI, em decorrência da qual, são os filhos dos conquistadores europeus que ocupam o país desde 2004, sob a liderança do Brasil, país subimperialista. Ninguém pode esquecer que o racismo era e ainda é imprescindível para o capitalismo. Assim também como o patriarcado e o sexismo, dos quais se nutre. Centenas de mulheres já foram estupradas em decorrência da ocupação do país pelos soldados latino-americanos. A atual situação vivenciada pelo Haiti mostra claramente que o racismo terá uma vida longa para frente. (Seguy, 2009, p.44)

⁸⁴ Augusto Heleno Ribeiro Pereira foi comandante da Força Militar da Missão das Nações Unidas (ONU) para pacificação do Haiti durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) entre 2004-2005 e posteriormente chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República do Partido Liberal (PL) entre os anos desde o ano 2019 até o presente 2020.

No plano político do estado brasileiro, a MINUSTAH abriu caminho para o estabelecimento de embaixadas em oito países membros do CARICOM, aumentando o suporte do seu comércio, que entre 2002 e 2008 se elevou de US\$ 657 milhões para US\$ 5, 2 bilhões, possibilitando ao país uma cadeira de influência política no Banco de Desenvolvimento do Caribe.

O governo brasileiro não mediu esforços para enviar cooperações técnicas nos países do Caribe através da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), aumentando o seu prestígio como país associado ao CARICOM e à Organização dos Estados do Caribe Ocidental. O Brasil também promoveu uma série de reuniões internacionais, como com a Cúpula Brasil-CARICOM em Brasília (2010), que produziu o documento Declaração de Brasília (2010). A finalidade da Declaração de Brasília foi selar o compromisso brasileiro com a integração América do Sul-Caribe. Finalmente, é neste documento do governo brasileiro que surgem considerações objetivas sobre África e sua população diaspórica em toda a sub-região, nas palavras do embaixador brasileiro Antônio de Aguiar Patriota :

Reconhecendo a importância da herança africana em suas sociedades, os Chefes de Estado e de Governo decidiram incentivar a realização de estudos sobre o fenômeno da escravidão e seu impacto na formação de suas identidades nacionais, com vistas a valorizar adequadamente a participação dos afrodescendentes em sua história comum. (PATRIOTA, 2011,p. 12)

Esse trecho da declaração de Brasília é um retrato fiel da mentalidade racista-eurocêntrica e lusotropical do Estado brasileiro, que ignora a anterioridade histórica das sociedades africanas com suas complexidades e tecnologias, reduzindo a população Negra no Brasil à dimensão dos quatro séculos de escravidão racial no país. Nessa perspectiva, a população Negra no Brasil é percebida como um contingente de “ex-escravos” e não como pessoas de origem africana que, sob o regime escravista criminoso, construíram fisicamente e intelectualmente parte considerável das estruturas do país. No raciocínio de Antônio Patriota (2011), o Negro no Brasil se identifica, ou deveria se identificar, com o escravizado em detrimento do africano livre em África. O racismo eurocêntrico de matriz lusotropical brasileiro é reproduzido nas ações internacionais por meio de cooperações com as Américas do Sul, Central, Caribe e África.

Na esfera das relações sócioeconômicas e culturais no Brasil, a mentalidade lusotropical é dominante e se apoia em produções acadêmicas como forma de legitimação propagandística. É utilizando de mecanismos sistemáticos e institucionais acadêmicos que

esse racismo eurocêntrico combate os múltiplos expoentes da literatura africana, com destaque aos temas Pan-Africanismo, Rastafari e Renascença Africana. Mesmo com menções a Marcus Garvey ou a Cheikh Anta Diop no DCN no quadro da Lei Federal 10639/03, há toda uma retaguarda educacional incompatível a esses campos temáticos. É aqui, nessa zona de combate cultural (Diop, 1981), ou de guerra intelectual (Carruthers, 1999), que a escassez literária se manifesta, como forma de silenciamento e espaço para todo o tipo de distorção eurocêntrica-racista, lusotropical.

A nossa pretensão nesta pesquisa foi contribuir para a superação desse problema de escassez literária sobre Marcus Garvey através da organização de um material introdutório, contextualizado e informativo. Explorar uma teoria do conhecimento (Pan-Africanismo Histórico) e apresentar uma projeção nos campos de estudos e vivências (Kilombologia) foram dois elementos construídos durante a pesquisa. A nossa tese nos permitiu trabalhar com um contexto de referências que envolvem o Pan-Africanismo e alguns de seus temas correlatos, como no caso do Movimento Rastafari, dotado de uma diversificada e instigante literatura. A seguir, tratamos dos objetivos e método da pesquisa.

1.4 Objetivos

Resumidamente, os objetivos desta investigação visam enfrentar os problemas de fundo referencial (escassez documental e reflexiva) apresentado subsídios de consulta sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey no contexto do Pan-Africanismo Histórico, teoria formulada pelo autor da pesquisa e que será comentada na revisão da literatura, um dos tópicos desta introdução. Definimos três objetivos específicos que procuram mesclar o exame histórico do pensamento intelectual de Marcus Garvey à nossa proposição sobre os três fatores que sustentam a vitalidade cultural de seu legado na segunda metade do século XX : a UNIA, o Movimento Rastafari e devir Renascentista Africano. Os objetivos específicos da investigação são :

1. Identificar os fundamentos do pensamento intelectual de Marcus Garvey, mais objetivamente nos campos da educação e da política;
2. Examinar os fundamentos do pensamento educacional e político de Marcus Garvey;
3. Analisar o contexto da primeira visita do Dr. Julius Garvey ao Rio de Janeiro (Brasil) no ano de 2013 para a celebração do centenário da UNIA em 2014;

Nas próximas sessões, apresentamos o método, a revisão da literatura, os conceitos-chave, o panorama geral biográfico de Marcus Garvey, eixos centrais da tese, hipótese e estrutura dos conteúdos dos capítulos seguintes.

1.5 Metodologia

O nosso presente trabalho de pesquisa foi prioritariamente qualitativo, demarcado pela busca de uma coerência metodológica que respondesse aos nossos objetivos, tanto o geral quanto os específicos sobre Marcus Garvey. Nesse sentido, optamos por dialogar com os cinco parâmetros para um método Pan-Africano de Pesquisa, que foram propostos por Abdul Karim Bangura (2011). O primeiro parâmetro de um método Pan-Africano de investigação é a história do movimento Pan-Africanista centrada no interesse pela unificação do continente africano e de pessoas de ascendência africana em um mesmo projeto político. O pensamento intelectual de Marcus Garvey e a história da UNIA estão no bojo desse primeiro parâmetro.

O segundo parâmetro Pan-Africanista de pesquisa é a perspectiva de unidade geográfica do continente africano em detrimento à fragmentação recorrente em discursos, políticas e nas próprias fronteiras coloniais estabelecidas pela Conferência Colonial de Berlim em 1884⁸⁵. O movimento Nacionalista Negro Universal da UNIA⁸⁶ assumiu em seus documentos oficiais, ações anticoloniais e projeto político o ideário revolucionário de unidade federal do continente africano.

O terceiro parâmetro do Método Pan-Africano de pesquisa é uma análise das múltiplas funções do Pan-Africanismo, que seja capaz de comportar entidades e movimentos sócio-comunitários. A nossa investigação considerou a diversidade de ações da UNIA (educação, saúde, comércio, comunicação, literatura e política) como exemplo prático da ampla aplicabilidade do Pan-Africanismo transformado pelo Nacionalismo Negro Universal, contemplando, portanto, esse terceiro parâmetro do método abordado.

⁸⁵ Reunião imperialista internacional de países europeus realizada entre de 15 de novembro de 1884 a 26 de fevereiro de 1885. O evento teve como objetivo a divisão formal do continente africano em colônias. Os principais participantes foram: Alemanha, Áustria-Hungria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Noruega, Países Baixos, Portugal, Rússia e Suécia.

⁸⁶ Nacionalismo Negro Universal é o termo que cunhamos nesta tese em diferenciação ao Nacionalismo Negro (clássico), sem nítidas pretensões globais e compromissos objetivo com a unidade político-administrativa do continente africano.

O Quarto parâmetro proposto por Abdul Karim Bangura (2011) para um método Pan-Africano de pesquisa opera em áreas do conhecimento como a matemática, biologia, engenharia, informática e medicina. Nós inserimos nesse parâmetro a espiritualidade, considerando-a um elemento presente nas ações comunitárias da UNIA e no conteúdo das mensagens de Marcus Garvey⁸⁷. As irmandades, as confrarias e os círculos fechados de iniciação mística foram bases de organizações sócio-comunitárias comuns no continente africano e em diáspora no final do século XIX. Essas entidades fizeram um apelo à solidariedade, à fraternidade e à segurança coletiva. A estética, os discursos, os cargos e as vestimentas dos membros da UNIA indicam que Marcus Garvey esteve minimamente próximo a um círculo místico, sendo possivelmente um iniciado⁸⁸.

O quinto e último parâmetro para um método Pan-Africano de pesquisa refere-se ao estudo biográfico de agentes destacados do movimento Pan-Africano. A nossa investigação não possui um objetivo biográfico, mas a história da vida de Marcus Garvey foi estrutural para uma abordagem contextualizada sobre o seu pensamento intelectual. No sentido funcional dessa método, nós elaboramos três etapas de ação prática: 1) a organização documental de referências e as entrevistas da pesquisa; 2) a síntese do material organizado e da biografia de Marcus Garvey; 3) o exame do material organizado e sintetizado (escritos de Marcus Garvey e entrevistas da pesquisa).

As entrevistas foram realizadas com participantes da Conferência de Julius Garvey no Rio de Janeiro (Brasil) em 2013 e compostas por questões abertas. Essas entrevistas tiveram o objetivo de compilar analiticamente as percepções e avaliações pessoais de alguns dos participantes da conferência, em sua maioria membros de movimentos ou entidades sócio-comunitárias. As formas de registro dos dados das entrevistas para análise foram feitas através de gravador e diário de campo. No decorrer da investigação, realizamos uma entrevista com Dr. Rupert Lewis (Jamaica) sobre Marcus Garvey, Historiografia e UNIA. Dr. Lewis é historiador reformado (aposentado), escritor e uma das maiores autoridades em Marcus Garvey.

⁸⁷ Existem indícios de uma possível iniciação de Marcus Garvey na Maçonaria Negra ou em uma escola iniciática Negra no Caribe ou mesmo nos EUA. A esse respeito, existem comentários de Ras E.S.P. Mc Pherson (The Rt. Hon. Marcus Mosiah Garvey Spiritual relationship to the Rastafari Culture, 2009, New York, The Ethiopian World Federation). Para uma compreensão geral sobre escolas iniciáticas nas Américas recomendamos o livro *Escuelas Iniciáticas de Occidente*, escrito por Álvaro Lopes Vera (Editorial Aguila Bicéfala, 147 páginas, sem data de publicação). No que concerne diretamente aos temas que aqui tratamos é o livro *Panafricanisme et spiritualité négro-africaine: L'indispensable connexion: Kamitisme et vision du Monde Négro-africaine: L'indispensable connexion* (2019) é nossa referência-chave. |

⁸⁸ Iniciação é a expressão mais indicada para indicar a superfície de um processo de transição na vida de uma pessoa adepta a um caminho de cultura. As iniciações podem ser prescritas por meios orais e escrituras salvaguardadas por um grupo, sociedade ou irmandade tradicional.

Na sessão a seguir, o nosso objetivo é tratar sobre tópicos de sustentação e articulação da investigação, enfeixados no quadro de Revisão da Literatura. Os termos de referência e a teoria fundamental de trabalho são os tópicos mais importantes dessa sessão.

1.6 Revisão da literatura : Linha bibliográfica principal e termos de referência

A literatura desta pesquisa está subdividida em linhas bibliográficas; termos de referência e linhas temáticas auxiliares. A linha principal envolve: 1) a biografia sobre Marcus Garvey; 2) a historiografia da UNIA; e 3) os escritos de Marcus Garvey. No caso da primeira linha temática central, nós optamos pelos trabalhos de Amy Jacques Garvey (1996), Tony Martin (1991;1999;2001;2007), Rupert Lewis (1990; 2013), Amos Wilson (1992), Robert Hill (1990) e John Henrik Clarke (1980). Esses autores nos permitiram compreender mais sobre a vida de Marcus Garvey, a criação da UNIA na Jamaica e os seus desdobramentos nas Américas, África e Europa. Ainda nessa mesma linha, algumas biografias de Marcus Garvey foram consultadas, tais como as escritas por Tony Martin (1991), Rupert Lewis (2018) e Colin Grant (2010).

A tendência de tratamentos extremos à Marcus Garvey como radical utópico ou mito acima de críticas não nos interessam, mas sabemos que ambas são dominantes em debates, tanto nas academias quanto nas quebradas. A escassez de literatura e a falta de investigações sobre o pensamento de Marcus Garvey anulam as percepções maduras, capazes de oferecer bases para práticas coerentes aos atuais desafios enfrentados pelas populações no mundo africano⁸⁹.

1.6.1 Termos de Referência

Os termos de referência possuem duas valências, o acesso ao contexto histórico e ao pensamento intelectual de Marcus Garvey. Esses termos estão distribuídos em artigos escritos por Marcus Garvey, documentos da UNIA e publicações de estudiosos. Tony Martin (1983) identificou corretamente uma triangulação de termos fundamentais utilizados por Marcus Garvey em seus discursos transcritos e publicados, sendo eles : 1) Raça Primeiro; 2) Autodeterminação; e 3) Nacionalidade (Nacionalismo Negro).

⁸⁹ O devir Renascentista Africano lançado por Cheikh Anta Diop encontra compatibilidade com o Nacionalismo Negro Universal e com o Movimento Rastafari, que ao mesmo tempo são continuamente influenciados por esse devir. Ainda neste capítulo, voltaremos a este lugar-chave do Devir Renascentista Africano em nossa tese.

Raça Primeiro foi uma expressão utilizada por Marcus Garvey como máxima de priorização da UNIA pela comunidade Negra em empreendimentos comerciais, produção literária, desporto e artes em geral (Martin, 1983). Nesse mesmo sentido, o historiador Rupert Lewis (1987) destaca um elemento importante para o nosso estudo, a consciência racial, uma expressão utilizada na época colonial e resignificada por Robert Love⁹⁰, o primeiro grande formador político de Marcus Garvey. A consciência racial foi uma chamada nacionalista para a humanização de um povo desumanizado e desafiado por um tórrido racismo econômico capitalista (Lewis, 1988).

Dr. Lewis advoga corretamente que Marcus Garvey fazia um trabalho de apelação psicológica sobre às populações Negras⁹¹, uma vez que o colonialismo possuía uma forte base de dominação psicocultural, e é nessa esfera em que se encontra a chamada para uma consciência racial. Os homens, mulheres e crianças Negros precisariam assumir um processo individual e comunitário de libertação das próprias mentalidades (Lewis, 1988).

Marcus Garvey esteve ciente de que havia um embate psicológico contra as populações Negras e que a consciência racial era uma forma eficaz para o enfrentamento de desafios individuais e coletivos, nas palavras de Marcus Garvey (1986,p.5):

Este é o dia da atividade racial, quando cada grupo dessa grande família humana deve exercer sua própria iniciativa e influenciar em favor de sua própria proteção, por isso, os negros devem estar mais determinados, hoje, como nunca estiveram, porque Forças poderosas do mundo estão operando contra os grupos não-organizados (...), que não são suficientemente ambiciosos para proteger seus próprios interesses. (tradução nossa)

No trecho anterior, Marcus Garvey ressalta que o significado da autodeterminação é o objetivo fundamental da máxima Raça Primeiro. A partir da ideia de autodeterminação, Marcus Garvey criticou severamente a proposição de que os problemas enfrentados pelos Negros seriam resolvidos de forma espontânea:

A única coisa sábia a fazer, como Negros ambiciosos, é organizar o mundo e construir para a raça uma poderosa nação própria em África. E essa nossa raça, que não pode obter reconhecimento e respeito no país em que fomos escravos, usaria nossa própria capacidade, nosso poder e nossa engenhosidade afim de desenvolvermos para nós mesmos um outro país, em nosso próprio habitat, uma nação nossa. E assim, poder enviar de volta daquele país - daquele habitat nativo - para o país onde já fomos escravizados, representantes de nossa raça que teriam o

⁹⁰ Robert Love (1839-1914) – nasceu em Bahamas, militante Pan-Africanista que obteve formação de clérigo, desenvolveu atividades como médico, professor, diplomata e jornalista. Foi uma das maiores influências para a formação intelectual de Marcus Garvey .

⁹¹ Populações Negras como termo genérico para populações africanas no continente africano ou em sua diáspora.

mesmo respeito que qualquer outro embaixador de qualquer raça ou nação. (GARVEY, 1986, p.58, tradução nossa)

Pensamos que a máxima Raça Primeiro empregada por Marcus Garvey foi uma derivação de Supremacia Negra, expressão comum na literatura Nacionalista Negra (Etiopianista) da década de nos 1920, e posteriormente utilizada na literatura do Movimento Rastafari na Jamaica da década de 1940. Supremacia Negra é a superação coletiva do racismo, sem vínculo com a ideia racista de supremacia branca, que é um eixo de dominação de um grupo humano autoconsiderado branco e superior contra outros grupos humanos entendidos como não brancos e inferiores. Nós optamos por atualizar a expressão supremacia devido ao desgaste da mesma ao longo do contexto da Segunda Guerra Imperialista do Ocidente entre as décadas de 1930-1940, período em que o termo Supremacia Branca foi popularizado pelas ações de Adolf Hitler na Alemanha⁹², que defendeu a dominação das populações brancas sobre as semitas, africanas, ameríndias e asiáticas. A expressão que utilizamos a título de atualização de “Supremacia Negra” é Soberania Universal Africana ou Soberania Africana.

No contexto militante da UNIA, o Nacionalismo Negro referia-se a uma síntese de Raça Primeiro e Autodeterminação (Martin, 1983). Durante a nossa investigação ficaram nítidas as divergências sobre a ideia de Nacionalismo Negro no seio da UNIA e no contexto político internacional, havendo uma tendência predominante de limitar o Nacionalismo Negro à esfera regional ou nacional de um dado grupo. A perspectiva Nacionalista Negra evocada por Marcus Garvey foi confrontada por Negros na diáspora que não queriam um compromisso com a luta anticolonial no continente africano, e por Negros na África que não se interessavam pelas conexões políticas de combate ao racismo com a diáspora. Nós encerramos a nossa investigação entendendo que o Nacionalismo da UNIA colaborou com a construção foi de cariz Africano/Negro Universal.

Segundo Wilson Jeremiah Moses (1996), historicamente a ideia de Nação⁹³ se refere à soberania territorial de um povo, laços consanguíneos e percepções endogâmicas de pureza racial, muitas vezes com apelos religiosos (Moses, 1996). Essa ideia tradicional de nação ocidental é distinta de uma perspectiva Pan-Africanista de Nação. Olapido Akinde (1987), por exemplo, define cinco características de nação dentro de uma perspectiva Pan-Africana: a)

⁹² Adolf Hitler (1889-1945) foi a liderança máxima do partido nazista e colonial alemão entre os anos de 1933-1945. O nazismo pode ser sintetizado como um movimento político racista com ações econômicas, ações genocidas e exploração colonial em África.

⁹³ Antumi Toajisé em seu livro Si mi preguntéis por el Panafricanismo y la Afrocentricidad – Artículos , conferencias, discursos y entrevistas –2001-2013 (Ediciones Wanafrika : 2013) questiona categoricamente (p.159) o encerramento do termo nacional/nacionalismo na experiência histórica da Europa.

Língua; b) Território comum; c) Interesses econômicos comuns; d) Cultura comum; e) comportamento psicológico semelhante (Akinde, 1987, p.59).

Demarca-se aqui, que, o Nacionalismo Negro não pode ser considerado uma cópia do nacionalismo europeu ou norte-americano (Moses, 1996) (Toajize, 2010), uma vez que o mesmo possui seu caráter próprio de concepção racial (não racista) e um percurso histórico tanto milenar quanto secular (Tdeka, 2014) (Diop, 2016) (Ki-Zerbo, 1975). Wilson Jeremiah Moses (1996) analisa que o Nacionalismo Negro incorporou dinâmicas dentro de um escopo único da experiência causada pelo holocausto africano, assumindo que “ [...] esta experiência comum de opressão poderia ser a base de uma consciência nacional pan-racial” (Moses, 1996, p.5, tradução nossa)

No estudo histórico sobre o Nacionalismo Negro, Wilson J. Moses (1996) sublinhou a categoria de protonacionalista existente no bojo das resistências africanas à escravidão, exemplificadas pelo Kilombo dos Palmares no Brasil⁹⁴ e pelos Maroons na Jamaica⁹⁵ a partir do século XVII (Moses, 1996). Após essa primeira fase de resistência, o século XVIII foi composto pela inflamação de iniciativas de caráter nacionalista, compelidas pela autodeterminação e mobilizações para migração Negra da diáspora para a região de Serra Leoa, Costa Ocidental africana, tal como foi incentivado por Paul Cuffe⁹⁶.

Entretanto, o ápice deste período de resistências à escravidão nas Américas foi a Revolução Haitiana entre 1790-1808, a primeira e única colônia escravista na diáspora onde os africanos escravizados se libertaram, assumiram o poder nacional e declararam a independência de seu território. Na avaliação de Wilson J. Moses (1996), a Revolução Haitiana foi decisiva como inspiração para os protonacionalistas, como no caso de Prince Hall⁹⁷ com seu estilo de organização urbana maçônica que influenciaria a própria UNIA e outras entidades. Em relação ao século XIX, o referido estudioso comenta o seguinte sobre o Nacionalismo Negro:

O nacionalismo Negro, conforme manifestado nos Estados Unidos do século XIX, era um nacionalismo racial, com base na premissa de que pertencer a uma raça

⁹⁴ Quilombo dos Palmares comunidade Quilombola na antiga Província de Pernambuco que ascendeu como “nação federal” no século XVII até ser atrofiada por um conjunto de ataques orquestrados pelo império português, sendo o mais decisivo naquele que matou uma de suas principais lideranças em 1695, Zumbi dos Palmares.

⁹⁵ Maroons na Jamaica : termo genérico para designar africanos que constituíram comunidades livres em territórios coloniais das Américas, similar aos quilombolas do Brasil , Boni na Guiana Francesa e Palenqueros na Colômbia

⁹⁶ Paul Cuffe Paul (1759 – 1817) – nascido na América Britânica , foi um engajado abolicionista que se dedicou especialmente a repatriação de africanos para Serra Leoa (Costa Ocidental Africana).

⁹⁷ Prince Hall (1735 – 1807) –nascido em Barbados. Foi um homem Negro alforriado,abolicionista e iniciado na na Maçom em 1775. Fundou uma escolapara crianças Negras em Boston e teve sua entidade (Black Freemasonry) reconhecida oficialmente em1784.

poderia funcionar como a base de uma identidade nacional. Essa ideia, embora não fosse peculiar aos nacionalistas negros americanos, era uma referência de sinalização . (Moses, 1996,p.5, tradução nossa)

No ambiente que Jeremiah Moses (1996) identifica o protonacionalismo Negro estão o Quilombo dos Palmares e Haiti, duas das três partes que, com a UNIA, formam o que denominamos de paradigma da organização sóciocomunitária africana na diáspora. Saindo do contexto protonacionalista, na década de 1850, o Nacionalismo Negro foi uma expressão política em declínio com o advento da Guerra Civil nos EUA⁹⁸. Posteriormente, o Nacionalismo Negro obteve um novo pico de ascensão com o movimento da UNIA em 1920 (MOSES, 1996). Na avaliação de Jeremiah Moses (1996) , o conceito de Nacionalismo Negro pode ser definido como:

Esforço dos afro-americanos para criar um estado-nação soberano e formular bases ideológicas para um conceito de cultura nacional. O objetivo do nacionalismo negro clássico de estabilizar uma pátria nacional na África ou em outro lugar significava algo mais do que uma insatisfação com as condições nos Estados Unidos. [...] A característica essencial do nacionalismo negro clássico é seu objetivo de criar um Estado-nação ou império negro com controle absoluto sobre um território geográfico específico e com poder econômico e militar suficiente para defendê-lo. (Moses, 1996, p.2, tradução nossa)

No seu fundamento, portanto, o Nacionalismo Negro possui como objetivo “[...] de criar um estado ou império negro com controle absoluto sobre um território geográfico específico e poder econômico e militar suficiente para defendê-lo”. (Moses,1996,p.3, tradução nossa). Wilson Jeremiah Moses propõe uma cronologia do Nacionalismo Negro a partir do século XVIII e que vai até a primeira metade do século XX. O autor estabeleceu dois grandes períodos históricos e um intermediário do Nacionalismo Negro: 1) um período Proto-Nacionalista ou Pré-Clássico (1700-1830); 2) um período de hiato até 1850; e 3) um período clássico (1850-1920).

O Período pré-Clássico (1700-1830) é composto pelo advento de migrações da diáspora para África através de companhias criadas nos EUA e Inglaterra (Sierra Leone Company e Sociedade Americana de Colonização e Saint George’s Bay Association). Também fazem parte desse período as tentativas individuais de migração como as de Martiniano Bonfim⁹⁹ no Brasil do século XIX, onde já havia movimentos protonacionalistas

⁹⁸ Guerra civil os EUA ou Guerra de Secessão (1860-1864).

⁹⁹ Martiniano Bonfim (1859-1943) nascido na Bahia (Brasil) em condição de tutela, foi um militante pela justiça e condições de vida da população Negra, sacerdote do candomblé e de origem Yoruba . Deteve um histórico cultural e político na Costa Ocidental Africana em comunidades de Negros do Brasil.

organizados pela população Negra e com perspectivas de migração para a África, como no caso do Divino Mestre (2004)¹⁰⁰.

Entre 1830 e 1850, o Nacionalismo Negro recebeu muitos apoios de lideranças Negras na diáspora, mas foi no seu Período Clássico (1850-1920) que o movimento ascendeu consideravelmente com suas próprias características, na teorização de Wilsom Jeremiah Moses (1996) :

[...] O nacionalismo negro clássico pode parecer místico pelos padrões da sociedade secular moderna, mas para seus adeptos ele fornece um meio de preservar fragmentos de dignidade e autorrespeito em face da dominação militar, tecnológica e econômica quase universal dos brancos sobre negros. (Moses,1996,p.4,tradução nossa)

O Nacionalismo Negro possui componentes específicos da experiência histórica africana no advento das civilizações da antiguidade como Kemet (Egito Antigo) e Kush (império localizado no Vale do Hapi durante a antiguidade histórica), e do combate ao sistema escravista colonial (Moses, 1996). O grande entusiasmo com o Kemet e Kush se explica pela informação e registros abundantes sobre ambas as nações africanas na Bíblia, um livro religioso organizado no ocidente e ressignificado por africanos que tiveram contato com o cristianismo durante a escravidão. Marcus Garvey não deixou de exprimir o seus pensamentos sobre o Cristo a partir de uma visão Nacionalista Negra Universal daquele período e vivência Etiopianista :

A religião é a opinião pessoal e a crença nalguma verdade ética. Ser cristão é ter a religião de Cristo, assim como ser crente de Maomé é ser muçulmano, mas há tantas religiões que cada homem parece ser uma religião para si próprio. Duas pessoas não pensam da mesma maneira, mesmo que prefiram abertamente a mesma fé; Há tantas religiões na cristandade como nós temos crentes. (Garvey,1986, p.3, tradução nossa)

A teoria e a prática do Nacionalismo Negro Universal em Marcus Garvey estão de acordo com a definição de Wilson Jeremiah Moses (1996) em *Classical Black Nationalism* (1996). Seguindo a teorização de J. Moses (1996), após o auge da UNIA (1920) e desaparecimento físico de Marcus Garvey (1940), o Nacionalismo Negro assumiu uma tendência mais diaspórica, principalmente no eixo Caribe - Estados Unidos da América. Por esse motivo, nós reforçamos que o termo Nacionalismo Negro Universal em referência ao

¹⁰⁰ Divino Mestre – (1846) foi um seguimento de resistência ao sistema escravista em Recife (Brasil colonial) que se utilizou da Bíblia, de um código de conduta e armamentos no intuito de possibilitar o retorno de africanos escravizados no Brasil para o continente africano, seu líder principal foi Agostinho de Hipona.

movimento nacionalista desencadeado pela UNIA é mais acertado do ponto de vista histórico – historiográfico.

Há outros termos utilizados nesta pesquisa que necessitam de uma breve explanação, são eles: Preto/Negro e Desafrikanização. Existe um debate no Brasil sobre a utilização dos termos “preto” ou “Negro”, na tentativa de definir o mais adequado. Desde 1835 na Quinta Convenção Anual das Pessoas de Cor da América há registros sobre essa controvérsia terminológica entre preto e ou Negro (Bennet Jr., 1967).

Nos EUA, o termo “preto” na língua inglesa (Black) se constituiu historicamente como uma categorização para o grupo humano africano escravizado em países da diáspora dominada pela língua inglesa. O “preto”, na senda da comunidade africana nos EUA, incorpora sangue e família, assim como valores a respeito de reconhecimento, pertença, identidade, alteridade e cultura, envolvendo todas as pessoas de ascendência africana, independente da tonalidade de pele e outros traços físicos comuns (cabelo, nariz, lábios e etc.).

No Brasil, a dinâmica histórica dos movimentos sociais organizados pela população de origem africana incorporou a palavra Negro e não Preto/Black. A palavra Negro está presente na História e patrimônios da experiência africana no Brasil como nos casos do Movimento Negro, da Frente Negra Brasileira, da Imprensa Negra e do Teatro Experimental do Negro, por exemplo. Sobretudo, na virada do século XX para o XXI, a palavra Negro tem sido contestada como pejorativa por grupos de movimento sociais (influenciados por movimentos político-culturais oriundos dos EUA). A argumentação desses grupos é que o termo Negro advém da palavra grega Necro, morto (Moore, 1992), criou-se, portanto, uma argumentação em defesa da utilização da palavra “preto” (tradução do inglês “black”). Mas será que o grego é a única possibilidade de interpretação da palavra Negro ?

Clyde W. Ford propôs no livro *O Herói com Rosto Africano* (1999) uma interpretação interdisciplinar da palavra Negro, que é basilar na nossa narrativa sobre Marcus Garvey. Dialogando com W. Ford (1999), existem três contribuições pertinentes sobre a origem e utilização da palavra Negro, a primeira é o seu significado no contexto africano, interligado às ideias de escuro e sem luz. O autor destaca que há mais de 5 milênios, a falta de luz, o preto e a escuridão tinham um significado profundo de sabedoria e força vital no Vale do Hapi (Nilo), Nordeste africano. Foi na escuridão do interior das águas profundas, do solo, da fauna, da flora e do ventre de um ser humano que a vida se manifestou. A conexão das palavras

preto, Negro e escuridão ao que é negativo ou ruim é algo externo ao contexto africano, além de ser relativamente recente¹⁰¹.

A segunda contribuição de W. Ford (1999) é o significado de Preto, Negro e escuridão dentro do universo mítico africano. O autor define corretamente que os mitos são recursos intelectuais utilizados pelas populações africanas no intuito de interpretar o tempo e a natureza complexa. Africanos utilizaram dos mitos como uma sofisticada linguagem metafórica, metafísica e esotérica, que carrega perspectivas multidimensionais da existência. É nesse sentido, que o significado positivo de escuridão, Preto e Negro pode ser visto no caráter do mito.

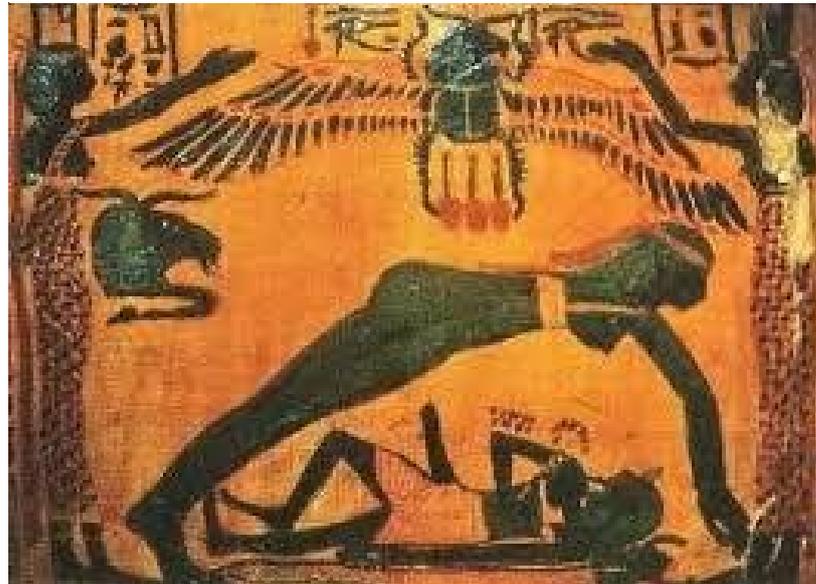
Segundo W. Ford (1999), o termo M3mu é uma transliteração do medew netjer¹⁰², que significa “Montanha no Oeste”. A referida montanha no Oeste é onde o Sol se põe no Kemet, lembrando que nessa nação existiam grandes mestres da astronomia durante toda a antiguidade histórica africana. A escuridão demarcada pela ausência do Sol e obscurecida pela montanha no Oeste simboliza a introspecção, a consciência profunda e a passagem para o mundo espiritual em um processo de alta elevação psíquica, sem qualquer característica pejorativa. W. Ford explora mais a ideia de escuridão e Negro no Kemet comentando que: “Na mitologia em que se origina essa derivação de Negro, Nut, a deusa egípcia do céu, engole simbolicamente o sol no Oeste todas as noites, carrega-o como numa gravidez durante a noite inteira e o faz nascer de novo no Leste, na aurora (Ford, 1996, p.36)”

Na mitologia kemita, o céu era identificado como Nut, parte de um conjunto de deidades (denominadas Neteru), que simbolizam as faces da força criadora mais poderosa do Universo (Ntr). Essa força superior está presente em toda a parte, lugares ou criaturas, inclusive na mente, no corpo e no espírito dos seres humanos. Na mitologia Kemita, a Neteret Nut (Céu) era irmã do Neteru Geb (Terra), que renascia todas as noites com a chegada da escuridão.

¹⁰¹ Rig Veda é considerado o mais antigo livro da literatura Hindu, composto por um conjunto litúrgico de hinos e práticas espirituais. Há um estudo sobre mensagens racistas antiafricanas no Rig Veda, uma análise realizada por Carlos Moore em : Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo. – Belo Horizonte : Mazza. Edições, 2007.

¹⁰² Medew Netjer ou sesh medew Netjer : literalmente palavra e escrita divina, mais conhecidas como hieróglifos egípcios. De acordo com A beginner’s Introduction to Medew Netcher –The ancient Egyptian Hieroglyphic System . Wudjau Men-Ib Iry-Maat. (2015, p.5.)

Figura 15 - Nut, um Neter ou deidade do Kemet que representava o céu sobre Geb, a deidade que representava a Terra



Fonte: Ancient Egyptian. Date/Period: 21st dynasty c.1069-945 BC. Credit Line: Werner Forman Archive/ Egyptian Museum, Turin .

A escuridão, o preto e o Negro foram sinais da passagem do mundo visível para o invisível, um processo registrado de forma positiva no Livro de sair à Luz (rw nw prt m hrw), popularmente conhecido como o “O livro do Mortos”. O M3mu dos kemitas está na raiz da palavra Melame, termo que os gregos utilizavam para identificar as populações do Vale do Hapi, ou seja, kemitas, kushitas e meroítas. M3mu também está raiz da palavra Melanina, substância que gera a pigmentação do tecido epidérmico e de órgãos, além de outras características bioquímicas das populações Negras.

A terceira contribuição de W. Ford diz respeito à filologia¹⁰³ da palavra Negro, indicada pelo autor com origem no termo Nigretai, um grupo de guerreiros que ocupava a região da atual da Líbia, e que eram admirados pela beleza de sua pele escura, preta, Negra (Ford, 1999). Ainda no sentido filológico, W. Ford também faz menção a Ngr como raiz da palavra Niger, referindo-se ao Rio Niger. Viajantes de épocas antigas entendiam que o formato em “U” do Rio Niger fazia com que o mesmo desaparecesse no subsolo das areias do deserto, em plena escuridão (Ford, 1999,p.37).

¹⁰³ Filologia : estudo interdisciplinar da linguística, que envolve fundamentalmente a literatura e a antropologia.

Mapa 1 : O Rio Niger e os seu formato em “U”



Fonte : <https://sites.google.com/site/smclass16ghana/where-was-their-trading-spot>

A partir desses exemplos, W. Ford diferencia as palavras Negro de Preto afirmando que :

Negro era originalmente definido como a direção do Sol poente, simbolizando a imersão da consciência humana no sonho e na esfera do inconsciente, ou como as águas que trazem vida às areias estéreis [...] com uma noção inteiramente diferente de preto, Negro, como símbolo poderoso de renovação e transformação (Ford, 1999,p.37-38).

A palavra Negro possui possíveis origens na mitologia, linguística e cultura sócio-comunitária africana. Esse escopo endógeno forma a base multidimensional pela qual utilizamos a palavra Negro nesta tese¹⁰⁴. As críticas ao uso da palavra Negro como termo pejorativo representa um falso problema. No nosso entendimento, o lusotropicalismo e a sua miséria cultural racista é um problema real, responsável direto pela operação da desafrikanização no Brasil.

A desafrikanização refere-se a um processo psicológico e cultural de desconstrução da africanidade das populações Negras no continente e na sua diáspora (Lopes, 2004). Historicamente, a desafrikanização se manifestou de forma contínua através da violência presente no processo de islamização e cristianização compulsórias no continente africano. Segundo Nei Lopes (2004), na diáspora a desafrikanização foi aplicada no sentido de

¹⁰⁴ Negro com letra maiúscula foi uma determinação da UNIA em seu no artigo 11 da Declaração dos Povos Negros do Mundo, nesta tese nós seguimos essa orientação

discriminar e subalternizar as populações africanas, inclusive com a utilização de terminologias como “criolos”, “mulatos” e “morenos”. Nei Lopes escreve que a “[...] a desafricanização da Diáspora continua sendo um processo altamente desagregador” (Lopes, 2004, p.233).

Na diáspora, o pensamento intelectual de Marcus Garvey e o trabalho comunitário da UNIA podem ser aplicados em diversas iniciativas de reafricanização face à desafricanização. A desafricanização é em si um projeto racista de desagregação. O termo raça nesta investigação é empregado no sentido geopolítico e cultural de grupos humanos originários, do continente africano e detentores de experiências históricas comuns. O termo “raça”, portanto, é um parâmetro sócio-histórico de grupos humanos e não um determinativo genético racista.

1.6.2 Linha bibliográfica auxiliar

A linha bibliográfica auxiliar desta investigação divide-se em três eixos (parâmetros): 1) Pan-Africanismo; 2) Movimento Rastafari; e 3) Renascimento Africano, Renascença Africana ou Devir Renascentista Africano. O primeiro parâmetro refere-se ao contexto histórico do movimento Pan-Africanista entre as décadas de 1880-1940, nossas referências foram os trabalhos exímios de P. Olisanwche Esebede (1994), Hakim Adi (2013;2018), Amzat Boukari Yabara (2014), Tony Martin (1991), Kikru Negash Gebrekidan (2005), Mário Pinto de Andrade (1987) e C.R.L. James (2001). Esses autores são relevantes para a nossa abordagem por três motivos: o rigor analítico historiográfico; a ênfase no período histórico do Pan-Africanismo entre 1880-1940; e o engajamento político dos mesmos junto a movimentos sócio-comunitários. A UNIA está localizada na linha bibliográfica principal e é, nesta investigação, um tema dentro do escopo histórico Pan-Africanista da linha bibliográfica auxiliar.

No nosso diálogo com Movimento Rastafari e a Renascença Africana, nós estipulamos uma bibliografia básica de trabalho em comunhão ao advento histórico de Marcus Garvey. No caso do Movimento Rastafari, o nosso diálogo foi estabelecido prioritariamente com autores que identificam nesse movimento características do Fundamentalismo Africano e do Nacionalismo Negro Universal de UNIA. As nossas principais referências foram Horace Campbell (2001), Ras Sekou Sankhara Tafari (2008), Michael Barnett (2014;2015), Ras E.S.P. McPherson (2008), Joseph Hill (2001), Giullia Bonacci (2014) e Ruppert Lewis (1994).

A Renascença Africana pode e definida como uma jornada cultural de autoconhecimento e reafricanização, um devir. Essa nossa definição está em acordo **com**

Cheikh Anta Diop¹⁰⁵, multicientista pioneiro na teorização sobre a necessidade de uma ruptura com as estruturas de pensamento e cultura antiafricano, danosos à humanidade. Nesta tese, o debate sobre a Renascença é feito a partir das abordagens que consideramos mais coerentes ao cerne das teses propostas por Cheikh Anta Diop (1990) (1954) (1960) (1981), Doe Gnonsea (2010), Yoporeka Somet (2014) e Théophile Obenga (2009).

O Pan-Africanismo é o centro da bibliografia e uma coluna desta pesquisa, porque é nele que se encaixam a linha temática principal e os termos de referência que nós tratamos ao longo deste trabalho. O Pan-Africanismo também é a base temática que nos permitiu formular uma teoria do conhecimento a partir da qual propusemos uma cronologia histórica do movimento Pan-Africanista e do Nacionalismo Negro (Universal) da UNIA. É na nossa proposta do Pan-Africanismo como teoria do conhecimento histórico que estão inseridos os elementos derradeiros da nossa tese: a UNIA, o Movimento Rastafari e o devir Renascentista Africano.

Nós estamos de acordo com Théophile Obenga (2013) sobre os equívocos de se conceber o Pan-Africanismo como algo diverso em tendências e funções fragmentadas. O que nós defendemos e identificamos como crucial no Pan-Africanismo é a causa maior humanitária da construção da unidade africana como centro de uma soberania global das populações Negras. Independente das problemáticas ou contradições, o Pan-Africanismo é um único movimento e não vários movimentos com intermináveis tendências, cabe aos que comungam com a causa Pan-Africana, aperfeiçoar o movimento para que o mesmo trabalhe em prol da causa maior da soberania africana.

Nesse sentido de aperfeiçoamento, pensamos que o Pan-Africanismo pode ter parâmetros (Gomes, 2016) que possibilitem a sua coerência à história e organização sóciocomunitária das populações Negras no continente africano e na sua diáspora¹⁰⁶. Foi nesse intuito que definimos seis princípios gerais do Pan-Africanismo Histórico: I. Preservação da Vida, II. Restauração da Consciência de unidade Histórica Africana. III. Combate ao racismo; IV. Integração solidária entre africanos ao redor do mundo; V. Enfrentamento e resistência ao (neo) colonialismo; VI. Formação de uma unidade política e

¹⁰⁵ Cheikh Anta Diop (1923-1986)-nascido no Senegal, foi um dos maiores cientistas de todos os tempos, com trabalhos de alta relevância nas ciências exatas (física nuclear, química e matemática, , linguística, história, artes e política). Uma de suas primeiras formulações foi a respeito da Renascença Africana originalmente escrita em 1948 na Revista Le Musée Vivant .

¹⁰⁶ No livro Os Princípios Do Pan-Africanismo, Charles Olapido Akinde (1978) faz duras críticas à elitização do movimento Pan-Africano, corresponsável pelas distorções à causa maior da unidade continental e soberania global africana. Entendemos que a ideia e movimento Pan-Africanistas devem estar em concerto com teorizações fundamentadas na experiência histórica africana em África e no contexto diaspórico .

administrativa do continente africano como centro de uma soberania global africana das populações Negras.

Esses princípios gerais do Pan-Africanismo corroboram diretamente com a identificação e estruturação de práticas de organização sóciocomunitária. No tópico a seguir, discorreremos sobre o Pan-Africanismo como movimento, ideia, cultura de organização sóciocomunitária e teoria do conhecimento.

1.6.2.1 Pan-Africanismo

Nossa abordagem sobre Pan-africanismo neste tópico está demarcada nos seguintes quesitos, a terminologia, o significado, as dimensões históricas e a cronologia geral. A expressão Pan-Africanismo significa literalmente a totalidade de assuntos, culturas e interesses das populações africanas ao redor do mundo. O prefixo Pan advém do grego e indica “todo” / “tudo”. O termo “africanismo” foi empregado entre as décadas de 1940 e 1970 para indicar as temáticas africanas estudadas, investigadas e defendidas internacionalmente por acadêmicos especialistas ou estudiosos africanistas. A popularização da expressão Pan-Africanismo como signo anticolonial de um projeto para a unidade africana colocou em questão a falta de compromisso político do “africanismo” e de seus africanistas, que muitas vezes foram agentes do colonialismo europeu/Norte Americano, especializados em assuntos africanos, mas com finalidades alheias aos interesses das populações africanas (Obenga, 2013).

O Pan-Africanismo é um movimento social com expressões na literatura, economia, agricultura, espiritualidade, imagética, política e artes. A influência do Movimento é ampla no mundo africano, atraindo religiosos cristãos, islâmicos, tradicionalistas africanos, agricultores, grupos empresariais, marxistas, atletas, músicos, poetas e partidos políticos. Por conseguinte, é difícil estabelecer uma definição fechada para um movimento tão diversificado e dinâmico como é o Pan-Africanista. A necessidade de uma compreensão do Movimento Pan-Africanista nos levou a buscar parâmetros históricos para uma definição geral. Nesse quadro, estamos de acordo com as proposições de Hakin Adi (2018), P. Olisanwuche Esebede (1994) e de Amzat B. Yabara (2014), que definem o Pan-Africanismo como uma ideia e movimento histórico para a reorganização social, cultural, política e econômica da África, assim como de suas populações ao redor do mundo. O Pan-Africanismo ascende como expressão conceitual na diáspora a partir da Associação Pan-Africana e da Conferência Pan-Africana, ambas

coorganizadas por Henry Silvester Williams (Trinidad & Tobago), respectivamente nos anos de 1897 e 1900.

Localizamos o período entre as décadas de 1880-1940 como fase-chave para o processo de maturação do Movimento Pan-Africanista. Essas décadas foram ilustradas por projetos, campanhas, intervenções e conferências internacionais que lapidaram o movimento. No continente africano, essas décadas representaram um período de difusão do Pan-Africanismo entre associações, partidos e mobilizações anticolonialistas, principalmente a partir da década de 1940 (Olunrotimhin,2010).

A UNIA foi indubitavelmente uma entidade-movimento central no processo histórico de maturação do Pan-Africanismo entre 1914-1940. A partir da década de 1950, inúmeros movimentos Pan-Africanistas fizeram menção a Marcus Garvey considerando-o uma referência para as lutas pela independência do Gana, liderada no campo político pelo Convention People Party, entidade dirigida por Kwame Nkrumah; o movimento pelos direitos civis nos EUA liderado por Martin Luther King Jr ¹⁰⁷; para o Movimento Black Power idealizado por Kwame Turé¹⁰⁸; para a Organização da Unidade Afro-Americana pensada por Malcom X¹⁰⁹; para o Movimento Rastafari na Jamaica com os seus artistas e organizadores comunitários; e para a South West Africa People's Organisation, movimento anticolonial guerrilheiro da Namíbia.

Sem equívocos, a Estrela Negra¹¹⁰ estampada em bandeiras de países africanos que alcançaram a independência nacional entre as décadas de 1950-1970, como nos casos do Gana e de Guiné-Bissau foi uma influência dos patrimônios imagéticos do Nacionalismo Negro Universal da UNIA. A Estrela Negra possuía para Marcus Garvey um significado político onde a África assumia um lugar central na perspectiva de organização

¹⁰⁷ Martin Luther King Jr (1929-1968) – nascido nos EUA, foi uma liderança comunitária de reconhecimento internacional, Pastor da Igreja Batista e com grande desenvoltura na luta por garantia de direitos civis dentro da comunidade Negra do país. Ganador do Prêmio Nobel da Paz em 1964, assumiu publicamente a influência de Marcus Garvey para a sua excelente oratória e comunicação geral com as comunidades.

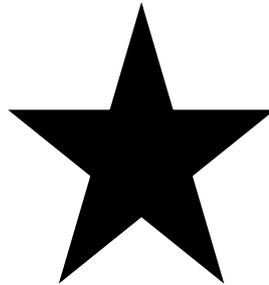
¹⁰⁸ Kwame Turé /Stokely Carmichael (1941-1998) – nascido em Trinidad & Tobago, foi um militante político Pan-Africanista que viveu grande parte de sua vida entre países africanos e EUA. O seu trabalho foi determinante para o movimento Black Power nas décadas de 1950-60 e posteriormente, mais amadurecido, para as frentes de combate do Pan-Africanismo.

¹⁰⁹ Malcom X (1925-1965)- militante político nascido nos EUA, após uma juventude de caos, violência e miséria do racismo capitalista, iniciou uma jornada na entidade Nação do Islã e posteriormente galgou o caminho no Nacionalismo Negro Universal com a entidade Organização da Unidade Afro-Americana (OUAA), uma das possíveis causas de seu assassinato. O pai de Malcom X integrou as fileiras da UNIA entre as décadas de 1920-1930.

¹¹⁰ Uma provável influência da estrela utilizada pela companhia marítima da Associação Afrodescendente – Nacionalismo Negro em Cuba.

sóciocomunitária e de autoconhecimento para o povo Negro. A Estrela Negra é a identidade gráfica do Fundamentalismo Africano, ou seja, a teoria política da UNIA.

Figura 16 - Estrela Preta



Fonte : produzida pelo autor

Nas palavras de Marcus Garvey : “Deixe que África seja a estrela que nos guia. Nossa estrela do destino” (Garvey, 1986,p.5, tradução nossa) . Em uma interpretação política, Marcus Garvey faz um apelo às populações, que assumiram conscientemente a experiência africana (Estrela Negra) como um centro transformador e dinâmico de suas vidas, pensamentos, projetos, experiências, planos e objetivos. Há um entendimento metafísico para a Estrela Negra como alegoria do conhecimento advindo dos sentidos, e mesmo da orientação cósmica como guia de um novo ciclo ¹¹¹.

Diante das lutas interafricanas pela destruição do sistema colonial entre 1950-1970, o movimento Pan-Africanista também estabeleceu uma projeção política e econômica para a unidade continental africana, acampados nas propostas de Cheikh Anta Diop, Kwame Nkrumah, Julius Nyerere¹¹², Haile Selassie I e Amílcar Cabral¹¹³, por exemplo. A construção

¹¹¹ Esta nossa observação sobre a Estrela Preta dentro de uma perspectiva cósmica, metafísica para além da explicação histórico materialista está em consonância com declarações de Amy Jacques Garvey sobre o pai de Marcus Garvey como um Mestre Maçon (2014), com os estudos sobre a relação de membros da UNIA e a cultura Kemita realizados por Vanessa Davies (2020) e com os trabalhos de historiadores da comunidade Negra naquela época, tais como os John G. Jackson (autor de *Ethiopia and the Origin of Civilization*, publicado em 1939).

¹¹² Julius Nyerere (1922-1999) foi um militante Pan-Africano , professor e escritor responsável por administrar a unidade política de Tanganica com Zâmbia no início da década de 1960, gerando a Tanzânia, uma das bases interafricanas da Renascença Histórica e historiográfica desencadeada na década de 1950 por Cheikh Anta Diop.

¹¹³ Amílcar Cabral (1924-1974) foi um militante Pan-Africanista, organizador comunitário e engenheiro agrônomo de formação. Amílcar Cabral foi um dos fundadores do Partido Africano para Independência de Cabo Verde e Guiné Bissau (PAIGC) em 1956, entidade responsável pelo maior movimento Revolucionário na Costa Ocidental Africana da segunda metade do século XX . O militante foi assassinado em 1973, mas deixou um legado incomensurável da unidade política envolvendo teoria e prática Pan-Africanas.

da unidade africana se estabeleceu como causa necessária para que o usufruto da abundância de recursos do continente africano fosse administrado pelas próprias populações africanas.

A UNIA imprimiu integridade às iniciativas da diáspora africana pela unidade política-administrativa continental. As lutas por justiça e de enfrentamento ao sistema cultural racista-capitalista também ajudaram a transmitir integridade das comunidades africanas. Os Congressos Pan-Africanos¹¹⁴ ocorridos entre as décadas de 1900-1920 não contaram com a participação direta de Marcus Garvey, mas de membros da UNIA. Nesse período, pode-se dizer que o Pan-africanismo foi marcado por uma excessiva participação de acadêmicos, tais como W.E.B. Du Bois¹¹⁵, que se mostraram refratários e agressivamente críticos a Marcus Garvey. Ironicamente, a história do século XX mostrou que o Nacionalismo Negro Universal da UNIA modificaria o perfil de todos os movimentos africanos de caráter anticolonial do período entre 1900-1930, isso ocorreu fundamentalmente com o Movimento Pan-Africanista, repleto de críticos a Marcus Garvey.

Paralelo à maturação do Pan-Africanismo (1880-1940), surgiram movimentos como o Pan-Arabismo, Pan-Americanismo, Pan-Eslavismo e Pan-Negrismo, todavia, o Pan-Africanismo foi o único duradouro e que manteve uma dinâmica permanente de autodesenvolvimento. Entre os motivos da vitalidade cultural do Movimento Pan-Africanista estão o seu sentido de proatividade; a preservação de valores ancestrais africanos; a necessidade constante de organização sócio-comunitária; a persistência de uma cultura de resistência ao racismo capitalista (colonial/neocolonial); e finalmente, a diversidade de linguagens e expressões assumidas pelo movimento Pan-Africano ao longo de sua história no século 20 (Yabara, 2014).

Considerar que existe uma diversidade de expressões da ideia e movimento Pan-Africanista não significa afirmar que existem “Pan-Africanismos” ou que a origem no movimento foi recente em uma diáspora anglófona motivada pela resistência à escravidão¹¹⁶. Essa é uma definição academicista e sob o nosso ponto de vista tendencialmente limitada¹¹⁷. Na teoria e na prática, o Pan-Africanismo de forma fragmentada e destituído de objetivos

¹¹⁴ Congressos Pan-Africanos foram eventos periódicos organizados por militantes Pan-Africanistas nascidos na diáspora e no continente africano. Os primeiros eventos ocorreram entre os anos de 1900 e 1945.

¹¹⁵ W.E.B. Du Bois (1868-1963) – nascido nos EUA, foi um escritor, historiador, professor e economista alinhado ao marxismo, comunismo e Pan-Africanismo. Participou nos campos político e acadêmico dos embates sobre raça nos EUA. Um de seus maiores adversários políticos foi Marcus Garvey.

¹¹⁶ Essa é a visão dominante sobre o Pan-Africanismo no Brasil, principalmente em academias e entidades de esquerda, objeto de nossa respeitosa discordância.

¹¹⁷ Teóricos sedentários se constituem como um grupo transacadêmico de comentaristas sobre assuntos envolvendo Pan-Africanismo, Nacionalismos Negros e movimentos sócio-comunitários, a ausência de deslocamentos, ou seja, ações práticas sobre o que se comenta é uma característica marcante nesse tipo de teórico.

concretos é submeter a experiência histórica Pan-Africana à desafrikanização, especialmente no que se refere à desagregação¹¹⁸.

1.6.2.1.2 Dimensões históricas e cultural do Movimento Pan-Africanista

Considerando a definição base do Pan-Africanismo como ideia e movimento, é importante demarcar a natureza de ambos. A ideia refere-se aos valores e objetivos milenares em prol da organização sóciocomunitária no continente africano. O movimento alberga um redirecionamento político sistemático de valores e objetivos para a organização sóciocomunitária tradicionais africanas na diáspora, face à sequência de agressões escravistas dominantes entre os séculos XVII e XIX. Foi nesse contexto que ocorreu a ascensão de Quilombos e da Revolução Haitiana. A consideração sobre Pan-Africanismo enquanto ideia e movimento nos permite trabalhar com a dupla dimensão do movimento, uma milenar e outra secular.

Abdul Karim Bangura (2011), Tdka Kilimanjaro (2011) e Obadele Kambon (2017) apontam para uma origem milenar dos elementos que historicamente compõem a ideia o Pan-Africanismo no próprio continente africano, tais como a solidariedade, a gerontocracia e fundamentalmente a necessidade de organização sóciocomunitária. Essa historicidade é demarcada pela longa duração e tem como referência principal as iniciativas endógenas pela coesão comunitária. Existem expressões linguísticas que exemplificam a perspectiva de coesão comunitária, como no caso de Sema Tawi, que em sesh medew netjer significa “união das duas terras”, uma menção à unificação do Alto Kemet e do Baixo Kemet em uma mesma nação federal por volta de 3.100 A.E.C. (Tdka, 2011).

¹¹⁸ Há historiadores que centralizam a origem do Pan-Africanismo na Diáspora africana nos EUA e circunscrita aos falantes da língua inglesa, o que também é objeto de nossa discordância.

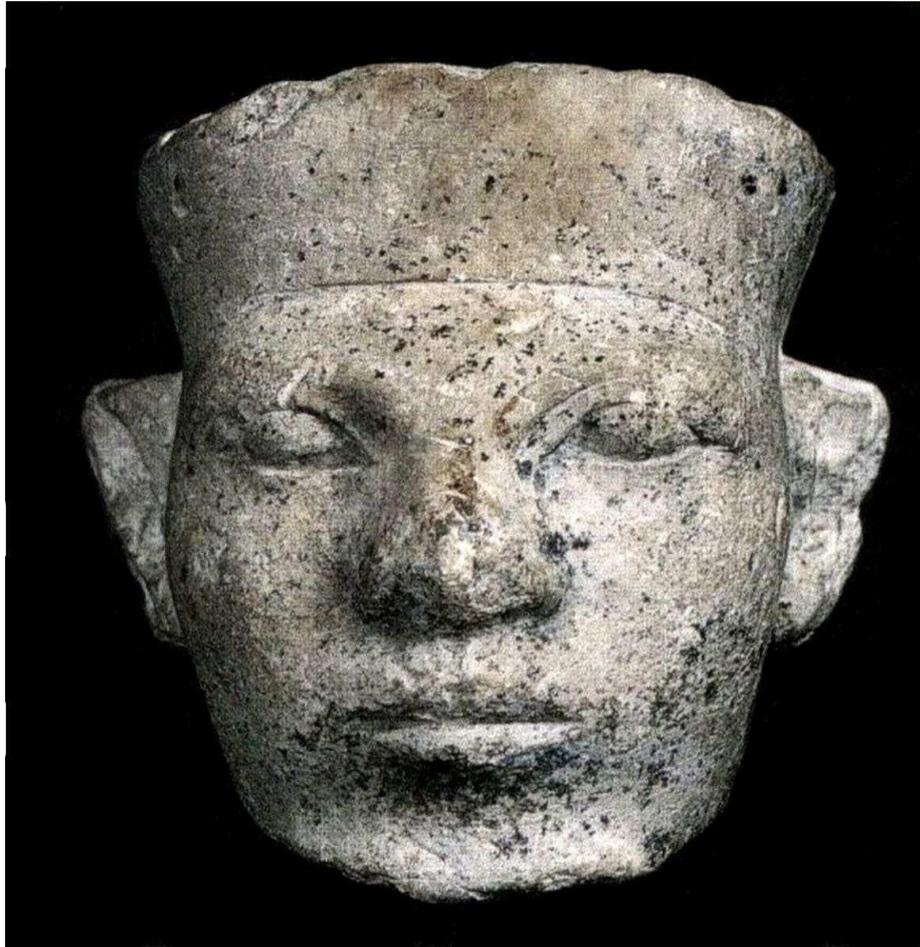
Figura 17 – Sema (unidade) na escrita medew netjer



Fonte: A beginner's introduction to Medew netjer

O nosso referencial para pensar a dimensão milenar do Pan-Africanismo é pautado pelas práticas de organização sócio-comunitária iniciadas na antiguidade histórica africana, marcadamente durante a Era Neolítica, que abrange o período histórico pré-dinástico (17.000-3000 A.E.C.), fase anterior à unificação das regiões Sul e Norte (Sema Tawi) do Kemet (Diop,1979) (Diop,1991) (Keita, 2015). O Nswt Narmer representou o centro de governação político-militar e espiritual dessa unificação. A seguir, foto de um busto representando o Nswt Narmer, o Unificador.

Figura 18 – busto de Narmer , considerado o possível Primeiro Nswt do Kemet



Fonte <https://www.thecollector.com/narmer-first-egyptian-pharaoh/>



Há outros exemplos de expressões africanas de coesão, como a palavra UMOJA que na escrita kiswahili significa Unidade; o ideograma adinkra Nkonsonkonson (Akan) cujo significado também se refere à Unidade, e a palavra Ubuntu, um termo do complexo linguístico Bantu que expressa a interdependência entre pessoas: “eu sou porque nós somos”. Esses são alguns dos exemplos de termos milenares que simbolizaram o espírito cultural da organização e coesão sócio comunitária no contexto africano continental.

Figura 19 - ideograma adinkra Nkonsonkonson (Akan), simboliza unidade e relação entre seres humanos. Os Akan é um dos grupos humanos da Costa Ocidental Africana que está na origem das comunidades Marom da Jamaica.



Fonte : https://www.majoritynotminority.co.uk/ourshop/prod_7511013-Adinkra-Symbol-Nkonsonkonson.html

Essas práticas e ideias ultrapassaram as fronteiras geográficas e temporais da antiguidade histórica africana no Vale do Hapi para se manifestarem em confluência por todo o continente africano como um sistema de pensamento filosófico complexo (Diop,1979).A penetração árabe no Oriente e no Norte do continente africano perdurou entre os séculos VIII-XV E.C. Essa penetração foi seguida por um intenso holocausto escravista racial foi cada vez mais inserido no Bilad as Sudan, denominação árabe para a Costa Ocidental africana, cujo significado é Terra dos Negros (Keita, 2015).

Durante a Era Comum (E.C), essas incursões árabes foram fundamentais na aniquilação dos impérios africanos de Uagadu (séc.XIII) , Mali (séc. XIII) e Songai (Séc. XV), por exemplo. O avanço desse sistema escravista racial acumulou uma gama conhecimentos geográficos e técnicos decisivos para a otimização do comércio escravista europeu, iniciado nos séculos XV-XVI E.C. Mesmo os estados que ensaiaram uma soberania nacional, mantendo-se fora da expansão islâmica através de diversas formas de resistências, sucumbiram ao sistema escravista europeu, como foi o caso do Daomé (atual Benin).

O sistema escravista internacional de seres humanos introduziu no território africano suas bases institucionais (igrejas, campos militares, senzalas) e de produção de bens em escala (plantations¹¹⁹, engenhos e moinhos), que enfraqueceram a segurança local, fomentaram conflitos e forjaram instabilidades políticas. Missões religiosas cristãs (batistas, católicas e anglicanas) se inseriram no território africano como pseudo-mediadoras de conflitos entre comunidades. Muitos dos quais fomentados pelas próprias missões. A rede de penetração

¹¹⁹ Plantation: sistema de agricultura de base escravista típica do colonialismo nas Américas, caracterizado pela não rotação de culturas e grandes fazendas

escravista alimentava divisões e vulnerabilizava comunidades por meio de uma trama de favores, empréstimos até chegar ao controle total sobre as populações, como foi com o Reino do Kongo em sua controversa relação com Portugal¹²⁰ nos séculos XVI e XVII.

Há outra linha de interpretação histórica, que considera a origem do Pan-Africanismo unicamente secular, localizada no contexto de resistência africana contra o sistema escravista na diáspora. O ponto decisivo dessa proposta interpretativa é o século XVIII, os estudiosos Hakin Adi (2019), P. O. Esebede (1994) e Amzat B. Yabará (2014) corroboram com essa linha de interpretação¹²¹. Os marcadores centrais dessa perspectiva histórica são os movimentos de resistência africana nas Américas sob regência de Quilombos, Cumbes e Palenques; o processo revolucionário haitiano; e finalmente, toda a movimentação de organização política anticolonial realizada entre as décadas de 1880-1940, período de formalização, ou maturação, do movimento Pan-Africanista, em que a UNIA está inserida.

As dimensões históricas milenar e secular do Pan-Africanismo são complementares entre si. A importância da visão milenar para nós está na cultura de organização sócio comunitária dos povos africanos, que exigiu a sociabilidade e a formulação comunal de princípios ordenadores voltados ao bem-estar individual e coletivo, como no caso dos princípios de Maat (no Kemet), da Carta de Kurukan Fuga (no Império do Mali) e das práticas culturais em conselhos de jurisprudência espalhadas por todo o continente africano, inclusive com a utilização de jogos de tabuleiro ao estilo Bao¹²² (Ki-Zerbo, 1975).

A dimensão secular do Pan-Africanismo corresponde, principalmente, às resistências aos sistemas europeus escravista em África e na diáspora entre os séculos 16 e 19. Por conseguinte, as resistências no território africano assumiram formas de insurreições, migrações em massa, revoltas e sabotagens às estruturas portuárias para o tráfico internacional de seres humanos (Mbokolo, 2010). Posteriormente, a partir do século XVI nas Américas, essas resistências deram corpo à formação de Quilombos e rebeliões, que atingiram o seu ápice com o processo revolucionário vitorioso do Haiti na virada do século XVIII- XIX como anteriormente demarcamos.

Cheikh Anta Diop (1979) propôs e desenvolveu uma historiografia de longa duração, não linear, holística e cíclica, que nos permite a percepção de continuidade entre as

¹²⁰ Patrício Batsikama é autor do livro *Lúmbu: a democracia no antigo Kôngo* (2014), onde é apresentado com detalhes do arranjo social do antigo Reino do Congo em torno do cosmograma Dikenga.

¹²¹ No Brasil, Abdias Nascimento localiza o em seu livro *O Quilomismo* (2002) Quilombo de Palmares como uma referência histórica e simbólica das expressões do Pan-Africanismo no país.

¹²² O jogo Bao pertence à família de jogos africanos de tabuleiros com cavidades sobre a sua superfície. Esses jogos são equivocadamente denominados de Mancalas, palavra em árabe para essa família africana de artefatos.

dimensões históricas secular e milenar do movimento Pan-Africanista. Nós partimos do princípio que a organização sociocomunitária africana durante a antiguidade histórica está na origem das ideias fundamentais Pan-Africanistas, e que, portanto, as práticas Pan-Africanas antecedem a conceituação/terminologia propriamente dita do movimento no final da década de 1890. Dentro dessa abordagem histórica bidimensional do Pan-Africanismo, a UNIA representa na diáspora africana a continuidade cultural de uma tradição milenar de organização sócio-comunitária e a continuidade secular de resistência à dominação racial escravista.

1.6.2.1.3 Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico

Foi com o intuito propositivo de interpretação que elaboramos o Pan-Africanismo Histórico¹²³, uma teoria do conhecimento baseada na experiência africana de organização sócio-comunitária em África e na sua Diáspora. A Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico está dividida em três grandes fases ou períodos :1. Período Milenar (17.000 A.E.C. a 200 E.C.); 2. Período Intermediário (300 – séc. XV E.C.); e 3. Período Secular (XVI E.C.- aos dias atuais).

Tabela 1- Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico

O PERÍODO MILENAR (17.000 A.E.C. – 300 E.C.)	PERÍODO INTERMEDIÁRIO (200 – SÉC. XV E.C.):
Refere-se ao processo de sedentarização e organização sócio-comunitária iniciado no paleolítico superior/neolítico (40-30.000 A.E.C.) e ampliado aos períodos Pré-dinástico e Dinástico do Kemet . O Vale do Hapi foi o centro geográfico desse processo de sedentarização, onde os povos mais antigos da região edificaram a nação de Kush e por extensão o Kemet . As migrações intercontinentais possibilitaram que o Vale do Hapi se tornasse uma zona comum de peregrinação e intercâmbio cultural. Monomopata (Sul) e Nok (Oeste) foram duas	Constitui-se por sociedades remanescentes das tradições culturais no Vale do Hapi, tais como Reino do Gana, Mali, Songai, Kanem Bornou, Kuba, Oyo, Benin e Reino Kongo. Essas sociedades detiveram um alto nível de cooperação comunitária, gênio tecnológico e desenvolvimento comercial. Foi nesse Período Intermediário que as sociedades africanas enfrentaram no oriente e norte do continente a expansão religiosa-escravista árabo-islâmica, a partir do século VIII E.C.

¹²³ Iniciamos o desenvolvimento dessa concepção histórica do Pan-africanismo na dissertação : Pan-Africanismo, historiografia e Educação . Experiências em Cabo Verde e no Brasil. Dissertação de Mestrado, 2014.Gomes, Fábio Florenço. A partir da teorização sobre o Pan-Africanismo Histórico nessa pesquisa, nós propusemos nesta tese alguns fundamentos e experimentação teórica de uma disciplina para o estudo da experiência de organização sociocomunitária africana na diáspora brasileira, a Kilombologia. A kilombologia pretende-se como uma base analítica para a experiência de organização sociocomunitária africana no Brasil e de suas conexões com Nacionalismos Negros, Pan-Africanismo, Movimento Rastafari e Renascença Africana. .

<p>nações interligadas ao Kemet, por exemplo. Dentro dessa cronologia geral, o elemento de maior destaque do período milenar é Maat, um sistema holístico de princípios que funcionou como regência do Kemet pré-dinástico e dinástico, envolvendo mais de dez mil anos de história. Em síntese, Maat representava para os kemitas uma espécie de constituição social fundamentada em termos de verdade, justiça, equilíbrio e reciprocidade e ordem.</p>	
<p>PERÍODO SECULAR (XV E.C. EM DIANTE)</p>	
<p>Creditado à expansão forçada de africanos para a diáspora em um contexto de resistências ao sistema escravista cristão. O Período Secular atingiu principalmente as populações sedentárias da Costa Ocidental africana. Esse período é composto por duas fases : 1ª Fase Secular (XVI-XVIII E.C.) ; e 2ª Fase Secular Formal (XIX E.C. – aos dias atuais).</p>	

Fonte: Produção do autor

Tabela 2: Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico - Período Secular (15 E.C. em diante)

1ª FASE SECULAR (XVI-XVIII E.C.)	2ª FASE SECULAR FORMAL (XIX E.C. – AOS DIAS ATUAIS)
<p>Nas regiões costeiras da África Ocidental ocorreram confrontos de africanos contra estruturas do sistema escravista instaladas nos portos e ao longo da travessia atlântica para as Américas. Nas Américas ocorreram inúmeras revoltas de resistência ao escravismo, protagonizadas por Quilombos e Maroons, assim como por meio de sabotagens, guerrilhas e revoltas.</p> <p>O Caribe foi uma grande centro de disputas violentas em torno do escravismo e sua economia. Horace Campbell (2001) pensa o Caribe dividido entre duas culturas que lutaram entre si ao longo dos séculos: a cultura de opressão construída pelos europeus e a cultura de resistência das populações originais da região e as africanas. Especificamente, Port Royal na Jamaica foi uma referência geográfica no Caribe para a comunicação e funcionamento de uma rede de resistências, possibilitando conexões entre América Central, América do Norte e Europa.</p>	<p>A vitoriosa Revolução Haitiana no final do século XVIII e a ascensão de movimentos em prol da organização político-social das populações Negras, tais como o Etiopianismo¹²⁴, os Nacionalismos Negros e o Pan-Africanismo são elementos chave para a constituição inicial dessa fase. Esses movimentos foram e são representados por entidades em África, Américas e Europa. As entidades, a imprensa, os eventos políticos de natureza internacional, a formação de comunidades autônomas, as campanhas de luta por direitos sociais e os embates teórico-científicos perpassam toda essa fase, que possui três marcadores de tempo importantes:</p> <p>1)1880-1940: Formalização do Movimento Pan-Africanista;</p> <p>2)1950-1980: Afirmção Política do Movimento Pan-Africanista e projeção da Unidade Africana;</p> <p>3)A partir de 1990: Resoluções e desafios</p>

¹²⁴ Etiopianismo é um tipo de Nacionalismo Negro com forte caráter universal que ascendeu no final do século XIX e início do século 20 com a resistência Nacional Etíope e com os movimentos das Igrejas Africanas ou Separatistas.

	visualizados pelo Movimento Pan-Africanista;
A) 1880-1940.FORMALIZAÇÃO DO MOVIMENTO PAN-AFRICANISTA	
Período de emergência do movimento Etíopianista; realização de Fóruns e conferências na diáspora africana; fortalecimento de entidades e movimentos políticos de combate ao racismo/colonialismo, que se tornaram referências durante os setenta anos da Fase Secular Formal do Pan-Africanismo Histórico.	EXEMPLOS:
	Vitórias etíopes contra o colonialismo europeu em 1896 e 1941; criação da Associação Pan-Africana em 1897; emprego da terminologia Pan-Africanismo; construção do Congresso Pan-Africano a partir de 1900; realização das Convenções da UNIA (1920-1930), seguidos pelo surgimento do Movimento Rastafari e da Negritude em 1920-1930; teorização sobre a Renascença Africana na década de 1940;
B) 1950-80. AFIRMAÇÃO DO MOVIMENTO PAN-AFRICANISTA E PROJEÇÃO DA UNIDADE AFRICANA:	
Corresponde às décadas em que o Pan-Africanismo fortaleceu-se em África como frente política nacionalista armada anticolonial . Foi nesse período que ocorreram as primeiras independências de nações africanas colonizadas, e que intelectuais engajados (cientistas sociais da unidade africana ¹²⁵) começaram a projetar os fundamentos econômicos e culturais para unidade federal do continente africano; Nessas décadas ascendeu o movimento africano por Reparções, em referência aos séculos de holocausto africano desencadeado por árabes e europeus.	EXEMPLOS:
	Avanço do processo de independências dos países africanos colonizados, inicialmente com o Gana em 1957; Renascença da Historiografia africana entre as décadas de 1950-1980; primeira formulação programática para construção da unidade federal africana (1960); movimentos de guerrilha para independência nacional, marcadamente desencadeados pelo Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) no ano de 1963; criação da Organização da Unidade Africana em 1963; projeto bem-sucedido de unidade nacional entre Tanganica e Zanzibar em 1964; avanço de movimentos por direitos sociais na diáspora africana com a Organização da Unidade Afro-Americana (1964), Us (1965) e Black Panthers Party (1966); teorizações científicas e vivências culturais em prol da transformação social (Afrocentricidade e Kwanzaa no final da década de 1960), e para a criação de instituições de pesquisa e ensino, tais como a Haile Selassie School na Jamaica (1966), The Association for the Study of Classical African Civilizations/ASCAC (EUA) (1984) e do Instituto de Pesquisa e Educação Afro-Brasileira/IPEAFRO (Brasil) (1982); Avanço dos movimento de Reparções nos campos jurídico, político e filosófico, como o : National Coalition of Blacks for Reparations in America (N°COBRA) de 1987; o African Reparation Movement (ARM) de 1993, e posteriormente a Comissão de Reparções da Comunidade do Caribe de 2013 .

¹²⁵ Cientistas Sociais da Unidade Africana é um termo cunhado pelo autor desta tese para designar os agentes empenhados na construção de uma unidade político-administrativa africana. Cheikh Anta Diop é a referência inicial deste grupo científico desencadeado na década de 1950.

C) A PARTIR DE 1990. RESOLUÇÃO E DESAFIOS:	
Atual marcha coletiva de entidades /movimentos para resolução dos desafios do continente africano nos campos da economia, mobilidade, cultura, meio-ambiente, defesa militar, política e educação.	EXEMPLOS: EcoloJah (1999), Habesha Inc.(2002), Afrocentricidade Internacional (2011), Universidade Pan-Africana Marcus Garvey (2011), Movimento Federalista Pan-Africano (2014), Rastafari Continental Council (2017) entre outros;

Fonte: Produção do autor

Destacamos dessa Cronologia Geral, a Fase Secular Formal do Movimento Pan-Africano (do século XIX aos dias atuais). No início dessa fase, o Etíopianismo como um tipo Nacionalismo Negro foi predominante principalmente no campo ideológico e de uma identidade africana. Dentro dessa fase secular e em conexão com o Etíopianismo, estão as referências que formam a nossa tese sobre a sustentação da vitalidade cultural do pensamento de Marcus Garvey ao longo de um século : a UNIA , o Movimento Rastafari e o Devir Renascentista Africano. No tópico a seguir, nós apresentamos uma brevíssima introdução ao Etíopianismo e damos sequência às abordagens sobre UNIA, Movimento Rastafari e Devir Renascentista Africano.

1.6.1.3 Fase Secular Formal do Movimento Pan-Africano : uma Introdução ao Etíopianismo

O Etíopianismo é uma vertente do Nacionalismo Negro e um termo genérico da historiografia para o movimento de dissidência no seio das igrejas missionárias e escravistas no continente africano a partir da década de 1860, tanto nas regiões Sul quanto Ocidental. As décadas de 1860-1880 são convencionalmente utilizadas pela historiografia africana como baliza para o surgimento do movimento Etíopianista (Akpan, 2010).

Na África do século XVIII ocorreram protestos religiosos que faziam referência ao Cristo Negro em oposição ao Cristo Branco dos colonizadores europeus. Nesse contexto, África do Sul e Angola preconizaram ações de renovação ritualística/litúrgica em defesa dos interesses comunitários das populações africanas identificadas com elementos históricos e filosóficos do Cristianismo. Há exemplos de protestos em 1706 com a sacerdotisa Kimpa Vita/Donna Beatrice (Angola) e em 1793 com Mantsope Makheta (África do Sul). Na diáspora africana do século XIX há exemplos de manifestações com a mesma envergadura,

como em 1815 com o Movimento da Igreja Episcopal Metodista Africana nos Estados Unidos (Akpan, 2010).

Mas é no século XIX que ocorre uma movimentação incisiva de dissidência africana das igrejas europeias no continente africano, que foi provocada por agentes que buscavam autonomia política, financeira e litúrgica para as suas igrejas comunitárias. Inegavelmente, a dissidência também foi motivada pela insatisfação de cristãos africanos com o regime colonial de subserviência, cuja cumplicidade das igrejas com o colonialismo foi notória. No geral, houve incidência dessa movimentação em Uganda, Nyassaland, Bechuanaland, Nigéria/Alto Níger, Serra Leoa, Libéria e Etiópia, o que imprimiu ao movimento um caráter heterogêneo dentro de propósitos comuns. No período entre 1860-1940, essa movimentação agregava um arcabouço teológico africano, uma posição política anticolonial, postura de combate ao racismo e contra as igrejas missionárias.

A filosofia e a teologia desse movimento de dissidência se referenciavam a elementos africanos na Bíblia (Duncan, 2015), livro sagrado para os Cristãos em que estão registradas inúmeras referências a Etiópia/Sudão (Kush-Núbia) e Kemet. A tradução da Bíblia para língua inglesa (versão King James) percorreu o continente africano através de missionários a serviço do império Britânico. A Bíblia adquiriu popularidade no seio das comunidades africanas cristianizadas, que destacaram a presença etíope em passagens como a do Salmo 68:31: “A Etiópia terá as mãos voltadas para Deus”.

Na perspectiva de Graham A. Duncan (2015), o contexto do Salmo 68:31 em que um etíope foi contemplado pelo Deus “Bíblico” antes da chegada do cristianismo na Europa foi uma potente força de identificação cultural no meio religioso cristão africano, insatisfeito e resistente ao colonialismo europeu (Duncan, 2015). Essa passagem referente à redenção etíope ao Deus único foi transformada em uma máxima de mobilização anticolonial africana. Em algumas regiões do continente africano como Guiné Equatorial, a Bíblia recebeu uma nova versão popularmente conhecida como A Bíblia secreta dos negros: Doutrina iniciática da África Equatorial Capa (2007). Mas na grande maioria dos casos, o holismo das sociedades africanas prevaleceu na interpretação da narrativa bíblica, indo de encontro às experiências histórica monoteísta milenares no Vale do Hapi.¹²⁶

Albert. A. Boahen (2010) colaborou com a historiografia desse movimento Nacionalista Negro. Na perspectiva do historiador, o movimento foi realmente desencadeado com as igrejas cristãs na Serra Leoa e na África do Sul entre as décadas de 1860-80. A. Bahen

¹²⁶ Vale do Hapi é o termo que consideramos mais adequado para o popularmente conhecido Vale do Rio Nilo, Nordeste Africano.

(2010) defendeu essa ideia a partir da ênfase que intelectuais daquele período e nessas regiões empregaram ao Salmo 68:31. Segundo Boahen (2010), essa foi a base para o surgimento do Etiopianismo e o combustível necessário para desencadear um movimento de Igrejas Independentes (Separatistas) no Sul, no Centro e na Costa Oeste Africana. São exemplos de referências do século 19 a Primeira Igreja Etíope (África do Sul) e a Igreja Profética de Lumpa (Zâmbia).

Essas e outras igrejas da mesma natureza foram polos de conscientização e formação política de intelectuais militantes como Edward Wilmot Blyden (Antilhas/Serra Leoa) e James Africanus Horton (África do Sul), que se engajaram no Etiopianismo com argumentos sobre a independência política, teológica e econômica das instituições cristãs em África. Na década de 1920, essas igrejas mantiveram contatos com a UNIA através do jornal *The Negro World* e de intermediários como Reuben Musaka (África do Sul), um crítico aos procedimentos da Igreja Anglicana na África do Sul.

O engajamento político Etiopianista não esteve restrito ao universo religioso, tratava-se de uma movimentação cultural nacionalista, manifestada em grande parte do território africano e ramificada na diáspora. Um dos intelectuais daquele período que conseguiu agregar militância Etiopianista com questões referentes à educação, história e filosofia foi Edward Wilmot Blyden, um erudito do século XIX no campo político intelectual de combate ao racismo colonial europeu. Edward Wilmot Blyden (1832-1912) foi uma grande influência para pensamento intelectual de Marcus Garvey, principalmente nos campos da educação e da política.

E. Wilmot Blyden nasceu nas Antilhas, exerceu as funções de jornalista e diplomata, radicando-se posteriormente em Serra Leoa, com o apoio da Sociedade Americana de Colonização (SAC). Essa entidade filantrópica foi uma das responsáveis pela embarcação de Negros nascidos nas Américas Central e do Norte para pontos determinados da Costa Ocidental Africana, o que ocorreu dentro de um arranjo de interesses colonialistas e capitalistas. E. Wilmot Blyden escreveu livros entre as décadas de 1880 e 1900, tais como *Christianity, Islam and the Negro Race* (1887); *West Africa Before Europe: and Other Addresses* (1905) e *African Life and Customs* (1908). As suas abordagens centrais priorizaram a crítica ao racismo, a revisão histórica, a educação e a teologia.

O Etiopianismo na perspectiva de E. Wilmot Blyden era um elemento decisivo para integração política entre os povos Negros, foi nesse sentido que ele denominou de personalidade africana (Blyden, 1994) a face genuína dos povos africanos que transcendiam a dominação colonialista. Na perspectiva de E. Wilmot Blyden, a personalidade africana e o

Etiopianismo deveriam ser capazes de unificar as religiões tradicionais, o cristianismo e o islã em África dentro de um mesmo sistema. Prof. Blyden entendia que o continente africano poderia revelar-se como conservatório espiritual do mundo ¹²⁷(1994). As tensões entre as tradições espirituais africanas e as igrejas cristãs europeias sempre existiram em África.

A máxima de Edward Wilmot Blyden de “África para Africanos” foi reutilizada décadas depois por Marcus Garvey e se tornou um dos maiores *slogans* do Nacionalismo Negro Universal da UNIA . No ano de 1862, as palavras de E. Wilmot Blyden seriam grandes presságios do que Marcus Garvey lutaria para materializar em 1920, unir os povos Negros ao redor do mundo:

Enquanto nos mantivermos divididos, devemos esperar sofrimento dos caprichos e veleidade dos outros povos. Nós africanos necessitamos de poder africano .Por isso, temos de construir nações negras; devemos fazer e administrar leis, erigir e preservar igrejas para apoiar o culto sagrado de Deus; temos de ter governos nossos e ter a nossa própria legislação , construir barcos e navega-los nós mesmo ; devemos fazer negócios com o mundo inteiro; ensinar nas escolas e universidades , controlar a imprensa , e assim ajudarmos a formação das opiniões e guiarmos os destinos da humanidade (Blyden, 1994,p.74-76, tradução nossa)

O avanço institucional das denominadas Igrejas Separatistas Independentes em África do Sul no ano de 1884, e as mobilizações empreendidas pelo Pastor Nehemiah Tile no final da década de 1880 na Nigéria resultaram de um processo de tensão política na busca por autonomia das igrejas. Essa busca contribuiu para uma grande rede Etiopianista envolvendo África do Sul, África Central e África Ocidental. Essas foram as forças constituintes do Etiopianismo até 1940. No pensamento de Edward Wilmot Blyden :

A Etiópia estenderá as mãos para Deus! Bênção, promessa de glória! Nós depositamos confiança no Senhor e não na força dos carros e dos cavalos. E, certamente, ao verificar na história do nosso povo como ele foi preservado em seu país de exílio e como a nossa pátria foi preservada de invasões, somos forçados a exclamar: sim, até agora Senhor nos socorreu. (Blyden, 1994, p.358, tradução nossa)

A partir do movimento Etiopianista e de seus intelectuais engajados, surgiram as primeiras reflexões contemporâneas sobre unidade regional africana. E. Wilmot Blyden propôs na década de 1860 uma unificação federal da Costa Ocidental Africana, visando a autonomia político-econômica da região a partir dos seus próprios recursos. Marcus Garvey

¹²⁷ Amadou Hampate Ba (1901-1991) , mestre da oralidade, historiador tradicional, escritor e linguista nascido no Mali, grande conhecedor das instituições e práticas comunitárias da memória africana . Estimulou o diálogo interreligioso em África, participou como militante em movimentos de libertação nacionais africanos e colaborou enormemente na formulação da História Geral da África.

foi um herdeiro desses posicionamentos políticos e fez uma projeção da unidade africana na década de 1920 com um programa de repatriação e industrialização na Libéria¹²⁸. O historiador Rupert Lewis (2018) denomina essa relação da UNIA com a Libéria de Projeto Libéria, nós denominamos de Programa Libéria, mas o que é importante destacar é o grande campo de documentação entre o arquivo da UNIA e mensagens de Marcus Garvey.

Pensamos que a utilização da Bíblia também foi relevante no confronto teológico africano com forças de dominação colonial europeia, levando em consideração o caos espiritual causado pelo próprio cristianismo (Rodney, 2010). O fator preponderante que observamos no Etíopianismo é o nacionalismo aplicado à necessidade de reorganização social das comunidades africanas, sempre considerando o aspecto da espiritualidade. Para além da Bíblia, vozes como a de Edward Wilmot Blyden (São Tomás, Ilhas Virgens Americanas), Alexander Crummel (EUA), Martin Delany (EUA) e Simon Kimbango (Congo) foram organizadoras, contestadoras e críticas severas ao racismo teológico cristão, e ao colonialismo no final do século XIX (Akpan, 2010).

O final do século 19 e início do século XX demarca o ápice da resistência nacional etíope à invasão colonial. Durante a década de 1890, a Etiópia combateu de forma triunfante a tentativa de dominação colonial italiana em seu território, conhecida como a Batalha de Adowa. Os acontecimentos em Adowa estão inseridos nas ofensivas do imperialismo colonial europeu do século XIX, frustrado pela resistência endógena liderada por Menelick II. A vitória etíope em Adowa em 1896 foi uma influência concreta e monumental para o processo de formalização do Pan-Africanismo.

Figura 20 : Retrato artístico da Batalha de Adowa

¹²⁸ Programa Libéria foi idealizado por Marcus Garvey no início da década de 1920, avançou na prática em 2023, fracassou em um conluio entre EUA e o governo da Libéria.



Fonte : <http://www.tadias.com>

Entre os anos de 1935-1941, uma nova tentativa de dominação do território etíope foi comandada pelo fascismo do ditador italiano Benito Mussolini. Após cinco anos de combates em solo nacional etíope as tropas italianas foram derrotadas sob o comando do Imperador Etíope Haile Selassie I, o Rastafari. O movimento Etiopianista permaneceu firme no continente africano na primeira metade do século XX no continente africano através do próprio estado etíope regido por Haile Selassie I e Imperatriz Menen (a partir de 1930). Esses dois eventos etíopes entre as décadas de 1890 e 1940 (Batalha de Adowa e a vitória contra os exércitos de Benito Mussolini) foram os pontos mais altos da história social do Movimento Etiopianista.

As resistências combativas dos etíopes serviram como exemplo para as populações Negras ao redor do mundo africano. No final do século XIX, o Haiti independente mobilizou intercâmbios para apoiar a resistência Etíope ao colonialismo e apreender o funcionamento do Estado dinástico Etíope no final do século XIX. Nos EUA de 1930, a Etiópia tornou-se um símbolo de redenção africana, ideologia política e religiosa que continuou através de gerações (Duncan, 2015). Além dos fatores político-culturais etíopes, a premissa da fé cristã africana também foi um elemento-chave para uma nova concepção teológica no mundo africano.

As igrejas cristãs na Jamaica (Batistas) passaram por muitos abalos estruturais independentistas (também separatistas), que perduraram entre 1823-1920, conhecidas como as “Guerras dos Batistas Negros”. Essa movimentação de ruptura das igrejas na Jamaica foi compatível ao movimento Etiopianista da segunda metade do século XIX em regiões do continente africano. Na África do Sul em 1912, a criação do Congresso Nacional Africano

(ANC) ocorreu em um contexto sociocultural de igrejas independentes, e, conseqüentemente, o ANC foi um suporte para o Etiopianismo na região na década de 1910 (Oloruntimehin, 2010).

O posicionamento de Marcus Garvey sobre religião é para nós nesta investigação o amálgama entre espiritualidade e política Nacionalista Negra Universal, o cerne de uma teologia Etiopianista :

Se acreditarmos na intervenção divina, devemos perceber que chegou o momento em que cada homem e cada raça deve retornar à sua “videira e figueira”. O poder que a África possui não é divino para nós. O poder que sustenta a África é humano, e sabe-se que qualquer coisa que um homem tenha feito, outro homem pode fazer. (Garvey, 1986, p.3-6, tradução nossa)

Na primeira metade do século 20, a UNIA adotou um hino à Etiópia como expressão da sua identidade político e religiosa-espiritual, dois elementos marcantes no Movimento Etiopianista. A canção foi intitulada Hino Universal da Etiópia e escrita pelos membros da entidade identificados como Ben Burrell e Arnold Ford:

Avante, avante rumo à vitória,
Pela Liberdade da África;
Avante, enfrentando o inimigo
Com a força da bandeira
Vermelha, Negra e Verde
Etiópia, está tombando o tirano
Ele cairá de joelhos [...] (Garvey, 2017,p.XX, tradução nossa)

Na diáspora africana, a UNIA foi emblematicamente uma entidade estabelecida no Etiopianismo desde a sua fundação em 1914. O Etiopianismo foi um tipo de Nacionalismo Negro, que serviu de base na formação do pensamento intelectual de Marcus Garvey, através do qual ele conduziu os trabalhos da UNIA, aplicando destaque central ao ensino, a formação :

Antes que possamos ajudar adequadamente as pessoas, temos que destruir a educação das pessoas, a velha educação que os ensina que alguém os mantém Negros, que Deus os esqueceu e que eles não podem se levantar por causa das suas cores. Que a velha educação que lidera essa direção deve ser destruída antes que possamos construir uma nova Etiópia. Nós só podemos construir uma nova Etiópia com confiança, com fé em nós mesmos e com auto realismo, acreditando em nossas próprias possibilidades, que podemos subir ao mais alto na criação de Deus, ao limite mais alto colocado sobre o homem pelo grande Criador. (Garvey, 2004, p.234, tradução nossa)

Marcus Garvey e a UNIA estão conectados à movimentação Etiopianista, além de ocuparem um lugar chave no processo de maturação do Pan-Africanismo Histórico em sua

fase Secular Formal (1880-1940). É o nosso objetivo no tópico seguinte, sublinhar o que denominamos de Épocas Históricas da UNIA, salientando que a entidade foi a maior responsável para a organização, difusão e preservação da memória de Marcus Garvey em um século (1918-2018), considerando as primeiras publicações do *The Negro World* em 1918, grande veículo de divulgação tanto do Nacionalismo Negro Universal quanto do pensamento de Marcus Garvey.

1.6.2.2 UNIA e suas Épocas Históricas

O Movimento Pan-Africanista assumiu Marcus Garvey como uma referência de sua própria história e historiografia no século XX¹²⁹. Não há investigações e literatura clássica sobre o Pan-Africanismo que deixe de mencionar o legado da UNIA. Na nossa proposta, a história da UNIA pode ser dividida em quatro Épocas Históricas dentro do período que denominamos Pan-Africanismo Histórico.

A Primeira Época Histórica da UNIA (1914-1940): o surgimento da UNIA; a centralização administrativa; a expansão geopolítica em sucursais/capítulos; o suporte de comunicação internacional; os empreendimentos financeiros; as reuniões internacionais na forma de convenções (Convenção dos Povos Negros do Mundo); a primeira obra literária compilada e publicada por Amy Jaques Garvey; interações públicas em desacordo à desafrikanização do Kemet por acadêmicos ocidentais eurocêntrico-racistas; o enfrentamento de ameaças governamentais e tentativa de assassinato de Marcus Garvey; as dissidências da UNIA; a criação de um partido político da UNIA (Jamaica) e o enfraquecimento político-econômico da entidade.

¹²⁹ Trata-se de uma polêmica internacional trazida para o Brasil em 2020 através da tradução do artigo *Marcus Garvey was not a Pan-African*, escrito por Reed-Bandele e traduzido pela equipe da Afrocentricidade Internacional (Bahia).

Figura 21: Primeira Convenção dos Povos Negros do Mundo, Liberty Hall, New York, Agosto de 1920.



Fonte : <https://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/garvey-unia-convention/>

A Segunda Época Histórica da UNIA (1940-1975): a ancestralização de Marcus Garvey; o início da historiografia da UNIA; as epistemologias referenciadas no pensamento intelectual de Marcus Garvey; os estudos denominados Garveyistas; e as novas entidades e movimentos inspirados na UNIA ou no pensamento de Marcus Garvey. A Terceira Época Histórica da UNIA (1975-2014) : a difusão patrimonial da Memória de Marcus Garvey em larga escala pelo Movimento Rastafari; os Estudos Garveyistas sob chancela acadêmica; as instituições; a arte com inspiração nas mensagens de Marcus Garvey; o primeiro centenário do nascimento de Marcus Garvey; o Movimento de Reparações politicamente fundamentado no Nacionalismo Negro Universal; a primeira publicação original em francês de uma pesquisa sobre Marcus Garvey; a primeira tradução de livro com mensagens de Marcus Garvey (compilação) para língua francesa; e o Renascimento do Garveyismo na década de 1970¹³⁰.

A Quarta Época Histórica da UNIA (2014 – aos dias atuais): a celebração do primeiro Centenário da UNIA; a primeira tradução de escritos de Marcus Garvey (compilação) para língua portuguesa. Talvez, o elemento mais intrigante desta quarta época histórica da UNIA é a sua aderência aberta ao Kemet, à referência cultural Kemita. A Primeira Época Histórica da

¹³⁰ John Henrike Clarke (1915-1998) historiador nascido nos Estados Unidos da América, fundamental para a qualidade e seriedade da historiografia e crítica historiográfica durante as décadas de 1970-80. Dr. Clarke foi um agente direto no suporte a movimentos, estímulo à formação de entidade, formação de pesquisadores e preservação da memória de Marcus Garvey.

UNIA (1914-1940) é a mais importante para a nossa abordagem nesta pesquisa, mesmo que mencionemos acontecimentos históricos das outras três épocas, especialmente da terceira de 1975 a 2014), que alberga as entrevistas sobre o no contexto do centenário da UNIA em 2013-2014.

Essas quatro Épocas Históricas da UNIA formam a primeira coluna de nossa tese. As as outras duas colunas são formadas pelo Movimento Rastafari e pelo Devir Renascentista Africano. Os próximos dois tópicos, sublinhamos alguns aspectos sobre ambas.

1.6.2.3 Movimento Rastafari

O Movimento Rastafari pode ser compreendido como um caminho de vivência político-espiritual individual e comunitário. Há nesse Movimento componentes do Etiopianismo, do Pan-Africanismo e do Nacionalismo Negro Universal da UNIA, subjugados a uma identidade muito própria adornada por vestimentas, um complexo dietário, artes e literatura específica. A história do Movimento Rastafari manifestado no final da década de 1920 na Jamaica possui raízes históricas profundas no interior do continente africano, carregando consigo extratos culturais de Kush-Núbia, Kemet, Etiópia e Reino do Kongo (Cultura Bakongo).

É necessário pontuar que a literatura livresca sobre o Movimento Rastafari enfrenta uma problemática aguda no campo da escassez, dentro da qual existem problemas de apagamento, objetificação acadêmica e distorções racista eurocênticas. A pesquisa de Danilo Rabelo *Identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981* (2006) é o exemplo de um referencial importante na literatura sobre o tema, ao mesmo tempo que é um trabalho permeado pela objetificação acadêmica e distanciamento cultural das comunidades Rastafari.

O mais recente livro dedicado ao tema Rastafari publicado no país é intitulado *Rastafari - Cura para as Nações*, escrito por André Duarte P. de Albuquerque (2017), que não abordou Leonard P. Howell. Historicamente, Leonard P. Howell foi o organizador da primeira comunidade Rastafari na Jamaica. Ambos os trabalhos entram em contraste com abordagens de autores que optaram por dialogar com bases epistemológicas Pan-Africanas ou de vivenciar as responsabilidades da cultura Rastafari, como nos casos de Ras Miguel Lorne (1995), Robert A. Hill (2001), Ras E.S.P. Mc Pherson (2008) e Giulia Bonacci (2010).

Historicamente, a referência máxima para o Movimento Rastafari no século XX foi a ascensão de Haile Selassie I e da Imperatriz Menen Asfaw ao trono Etíope em 1930. Ras foi

um título de governação provincial na Etiópia e Ta Fari é o nome de batismo de Haile Selassie I (Ta Fari Makonnen). Haile Selassie I também é um título de ascensão teocrática que significa Poder da Santíssima Trindade. A contração da palavra Ras com as palavras Ta Fari originou o nome do Movimento Rastafari na Jamaica entre as décadas de 1920-1930, tema abordado no Capítulo 5 desta tese.

O Ambiente jamaicano de manifestação do Movimento Rastafari foi de organização sóciocomunitária, história do movimento Etiopianista, ações de mobilização Pan-Africanista contra o colonialismo racista e atividades do Nacionalismo Negro Universal da UNIA. Todos esses elementos foram propícios ao aparecimento do Movimento Rastafari no final da década de 1920. A recente história do Movimento Rastafari entre as décadas de 1930 -2000 pode ser dividida em cinco épocas, todas perpassadas pelo Nacionalismo Negro Universal (BARNETT, 2014).

A Primeira Época Histórica do Movimento Rastafari ocorreu entre as décadas de 1930-1948, e possui como parâmetros a Coroação de Haile Selassie I e da Imperatriz Menen em 2 de novembro de 1930; os trabalhos da UNIA (1914-1950); e a doação de um terreno na região de Shashamani (Etiópia) às populações Negras na diáspora interessados pela restauração da Etiópia pós-guerra colonial. Nessa época (1920-1930) surgiram os fundadores do movimento na Jamaica, que professavam a divindade ancestral de Haile Selassie I, entre eles Robert Hinds, Joseph Hilbert e Archibald Dunkley. O movimento foi considerado, inicialmente pelo governo, como uma seita subversiva e contra a ordenação do território jamaicano, o que levou a repressão violenta do governo, responsável por aprisionar, torturar e assassinar adeptos do Movimento. No ano de 1940, Leonard P. Howell (etiopianista e ex-membro da UNIA) fundou a primeira comunidade Rastafari na Jamaica, denominada Pinnacle.

Figura 22 . leonard P. Howell



Fonte: <http://lphfoundation.org/observer-online-readers-comment-heritage-trust-has-no-intention-to-evict-people-from-pinnacle/>

Leonard P. Howell é o elo incontornável do Nacionalismo Negro Universal da UNIA com a tradição do Nacionalismo Negro Etiopianista, elementos que foram incorporados ao emergente Movimento Rastafari . O livro *A Chave Prometida* (1995) foi o contributo literário de Leonard P. Howell, que formulou uma doutrina política e metafísica para a cultura de organização sócio-comunitária Rastafari, identificando África como centro do mundo, denominando Haile Selassie 1 de Rei Alfa e da Imperatriz Asfaw Menen de Rainha Omega, em meio à referências Bíblicas do Primeiro Testamento :

Monte África, a capital do mundo, a nova terra da Bíblia, o lote do triunfante é o lote do Rei Alfa até aos dias de hoje. Os comerciantes de escravos chamavam a capital do mundo, Jamaica, de Índias Ocidentais Britânicas. Antes que as doenças mortais adâmicas envenenassem a família humana com anjos caídos (HOWELL, 1995, p. 17, tradução nossa).

A Segunda Época da História do Movimento Rastafari ocorreu entre os anos de 1948 e 1966. Os principais acontecimentos desse período foram a destruição da comunidade Pinnacle em 1954, a constituição das primeiras entidades Rastafari (Youth Black Faith); e o surgimento das primeiras mansões ou casas de comunhão (Mansão Rastafari/Mansão Nyabinghi). Nesse período houve a emergência das primeiras lideranças do movimento com Bongo Wato (Ras Boanegeres), Arthur e Pan Handle (Youth Black Faith), Prince Emmanuel

Charles (Ethiopia Africa Black International Congress /EABIC), Ras Sam Brown e Mortimo Planno.

No ano de 1961, uma delegação Rastafari foi formada na Jamaica para um programa de visitas a países africanos (Jamaica Back To Africa). Munroe Scarlett, Mr Victor Reid ; Dr. Leslie; Bro. Douglas Mack ; Bro. Mortino Planno; Hon. E. H. Lake, Bro. Philmore Alvarenga, Mr. Cecil Gordon (Ethiopian World Federation) estiveram entre os delegados da comitiva, todos representantes de entidades importantes. A delegação foi pessoalmente recebida por Kwame Nkrumah, presidente do Gana naquele período. No ano de 1962, pela primeira vez, um homem Rastafari (Ras San Brown) candidatou-se a cargo de governação na Jamaica.

O Movimento Rastafari foi influenciado pelos movimentos anticoloniais africanos a partir da década de 1950 com a resistência do Kenya Land and Freedom Army/KLFA no Quênia; e pela Organização da Unidade Africana (OUA), fundada em 1963 na Etiópia. No ano de 1963, o Movimento Rastafari sofreu o seu pior ataque de repressão policial na Jamaica, denominado Massacre de Coral Gardens, onde centenas de pessoas foram mortas, presas e torturadas por discriminação racial (Campbell, 1987). A visita de Haile Selassie I à ilha em 1966 e o seu contato direto com membros da comunidade Rastafari local encerram essa segunda época histórica do movimento.

A Terceira Época Histórica do Movimento Rastafari percorreu os anos de 1966-1981, os três tópicos de referência deste período são a aliança do historiador Pan-Africanista Walter Rodney com comunidades Rastafari na Jamaica em 1968; a criação da entidade Twelve Tribes of Israel (pelo médico conhecido como Profeta Gad); e o surgimento da música Reggae com a influência crucial do Movimento Cultural Nyabinghi desencadeado por Count Oussie, músico e arranjador Rastafari. O Reggae foi uma das maiores expressões artísticas do Movimento Rastafari, um fenômeno musical que entrou em franca ascensão a partir das décadas de 1960-1970 com artistas como Bob Marley , Peter Tosh , Bunny Wailer, Joe Higgs, Third World e Ras Michael and sound of a Negus.

A Quarta Época Histórica do Movimento Rastafari é balizada pelo período de 1981 a 2007, caracterizado por uma sequência de desaparecimentos físicos de homens Rastafari, alguns de forma violenta e outros por idade avançada (Barnett, 2014). A violência atingiu músicos de renome internacional como Bob Marley, Jacob Miller e Peter Tosh. Anciãos históricos do movimento fizeram sua transição nesse período, entre os quais Prince Charles Emmanuel (1994), Ras Sam Brown (1998), Ras Boanegers/Bongo Watto (2000), Profeta Gad (2005) e Mortimo Planno (2006). Essa época também foi marcada por uma crescente perda de prestígio e desafricanização do Movimento, ao mesmo tempo que ascende uma manifestação

cultural esotérica Kemita altamente rebuscada com as ações de George Singleton e Ras E.S.P. McPherson.

A Quinta Época Histórica do Movimento Rastafari foi desencadeada em 11 de setembro de 2007, início do milênio de acordo com o calendário etíope, ou seja, ano 2000¹³¹. Outros dois marcadores dessa fase são a fragmentação, ao mesmo tempo que as tentativas de reorganização de comunidades Rastafari através de um Código de Conduta¹³² e de Conselhos instalados em países como Jamaica (Conselho Milenar Rastafari), Estados Unidos (Conselho Rastafari de Chicago), Guyana (Conselho Rastafari da Guyana) e Gana (Conselho Rastafari do Gana). O mais recente entidade Rastafari com esse perfil é o Conselho Continental Rastafari (RCC), assumidamente influenciado pelas mensagens de Marcus Garvey.

A Primeira Época Histórica do Movimento Rastafari (1930-1948) é um marcador para a nossa abordagem nesta investigação, uma vez que ela está parcialmente inserida no contexto histórico da UNIA de 1914-1940. Esse foi o período de maior atividade da UNIA na Jamaica sob direção e co-direção de Marcus Garvey. A terceira fase do Movimento Rastafari (1966-1981) também é de suma importância porque foi nela que o Movimento fez um trabalho de difusão das ideias de Marcus Garvey e da imagética da UNIA.

O Movimento Rastafari possui uma literatura e uma tradição literária internacional muito diversificada e sofisticada, sempre calcada no pensamento de Marcus Garvey. Entretanto, como já salientado, essa literatura não possui circulação no Brasil, sendo limitada à referências Bíblicas¹³³ um tanto desafricanizadas e sem suporte na literatura política Etiopianista, Pan-Africana ou histórica, por exemplo. Esse mesmo sentido de limitação literária atinge a Renascença Africana, ideia desenvolvida por Cheikh Anta Diop em 1948, oito anos após o desaparecimento físico de Marcus Garvey, e durante a primeira fase do Movimento Rastafari. A seguir, elaboramos um breve tópico a fim de demarcar alguns aspectos importantes sobre a Renascença Africana tratada nessa tese.

¹³¹ Calendário Etíope é teocrático, cristão e alinhado as liturgias da Igreja de Tawahedo. As suas datas principais como o Enkutatas (Ano Novo) são comemorados em diferentes lugares do continente africano e em sua diáspora por comunidades de religiosos, Nacionalistas Negros, Pan-Africanistas e Comunidades Rastafari. Há uma diferença de sete anos para menos do calendário corrente no ocidente (gregoriano) e o calendário etíope.

¹³² Código de Conduta Rastafari é um documento produzido no ano de 2004 por entidades Rastafari na diáspora africana

¹³³ O autor deste trabalho entende que a Bíblia jamais foi o único livro a ser consultado pelos adeptos do Movimento ou Caminho Rastafari, ao mesmo tempo, a difusão científica produzida no mundo africano e as instituições do conhecimento oferecem recursos endógenos histórico e culturalmente coerentes às realidades das comunidades africanas ao redor do mundo. Nesse contexto, a Bíblia e o cristianismo estão em um processo de reavaliação e em alguns casos são inexistentes em vivências Rastafari.

1.6.2.4 Renascença Africana

A Renascença Africana está diretamente referenciada ao artigo escrito por Cheikh Anta Diop, publicado em 1948 com o título de Para quando falaremos de uma Renascença Africana (1990). Nesse documento, o jovem Diop argumentou sobre a existência de uma cultura africana fora do prisma de influências e controle colonial europeu. Essa cultura africana Renascentista ou esse “devir” cultural, na perspectiva de Cheikh Anta Diop, era uma condição indispensável para a reorganização política e administrativa do continente africano face o colonialismo.

Cheikh Anta Diop denominou esse processo de Renascença, uma derradeira retomada da consciência histórica africana como razão da descolonização e das independências nacionais. Na visão do jovem Diop, a ausência de uma Renascença Africana possibilitaria que africanos continuassem descartando as suas próprias culturas, especialmente as línguas maternas (Diop, 1990).

A literatura sobre Renascença Africana possui uma abordagem diversificada e instigante, mesmo não sendo tão numerosa quanto a produção sobre Nacionalismos Negros, Pan-Africanismo e Movimento Rastafari. Entre o final do século XX e início do século XXI, um dos estudiosos mais importantes sobre Renascença Africana é Doue Gnonsea, autor de Cheikh Anta Diop, Théophile Obenga : Combat pour la Re-naissance africaine (2014). Nesse livro, o autor considera que :

O renascimento é um fenômeno que ocorre geralmente entre os povos que, por razões diversas, atravessaram um período mais ou menos longo de obscurantismo, de regressão generalizada e de decadência. Para ser plenamente realizado, este renascimento é, antes de mais, cultural e intelectual (Gnonsea, 2014, p.15, tradução nossa)

A abordagem de Doue Gnonsea contempla a nossa perspectiva de pesquisa por dois motivos principais, o estudo cruzado de Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga no âmbito do fenômeno renascentista. O segundo motivo principal, a concepção da Renascença Africana como processo de ruptura com paradigma colonial da destruição através da construção de uma unidade federal do continente africano e do mundo africano de uma forma geral, considerando o contributo científico desses dois autores citados.

O único livro que aborda a Renascença Africana de forma mais sistemática em língua portuguesa foi organizado por Lalegapuru William Makgoba, sob o título de Renascença

Africana . A nova Luta (2014). Uma coletânea de textos sobre uma diversidade de perspectivas sobre a Renascença. A obra resulta de uma conferência realizada em 1998 na África do Sul sobre o tema, entre os quais Thabo Mbeki, Dialo Diop, Kwesi Kwaa Prah, Chinweizu e outros agentes importantes no mundo africano contemporâneo.

A Renascença Africana é indissociável à construção de uma unidade federal do continente africano e de uma soberania global das populações Negras. Nesse sentido, observando a complexidade, urgência e conteúdos produzidos pela tema entre 1940-2010, o seu caráter científico é inegável e está atrelado a um combate como aponta Doue Gnonsea (2014), ao estudar as obras de Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga.

Na nossa perspectiva, a Renascença Africana evoca uma genealogia sobre pensamentos, projeções e produções sobre a unidade africana, a própria complexidade do tema exige o que denominamos nesta tese de Ciências Sociais da Unidade Africana. No campo da genealogia, Marcus Garvey é considerado por nós a grande referência sobre unidade político-administrativa do continente africano e soberania global das populações Negras. Nesse sentido, o tema Renascença Africana é uma das colunas responsáveis pela salvaguarda da memória intelectual de Marcus Garvey .

O tema Renascença Africana segue a linha problemática da escassez literária em língua portuguesa no Brasil, já verificada com Nacionalismos Negros, Pan-Africanismo e Movimento Rastafari. No caso Renascentista, observamos um misto de ambiguidades no tratamento ao tema e do apagamento de referências-chave como Cheikh Anta Diop (1990), Théophile Obenga (2013) e Joseph Ki-Zerbo (1975) entre outros.

Figura 23 – Dr. Cheikh Anta Diop



Figura 6 Cheikh Anta Diop

Fonte: <http://www.une-autre-histoire.org>

Aliado às experiências históricas e culturais milenares das sociedades africanas, Cheikh Anta Diop expos em seu artigo sobre a Renascença que o desenvolvimento das línguas africanas e a mudança de mentalidade sobre a história (consciência de unidade histórica africana) seriam as áreas de manifestação do Renascimento Africano, nas suas palavras :

Por todas estas razões - e muitas outras - nós defendemos como pré-condição para um verdadeiro Renascimento Africano o desenvolvimento das línguas indígenas. As pessoas aprendem melhor na sua língua materna, pois há um inegável acordo entre o gênio de uma linguagem e a mentalidade das pessoas que a falam (DIOP, 1990, p.35, tradução nossa).

O artigo de Cheikh Anta Diop é um marco referencial para a ideia de Renascença Africana, que também pode ser lida em três períodos. Definimos três períodos culturais do devir Renascentista Africano no século 20, o primeiro é referenciado entre as décadas de 1900 a 1940, com ações literárias de contraponto ao racismo colonial e científico. Esse período encobre os trabalhos de Martin Delany e de Antenor Firmin (em voga na década de 1900). A teorização sobre a Renascença Africana é o ponto de encerramento deste período.

O Segundo Período cultural do Devir Renascentista Africano percorre as décadas de 1950 a 1980, ilustradas pelo renascimento da historiografia africana a partir de 1954 com a publicação da obra intitulada Nações Negras e Cultura (1954); a primeira elaboração de um

livro com fundamentos econômicos e culturais para a unidade federal do continente africano em 1960 ; o estudos comparado de línguas africanas e início da reabilitação africana do medew netjer a partir da década de 1970; e o maior projeto historiográfico do século 20: a História Geral da África, publicada em volumes a partir de 1980.

Dentro deste Segundo Período é importante ressaltar que o lugar da história como base científica para articulação das ideias renascentistas, o livro Nações Negras e Cultura (1954) é o início da Renascença dentro da História Africana e de sua historiografia. Esse livro contém três elementos em diálogo com o Nacionalismo Negro Universal da UNIA e com as ideias do Movimento Rastafari : 1. A História Africana milenar referenciada no Vale do Hapi; 2. A Filosofia que motiva a superação dos desafios enfrentados pela comunidade Negra através da Ressurreição (como escreveu Marcus Garvey) ou da Renascença articulada por Cheikh Anta Diop; 3. A visão política de uma soberania continental africana;.

No sentido inverso, observamos três diferenças cabais da Renascença proposta por Cheikh Anta Diop em relação ao Nacionalismo Negro Universal e ao Movimento Rastafari : 1. O aparato científico multidimensional; 2 o transcender religioso abrahamico ; 3. A visão política-cultural intercontinental africana articulada a linguística;. Nesta tese, entendemos que a Renascença Africana é responsável por um precioso impacto cultural sobre o Nacionalismo Negro e o Movimento Rastafari, principalmente através desses três elementos de diferença. Esse é ponto de nossa hipótese comentada em tópico posterior.

O Terceiro Período da Renascença Africana está em curso desde a década de 1990 com tensões em torno do significado de Renascença Africana; iniciativas de ensino comunitário de Medew Netjer na África do Sul, Gana e Sudão; Difusão literária sobre Renascença Africana; crescente abordagem holística e metafísica da Renascença Africana .

A presente investigação está dialogando com esses três épocas da Renascença Africana e com especial ênfase ao primeiro período entre 1900-1940. Na nossa tese, o segundo período cultural do devir Renascentista Africano possui dois elementos de forte referencial : a história /historiografia renascentista africana; e a projeção de um estado federal africano, duas teses dimensionadas por Cheikh Anta Diop. Esses dois elementos encontraram eco no ambiente cultural da UNIA e do Movimento Rastafari.

O devir Renascentista Africano também começou a influenciar a UNIA e Movimento Rastafari, oferecendo a ambos ferramentas científicas de autocrítica, especialmente em relação ao cristianismo e à história africana, durante a antiguidade no Vale do Hapi. Os sinais de identificação de membros da UNIA e do Movimento Rastafari com o Kemet não é novo, mas talvez nunca foi tão aberto na contemporaneidade. A nossa pesquisa identificou uma

contínua movimentação de racionalidade histórica e esotéria africana tanto no Nacionalismo Negro Universal da UNIA quanto no Movimento Rastafari na virada do século XX para o XXI.

1.7 Questões da tese:

A nossa investigação possui duas questões-chave, que são respondidas nas conclusões da tese :

- 1.Quais os fundamentos e conteúdos centrais do pensamento educacional e político de Marcus Garvey ?
- 2.Em qual contexto se deu a visita do Dr. Julius Garvey no Brasil em 2013 ?

1.8 Hipótese

A hipótese desta investigação é que a ideia de uma Renascença, Renascimento ou devir Renascentista Africano é mais que uma das colunas de sustentação da vitalidade cultural do legado intelectual de Marcus Garvey. Pensamos hipoteticamente que a Renascença é um inexorável agente de transformação tanto para o Nacionalismo Negro Universal quanto para o Movimento Rastafari, especialmente no âmbito da coerência histórica e prática cultural.

1.9 Estrutura da tese

Optamos por uma divisão da tese em três partes, a primeira dedicada ao contexto histórico e mentalidade de Marcus Garvey. Essa primeira parte assume os Capítulos 2 e 3. No Capítulo 2, nós apresentamos um panorama geral e introdução ao contexto jamaicano. No Capítulo 3, nós abordamos algumas das influências na formação da mentalidade de Marcus Garvey . Na segunda parte desta transcrição, Capítulos 4, 5, 6, 7 e 8, abordamos as três colunas da tese, o Nacionalismo Negro Universal, o Movimento Rastafari e a Renascença Africana. A terceira parte resguarda o Capítulo 8, com o exame histórico do pensamento educacional e político de Marcus Garvey, seguido por uma conclusão.

O exame histórico do pensamento educacional e político de Marcus Garvey é apresentado em um quadro, seguido por uma análise da visita do Dr. Julius Garvey ao Brasil em 2013 nos preparativos do centenário da UNIA em 2013-2014. Há uma breve consideração final em que exploramos a nossa proposta de um campo para estudos e vivências,

complementada por uma síntese dos contributos desta tese. A extensão desta introdução reflectem a necessidade de se colmatar uma série de referências em escassez na literatura disponível em língua portuguesa sobre Marcus Garvey, Nacionalismos Negros, UNIA, Pan-Africanismo, Movimento Rastafari, Renascença Africana e outros temas aqui tratados.

2 PANORAMA GERAL E INSERÇÃO AO CONTEXTO HISTÓRICO JAMAICANO

Os Negros das Índias Ocidentais celebram sua emancipação no primeiro dia de agosto de cada ano. (...) Nós somos os descendentes dos homens e mulheres que sofreram neste país por 250 anos sob a bárbara e brutal instituição conhecida como escravidão. Você que não perdeu a sua história, lembrará que 300 anos atrás seus ancestrais foram retirados do grande continente africano e trazidos aqui com o propósito de serem utilizados como escravos (...) Eles sofreram, eles sangraram, eles morreram. Mas com seus sofrimentos, com o sangue que derramaram em suas mortes, eles tiveram a esperança de que um dia seu futuro seria livre, e estamos reunidos aqui esta noite, como filhos de sua esperança. (Garvey, 1967, p.30) (tradução nossa)

A experiência histórica do Negro ao redor do mundo africano (África e sua Diáspora) foi a primeira base para a constituição do pensamento intelectual de Marcus Garvey e, ao mesmo tempo, um conteúdo fundamental nos seus discursos oferecidos há grandes audiências entre as décadas de 1910-1930. Na epígrafe acima, Marcus Garvey deixa nítida a sua preocupação com a memória e com a história do Negro nas Índias Ocidentais (Caribe). Lê-se na referida epígrafe elementos que evocam ancestralidade, temporalidade e a consciência histórica de que a escravidão foi uma condição criminosamente imposta, jamais aceita ou naturalizada entre as populações africanas subjugadas. Na perspectiva de Marcus Garvey, não havia entre pessoas Negras de sua época nenhuma identificação positiva com o período escravocrata, mas um sentimento dúbio de busca por justiça e de esperança.

Este capítulo está inserido na 1ª Fase Secular do Pan-Africanismo Histórico entre os séculos XVI-XVIII E.C¹³⁴., que alberga múltiplas formas de resistências africanas à escravidão e projeções políticas. Estas resistências podem ser referenciadas nas comunidades Quilombolas (América do Sul, Brasil) e Maroon (Caribe, Jamaica); na Revolução do Haiti (S. Domingos -Caribe) e na criação da UNIA (Jamaica), as três partes formadoras do **paradigma africano**¹³⁵ de organização sóciocomunitária na diáspora. O presente capítulo não se furta a abordar frontalmente o problema do eurocentrismo aplicado à historiografia dessas experiências nas Américas.

¹³⁴ A1ª Fase Secular do Pan-Africanismo Histórico (séculos XVI-XVIII E.C), trata-se de uma cronologia geral que ilustra o Paradigma de Organização Sóciocomunitária Africana na Diáspora, a teoria do Pan-Africanismo Histórico e o seu campo de estudos, a Kilombologia. Para mais informações, ver a nossa Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico no Capítulo 1.

¹³⁵ Paradigma Africano de Organização Sóciocomunitária na Diáspora, uma formulação teórica formulado nesta tese como parte complementar de uma teoria (Pan-Africanismo Histórico) e um campo de estudo (Kilombologia).

No Brasil, o eurocentrismo historiográfico é de base lusotropical e tem sido determinante nas distorções sobre todos os temas que dizem respeito à nossa tese, das resistências ao escravismo a Marcus Garvey e seu legado. A escassez literária sobre os temas Pan-Africanismo, Nacionalismos Negros, Movimento Rastafari e Renascença Africana possui relação direta com o lusotropicalismo dominante nas academias brasileiras.

Nesta pesquisa, pensamos que esse problema do lusotropicalismo deve ser enfrentado por uma via teórica e outra prática simultaneamente. A via teórica crítica é a aplicação prática do **Pan-Africanismo Histórico**¹³⁶ na composição de um painel geral das resistências ao holocausto africano. O Pan-Africanismo Histórico nos permite pensar o holismo; a longa duração; a não linearidade e a ciclicidade como elementos de um campo de manifestação das experiências culturais de organização sóciocomunitária africanas. Nessa via prática, são determinantes dois tipos de resistências africanas, a da cultura e a do confronto. A via prática de experiências de enfrentamento à escravidão no contexto do Pan-Africanismo Histórico na Jamaica é a resistência Maroon, conteúdo cultural de base na formação do pensamento intelectual de Marcus Garvey.

Este capítulo também é um exercício geral de crítica à historiografia eurocentrista sobre o escravismo que ancora academicamente o lusotropicalismo e a forma de tratamento aos temas que tratamos nesta pesquisa, inclusive a escassez literária. O objetivo deste capítulo é evidenciar a organização sóciocomunitária Maroon como pilar das resistências que antecederam Marcus Garvey e a UNIA na Jamaica, essa antecedência forma um Prelúdio Garvey. No cumprimento deste objetivo, trabalhamos com três sessões temáticas, a primeira dedicada ao problema do eurocentrismo lusotropical sobre a história africana na diáspora.

Na segunda sessão temática deste capítulo, salientamos as resistências africanas entre os séculos 17-19, com um enfoque especial no advento Quilombola (Brasil) e de St. Domingos, Haitiano. A terceira e última sessão deste capítulo é um panorama sobre o contexto de resistência africana Maroon e do Negro urbano na Jamaica, as bases do Prelúdio Garvey.

¹³⁶ Pan-Africanismo Histórico , trata-se de uma proposta de interpretação do Pan-Africanismo como uma teoria do conhecimento sobre as formas de organização sociocomunitárias africanas, tanto no campo histórico milenar quanto no moderno e contemporâneo .

2.1 Inevitável tratar de certa historiografia inaceitável sobre os africanos na diáspora

Uma das características mais marcantes do pensamento intelectual de Marcus Garvey é a sua perspectiva de tempo histórico demarcado pela unidade e pela longa duração. Essa característica pode ser apreciada em suas mensagens produzidas entre as décadas de 1920-1930, e publicadas no formato livro a partir de 1923. A unidade do tempo histórico e a sua longa duração foram duas das colunas da Renascença da História Africana desencadeada na década de 1950 pelo multicientista Cheikh Anta Diop (Senegal). Há um exemplo importante de aproximação entre o pensamento de Marcus Garvey e Cheikh Anta Diop, respectivamente nas décadas de 1920 e 1950, ambos se preocuparam com a desaffricanização das imagens do Kemet em materiais didáticos, salientando os seus impactos negativos na formação intelectual de milhares de jovens Negros ao redor do mundo. A história da África em sua longa duração é um ponto em comum para essas personalidades.

Essa longa duração e unidade tempo representam dois dos fundamentos da historiografia africana que mais incomodam as escolas de pensamento eurocêntrico. A historiografia eurocêntrica assumiu uma posição de norma matriz para a narrativa histórica, conjunto lexical e epistemologias formuladas por outros povos, como no caso africano. A desqualificação intelectual e as acusações de anacronismo foram investidas comuns aos historiadores africanos que assumiram uma posição de combate ao eurocentrismo, anticolonial. Os moldes africanistas para a história africana exigem a fragmentação do tempo, da cultura, da geopolítica e da geografia, descartando as experiências milenares de comunicação interafricana e sentido de unidade, por exemplo. A fragmentação da história africana, na primeira metade do século XX, foi um retrato fiel do propósito colonial de subdivisão do continente africano no final do século XIX, a dominação colonialista do imperialismo europeu.

O livro de Basil Davison (Inglaterra) intitulado Mãe Preta (1961) expressa essa vertente de amenização histórica do holocausto africano. No referido livro, o autor afirma que africanos tiveram uma postura voluntária diante da escravidão, como se a mesma fosse algo comum, um processo natural (Davidson, 1981). Estamos face a um sério problema de concepção da e história e da historiografia, que afeta drasticamente a atmosfera cultural Pan-Africanista que compõe os séculos 19- 20, distorce as mensagens de Marcus Garvey e apaga a

história comunitária da UNIA. O pesquisador Paul Gilroy é um dos críticos a Marcus Garvey e de movimentos para organização sócio-comunitária na diáspora, especialmente aqueles que se mantiveram vinculados às dinâmicas político-culturais do continente africano (Gilroy, 2001)¹³⁷.

Nas últimas décadas do século XX, o Brasil representou uma rota eurocêntrica para propaganda editorial de uma historiografia acadêmica voltada à amenização ou relativização do **holocausto africano**¹³⁸. Além de Paul Gilroy com o seu livro: O Atlântico Negro. Modernidade e Dupla Consciência (2001), outros escritores se empenharam em propagandas teóricas de fundamento racistas, tais como John Thornton (EUA), autor de A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico (1400-1800).

No contexto jamaicano, essas publicações foram confrontadas por estudiosos experientes como Rupert Lewis e Horace Campbell, que, além de serem internacionalmente reconhecidos no mundo acadêmico, são agentes engajados em ações para a organização sócio-comunitária na Jamaica. Esse engajamento reflete-se diretamente na qualidade e função de uma narrativa histórica consequente.

As atrocidades do comércio atlântico de cargas humanas formaram uma parte indelével da consciência do povo africano no Novo Mundo, enquanto trabalhavam diariamente para produzir riqueza para a Europa. O terrível comércio atlântico de escravos durou mais de quatrocentos anos e envolveu três continentes – África, Europa e América. Todos os estados da Europa Ocidental, da Suécia, no Norte, até Portugal, no Sul, participaram do comércio que mudaria a história do mundo. Os povos aborígenes do Caribe e da América Central foram virtualmente exterminados após a busca por ouro e prata. (Campbell, 1987, p.11) (tradução nossa)

Os livros citados de John Thornton e Paul Gilroy foram traduzidos e publicados no Brasil durante a década de 2000, obtendo alta aderência em programas de graduação universitária. Contrariamente ao contexto jamaicano, não houve um confronto sistemático às teorias de John Thornton e Paul Gilroy no país. Entre os motivos desse não confronto no Brasil estão: a formação escolar e universitária eurocêntrica lusotropical; o diminuto contingente de pesquisadores Negros à frente de departamentos de pesquisa universitária; a

¹³⁷ Nesse sentido, as críticas indiretas de Paul Gilroy a Marcus Garvey se tornam ainda mais incisivas quando se trata de Cheikh Anta Diop, voltamos a esse assunto no capítulo seis desta tese.

¹³⁸ Holocausto africano é um termo utilizado pela historiografia Pan-Africanista para designar os séculos de escravidão africana pelos mundos árabe e europeu. Maafa é um termo em Kiswahili para holocausto africano, que se popularizou com as pesquisas e intervenções da Dra Marimba Ani e posteriormente com o Dr. Asa Hilliard.

precariedade das condições materiais no interior de entidades Negras independentes; e a falta de institutos Pan-Africanos para investigação, ensino e disseminação documental.

O trabalho citado de John Thornton (2004) seguiu a linha historiográfica da amenização histórica e relativização das responsabilidades pelo holocausto escravista sobre as populações africanas, tanto no continente quanto na diáspora. O autor se fundamentou no argumento racista de que a escravidão foi uma tradição cultural africana, adaptada ao sistema escravista europeu. Na sequência dessa argumentação questionável sobre os horrores da escravidão, John Thornton (2004) apresenta a tese de um “mundo atlântico”, co-construído pelo africano dentro do sistema escravista e como artífice autônomo do mesmo. Nesse sentido, o escravismo conduzido pelos europeus em África foi um sistema de responsabilidades compartilhadas em seus resultados positivos e negativos, sem vítimas ou algozes, crimes ou genocídio, apenas um movimento da história, impulsionado pelo acúmulo de riquezas oriundo da exploração de seres humanos.

A tese sobre a existência de um “mundo atlântico” é a historiografia escravista ao serviço do apagamento histórico, do engano, da distorção e do silêncio. O autor em questão, John Thornton (2004), concebeu a ideia de um mundo Atlântico a partir da narrativa do homem branco europeu, desbravador e aventureiro, com coragem para se arriscar no desconhecido mar Atlântico (Pratt, 2001). Sutilmente, John Thornton (2004) procura amenizar a brutalidade sem precedentes do escravismo contra as populações africanas para indicar os supostos benefícios do tráfico transcontinental, dentre os quais a saída de um pseudo isolamento em que África se encontrava antes do tráfico de africanos escravizados (Thornton, 2004,p.64).

A perspectiva histórica colonial fragmentária de John Thornton conduz o leitor a ignorar os estudos multidisciplinares de Ivan Sertima (2003) e Pathé Diagne (2010) sobre africanos da região do Mali que aportaram na costa oriental da América Central muitas décadas **antes dos europeus do século XV¹³⁹**. **O livro África e os africanos na formação do Mundo Atlântico (1400-1800)** utiliza de forma eficaz léxicos de amenização e de concílio, o tráfico forçado de seres humanos como “migração”; assim, os escravizados são identificados como “colonos”; e o genocídio apelidado de “admirável episódio nas relações intersociais” (Thornton, 2004). Todos esses termos configuram-se em um jogo de palavras para

¹³⁹ De acordo com o Dr. Pathé Diagne (2010) esses africanos que atravessaram o Oceano Atlântico denominaram as terras conhecidas por Américas de Tarana. Tarana ou L'Amérique précolombienne Un continent africain (2010)

descaracterizar o contexto de massacre humano perpetrado pelo imperialismo escravista europeu contra africanos¹⁴⁰.

No século XV, as grandes expedições como as de Vasco da Gama, de Cristóvão Colombo e de Diogo Cão foram altamente organizadas e com motivações imperialistas concretas, todas dotadas de poderio militar para dominação de populações nativas das Américas e posteriormente da Costa Ocidental africana. Hoje, uma reflexão sincera a respeito do avanço imperialista europeu sobre populações africanas e originais das Américas não pode se esquivar de constatações como as do historiador John Henrik Clarke (2011), um dos pioneiros a trabalhar com a noção de holocausto africano. Sobre o navegador Cristóvão Colombo, o historiador reflete que :

Cristóvão Colombo deu início a um trágico confronto de cultura que não acabou até hoje. Este choque de culturas causado pela suposição arrogante por parte de alguns europeus que eles são as únicas pessoas que já produziram algo digno de ser chamado de cultura (Clarke,2011, p.40) (tradução nossa)

Mas, John Thornton (2004) não está interessado no caráter imperialista genocida europeu que destruiu vidas humanas, meio ambiente e cidades inteiras nas Américas através do sistema escravista . O autor distorce a história para denominar a implantação do sistema transcontinental de escravidão de “viagens acidentais de descoberta” (Thornton,2004,p.66), ou seja, intervenções desprovidas de motivações imperialistas. Isso é verificável dentro da sofisticação de seu discurso onde a Europa e suas instituições são isentas do maior crime cometido contra a humanidade:

Não se pode conceber as Américas sob soberania total dos europeus. Em muitos lugares, ocorreu uma longa luta pelo controle; em outros locais as fronteiras permaneceram sem o domínio firme dos europeus por muito tempo. Quando os africanos foram trazidos para as Américas como escravos, essa situação com frequência os favoreceu, e para eles a natureza instável das Américas propiciou oportunidades para escapar, mediar partidos rivais ou usar o potencial de deserção, ou fuga para melhorar a situação. (Thornton, 2004,p.86) (tradução nossa)

Essa concepção do autor citado ocupa um lugar central no exame de documentos coloniais utilizados para ilustrar a argumentação de que os africanos foram parceiros dos europeus na construção do sistema escravista no Atlântico. As opções de diálogo e referências historiográficas em *A África e os Africanos na formação do mundo atlântico 1400-1800* (2004) ficaram a cargo dos historiadores de europeus e norte-americanos, indicando uma linha

¹⁴⁰ O que não desqualifica a qualidade historiográfica do autor e de seu livro em destaque. Inclusive, as considerações de John Thornton sobre Quilombos, Maroons e rebeliões são relevantes para a construção da Kilombologia.

de construção teórica desinteressada pela historiografia africana ou pela dimensão africana da história (Uzowigue, 2010).

John Thorton (2004) encontrou compatibilidade com a historiografia brasileira, tradicionalmente eurocêntrica lusotropical, caracterizada pela apologia à mestiçagem, ao sexismo e ao utilitarismo de temas africanos como meros objetos de estudos. A base dessa historiografia brasileira tem como referência o trabalho principal (ou mais popular) do sociólogo Gilberto Freyre, que, em síntese, instituiu uma narrativa de amenização do sistema escravista no Brasil. O livro *Casa Grande Senzala* (escrito por Gilberto Freyre na década de 1930) é uma apologia racista à miscigenação, identificando-a como ponto de harmonia entre senhores europeus (portugueses) e africanos escravizados. Gilberto Freyre (2014) elaborou e idealizou uma gênese da brasilidade simbolizada no mestiço, o novo homem.

Na obra de Gilberto Freyre, o denominado mestiço, ou mulato (em referência ao resultado do cruzamento do cavalo com jegue)¹⁴¹ representa o brasileiro, um herdeiro legítimo do intelecto europeu e dos traços físicos e emocionais do africano, sem ser um nem o outro. Essa ideologia teórica racista é, portanto, compatível à proposta de John Thornton (2004), o mestiço é o personagem central do “mundo Atlântico”. *Casa Grande & Senzala* (FREYRE, 2014) e *A África e os Africanos na formação do mundo atlântico 1400-1800* (2004) são dois livros complementares.

Tratando a história com seriedade, o sistema escravista europeu criou um contexto devastador na costa ocidental africana, gerando um rastro de destruição humana e ambiental que se alastrou pelo continente. Nas Américas, as invasões imperialistas precederam a organização jurídica das relações sociais escravistas. Os ingleses, por exemplo, criaram a partir de 1618 companhias de acionistas dispostos a financiar licenças de exploração a mercadores. O próprio Rei James I concedeu licenças para a *Company of Adventurers of London Trading into Parts of Africa* iniciar os seus projetos coloniais na África Ocidental. Mesmo antes da “legalização dos projetos de expansão”, os ingleses invadiam e se instalavam nas Bermudas e no grande Caribe a partir de 1606; os franceses iniciaram o mesmo processo de expansão começando por Guadalupe em 1626 e Martinica em 1635.

A partir da década de 1630 os holandeses investiram no mar das Caraíbas e os dinamarqueses em São Tomás. Na década de 1650 os franceses dominavam a região entre o Vale do Rio São Lourenço e da Península da Nova Escócia; os ingleses a Nova Inglaterra

¹⁴¹ Essas informações são apresentadas em *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (Carone, Iray; Bento, Cida) 2002. Um clássico do que se pode denominar *Psicologia Negra no Brasil*.

(nordeste do atual Estados Unidos da América) Maryland e Virgínia; a Holanda com a Nova Amsterdan, posteriormente denominada de New York ; e a Espanha foi dominante no que é o atual estado da Flórida (EUA). O dealbar do século XVII foi para a Inglaterra como um prenúncio de imponência e dominação sobre as Américas, contrariando a sua condição de nação fora do monopólio colonial estabelecido por Espanha e Portugal. Nesse século XVII, o monopólio ibérico de Portugal e Espanha entrou em decadência, retraindo-se para a presença colonial de ingleses, suecos, dinamarqueses e holandeses. Para os principais investidores do sistema escravista, a intervenção direta na ação colonial apresentou-se mais vantajosa à intermediação ibérica, uma vez que o acúmulo financeiro propiciou-lhes investimentos em uma espécie de “indústria” naval.

Essa queda de monopólio ibérico, seguida pela presença de novos agentes imperialistas nas Américas concentrava-se no acesso aos portos e negociação de produtos, não só de africanos escravizados, mas de todos os bens de consumo que o tráfico de seres humanos proporcionava : cacau, café, tabaco, madeira, especiarias etc. Nesse novo momento da expansão imperialista nas Américas, os ingleses se estabeleceram nas Bermudas (1609), São Cristóvão (1623) e em Barbados (1625); os franceses criaram suas colônias em Guadalupe (1623) e na Martinica (1635); os holandeses se expandiram para Curaçau, Santo – Eustáquio e Trinidad & Tobago entre as décadas de 1630-1640; e no seguimento os Dinamarqueses se apoderaram de São Tomás em 1671.

Entre os anos de 1673 e 1685 as revoltas na Jamaica foram dominadas por africanos escravizados de procedência da Gold Coast (Costa do Ouro, atual Gana), essas pessoas eram falantes de Ashanti-Fanti (Fanti –Ashanti) e causavam alto temor aos traficantes. Os Maroons (Quilombolas) da Jamaica emergiram parcialmente de grupos humanos Akan desterrados da Costa do Ouro, que concentraram as suas comunidades em St Ann e St. Catherine. A topografia e a botânica foram dois dos conhecimentos explorados pelos Maroons na construção das suas estratégias antiescravistas, inclusive das guerrilhas e ataques combinados à plantações (Campbell, 1991).

As revoltas de resistência foram acompanhadas por uma ampla literatura, inclusive no campo jurídico. O Código Negro, por exemplo, uma peça jurídica concebida por Jean-Baptiste Colbert, ministro de Luís XIV, rei da França, e por este assinalada em 1685. Constituíam-se por um conjunto de leis regulamentadoras da vida dos escravizados nas colônias francesas na América (Martinica, Guadalupe, São Cristóvão, e Luisiana). Com o objetivo de frear possíveis processo emancipação e retraindo movimentos de resistência, os Códigos Negros previam a penalidade de tortura e morte aos sediciosos escravizados. A Revolução Haitiana

determinou o fim do Código Negro naquela colônia, mas “Códigos Negros” estiveram em todas as Américas No século XVIII, o Brasil desenvolveu uma peça jurídica similar ao Código Negro, no que se refere a psicologia punitiva para o controle total das mentes e corpos dos africanos escravizados. Esse documento jurídico recebeu o título *de Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado* (1998), escrito em 1758 pelo jurista português Manuel Ribeiro da Rocha.

O racismo em abundância na literatura e no comportamento social alcançaria na Europa do século XIX novos contornos a partir de subsídios teóricos racistas, argumentadas nos campos científico e religioso. Neste período, via-se a ascensão na Europa de uma literatura pseudocientífica para justificar o escravismo e a consciência de uma inferioridade racial das populações africanas. Se por um lado, foi importante iniciar uma campanha para a desafricanização da própria história africana, por outro lado, foi fundamental cobrir a Europa do manto civilizador empenhado em salvar africanos das trevas. Nesse contexto, no final do século XIX, o Kemet começou a ser filtrado por narrativas francamente racistas, com o propósito de afirmá-lo como de origem branca europeia, pois os africanos não teriam capacidade para tal a edificação da maior civilização da história da humanidade (Diop, 1979).

A literatura racista e a sua operacionalidade historiográfica foram prontamente combatidos por intelectuais como Antenor Firmin (1850-1911), Edward Wilmot Blyden (1832-1912), que além de estarem interessados na reconstrução e preservação dos patrimônios históricos africanos, produziram respostas aos cientistas do racismo europeu. Edward Wilmot Blyden entre outros intelectuais do período, sabia que a ideia de um Kemet branco advinha da falsificação histórica para fins de dominação racial. O imaginário europeu pretendia destruir a memória do africano por meio de ataques psicológicos violentos, há séculos utilizados pelas igrejas escravistas.

Não faltam argumentos e documentação histórica para sustentar a crítica radical à violência organizada e premeditada pelo sistema escravista europeu nas Américas. Na década de 1920, Marcus Garvey fez sérias colocações sobre a escrita da história sobre o Negro, uma narrativa de consenso em que a vida, a organização sócio comunitária e as resistências são criminosamente apagadas ou distorcidas. A intervenção de Marcus Garvey publicada originalmente em 1925 sob o título *A História do Negro* (2016) ainda é pertinente para pensarmos hoje o que tem sido produzido pela historiografia como a de John Thornton :

Ler as histórias do mundo, das pessoas e das raças, escritas pelo homem branco, fariam o Negro sentir que ele não representa nada na criação. A história é escrita com preconceitos, gostos e desgostos, e nunca houve um historiador

branco que tenha escrito com qualquer tipo de amor verdadeiro ou sentimento pelo Negro [...] (Garvey, 2016, p.45) (tradução nossa)

No caso do Brasil, como enfrentar e superar a historiografia escravista no Brasil, que afeta diretamente a abordagem sobre Marcus Garvey, UNIA, Pan-Africanismo e Nacionalismos Negros ? Este presente capítulo não poderia albergar uma resposta completa para esta questão, mas podemos salientar que é importante reforçar o Pan-Africanismo Histórico como uma teoria do conhecimento, e a Cronologia Geral do Pan-Africanismo Histórico como uma ferramenta de trabalho. Dentro do tema central de nossa investigação sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey, superar a historiografia escravista é fundamental, uma vez que, através da desafricanização, essa historiografia é um entrave epistemológico aos estudos sobre a organização sóciocomunitária africana nas Américas. Foi nesse sentido que estamos propondo a partir desta tese, um campo de estudos (ou disciplina) denominada Kilombologia : o estudo sobre as formas de organização sóciocomunitária africana nas Américas a partir do contexto **africano-brasileiro** ¹⁴².

Nesta pesquisa, nós não trabalhamos com concepção de amenização, relativização, léxicos racistas e direcionamento ideológico das escolas representadas por John Thornton (2004) e Paul Gilroy (2001). Nós entendemos que essas escolas do pensamento histórico-sociológico são entraves epistemológicos racistas para estudos consequentes sobre as revoltas urbanas e a resistência de comunidades rurais na diáspora africana. As formas de resistência dessas comunidades fazem parte de uma abordagem inicial no descompasso do eurocentrismo historiográfico que estamos elaborando.

2.1.2 Resistências de confrontação e da cultura: um exercício analítico da Kilombologia

As formas de resistências africanas na diáspora foram determinantes para assegurar a vida de homens, mulheres e crianças criminosamente traficados como escravizados do continente africano para as Américas. Nós entendemos que as resistências africanas tiveram os propósitos de proteger a vida e assegurar a integridade sóciocomunitária. Entre os séculos

¹⁴² Nós desenvolvemos mais a ideia de Kilombologia como campo de estudos do Pan-Africanismo Histórico na Conclusão desta tese. Entretanto, nos Capítulos 2 e 3 fazemos exercícios operacionais rudimentares da kllombologia . A falta de um campo de estudos e de ua teoria do conhecimento foi decisiva para não nos dedicarmos ao estudo sobre a UNIA no Brasil nesta pesquisa. Optamos pela reelaboração de uma teoria do conhecimento (Pan-Africanismo Histórico) e de um campo de estudos/vivências (Kilombologia) .

XVI-XIX, a natureza das resistências africanas na diáspora pode ser entendida em dois grandes ramos: o das resistências de confrontação e das resistências da cultura.

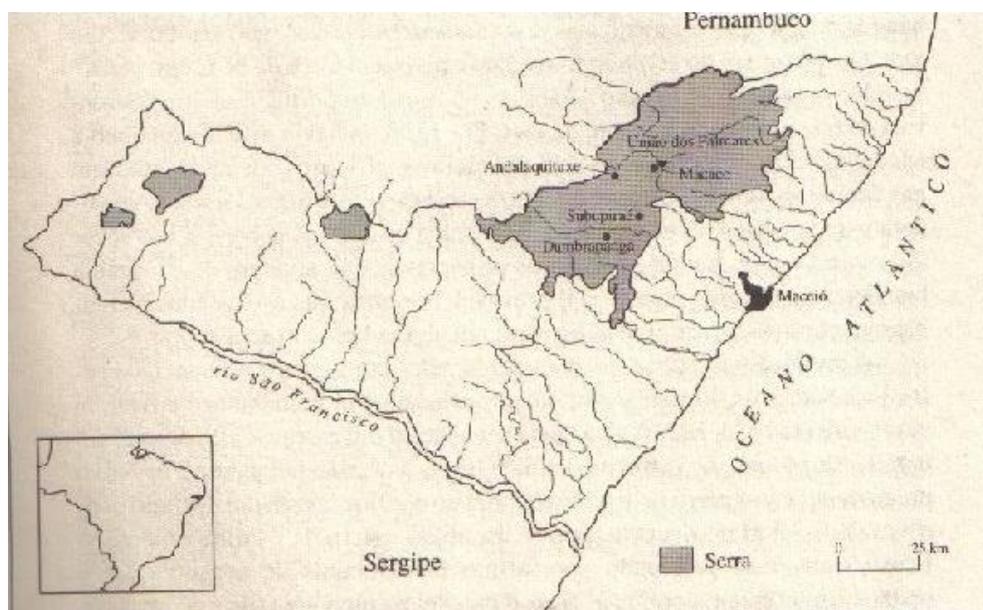
No Brasil, no Haiti e na Jamaica, as grandes experiências comunitárias de resistência da confrontação e da cultura foram forjadas em paralelo ao cotidiano colonial do contexto escravista. Quilombo é um termo utilizado de forma geral para designar comunidades formadas por africanos que conseguiram se apartar dos centros escravistas e se organizar em comunidades-estado. A palavra Quilombo significa acampamento em uma grande parte das línguas da família Bantu em África (Munanga, 2008). Nas regiões próximas ao Reino do Congo dos séculos XV e XVI, os Quilombos foram acampamentos militares regidos pelos jagas, um grupo populacional com características de nomadismo e que em alguns casos assumiam posturas mercenárias.

Os Quilombos no Brasil eram formados por um conjunto de Mucambos, que em kimbundo e kikongo (línguas Bantu) significa choupana ou tenda (Gomes, 2011). As comunidades Quilombolas foram bases de resistência de cultura e de confronto contra o sistema escravista, dotados de agricultura, produção artística, força militar, atividades espirituais e a organização jurídica, além de conhecimentos astronômicos, botânicos e medicinais, para utilizar termos atuais. Os Quilombos no Brasil colonial tiveram as suas fundações na experiência cultural Bantu, África Central e Oeste.

O Quilombo mais proeminente no Brasil colonial foi **Ngola Djaga**¹⁴³, conhecido na historiografia como Palmares e instalado na Capitania de Pernambuco ainda no século 16, com as primeiras fugas de africanos das senzalas para o interior da capitania. Na nossa interpretação, Ngola Jaga foi um Estado Federal Africano na diáspora, formado por mais de dez comunidades Quilombolas e Mucambos, constituindo uma rede de solidariedade, soberania e interdependência. Entre os Quilombos da federação de Jaga estiveram Una, Macaco (Capital da Federação) Aqualtune, Pedro Capacaça, Subupira, Catinga, Quiloange, Garamhus e Cacaú. No século XVII, a população de Ngola Jaga chegou a 10.000 pessoas aproximadamente (Gomes, 2011).

¹⁴³ Ngola Jaga foi possivelmente o nome mais comum da federação. Palmares advém da quantidade de Palmeiras da região, utilizada pelos seus “residentes comunitários” para a produção de vinho e manteiga. e em referência ao Reino de Ngola e ao povo Jaga da região, componentes do Reino do Kongo).

Mapa 2: aproximado do Kilombbo Ngola Djaga (Palmares) no Brasil



Fonte: Liberdade Por um fio – história dos quilombos no Brasil (1996)

As lideranças regionais da federação de Ngola Jaga integravam nomes de homens e mulheres como Acotirene, Osenga, Maiholo e Amaro. Ganga Zumba e Zumbi dos Palmares foram os dirigentes gerais da federação que alcançaram maior destaque na história. Ganga Zumba desenvolveu uma política diplomática com os portugueses em 1678, que de forma controversa o levou a morte no ano de 1680. Zumbi mereceu destaque por ter liderado as forças de resistência contra tropas coloniais entre 1680-1695, quando foi traído e assassinado por tropas coloniais. A federação conseguiu desenvolver um governo descentralizado e detentor de uma economia em rede sustentável através da produção de alimentos, tecelagem e cerâmica tanto para o consumo interno quanto para comércio com províncias coloniais.

A produção da federação de Ngola Jaga não se ateve a subsistência e ao comércio, por inúmeras vezes os produtos da federação foram negociados na província ilegalmente por armas, munições e ferramentas. O grande Quilombo o em questão sustentou um fluxo e refluxo de diálogos com a província, sem se manter em condição de isolamento. Foi nesse sentido que Ngola Jaga desenvolveu atividades políticas de caráter diplomático e manteve uma força militar em defesa aos ataques do sistema escravista.

Historicamente, as motivações das primeiras expedições punitivas para destruição de Ngola Jaga, foram motivadas pela capacidade da federação ser um centro catalisador da resistência de confronto à escravidão. No ano de 1660 a província autorizou uma série de

expedições armadas contra a federação em um clima de guerra total que durou até o seu desmantelamento no século XVIII, após seguidos ataques. Na queda de Zumbi de Ngola Jaga em 1695, as tropas coloniais mantiveram-se na região enfrentando com vantagem bélica as resistências oferecidas pelas lideranças de Kamoanga (1703) e Mouza (1711). Até os meados do século XVIII, as ruínas e remanescentes de Palmares foram continuamente policiados para garantir a não restauração da federação¹⁴⁴.

No mesmo período de combate ao grande Quilombo de Ngola Jaga, a Rebelião de Stono fazia a colônia inglesa na América do Norte trepidar (Carolina do Sul) em 9 de setembro de 1739. A sedição foi organizada na região do Rio Stono por Jemmy, um africano em condição de semiliberdade na colônia. A base do movimento foi formada por africanos oriundos do Reino do Kongo, e o projeto do movimento liderado por Jemmy foi a migração de um contingente populacional africano do Norte para o Sul da colônia através **do Rio Stono**.

O movimento do Rio Stono pretendia chegar à região da Florida (dominada pela Espanha), com a esperança de adquirir liberdade e terra para plantio. Ao todo, mais de sessenta homens integraram o movimento ao longo do percurso pelo Rio Stono, a mobilização invadiu fazendas, destruiu plantações, adquiriu armamentos, libertou africanos escravizados e matou fazendeiros escravistas. Entretanto, membros do movimento foram capturados pelo tenente-governador William Bull (Carolina do Sul). Após o desmantelamento desse movimento, no ano de 1740 a Assembleia Legislativa da Carolina do Sul publicou o Ato Negro, uma lei que proibia reuniões, educação, agricultura de subsistência e comércio entre africanos, tanto os escravizados quanto àqueles em condição de semiliberdade.

Nesse século XVIII, o Haiti (denominado Saint-Domingue pela coroa francesa) foi o ponto máximo das resistências africanas nas Américas, tanto no sentido da cultura quanto no do confronto. O Haiti integra o Caribe geográfico, região do continente Americano adjacente às Américas Central, Sul e Norte, reunindo um complexo insular com mais de 40 ilhas envolvidas pelo Oceano Atlântico. O Caribe está dividido entre Caribe Central, Continental e dois conjuntos de Antilhas, o maior alberga Cuba, São Domingos (Haiti), Jamaica, Porto Rico (dominadas por Espanha até o século XVII). O conjunto menor alberga Bahamas, ilhas Caymans, ilhas Turks e Caicos. Na extremidade oriental do mar das Caraíbas se estendem as

¹⁴⁴ Na nossa perspectiva, Ngola Jaga (Palmares) representou a anterioridade secular das práticas Pan-Africanistas no Brasil (Gomes, 2014). Portanto, a Federação de Palmares é um referencial prático de organização sócio comunitária no campo teórico do Pan-Africanismo Histórico, apresentado no Capítulo 1 desta tese. Palmares é o ponto máximo de organização sociocomunitária na diáspora africana no Brasil, a maior colônia escravista das Américas.

Antilhas Neerlandesas (ilhas ABC, Aruba, Bonaire, Curaçao, Venezuela e território do Reino dos Países Baixos.

Localizado nas Antilhas, o Haiti foi originalmente povoado pelos Arawake, mesmo povo que habitava a Jamaica. Antes da invasão colonial, a ilha foi a primeira e a única posse territorial europeia nas Américas onde os africanos escravizados iniciaram um processo vitorioso de independência entre os anos de 1791 e 1804. A independência haitiana representou um duro golpe para a economia escravista da Europa, uma vez que os seus lucros eram os mais elevados do sistema colonial nas Américas. Os espanhóis dominaram a ilha em 1490 e a renomearam de Hispaniola, no ano de 1697 houve uma invasão francesa que se apoderou da ilha empregando-lhe o novo nome cristão-católico de Saint Domingue.

A colônia haitiana foi próspera e servia como produtor de açúcar, tabaco, algodão, anil, café e cacau. A produção de açúcar no Haiti equivalia à 40% da produção mundial e o total de lucros gerados pela colônia alimentava 2/3 da sedenta economia imperialista francesa (Franco, 2004). O crescimento econômico e populacional da colônia foi duplicado entre os anos de 1764 e 1787, a população africana na ilha daquele período está estimada em 500.000 pessoas (James, 2007). Foi nesse contexto de lucros exorbitantes para o sistema escravista que em 1730 o Haiti e a Jamaica representavam o centro caribenho de lucratividade na exploração colonial escravista.

Mapa 3: :Mapa da Ilha do Haiti em 1723



Fonte : http://www.wikiwand.com/es/Historia_de_Hait%C3%AD

Não diferente do Brasil e dos EUA, os africanos no Haiti sobreviviam sob um regime brutal de trabalhos forçados nas *plantations*, nas construções da capital Porto Príncipe e em todo o tipo de degradação social, como a prostituição infanto-juvenil. Somente no ano de 1789 foram contabilizadas cinco mil mulheres em situação de prostituição (Franco, 2007). A população africana escravizada na ilha foi originária maioritariamente do antigo Reino do Daomé (atual Benin) e em menor parte povos africanos de Regiões do grupo linguístico Bantu.

As táticas de resistências africanas foram múltiplas no Haiti, desde as confrontações diretas na capital, às armadilhas dentro das rotas comerciais afastadas das cidades. O grande engenho da resistência da cultura foram os Cimarrons (Palenques/Quilombos), que em 1750 albergaram uma população total de 3.000 pessoas. A insatisfação e as resistências ramificavam-se na capilaridade da presença africana na ilha. Paulatinamente, uma conjunção de forças populares entre comerciantes, escravizados, sacerdotes, artistas e camponeses se mobilizaram contra o escravismo.

O processo de independência haitiano foi precedido por esse momento de insatisfação materializado em rebeliões, uma das principais ocorreu entre 1751-1757, estruturada por uma intervenção organizada que envolveu toda a ilha. Tratava-se de um movimento de consciência social e solidariedade em prol da libertação total do povo subjugado. A liderança central deste movimento foi Francis Makandal, orador, herbalista e sacerdote da religião Vodú. Um dos legados da experiência liderada pelo Mestre Makandal para as décadas seguintes de resistência foi a utilização estratégica da língua creole, do Vodú de suas reuniões secretas. **(NOTA)** A língua creole, formou-se como uma mistura de línguas africanas com aportes do inglês, francês e espanhol, um importante recurso para a salvaguarda de conhecimentos através da oralidade.

A religião Vodú foi de suma relevância para o equilíbrio emocional e a manutenção das tradições milenares africanas de culto à ancestralidade, assumindo fundamentalmente de importância política. As cerimônias Vodú superaram as diferenças individuais e coletivas entre africanos em nome da organização pela libertação do domínio imperialista europeu, imprimindo uma forte consciência histórica africana entre seus adeptos. Segundo os estudos de Louis Maximilien (1945) analisados por José Luciano Franco (2004), o Vodú foi mais que uma religião, tratava-se de um sistema de vida cuja concepção cosmogônica nos remete aos povos do Vale do Hapi (Nilo) Nilo, o Kemet (Egito Antigo) mais precisamente. Africanos

encontravam energias para enfrentar a imoralidade violenta do sistema escravista no Haiti. As cerimônias Vodú decorriam em ambientes altamente organizados e fora do raio de visão colonial. Muitas dessas reuniões secretas serviram para organizar combates (como o de Fort-Dauohin em 1775) e para enfrentar expedições coloniais correntes até 1784. Essas reuniões comunitárias representavam um problema para as forças coloniais, que desde 16 de março de 1705 havia proibido africanos escravizados de realizá-las na ilha (Franco, 2004).

A eficácia do movimento revolucionário haitiano entre 1791 a 1804 foi o resultado da combinação entre a experiência cultural comunitária Cimaroon e o compromisso das suas lideranças de destaque, tais como o sacerdote Vodú (Alto Papaloi) Dutty Bookman, que em 14 de agosto de 1791 organizou a reunião que daria início à derradeira luta revolucionário do povo haitiano. Toussaint L'Overture (1743 -1803) foi o ex-escravizado que arquitetou a diplomacia e a parte considerável da literatura política da independência. Durante poucos anos, Toussaint L'Overture se tornou um apto e leal comunicador dos anseios populares pela queda do escravismo. **NOTA**

Napoleão Bonaparte (França)¹⁴⁵ enviou um exército de seis mil homens ao Haiti como medida punitiva ao movimento anticolonial, mas foi derrotado em 1801 pela população organizada. Após a morte de Toussaint L'Overture durante o cárcere na França em 7 de abril de 1803, outras lideranças continuaram conduzindo a consolidação do projeto de independência haitiano, tais como Henri Cristophe (1767-1820), Jean Jaques Dessalines (1758 - 1806) e Alexander Pétion (1770 -1818). Nem todas as lideranças conseguiram assegurar o respeito e a credibilidade junto às massas populacionais haitianas, mas firmaram-se como dignos de liderar a resistência da contínua do povo. Finalmente, no ano de 1804 a independência da então São Domingos foi proclamada por Jean Jaques Dessalines e o nome Haiti/Ayiti, de origem Arawake, passou a ser o nome oficial do país independente .

No decorrer da Revolução haitiana, a população colonial foi morta ou expulsa pelo movimento revolucionário, que assumiu um compromisso de apoiar resistências africanas na diáspora e em África durante o século XIX. O governo independente haitiano foi sistematicamente atacado em suas estruturas internas, ao mesmo tempo que as alianças externas foram destruídas por todo o tipo de sabotagem francesa. A partir de 1825 o Haiti independente foi obrigado a reparar a França pelos “danos” materiais causados pela independência, o plano era que, com esse acordo, a independência haitiana fosse reconhecida

¹⁴⁵ Napoleão Bonaparte (1769-1821) Militar e estrategista francês, responsável pela expansão imperialista e por diversos crimes contra a humanidade através do extermínio genocida e da escravidão. Segundo as pesquisas de Claude Ribbe (2008) , Napoleão antecipou práticas de tortura em massa utilizadas pelo Nazismo no século XX.

em conjunto às relações comerciais importantes para o não isolamento da ilha, cercada de colônias europeias. Esse tipo de acordo destruiu os cofres e a soberania haitiana em menos de cinquenta anos. Na sequência das pressões coloniais e de vingança francesa contra o Haiti, a Inglaterra impulsionou o processo de independência de suas ilhas a partir de 1833, e em 1848 o mesmo ocorreu com as colônias francesas.

Nesse contexto de mudanças no sistema colonial durante o século XIX, as atividades de produção têxtil, alimentícia, bélica e agrícola foram submetidas às transformações nos seus métodos quantitativos de produção, assim como no manuseio, armazenamento, troca e venda de produtos. O avanço comercial de produtos dividiu espaço com os lucros do tráfico de africanos escravizados, vantajoso mas cada vez mais difícil devido às resistências africanas no continente e na diáspora. A própria indústria naval e toda a sua exigência estrutural foram pontos de propulsão da industrialização, consolidação bancária e edificação de cidades europeias no século seguinte.

O século 20 traria a UNIA (Jamaica) como a terceira coluna do paradigma de organização sócio comunitária, complementada pelo Brasil (Quilombos) e pela Revolução haitiana. No ano de 1925, Marcus Garvey não se esquivou de fazer comentários sobre a importância de se conhecer e estudar a memória de agentes da comunidade Negra que conduziram grandes feitos de sacrifício, como no caso de Toussaint L'Overture (1743-1803), uma das lideranças da revolução do Haiti. Na ocasião, Marcus Garvey enfatizou a necessidade de se quebrar com um ciclo de dependência psicológica para construção de um caminho político para a comunidade Negra em geral.

Pedagogicamente, Marcus Garvey questiona o lugar de supremacia dentro das comunidades Negras ocupado por líderes¹⁴⁶ que representam o imperialismo histórico moderno contra essas próprias comunidades. É emblemático que essa citação esteja no texto *Fundamentalismo Africano* (2004), a teoria política do Nacionalismo Negro Universal:

O brilho de Toussaint L'Overture como soldado e estadista superou o de Cromwell, Napoleão e Washington. Portanto, ele tem o direito ao lugar mais alto como um herói entre os homens e mulheres, na guerra e na paz, cujo brilho e bravura superam o de qualquer outra pessoa. Então, por que não ver o bem e a perfeição em nós mesmos? (Garvey, 2004, P.184) (tradução nossa)

No ano de 1922 na cidade de Nova York (sede da UNIA), Marcus Garvey proferia um discurso no dia 1º de janeiro intitulado Dia da emancipação, onde fez menção a

¹⁴⁶ Oliver Cromwell (1599-1658), Inglaterra; George Washington (1732-1799), EUA; e Napoleão Bonaparte (1769-1821), França.

responsabilidade comum entre os Negros do Caribe (que celebravam a emancipação em 1º de agosto) e dos EUA (que celebravam a emancipação em 1º de janeiro). Na perspectiva política de Marcus Garvey, os ancestrais que enfrentaram o escravismo deveriam ser honrados :

Somos descendentes de homens e mulheres que sofreram neste país por 250 anos sob essa barbárie, aquela instituição brutal conhecida como escravidão. Vocês que não perderam o vestígio de sua história lembrarão que, há mais de trezentos anos, os seus antepassados foram retirados do grande Continente Africano e trazidos aqui com objetivo de serem usados como escravos. Sem piedade, sem qualquer simpatia, eles manipularam nossos antepassados. Eles sofreram, sangraram e morreram. Mas com os seus sofrimentos, com o seu sangue, que eles derramaram na sua morte, eles tiveram a esperança de que um dia a sua posteridade seria livre, e estamos reunidos aqui esta noite como filhos da esperança. Confio em cada um de vocês, portanto, perceberão que vocês têm um dever que lhes incumbe, um dever que vocês devem desempenhar [...] (Garvey, 2004, p.103) (tradução nossa)

Esse contexto de resistências africanas contra o escravismo nas Américas dos séculos XVIII e XIX foi atravessado por uma Inglaterra que começou a exigir mudanças no sistema colonial escravista. Devido ao impacto dessas mudanças nas Américas, no Caribe e em África, algumas considerações históricas são necessárias.

2.1.2.3 Mudanças no sistema

Entre os séculos XVI e XVIII, a Inglaterra obteve lucros vertiginosos investindo no sistema escravista internacional por meio de empréstimos de capital, importação de matérias primas, negociações, além do comércio de produtos como açúcar, especiarias e tecidos. África foi forçada a entrar no sistema capitalista com a vida dos africanos e com recursos ambientais de seu território. O circuito marítimo comercial escravocrata inglês, a partir dos portos de Liverpool, Bristol e Londres, por exemplo, interligava África Ocidental, Índias Ocidentais e América do Norte. Entre 1792 e 1793, as embarcações que atracavam no Porto de Liverpool e duplicavam a sua carga em toneladas. As Índias Ocidentais dentro desse circuito britânico foram uma base de troca de produtos e exploração de mão-de-obra com vantagens garantidas no mercado comercial europeu de açúcar e tabaco, através de negociações à baixos custos.

O açúcar importado da Jamaica alimentou um sedento mercado europeu, possibilitando a Inglaterra o desenvolvimento de recursos marítimos e acumulação de riquezas (Davidson, 1981). Esses recursos acumulados e processados permitiram aos ingleses desencadear um processo industrial de sua marinha através da inovação do vapor em 1712 e

para o primeiro sistema locomotivo em 1803. O impacto da inovação de maquinário de transporte foi decisivo para o aumento de volume da produção têxtil entre as décadas de 1770 e 1810, principalmente na região de Manchester.

No início do século XIX a economia inglesa já não dependia mais da importação de açúcar em rama, de algodão ou de tabaco, uma vez que a indústria de manufatura tornou-se cada vez mais lucrativa e mecanizada com as inovações a elas aplicadas. Mesmo com a Inglaterra detendo recursos próprios de carvão e ferro, a diversificação de matérias-primas e a ampliação de mercados exigiam mudanças estruturais no circuito e sistema econômico vigente, o mercado de africanos escravizados e as atividades restritas à economia de *plantations* perderam a influência dos séculos anteriores para a geopolítica econômica inglesa, além de inúmeras outras perdas ocasionadas por revoltas e movimentos organizados contra o sistema.

Os investimentos ingleses para o tráfico de africanos escravizados deveriam ser cessados para darem lugar à exploração de recursos humanos e ambientais (matérias primas) no interior da África. Portanto, o Oceano Atlântico começava a ser monitorado a fim de impedir o descontrole dos portos que abasteceriam as indústrias inglesas com “matérias-primas” advindas do trabalho forçado no continente africano, principalmente nas regiões costeiras do oeste. Doravante, as pressões pelo encerramento do sistema escravista protagonizadas por africanos escravizados foram reforçadas pelo movimento abolicionista na Inglaterra e nas Américas.

No agitado e diversificado contexto social das Américas, os ânimos escravistas senhoriais se dividiam entre o direito a autonomia político-econômica, o interesse pela industrialização e as pressões inglesas pelo fim do tráfico. Movimentos como do Rio Stono e resistências Quilombolas estavam cada vez mais enfraquecendo as estruturas do sistema escravista. Os colonos ingleses na América do Norte não se conformavam com o monopólio inglês e exigiam o comércio livre. Essas tensões também se alargaram aos estados imperialistas, a Guerra dos Sete Anos (1756 -1763) entre ingleses e franceses está nesse bojo de conflitos.

Devido à pressão interna contra o monopólio colonial, os ingleses taxaram elevadamente produtos importados para a América do Norte (atual Estados Unidos da América) como nos casos do *rum*, o melão e o açúcar (Davidson, 1981). Indignados com uma política considerada abusiva, as treze colônias que formavam a América do Norte colonial entraram em guerra pela independência entre abril de 1775 e setembro de 1783. O resultado foi vitorioso para os norte-americanos das treze colônias, mas os problemas da

nação em nascimento ainda estavam em ebulição devido, principalmente, à exclusão social da população africana escravizada. Em um sentido geral, os colonos da América do Norte se viam vulnerabilizados com o fim do sistema escravista, pois os africanos escravizados formavam a base da sua economia, e além disso, havia o temor cotidiano das revoltas africanas instauraram um processo revolucionário vitorioso tal como foi o Haiti no início do século XIX.

A Inglaterra proclamou a abolição da escravatura em seu território no ano de 1772, a medida foi creditada ao Processo Somerset (Santos, 1968). James Somerset foi um africano transportado pelo seu proprietário para o território metropolitano inglês após 1772. Devido a recente abolição, o escravizado moveu uma representação na justiça através do advogado Granville Sharpe para intentar a sua libertação. O caso de James Somerset dividiu a sociedade até ser consumado a favor do requerente. Entretanto, o advento de J. Somerset alimentou um movimento de engajamento jurídico e mobilização de quadros de relevância social, que se transformou em um projeto maior de desterro de africanos para fora da Inglaterra.

Após ser desencadeada a abolição da escravatura na Inglaterra, o aumento do contingente de africanos concentrados nas cidades britânicas tendeu a acelerar as medidas para uma mudança no perfil do sistema, o caso Somereset tornou-se popular nesse contexto. Para tanto, o trabalho dos abolicionistas foi decisivo, a exemplo do próprio Grainville Sharpe, Wiliam Wilberforce e Lord Macaulay. Esse movimento abolicionista conseguiu a libertação de cerca de 15.00 africanos com a sentença denominada Lord Chief Justice. Inicialmente, a libertação de africanos escravizados no solo britânico se daria concomitante ao desterro para África, o que possibilitaria o estabelecimento de uma inserção colonial com o auxílio dos “retornados”.

No final da década de 1780, um considerável número de naturalistas britânicos já estava instalado em África. Sob a liderança de Dr. Smeath, os relatórios apresentados pelas equipes de naturalistas convergiam na defesa de Serra Leoa como uma referência para o envio de africanos do território Britânico para África. O governo britânico investiu em 20.000 metros quadrados de terra em Serra Leoa através de um acordo com o Rei Naimbana. No ano seguinte, dava-se início a primeira fase experimental de africanos retornados, com cerca de 4.000 pessoas, entretanto mais da metade não resistiu às condições da viagem ao longo de três meses embarcados¹⁴⁷.

¹⁴⁷ O circuito imperialista e escravista colonial europeu em África e nas Américas entre os séculos XVII-XIX foi acompanhada pelo trabalho de naturalistas como as de Dr. Smeath citado em nosso texto. A pesquisa de Mary Louise Pratt em *Os Olhos do Império*.

Uma segunda fase de retornados foi organizada em 1792 para ser enviada para Serra Leoa sob os auspícios de associações inglesas, que se responsabilizavam pelo envio e financiamento de estruturas na Serra Leoa. Africanos escravizados nos Estados Unidos que conseguiram se refugiar na Nova Escócia (atual Canadá), e que apoiaram os britânicos no enfrentamento das tentativas americanas de independência foram indicados para esse projeto .

Mapa 4: Serra Leoa, Costa Ocidental Africana



Fonte: Enciclopédia Britânica

Personalidades britânicas influentes como Willian Wilbforce (1759- 1833) trabalharam politicamente entre as décadas de 1780 e 1800 pelo fim do tráfico internacional visando nitidamente o desenvolvimento da exploração interafricana. No ano de 1807, a Câmara Inglesa aprovou determinações para que embarcações inglesas não transportassem africanos escravizados no Oceano Atlântico. Estima-se que entre os anos de 1810 e 1820 mais de 50.000 africanos foram ilegalmente traficados e deportados para Serra Leoa. A empresa Serra Leoa Company administrou atividades das sociedades de colonização na instalação de uma base na região.

A Libéria está dentro de um processo geopolítico e econômico semelhante ao ocorrido entre Inglaterra e Serra Leoa. Os Estados Unidos da América intencionaram seguir a linha de ação inglesa para a criação de uma base de exploração no continente africano, prevendo

processos legais de desterro. A fim de dar seguimento a esse processo, foi criada a Sociedade Americana de Colonização (SAC) em 1815 por iniciativa do jurista Bushrod Washington, que iniciou seus trabalhos no ano de 1817 enviando contingentes para Serra Leoa. A Sociedade de Colonização dinamizou a formação de um estado na África ocidental, primeiramente na ilha de Sherbo, e a partir de 1821 no Cabo de Montserado, dando início à formação da República da Libéria. As comunidades Negras repatriadas na Libéria foram apoiadas pela Sociedade Americana de Colonização para a criação de um ambiente político independentista, mesmo que por meio de um processo artificial de construção de uma “nova nação”.

Até o ano de 1822, aproximadamente 20.000 Negros das Américas central e Norte migraram para a Libéria através do SAC. Aqueles de proveniência Norte Americana (considerados Américo-Liberianos) e africanos em geral redirecionados pelo tráfico foram assentados na Libéria com as suas populações estabelecidas como Vai, Dei, Basa, Kru, Grebo, Gola, Kissi, Mandinga, Bandi, Loma e Kpele. Essa integração desencadeou muitos conflitos, a maior parte da população advinda a América do Norte assumiu uma posição social elitista e enquanto cristãos, exerceram uma série de discriminações às populações locais e suas tradições espirituais ou religiosas.

A capital escolhida para a Libéria foi Monróvia (1822), utilizada como base das articulações pró-independência em 1847. O sistema político da Libéria foi um reflexo das cisões sociais de uma sociedade artificialmente construída. Esse sistema foi dividido em dois partidos desde a sua independência, o do Republicanos, dominado pelos considerados mestiços; e o partido dos True Whigs, formado por Negros de toda a procedência : populações locais e grupos oriundos dos EUA. Através de eleições, o governo foi sendo alternado entre Republicanos e True Whigs, no ano de 1870, a Libéria tornou-se independente, mas permaneceu mergulhada nas contradições das elites; restrição ao voto das populações locais e a discriminação cultural religiosa.

Dentro desse processo histórico colonial da Libéria, houve uma tentativa de intervenção da UNIA na década de 1920, Marcus Garvey formulou um fundo universal, com um intuito fundamental de reorganizar a economia africana a partir de uma rede de indústria e comércio envolvendo Américas e centralmente o continente africano, a partir do Programa Libéria ¹⁴⁸:

¹⁴⁸ Denominação que empregamos para o projeto da UNIA de ocupação e administração de um território cedido pelo governo liberiano.

Eu estou dizendo aos homens e mulheres da raça Negra que não há solução para a nossa salvação imediata, que não seja a construção da Libéria, ao leste da África. A única salvação para os Negros é abrir oportunidades econômicas industriais em algum lugar, e eu não vejo isso por aqui.[...] (GARVEY, 2004, p.68) (tradução nossa)

Inevitavelmente, as iniciativas coloniais mal intencionadas de construção artificial de estados proto-coloniais em África foram confrontadas por iniciativas genuínas de retorno ao continente africano conduzidas pelos próprios africanos na diáspora. Essas iniciativas foram demonstrações nítidas de uma identidade geográfica africana (Yabará, 2014). O Programa da UNIA na Libéria enquadra-se nessa categoria.

Nas Américas, as pressões Quilombolas contra o sistema escravista permaneciam intermitentes nos engenhos de açúcar, nas *plantation* e sobre a estrutura colonial das províncias. Na Jamaica em particular, os Maroons protagonizaram contínuos movimentos de enfrentamento ao sistema escravocrata entre os séculos XVII e XIX nas regiões de Saint Ann, Saint Catherine e Montego Bay. O maior delas ocorreu entre 1729 e 1739 sob liderança de **Johnny Cudjoe** (de origem africana Ashanti), que exploramos neste capítulo.

Nesse contexto, com interesse de construir um novo sistema transcontinental de exploração, através de pontos de referência colonial instalados no continente africano, assim como de descartar lideranças rebeldes, os britânicos procuraram reunir contingente indesejado de Maroons da Jamaica e envia-los a Serra Leoa, principalmente as lideranças de movimentos de resistência. Seriam os Maroons da primeira metade do século XIX os agentes centrais que conduziram a última geração de resistência antes do surgimento da UNIA. Qual o contexto colonial jamaicano? Quem foram os Maroons?

2.2 Inserção ao contexto jamaicano

A Jamaica faz parte de um conjunto de ilhas vulcânicas no mar do Caribe dentro da região conhecida como Grandes Antilhas, ao Sul de Cuba e a Oeste do Haiti. A ilha possui uma área total de 11,244 km² e sua posição é de 18/15' Norte e 77 / 33 Oeste no trópico, sujeita ao circuito de furacões que periodicamente percorrem o Atlântico tropical. O núcleo populacional jamaicano é composto por cerca de 77% de Negros (africano-jamaicano), descendentes de africanos escravizados e desterrados para a ilha a partir do século XVII.

A população atual da Jamaica está estimada em cerca de 2.820.017 pessoas (*Contry meters*, 2018), distribuídas entre Negros , brancos , asiáticos e aqueles que se auto definem/ou

são definidos como mestiços . O alto índice de desigualdades sociais na Jamaica acompanha uma hierarquização racista da população, em que a africanidade física e cultural determina as chances ou não de ascensão social de indivíduos. Essa problemática é muito comum nos países das Américas controlados por uma minoria branca, uma das consequências dos séculos de sistema escravista.

No contexto das mudanças no sistema, chineses e indianos foram incentivados a migrar para a ilha no final do século XIX a fim de substituíram a mão-de-obra africana sob a argumentação racista de despreparo técnico e intelectual da mesma. Em um lugar menor na escala populacional jamaicana está o contingente de origem europeia, cuja maioria advém da Inglaterra e Alemanha. Essa diminuta demografia do poder na Jamaica foi dividida entre sírios e libaneses ,dominantes nos meios de comunicação, indústria e negócios.

A capital jamaicana é Kingston, localizada no Sudoeste da ilha, trata-se da maior cidade da ilha e a única que está inserida em um longo cordão litoral (Palisade) que conecta regiões do Norte e Sul . Ao Sul dos Estados Unidos da América, Kingston também é a cidade com maior número de falantes da língua inglesa das Américas. Entretanto, os africanos escravizados desenvolveram línguas locais próprias, como no caso do *Patois e o Dread Talk*.

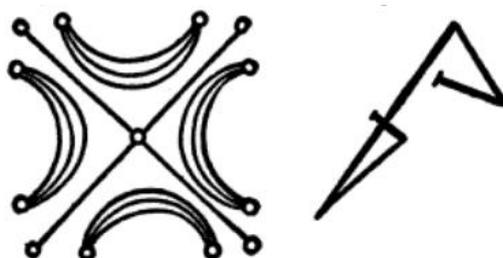
O clima da Jamaica é tropical diverso e agradavelmente hospitaleiro, variando entre 16° C no inverno e 31°C no verão, devido a formação vulcânica existe uma cadeia de montanhas na ilha , que determina um clima mais frio. O meio ambiente jamaicano é composto por uma hidrografia que perpassa toda a ilha, formando uma malha fluvial composta por mais de cem rios. A flora jamaicana é rica em plantas medicinais como a aloé-e-vera, cannabis-sativa e hibiscos; plantas comestíveis como acké, manga, palmito, coqueiro e fruta pão, além de café , cacau e pimenta; banana; cana-de-açúcar. Há também uma flora com plantas ornamentais alimentícias não convencionais (PANCS),cujo componente nutricional é muitas vezes subaproveitado ou desconhecido. O interior da Jamaica é rico em árvores com qualidade para construção, como cedro.A fauna jamaicana é preponderantemente formada por pássaros, sapos, lagartos, crocodilos, lagartos e tartarugas (terrestres/marinhas) e peixes de muitas espécies que preenchem o mar ao longo de toda a costa.

As religiões de matriz africana (Sudanesa e Bantu) estão presentes no panorama religioso jamaicano, elas são importantes historicamente como referências das resitências da cultura e do confronto, a exemplo do Shango Cult e da Kumina/Pokomia. Outras vertentes religiosas na Jamaica refletem a diversidade populacional do país, existe em Kingston uma sinagoga (denominada Shaare Shalom), um templo budista e uma série de organizações

islâmicas mantenedoras de mesquitas, do Conselho Islâmico da Jamaica e do Centro Islâmico Dawah.

Há uma escrita espiritual africana na Jamaica, conhecida por Jamaican-Bajan Obeah que, é muito similar a escrita Vei Vei Vodou do Haiti e da Pemba no Brasil. Essas escritas, segundo estudiosos como Mestre Itaoman (1990) possuem uma aproximação com o Sesh Medew Netjer (sistema de escrita do Kemet). Abaixo, escrituras de proteção Obeah comuns nas Antilhas, Caribe e na Jamaica, de acordo com os estudos de L.W. Laurence em *The Obeah Bible* (2010).

Figura 24 : Escrita Obeah, a primeira se refere ao caráter da pessoa e o segundo ao caráter espiritual



Fonte: *The Obeah Bible*

A Jamaica possui uma variedade de igrejas cristãs, protestantes (pentecostais e neopentecostais) e católica em menor número, a maioria está concentrada em Kingston, capital. Essas igrejas são uma nítida herança colonial europeia britânica na ilha, e as principais denominações são Igreja de Deus, Metodista, Batista, Católica Anglicana e Adventista do Sétimo Dia. O contexto social das religiões e da cultura espiritual africana na Jamaica da década de 2010 é, parcialmente, o reflexo do período colonial.

Assim como no Brasil, as Igrejas cristãs na Jamaica são influenciadas pelas religiões de matriz africana, com maior ou menor nitidez como nos casos das Igrejas Metodista e Batista respectivamente. Historicamente, estas entidades estiveram ligadas aos Nacionalismos Negros e a UNIA. A Jamaica também alberga uma Igreja Ortodoxa Etíope, instalada na ilha por Haile Selassie I no final da década de 1960 e sob auspícios de Abuna Yesehaq (1933-2005), com o objetivo de trabalhar junto à comunidade Rastafari, outro significativo contingente espiritual/religioso da ilha.

Figura 25: Abuna Yesehaq



Fonte: [https://orthodoxwiki.org/Yesehaq_\(Mandefro\)_of_the_Western_Hemisphere](https://orthodoxwiki.org/Yesehaq_(Mandefro)_of_the_Western_Hemisphere)

A macro economia da Jamaica é basicamente de ordem rural, contabilizando plantações de cana-de-açúcar, minas de bauxita e circuito turístico. No ano de 1923 a administração local foi centralizada em uma união entre as paróquias de Kingston e St. Andrew, formando a Kingston and St. Andrew Corporation (KSAC). A união dessas paróquias comportava uma população de aproximadamente 400.000 pessoas.

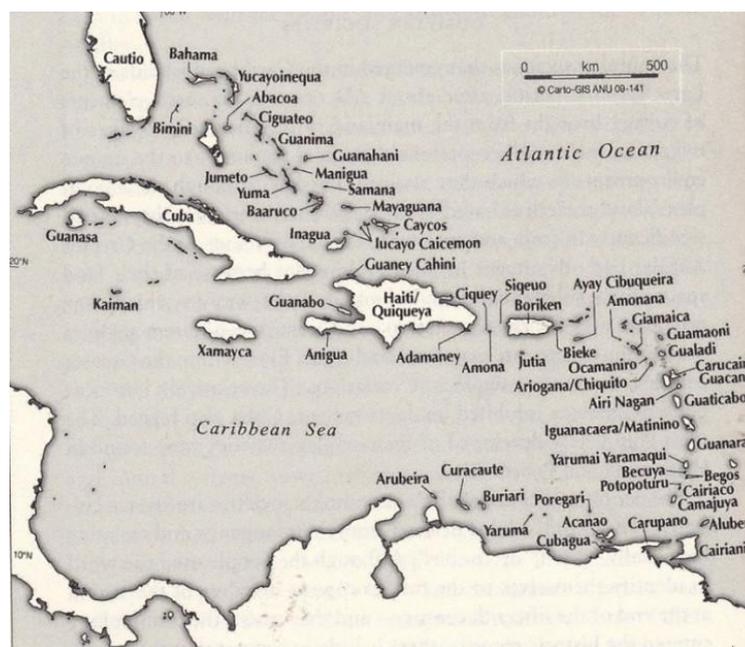
No início do século 20, a Jamaica enfrentou uma grande crise econômica que duraria até 1949, mas nesse meio tempo, outros polos de referência para a economia emergiram, tais

como a extração da bauxita, o turismo, o cultivo de café, cacau, mandioca, milho, frutas cítricas e a produção de máquinas agrícolas. A economia Jamaicana da década de 2010 foi demarcada por um Produto Interno Bruto (PIB) de \$25.39 bilhões (2016) que a localiza na posição global de 138^a, a renda *per capita* jamaicana é de 9 (nove) dólares (Panplona, 2017).

2.2.1 Ocupação Taino (Arawake) x Dominação Espanhola

A primeira ocupação humana da Jamaica foi entre os séculos VII e VIII E.C. pela população Taino¹⁴⁹, descendentes dos povos Arauaques, migrantes da América do Sul e praticantes das culturas de caça, pesca e agricultura. As comunidades Taino empregaram à ilha o nome Xamaica (que significa terra dos mananciais na língua Taino), posteriormente denominada Jamaica. No final do século XV, a população Taino estava organizada em comunidades distribuídas pela ilha, e foi desafiada a resistir militarmente à penetração hispânica preanunciada pela viagem de Cristovão Colombo em 1494.

Mapa 5: Nomes Taino das ilhas do Caribe



Fonte: 'General History of the Caribbean, vol. 1: Autochthonous Societies' (Paris: UNESCO Publishing/London: Macmillan 2003) Plate 8.

¹⁴⁹ Nome original do povo conhecido por Arawak

A colonização hispânica foi desencadeada no ano de 1504, avançando com poder bélico, cultura de violência e diversas doenças transmissíveis, um processo de genocídio que dizimou o povo Taino quase que totalmente. A escravização foi proibida em 1542, na sequência, foi fundada a cidade de Nueva Sevilla no norte da Ilha. Na geopolítica de dominação espanhola, a Jamaica foi um entreposto comercial e base para abastecer com insumos as colônias hispânicas de Cuba e Hispaniola (Haiti).

A população Taino na Jamaica, deteve a sua própria economia local, baseada na comunalidade das relações ambientais e sociais. O solo era um bem comunitário, os serviços de medicina tradicional, militar, jurídico e engenharia, assim como ferramentas, utensílios, cereais e vestimentas Taino eram condicionadas às necessidades das populações (Gotlieb, 2000). No processo de dizimação colonial, a soberania Taino foi destruída, suprimindo a economia e toda a sua fundamentação cultural. A colonização implementou um sistema de trabalho escravo, com novas regras de organização social em benefício ao acúmulo de recursos naturais. Enquanto houve povo Taino, a economia tradicional resistiu, até a dizimação em massa deflagrada no século XVIII.

2.2.2 Extratos da cultura Jamaicana e dominação Britânica

A Jamaica ocupou uma posição marítima estratégica na geopolítica do sistema escravista como entreposto comercial de africanos escravizados, assim como de mercadorias para as colônias hispânicas nas Américas Central e Sul. O desencadear da economia colonial jamaicana deu-se pelo tráfico de africanos escravizados, e pelo cultivo da cana-de-açúcar, seguido pelo seu processamento. A cultura da cana foi implantada pelos holandeses na Jamaica em 1650, logo após os mesmos serem expulsos de Pernambuco, Brasil. Face ao trabalho forçado, em todas as Américas, os africanos se organizaram de forma política, econômica e cultural para enfrentar o sistema escravista.

Os Maroons tiveram como base de sua resistência a memória viva de suas experiências em África, com Daomeh e os Akan – na região do atual Gana e parte do Burkina Faso. Pelas características do povo Akan da África Ocidental, a organização social Maroon teve como prisma o matriarcado, a descentralização administrativa, a comunalidade do solo e a economia solidária. Semelhante aos Quilombos no Brasil, os Maroons estabeleceram relações com as províncias coloniais detendo uma série de produtos, dos alimentícios aos

utensílios domésticos. Além de um sistema econômico próprio baseado na produção com excedentes e na negociação de produtos com comunidades e colonos. Indubitavelmente, a economia Maroon foi uma das bases da resistência africana de cultura e de confronto na Jamaica.

Os ingleses chegaram na Jamaica por volta de 1655 e desenvolveram uma economia escravista de *plantation* baseada na força de trabalho africana. Cinco anos depois, a Jamaica foi formalmente cedida aos britânicos através do Tratado de Madrid. O ano de 1692 também foi uma data marcante, a região de Port Royal, centro econômico da ilha, foi devastada por um terremoto. Os terremotos e ciclones foram fenômenos naturais sazonais na Jamaica que marcaram profundamente a infância de Marcus Garvey no século XX. Amy Jacques Garvey destaca este componente dos ciclones, comentando um caso ocorrido em 1903 e o seu impacto sobre a família Garvey: *Em 1903, um furacão varreu o país, destruindo árvores valiosas; as chuvas torrenciais arruinaram os alimentos do solo, como o inhame, o coco e a mandioca. A Sra. Garvey ficou desesperada, pois, todas as suas colheitas se perderam. (Garvey, 2014, p.4) (tradução nossa)*

A transição da administração hispânica para a inglesa foi utilizada pelas frentes Negras de resistência como momento de brecha para o avanço dos ataques ao sistema vigente. Os ingleses instalaram uma base de pirataria na Jamaica sob a administração de Henri Morgan, com colonos de procedência protestante e judaica. Um panfleto inglês do século XVIII ilustra extratos de uma cultura literária popular racista de ingleses contra africanos: “Como os africanos são os mais lascivos de todos os seres humanos, não será de crer que os gritos que soltam quando os arrancamos aos braços de suas mulheres resultam apenas do receio de nunca mais terem oportunidade de satisfazer as suas paixões lá nas terras para onde os embarcam?” (IN:Davidson, Basel;1981,p.9). Identifica-se no trecho a perspectiva de que os Negros não eram seres humanos e o prazer sádico do testemunho do sofrimento de uma mãe que tem o filho arrancado de seus braços.

Os africanos na Jamaica foram obrigados a impulsionar o capitalismo europeu na Inglaterra. As casas comerciais em Londres, Liverpool, Britsol e Glasgow se comunicavam com latifundiários na Jamaica que comandavam de 800 a 3000 acres destinados ao plantio de cana-de-açúcar no século XVIII. Não diferente do Brasil, a cultura de cana-de-açúcar na Jamaica reunia 5 etapas: 1.plantio e corte de cana madura; 2.transporte de cana para o

moinho; 3.extração do suco e evaporação; 4.drenagem de melaço; e 5.destilaria para transformação em rum.

O trabalho forçado de extração da cana em ambientes insalubres poderia variar entre 12 e 16 horas de trabalho, de acordo com a necessidade do proprietário, não havia uma legislação trabalhista ou um regimento empresarial. O escravizado era uma ferramenta de trabalho, podendo ser utilizado ao máximo possível até a sua degradação o total. Mesmo com os primeiros anos para uma espécie de adaptação do escravizado às condições do sistema, a perspectiva de vida dos escravizados era de 9 anos após chegar no porto jamaicano.

O economista e escritor engajado Eric Williams foi taxativo ao elucidar que as importações e exportações entre Inglaterra e Jamaica foram excepcionalmente lucrativas, servindo como argumento central e convincente para ridicularizar ideias abolicionistas no final do século XVIII. Os avanços possibilitados pelo trabalho escravo na Jamaica eram sentidos por bancos, seguradoras, empresas navais, empresas de transporte a partir do porto de Liver Poll, Inglaterra. Longe da abolição, a agenda do sistema pregava o desenvolvimento da indústria a partir da exploração do homem e dos recursos da terra. No contexto do Caribe desse período, Eric Williams sublinha uma consciência política, o perfil de pessoas dedicadas a ações de resistência e os desafios da libertação fora do campo, nas vilas ou regiões portuárias :

Em 1808, uma revolta de escravos irrompeu na Guiana Inglesa. A revolta foi traída e os chefes aprisionados. Consistiam em feitores, artesãos e outros escravos mais conscientes nas propriedades, isto é, não os trabalhadores do campo, mas os escravos que estavam em situação mais confortável e eram mais bem tratados. Do mesmo modo, uma rebelde na Jamaica em 1824, que cometeu suicídio, admitiu claramente que seu senhor era bondoso e indulgente, mas defendeu sua ação sob o fundamento de que a liberdade durante a sua vida lhe fora negada por seu senhor. Era sinal de perigo. Toussaint L'Overture em São Domingos fora um "escravo cocheiro" de confiança. (WILLIAMS, 1975, P.226)

As igrejas escravistas, cristãs protestantes e católicas, foram apoiadores incondicionais do sistema de escravidão, utilizando a Bíblia como a grande base teórica social através da sua teologia racista. As Igrejas Reformada Holandesa, Anglicana e a Católica estiveram engajadas no tráfico e na produção de riquezas da Jamaica. Na metade do século XVIII missionários batistas geraram tensões com fazendeiros por conta de seu ímpeto evangelizador, os batistas justificavam o seu projeto afirmando que um africano evangelizado seria um escravo melhor. Nesse mesmo contexto, a prática espiritual religiosa tradicional africana foi dominante no ambiente de resistência da cultura nos povoados e fazendas.

2.2.4 Procedência dos africanos escravizados na Jamaica

A Jamaica foi uma disputada provedora de riquezas, além do interesse pela sua localização estratégica para o sistema comercial que interligava forçosamente Europa, África e Américas. Considerando a intensa ação de roubo e violência nos mares do Caribe por bucaneiros, piratas e companhias do transporte, a ilha foi o cenário para os mesmos crimes em terra. Os africanos, vítimas concretas desse sistema, que sobreviviam à travessia do Atlântico eram marcados com ferro em brasa, tinham os seus nomes modificados, eram proibidos de falar e escrever em seus idiomas e de praticar a sua própria espiritualidade.

Na segunda metade do século XIX, a procedência de africanos enviados para a Jamaica abrangia Biafra (Sul da Nigéria) e África Central, albergando o conjunto de grupos de expressão humana das atuais regiões do Gana, Togo, Costa do Marfim e Guiné-Conacri. Inserem-se no grande conjunto cultural formado por Akan, Ashanti, Fanti e Twi que pertencem ao grupo linguístico Kwa. Esse conjunto foi subdividido em uma linha oriental formada majoritariamente por Axantis e Fantis, e uma linha ocidental onde se destacam os Agnis e Baúles. Tradicionalmente, os Akan exercem atividades de agricultura e pesca, compartilham da fé em uma mesma força criadora do universo (Nyame) e seus intermediários (Obosom). Durante o holocausto africano, os povos Akan exerceram uma migração significativa para a Jamaica, Antilhas, Guianas e Estados Unidos.

A prática do culto à ancestralidade foi muito comum entre os Maroons. No campo espiritual a cultura Obeah foi complementar ao pensamento filosófico e político africano na cultura Maroon. O Obeah era muito similar ao Vodou no Haiti, envolvendo manuseio de plantas medicinais, cultos aos ancestrais, libações e práticas divinatórias. Objetivamente, a prática Obeah incutia um eixo ontológico de pertencimento e identidade presente entre a população Negra da ilha, principalmente a Maroon e a escravizada, ascendendo a chama da consciência de justiça e dignidade. Essas práticas exigiam o convívio e o diálogo entre os adeptos, sendo conseqüentemente proibidas pelo governo colonial, que as entendia como práticas de sedição. O Obeah estava inserido em um conjunto de práticas litúrgicas de base espiritual africana denominado de Myalismo.

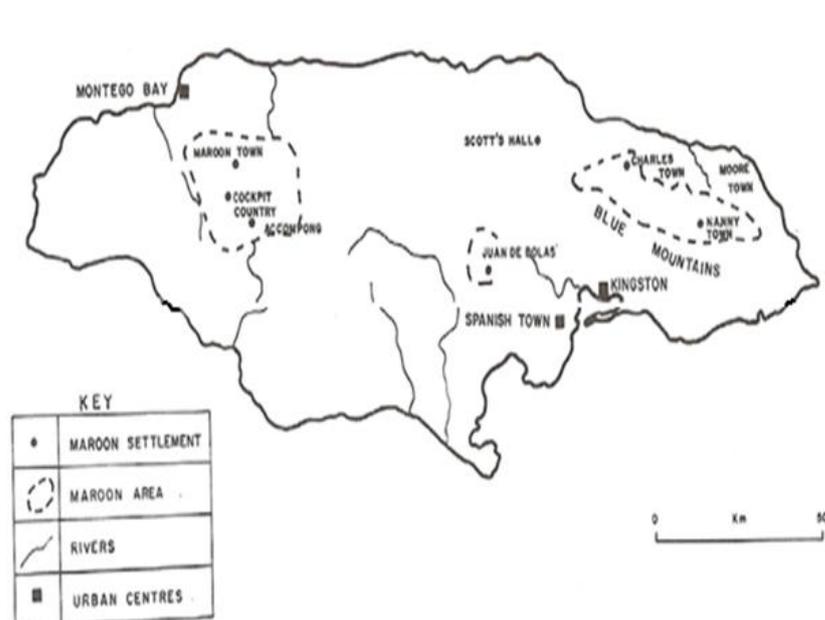
Contrastando com a selvageria empreendida contra as mulheres africanas escravizadas, nos acampamentos Maroon as mulheres estavam mais próximas de seu lugar de *status* matriarcal africano como no Reino do Kongo e na própria sociedade Akan. Mas isso não quer dizer que não houvessem desafios e disputas dentro das comunidades. Na realidade escravista, as mulheres Maroon exerciam uma funções vitais nas comunidades, tais como a produção agrícola, os trabalhos espirituais (junto com homens), jurídico comunitário e atividades de caráter militar, uma herança Akan, por exemplo.

No campo militar, os Asafo foram grupos tradicionais de guerreiros na cultura Akan, a palavra deriva de *sa*, que significa guerra, e *fo*, que significa pessoas. O papel tradicional dos Asafo foi a defesa comunitária Akan. Como resultado do contato com as potências coloniais européias na Costa do Ouro (Gana), os Fantes, que habitam a região costeira, desenvolveram uma versão especialmente complexa do conceito de Asafo em termos de sua organização social e política baseada em princípios marciais em artes gráficas. O Asafo foi um componente importante na resistência africana diluído na organização sócio-comunitária Maroon na Jamaica.

2.2.5 Resistência africana na Jamaica: Criatividade e combatividade Maroon

A partir da década de 1690, grupos de africanos escravizados, principalmente de origem Akan, que ocupavam a região Central da Jamaica, (Claredon) rebelaram-se e escaparam para as zonas florestais. Durante os sessenta e seis anos seguintes, esses grupos matriz foram se estabelecendo, preferencialmente no Leste e no Nordeste da ilha. À medida que a ilha tornava-se mais densamente povoada, essas comunidades Maroon intensificavam incursões às *plantations*, capturando gado, incendiando roças e aquecendo movimentos para libertação. Gozando de relativa autossuficiência, em 1663 os Maroons ignoraram uma oferta da Coroa Inglesa, que ofereceu terras e liberdade plena em troca do encerramento das resistências de confronto.

Mapa 6 : Jamaica do século 19 com discriminação das zonas de influencia Maroon e centros urbanos



Fonte: www.jamaicanhistoricalmaps.com

Os Maroons garantiram sua sobrevivência no interior da ilha com uma organização social comunitária e com um sistema capaz de produzir excedente para trocas entre comunidades, possibilitando negociações de produtos com as vilas e cidades costeiras. Houve, inclusive, uma logística de intercâmbio de informações e sementes das fazendas para as comunidades, além de uma necessária estratégia de combates através de emboscadas sempre fora das planícies (Campbell, 1991).

A comunicação entre comunidades para prontidão em casos de conflitos com fazendeiros teve como referência o Abeng, uma corneta feita com chifre de vaca com uma outra extremidade larga aberta (abertura inferior) para sair o som soprado, e uma outra extremidade estreita (abertura superior) para ser soprada. A regulagem do som era feita por um orifício perto da abertura superior. O Maroon sentinela encarregado de soar o Abeng regulava o seu som soprando enquanto tapava e destapava o orifício com o seu polegar. O Abeng era soado como sinal de alerta às comunidades sobre algum perigo eminente ou para um momento de ataque contra os inimigos invasores.

Figura 26: Abeng, o chifre da chamada de prontidão Maroon



Fonte: <http://wiwords.com/word/abeng>

Entre os anos de 1729-1739, os Maroons travaram a sua primeira grande guerra liderada pelos dois irmãos Accompong e fundamentalmente por Johnny Cudjoe, um ascendente direto de Ashantis cujo patriarca era Nangua. Os irmãos Accompong e Johnny Cudjoe dominaram a guerra no Oeste enquanto os subcomandantes Quao e Cuffe controlaram as ações do Leste. Concentrados na encosta Norte de Blue Montains e nas florestas do interior, os Maroons puseram em prática sofisticadas táticas de guerrilha, desnorteando as tropas coloniais.

Os ataques coordenados por J. Cudjoe conseguiam mobilizar dezenas de comunidades, após investir 100.000 Libras Esterlinas e temendo a própria aniquilação, a Inglaterra estabeleceu um tratado de paz com o movimento Maroon no ano de 1739. O tratado garantia a independência das comunidades Maroons através de autogoverno, posse de terra, imunidade à escravização e o direito a praticar caça e pesca. Entretanto, entre as exigências estavam sujeitos à tributação das terras e a não-aceitação de africanos em situação de fuga das fazendas .

Mesmo com o tratado estabelecido, os ingleses não honraram a sua parte e iniciaram ataques contínuos às comunidades Maroons mais afastadas, menos providas de força militar e organização. Nanny dos Maroon esteve entre as lideranças de um assentamento importante para as intenções dos irmãos Accompong e Cudjoe. O acampamento de Nanny dos Maroon estava localizado estrategicamente perto de rios e montanhas, com grande capacidade agrícola, água potável e de difícil acesso aos que desconheciam os códigos da floresta fechada. Nanny era de origem Akan nascida na Costa do Ouro (atual Gana), provavelmente no ano de 1680, exerceu funções de guia espiritual (Obeah) e conselheira militar da resistência Maroon na região Sul da Jamaica entre os anos de 1725 e 1740 .

Na Jamaica, a cada dia, as tropas coloniais aumentavam seus efetivos, contando até com milícias de Negros contratados e um arsenal. Entre os anos de 1730-1739, o assentamento de Nanny foi tomado e destruído pelas milícias comandadas pelo inglês Sir Edward Trelawney. Uma cúpula maior de resistência Maroon decidiu aceitar o antigo tratado de paz, cujos termos garantiam aos Maroons 1.500 acres de terra e garantia de uma plena liberdade.

Figura 27: Nanny dos Maroons



Fonte: <https://jamaicans.com/queennanny/>

Todavia, Nanny não se satisfaz com o tratado e se rebelou contra o núcleo familiar de J. Cudjoe, sendo sumariamente assassinada. J.Cudjoe foi apontado como responsável pelas comunidades Maroon, tendo como colunas os irmãos Accompong, porém essa liderança forjada na traição a Nanny foi obrigada a cumprir uma exigência do tratado, os seus passos seriam controlados por dois emissários ingleses, destacados pelas autoridades coloniais para viver no seio da comunidade.

O livro *Nanny's Asafo Warriors The Jamaican Maroons' African Experience* (2011), de Werner Zips é uma grande contribuição para a história de Nanny contextualizada na dimensão de uma cultura de organização sociocomunitária africana compartilhada entre Costa Ocidental Africana e o Caribe, ou entre os Akan e Marrons. Dentro dessa dimensão, Werner Zips situa a espiritualidade, cultura feminina de organização política e o lugar de Nanny em um grande projeto de soberania. Nesse sentido, as cerimônias maroons eram muito bem elaboradas, repletas de práticas espirituais repletas de conteúdo político de organização sociocomunitária :

A história dos maroons gira principalmente em torno dos antigos antepassados e, tal como no caso dos Asante, estes são vistos como tendo criado a base da comunidade social e política. Os seus feitos históricos são recordados nestas ocasiões pela história Maroon cantada, que comemora sobretudo a conclusão do tratado de paz sob a direção de Kojo e Nanny. (Zips, 2011,p185,)

O autor expora mais este aspecto político dentro do simbólico durante os rituais aos ancestrais, salientando que a memória de Nanny tornou-se um símbolo maior da ética, da moral Maroon e da unidade política (zips, 2011, p.186). Na Jamaica do final do século XVIII, os ministros Negros batistas começaram a exercer alguma influência no contexto das resistências locais através de suas pregações religiosas, Bíblicas. Esses religiosos abriram um novo campo de reflexão crítica ao racismo e ao imperialismo britânico. Igrejas improvisadas que albergaram pregações Bíblicas com o viés antiescravagista, servindo também como espaço de conexão com a Kumina, referência para o surgimento da Pocomania.

Após o tratado de paz e combates dos Maroons contra o sistema de exploração. Os ingleses aumentaram o policiamento sobre o território. Dentro das revoltas de menor proporção, a mais importante foi a Revolta de Tracky, influenciada pelo movimento revolucionário de Haiti, pelos movimentos abolicionistas nas Américas e pelas mudanças internas no sistema escravista. A denominação Tracky advém de um Maroon conhecido por esse nome e que liderou a revolta, envolvendo centenas de homens originários da Costa do Ouro, os Coromantees.

Durante seis meses do ano de 1760, cerca de 1000 africanos foram mobilizados na luta contra fazendeiros na Jamaica. Mas, o motivo mais de maior relevância para a Revolta de Tracky foi a detenção e açoitamento de dois Maroons acusados (sem provas) de roubo em uma propriedade de Montego Bay. Ofendida, a comunidade Maroon preparou uma retaliação. O movimento inicialmente deflagrado na Paróquia de Sta. Mary, na região Norte da ilha, alastrou-se para Fort Haldane em Port Mary, onde os membros da revolta obtiveram armas e munição. O movimento avançou com invasões à propriedades em Heywood's Hall e Esher, espalhando muitas mortes aos colonos.

Os combates se estenderam entre os anos de 1765-1784, ocorreram baixas entre Maroons e colonos, os revoltosos capturados foram mortos e em certos casos deportados. No cômputo final, cerca de 60 brancos foram assassinados. Tracky foi executado e o movimento foi encurralado pelas forças inglesas. Uma parte considerável dos membros do movimento Maroon cometeram suicídio para evitar a vingança dos colonos. Contudo, mesmo com a rendição Maroon, os ingleses se vingaram assassinando seiscentas pessoas.

O governo colonial utilizou como estratégia um acordo de paz ao movimento Maroon, oferecendo liberdade aos rebeldes presos e um conjunto de benefícios para aqueles que apoiassem o governo integrando milícias para a captura de Maroons. O movimento se dividiu uma parte aceitou formar milícias enquanto outra parte migrou para as montanhas unindo-se às comunidades Maroon. Os abusos e ataques criminosos dos ingleses desencadearam uma Segunda Guerra Maroon no ano de 1775. As comunidades organizaram combates através de guerrilhas e causaram duras baixas nas milícias do império, que apelou a importação de cães-de-caça oriundos de Cuba, onde os mesmos eram utilizados como armas contra a população escravizada. A comunidade Maroon rendeu-se e as milícias do governo realizaram um verdadeiro genocídio na ilha.

Após a liquidação dos rebeldes Maroon, o governo exigiu o aumento quantitativo de militares na ilha, a fim de se evitar um novo levante. Um novo tratado de paz entre Maroons e ingleses foi assinado por Quao, chefe de uma facção rebelde Maroon. Entretanto, com maior ou menor proporção, as ações Maroon continuaram intermitentes no cotidiano colonial jamaicano. No início do século 19, a parte ocidental da ilha reuniu cerca de 20.000 escravizados em Trelawney, St. James, West Moreland, Hanover e St. Elizabeth. Nesse contexto, o pregador religioso, alfabetizado, instrumentalizado com Bíblia e aportes da matriz religiosa-espiritual africana foram predominantes. Foi nessa seara que surgiram militantes destacados, como foi o caso de Samuel Sharpe.

Na primeira metade do século seguinte, entre os anos de 1831 e 1832, houve um grande movimento antiescravista organizado por batistas Negros e denominado pela historiografia de Guerra Batista. As causas centrais do conflito foram a depressão econômica, as pressões violentas de proprietários contra o fim do sistema escravista e, principalmente, a consciência política no seio das igrejas batistas lideradas por Negros. O evento conseguiu mobilizar cerca de 60 mil Negros (de uma população de 300 mil) sob a liderança do pregador e teólogo Samuel Sharpe, que intencionou a completa destruição do sistema escravista na Jamaica e em todas as colônias britânicas. (Campbell, 1991).

Figura 28 Ilustração retrato de Samuel Sharpe



Fonte : http://www.jamaicaobserver.com/news/where-exactly-was-sam-sharpe-s-place-of-execution-and-burial-where-exactly-was-sam-sharpe-s-place-of-execution-and-burial-_151104?profile=&template=PrinterVersion

A base de operação organizacional de Samuel Sharpe foi formada pelas igrejas batistas e a Bíblia foi utilizada como ferramenta de mobilização comunitária. No ano de 1831, Samuel Sharpe exigia das autoridades do governo britânico na Jamaica liberdade e condições de trabalho para o grande contingente Negro escravizado e marginalizado na colônia. A impossibilidade de uma negociação com o governo alimentou a organização de ataques físicos à propriedades que começaram no dia 27-28 de dezembro de 1831 em Kingston, nas proximidades de Montego Bay, um centro de produção açucareira da ilha.

Inicialmente, os revoltosos se comunicaram através de tambores e do *Abeng*, na sequência, incendiaram lavouras de café e apreenderam gado. O avanço do contragolpe governamental fez com que Samuel Sharpe autoriza-se a criação do Regimento Negro, um braço para-militar da revolta capaz de enfrentar as milícias do governo. Esse regimento Negro foi coordenado pelo Coronel Johnson, um desertor das tropas do governo. O governo Britânico determinou que o Coronel Grignon liderasse tropas oficiais de repressão colonial de Negros e brancos para acabar com a revolta, mas não conseguiram e se retiraram para o mar afim de evitar confrontos através de guerrilhas. O movimento continuou pressionando a ordem escravocrata estabelecida.

O avanço das milícias Maroons pressionou os comandos do governo a se concentrarem na zona portuária próxima a Montpelier, deflagrando a tomada de fazendas e bens que equivalem a mais de 1.000.000 de Libras Esterlinas. O governo propagou na ilha que o Parlamento havia abolido a escravidão, para em seguida oferecer a Sam Sharpe e seus comandos uma proposta de anistia. Creditando como verdadeira a abolição e a anistia , uma

massa considerável de Maroons recolheu as armas sem saber que tudo se tratava de uma armadilha para vingança e retomada de ordem colonial .O resultado do recuo do exército Maroon resultou em centenas de africanos mortos por fuzilamento, enforcamento e sob cruéis torturas.

O incontornável enfraquecimento do movimento, agora cercado nas regiões montanhosas, foi seguido pela delação e captura de Samuel Sharpe, condenado à morte. Sam Sharpe foi enforcado na região de Montego Bay em 2 de Maio de 1838. A Guerra Batista foi o último grande conflito antes da emancipação ou abolição da escravatura na Jamaica em 1838.

2.2.6 “Abolição” da escravatura na Jamaica - 1838

As resistências antiescravistas na Jamaica se ampliaram e danificaram as estruturas do *status quo* vigente (plantations, pastos e engenhos), muitas estradas foram interditadas por ações de sabotagem. As ações comunitárias Maroon foram transversais às vilas e cidadelas no interior da ilha, abrangendo os mais variados tipos de serviços e comercialização de produtos como plantas, utensílios domésticos, alimentos. Entre os anos de 1811 e 1817 Paul Cuffe organizou um movimento de retorno para o continente africano através do comércio de produtos por via marítima. Em seis anos de trabalho político e comercial, Paul Cuffe assentou dezenas de famílias em Serra Leoa.

O Quashie foi uma estratégia de dissimulação utilizada pela população negra da Jamaica. A palavra Quashie é de origem Akan e é utilizada para identificar uma pessoa ingênua e estúpida. Os Negros fingiam-se de Quashie nas fazendas e vilas a fim de esconderem seus serviços de monitoração e conspiração. Anancy simbolizava a astúcia e a sabedoria que possibilitariam a vitória dos oprimidos contra os seus opressores.As histórias e lendas Akan sobre Anancy contadas entre os africanos escravizados na Jamaica sempre foram enredos para ilustrar o verdadeiro sentido do Quashie.

A abolição da escravatura na Jamaica em 1838 deu-se por três motivos centrais: 1. A insustentabilidade do governo enfrentar a diversidade de resistências Maroon , o elemento mais preocupante; 2. A transição interna no sistema econômico escravista; e o 3. O movimento político abolicionista local e internacional. Além das empreitadas dos Maroons, a Revolução Haitiana rondava a ilha o fantasma (1791-1804), além das notícias sobre movimentos de grande escala como a Jihad dos muçulmanos malês no Brasil (1835).

A economia colonial jamaicana passa por mais uma mudança estrutural e operacional com a abolição da escravatura em 1838, mas que manteve um estilo de colonização doméstica intermediado pelo racismo. A partir de 1870, a indústria de cana-de-açúcar começou a perder seu peso internacional e foi substituída pelo cultivo de banana, em amplos terrenos, no estilo *plantation*. Em pouco mais de dez anos, duas mudanças importantes ocorreram na Jamaica, a capital Spanish Town foi transferida para Kingston em 1872, e em 1884 uma nova constituição de caráter autônomo – dentro da lógica colonial – foi construída.

Como salientado no tópico Mudanças no Sistema, o eixo de exploração do sistema colonial passaria por uma mudança estrutural, de um lado a emergência das forças de resistência cada vez mais penetrante nas cidades e nos portos, do outro lado as investidas da Inglaterra no monopólio Atlântico para exploração de recursos naturais e mão-de-obra africana, que em nome de seu projeto industrial aumentaram cada vez mais. A escravidão oficial nas Américas seria substituída por sistemas de trabalho análogos à escravidão, enquanto os portos escravistas na Costa Ocidental Africana dariam lugar a portos para o escoamento de recursos naturais em larga escala, entre eles madeira, marfim, minério de ferro e ouro.

O propósito de mudança, nesse sentido, estava concatenado ao empreendimento industrial europeu, que rapidamente ativou o controle portuário Atlântico para a nascente indústria. No século XIX foram construídas as condições para o sistema colonial no território africano e neocolonial para as Américas. A situação na Jamaica para sua população Negra africana se agravaria com a importação de mão-de-obra chinesa e indiana, aprofundando a exclusão social racista na ilha

O movimento abolicionista foi marcado por proeminentes figuras ligadas ao *status quo* inglês, mas havia um grande movimento de resistência nas colônias protagonizados pela própria população escravizada ou em situação de semiliberdade. Na Inglaterra, os abolicionistas tiveram um papel importante para a promulgação do Ato de Emancipação em 1834, que determinou a libertação de todos os escravos nas colônias britânicas. O abolicionismo no próprio território colonizado se caracterizou fundamentalmente pela resistência radical contra o sistema e a favor da justiça social.

O primeiro caso do abolicionismo se refere aos trabalhos de Thomas Clarkson (1760 - 1846) em 1807 na Inglaterra. Com a criação do Comitê para a Abolição do Tráfico de Escravizados, entre os novos agentes abolicionistas estava William Wilberforce (1759 - 1833), responsável pelo primeiro discurso abolicionista na Câmara dos Comuns em 1789 e fundador

da Sociedade para a Mitigação e Abolição Gradual da Escravidão. Outro nome importante foi o de Joseph Sturge (1793 - 1859), que trabalhou pela fundação da Vila livre de Sturge Town em St. Ann (Jamaica), cuja função seria fornecer terras e casas para recém-libertos da escravidão, posteriormente ele fundou a Sociedade Britânica e Estrangeira contra a Escravidão.

Os fazendeiros não intentavam abandonar o antigo sistema escravista jamaicano, mas a mudança de capitalismo mercantil para industrial foi inevitável, fundamentalmente pela pressão imperial inglesa. Independente das mudanças no sistema, as movimentações organizadas na Jamaica por transformação social foram intensas, se expandiram para Trinidad & Tobago, Barbados e Antígua. Nesse sentido, é indubitável afirmar que o domínio da língua inglesa facilitou a comunicação revolucionária, inclusive com as Américas (Norte e Sul) e África.

Não menos importantes, outros nomes do movimento abolicionista na Inglaterra foram os do missionário William Knibb (1803 - 1845) e de Edward Jordon (1800 - 1869) na Jamaica. Considerado mestiço na sociedade escravocrata, Edward Jordon foi o editor do jornal *The Watchman*, um influente periódico que defendia libertação e justiça para a população escravizada. O jornal *The Watchman* foi uma provável influência para Marcus Garvey, que batizou com o mesmo nome o seu primeiro jornal no final da década de 1900¹⁵⁰. Edward Jordon utilizou de seus privilégios e prestígio para participar ativamente da Casa da Assembleia em 1835 na Jamaica, intencionando implementar artigos da Lei de Emancipação de 1834.

Thomas Burchell (1799 - 1846), que diferente dos outros citados era um homem visivelmente Negro na campanha abolicionista, foi um missionário da Igreja Batista e nascido na Inglaterra. Escritor profícuo e influente, T. Burchell militou politicamente contra o racismo e as péssimas condições de trabalho infligidas à população Negra na Jamaica, chegando a ser preso em 1832, acusado de estimular a Guerra Batista. Após a rápida passagem pela prisão, T. Burchell arregimentou financiadores para a fundação de um complexo de aldeias livres para ex-escravizados nas regiões de Mount Carey em Montego Bay, St. James, além de participar na edificação de igrejas, escolas e centros de saúde.

¹⁵⁰ Primeiro jornal editado pelo jovem Garvey na Jamaica.

Figura29: Thomas Butchell



Fonte: <https://jis.gov.jm/information/stalwarts/>

A abolição na Jamaica foi proclamada em 1º de Agosto de 1838, junto com ela 20.000.000 de Libras foram pagas como taxas indenizatórias para fazendeiros. Após a abolição da escravatura em 1838, a população Negra permaneceu marginalizada e vulnerável ao imperialismo cerceador do capitalismo pré-industrial inglês. Quatro anos antes de 1838, o império iniciou um programa denominado *apprenticeship* (aprendizado)¹⁵¹, proposto pelo parlamento inglês com a justificativa de preparação da população escravizada para o trabalho livre ao longo de seis anos. Porém, as condições impostas pelo programa estiveram condicionadas ao racismo e marginalizaram a população Negra.

Nenhum programa de governo colonial jamaicano foi intencionalmente prático afim de evitar que a transição do sistema fosse caracterizada por baixos salários e difícil acesso à terra . Na realidade, a população emancipada deveria trabalhar um número de horas na fazenda, em um total de quatro dias na semana, para nos restantes dedicar-se ao seu lote de terra . Durante esse período a coerção não foi rara e ocorreram inúmeros descumprimentos da própria Lei de Emancipação por parte dos donos de terra .

Os negros das Índias Ocidentais celebram a sua emancipação no primeiro dia de agosto de cada ano. Os negros americanos celebram a sua emancipação no dia 1 de janeiro de cada ano. Nesta noite, estamos aqui para celebrarmos a emancipação dos escravos neste país. Somos os descendentes dos homens e das mulheres que sofreram neste país durante duzentos e cinquenta anos sob essa instituição bárbara e brutal que é a escravatura. Vós, que não perdestes o rasto dos vossos antepassados,

¹⁵¹ O Programa Aprendiz foi uma forma de transição do ex-escravizado trabalhando para arcar com os custos da reorganização da economia após a abolição .

fostes retirados do grande continente africano e trazidos para aqui com o objetivo de serem usados como escravos (GARVEY, 2004, p. 54)

Os proprietários também tributaram as terras de uso coletivo dos Negros (como os cemitérios) e estabeleceram aluguéis sobre as casas cedidas a pequenas famílias. A opressão levou a um êxodo de trabalhadores para as montanhas, que buscaram construir suas vidas de forma autônoma. Nesse contexto, o governo iniciou um programa para importação de mão-de-obra asiática a custo mais baixo, somente no ano de 1834 entraram 18.656.000 de asiáticos (indianos) na Jamaica. Os Negros que permaneceram sob o jugo de trabalho semiescravo (trabalhador tutelado) mantiveram esquemas de resistência frente a opressão dos proprietários e seu novo maquinário industrial.

O mercado de açúcar em Cuba e no Brasil era o mais vantajoso porque permanecia operando o sistema escravista, que desestabilizou o mercado jamaicano. Não tarde, já em 1860 os sinais de crise e decadência estavam nítidos em toda a sociedade jamaicana, as teorias racistas em voga na Europa encontraram caminhos para endossar o racismo tradicional das elites europeias da ilha. Diferente dos EUA onde foi assentado um sistema de meeiros em que o ex-escravizado estaria atrelado a fazendeiros por dívidas, os fazendeiros falidos na Jamaica venderam suas terras a comunidades judaicas que assumiram posição de influência política e atividades econômicas relevantes. Os judeus de origem portuguesa e espanhola investiram significativamente no tráfico de africanos na Jamaica, e mesmo restringidos pelos ingleses, conseguiram acumular patrimônios e negócios na ilha.

A abolição da escravatura na Jamaica em 1838 trouxe à tona antigas e renovadas vozes Negras que objetivavam retornar ao continente africano, algo comum nas Américas . Em Trinidad & Tobago, os ascendentes Mandingas buscaram através de iniciativas filantrópicas, a Costa Ocidental africana (Oeste), alguns se instalaram na Gâmbia, por exemplo. Por volta de 1850 havia um contato oficial entre Barbados e Guiné (Rio Pongo), administrado por religiosos Negros cristãos. Foi nesse período que surgiram proeminentes pensadores, organizadores e escritores como Edward Wilmot Blyden, conhecido por influenciar a migração Negra da diáspora nas Américas Centro-Norte para a Libéria (Costa Ocidental Africana). Edward Wilmot Blyden daria ritmo ao nacionalismo africano, especialmente no Nacionalismo Negro Etíopianista (Etíopianismo) que seria um dos maiores influenciadores do jovem Garvey no início de 1900.

Nesse contexto do que podemos denominar de neocolonialismo nas Américas, após 1838 foram previstas medidas para transição amena do sistema de trabalho escravista para o de trabalho livre. O processo de transição previa indenização aos ex-escravizados , reforma

agrária com pequenos subsídios intermediados pela Igreja Batista , onde se destacaram mediadores como o Reverendo James Phellippo. As previsões não funcionaram na prática em sua totalidade, mas mesmo assim, houve o desenvolvimento de um contingente de agricultores de pequeno porte, o que provocou um impacto nas grandes lavouras, e levou a coroa britânica a importar mão-de-obra asiática (Índia e China), com vias de inviabilizar o autodesenvolvimento da população Negra e suprir o campo de trabalho e negócios no varejo.

Encerrado oficialmente o período escravocrata, a sociedade permaneceu estruturada sobre a égide de uma hierarquia racial ditada pelos interesses racistas britânicos coloniais instalados na ilha. No topo da hierarquia estão os governadores britânicos, militares, proprietários de terra, comerciantes (grosso e retalho) e igreja; em um patamar de intermediários do poder colonial local encontrava-se a população considerada mestiça, e a base da hierarquia esteve ocupada pelo povo Negro em condição servil.

Entretanto, essa estrutura aparentemente simples não era homogênea. No topo hierárquico existiam conflitos, como entre os judeus e a igreja cristã britânica. Na área intermediária, os mestiços viviam entre permanente disputa e tensão afim de se afastar da sua origem africana e ao mesmo tempo da inferiorização em relação a Europa . Além disso, o contexto da mestiçagem estava tomado de violência contra mulheres africanas, muitas das quais estupradas e mães de crianças consideradas mestiças. Organizados na periferia do poder em uma espécie de meio-termo, esse extrato se tornou mais elevado em número que o topo, assim como ocupou na sociedade emancipada em comércios, igrejas, advocacia, artes e escolas.

Entre o contingente maioritário Negro também havia tensões, a divisão de africanos nascidos em África, os nascidos na Jamaica e entre os “livres” e os Maroons. Havia uma busca de privilégios baseada na desafricanização a fim de conquistar empregos em fazendas por exemplo, que poderia garantir oportunidades precárias de trabalho na agricultura ou na operação de máquinas . A classe trabalhadora jamaicana tem a sua origem nesse terceiro extrato social Negro na área urbana, inclusive com títulos de terra (pequenos agricultores, no caso dos que nasceram como livres.

Negros emancipados no perímetro urbano dinamizaram a agricultura familiar e os pequenos negócios. Mas, os proprietários eram taxativamente contra essas iniciativas e a desencorajavam, uma vez que a independência de uma classe camponesa era o esvaziamento que gerava dificuldade de produção em suas fazendas. A queda na produção de açúcar desencadeou a ação imediata do estado, que taxou territórios, a comunicação e os produtos de circulação interna. Nesse sentido , lotes , canoas e peixe seco não escaparam de exorbitantes

tributações em 1859, como nas regiões de Trelawney e West Moreland. Desde a emancipação já havia leis como a do Policiamento (1839) que assegurava detenção de pessoas portando produtos agrícolas sem uma permissão do proprietário de terra onde os mesmos foram cultivados, esses tipos de mecanismos passaram a ter uma utilização contínua no cotidiano jamaicano durante a segunda metade do século 19.

Diante de uma série de tensões (inclusive ameaças de uma possível restauração do regime escravista na ilha em 1848), com a necessidade de se evitarem conflitos de maior proporção, Edward Undriell (Secretário da Sociedade Missionária batista na Inglaterra) produziu uma carta-relatório sobre a miséria camponesa testemunhada pelo mesmo na Jamaica. O documento foi motivo de atenção e mobilização de uma politizada e insatisfeita comunidade batista na Jamaica, que iniciou uma série de críticas à degradação política, jurídica e econômica da ilha.

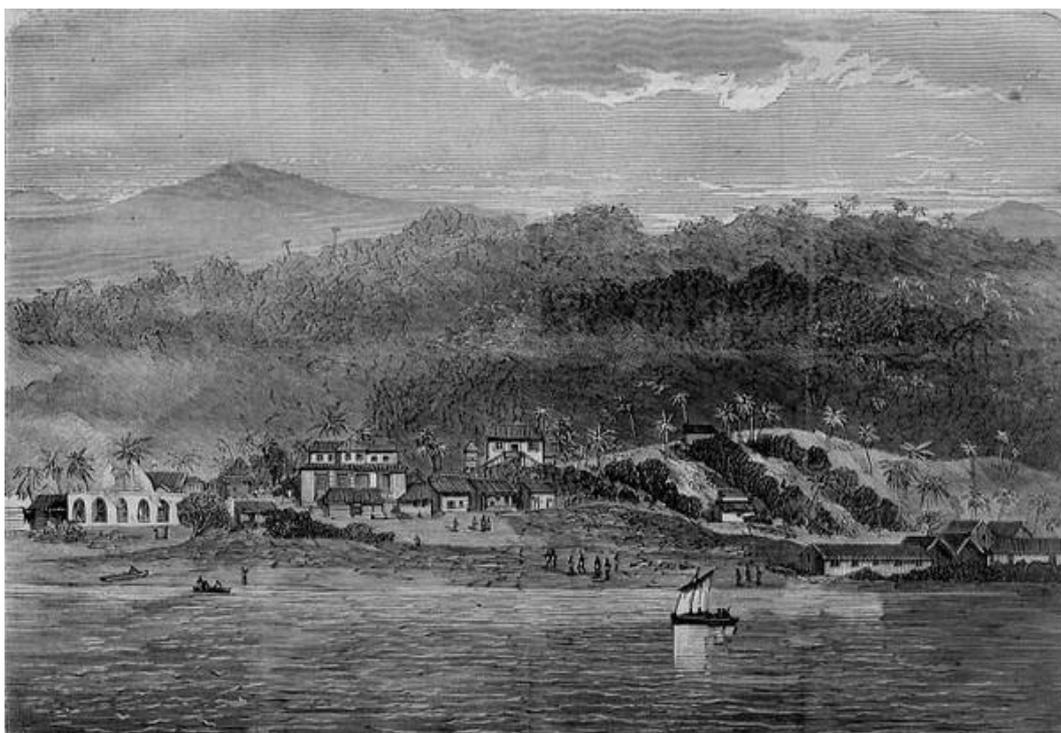
As comunidades organizadas pelos Negros emancipados foram núcleos de africanidade e base para protestos contra as injustiças sociais na década de 1860. Esses aglomerados de famílias enfrentavam a opressão violenta do sistema econômico racista e as intemperes da natureza, especialmente os furacões. As residências de construções frágeis em madeira não resistiam às mudanças climáticas típicas do Caribe, além de não haver uma infraestrutura de esgoto e água, possibilitando a proliferação de doenças como a cólera, que na década anterior ceifou mais de 20.000 vidas.

Nessas comunidades Negras, o legado de conhecimentos botânicos formava um recurso para o enfrentamento de doenças por exemplo. Os curandeiros (*bush doctors*), mestres da medicina tradicional foram de suma importância para a resolução de problemas de saúde, práticas espirituais e até mesmo a mediação de conflitos no seio das comunidades. O Myalismo e a Pocomania passaram por um momento de grande exaltação comunitária no âmbito da resistência social e mesmo da cultura viva naqueles que futuramente seriam as favelas jamaicanas na região de St. Thomas. As práticas de Kumina e da Pokomia foram agrupadas no grande movimento de expressão religiosa denominado Avivamento.

A cultura de resistência na Jamaica permaneceu combativa após a grande Guerra Batista da década de 1830, trinta anos depois os problemas voltavam à tona com a Revolta de Morant Bay. Essa revolta foi iniciada em 11 de outubro de 1865, motivada pela insatisfação popular com as injustiças do governo e a irregularidade salarial. Ocorreram queixas repetidas sobre o baixo nível de salários, muitas vezes menos de um xelim por dia para o trabalho na plantação. O campesinato mergulhava na mais aviltante miséria na ilha, mas além do problema de justiça e de salários, o acesso à terra também era dificultado pela

administração de Edward John Eyre. Morant Bay, a base econômica do açúcar, foi o centro geográfico das críticas políticas feitas pela população.

Figura 30: Quadro da cidade de Morant Bay no século 19, antes dos combates



Fonte: <https://www.nlj.gov.jm/history-notes/The%20Emancipation%20Wars.pdf>

A fim de solucionar os problemas no campo jurídico, as comunidades criaram tribunais populares, formados por conselhos comunitários e, quando necessário, aprovavam punições físicas, assim como a restituição de bens em caso de roubos ou furtos. Todavia, os problemas econômicos se agravavam, com impactos negativos após a data da emancipação em 1838 (como já mencionado), aumentando os custos da produção; outro problema teve ligação direta com a Guerra de Secessão nos Estados Unidos da América. Na década de 1860 os EUA eram um potencial importador do açúcar jamaicano, que aumentara significativamente as taxas de importação do produto.

As populações exigiam direitos objetivos de justiça e segurança, lavrar a sua própria terra, o fim das tributações exorbitantes e da apartação política. Nesse contexto, os protestos e movimentos organizados começaram a se manifestar de maneira radical, e um dos articuladores mais destacados nessa atmosfera foi Paul Bogle (1820-1865), líder espiritual do vilarejo Stony Gut em Morant Bay.

Paul Bogle foi um pequeno proprietário de terras em Stony Gut, região montanhosa há alguns quilômetros de Morant Bay. Paul Bogle organizou reuniões secretas utilizando como base estruturas de igrejas batistas nativas, o seu projeto político maior foi a tomada da ilha. A cúpula política do Sr. Bogle organizava seções de juramentos para garantir a real adesão de combatentes, treinamento militar e campanhas para conscientização de comunidades Maroon.

Figura 31: Paul Bogle



Fonte: <https://jamaicans.com/on-this-day-in-jamaican-history-jamaican-national-hero-paul-bogle/>

Em 11 de outubro de 1865 centenas de africanos organizados pela cúpula de Paul Bogle entraram em marcha na cidade de São Tomás, no leste da Jamaica e em seguida em Morant Bay, gerando ao governo muitas perdas humanas e patrimoniais. Na preparação da marcha, Paul Bogle projetou que os ataques deveriam inicialmente se concentrar nas bases militares do governo, com o intuito fundamental de adquirir armamentos para os embates em Morant Bay. Na sequência do ataque, a marcha alcançou a região Oeste (St. David) e a fronteira com o Norte (Portland). O pesquisador Horace Campbell considera que Paul Bogle teve uma excepcional capacidade de comunicação, alcançando as mentalidades rurais e “urbanas” da Jamaica. Fato este confirmado na adesão de homens como W. Gordon. (Cambell 1987, p.34)

Os proprietários locais desejavam suprimir e mesmo expulsar os pequenos agricultores considerados seus potenciais competidores, uma vez que os mesmos aplicavam preços mais justos aos seus produtos, além de um sistema de trocas. Paul Bogle usa a sua influência e respeitabilidade comunitária para começar a organizar um movimento de resistência e luta pelo poder, primeiramente tentando uma aliança com comunidades Maroons nas montanhas. Ao mesmo tempo, Sr. Bogle organizava petições, mobilizações e protestos no perímetro urbano de St. Ann.

Um dos episódios mais marcantes daquele momento foi a ocasião em que vinte e duas pessoas foram condenadas a prisão sem julgamento e sem terem cometido nenhum crime aparente, apenas pelos seus protestos com paus, tambores, facões e palavras de ordem. Próximo a Morant Bay houve uma grande manifestação contra o mandato de busca e apreensão dos manifestantes, o confronto com as forças policiais foi inevitável e a massa organizada rende-se às forças policiais. A situação serviu como demonstração de força comunitária, os policiais (todos Negros) rendidos foram liberados e testemunharam um juramento dos membros do movimento e um ultimato para que aqueles policiais abandonassem o branco em nome do povo.

Paul Bogle produziu um manifesto e no dia 10 de outubro, dia seguinte ao confronto com as forças policiais, houve uma grande marcha do movimento rumo a Morant Bay. O propósito da marcha foi tomar as estruturas de governo e as fazendas onde a população era explorada. Um tribunal foi incendiado, presos libertados, um fazendeiro e seus assistentes foram mortos. O movimento se alastrou tomando propriedades em Amity Hall, Bath e Golden Grove, preservando fazendas e poupando a vida dos brancos que se rendessem ou que não atacassem o movimento.

O movimento conseguiu aliados entre aqueles considerados mestiços no perímetro urbano, Paul Bogle articulou-se politicamente com homens como G. W. Gordon e outros Negros de classe intermediária. Nesse contexto, William Gordon (1820-1865) foi uma agente organizador eficaz na conscientização populacional. W. Gordon era comerciante reputado e diácono da igreja, que começou a viajar a ilha defendendo a organização popular espelhada no exemplo haitiano, por consequência, sua expulsão do núcleo religioso foi praticamente imediata, despertando ainda mais indignação popular.

O movimento de Morant Bay manteve as suas investidas no terreno, ao longo de três dias os rebeldes assumiram a Paróquia de St. Thomas, com a nítida intenção de dominar toda a ilha. O movimento também deteve um avançado sentido político, logístico e estratégico utilizando-se de saques, negociações políticas e destruição de propriedades. No estopim dos

combates, na região de São Tomas, cerca de 1.400 pessoas foram inicialmente mobilizadas pelo movimento. Os enfrentamentos diretos com a polícia se arrastaram por cerca de cinco meses. O governador Edward John Eyre declarou a lei marcial, ordenando que as tropas britânicas, incluindo um batalhão do Regimento das Índias Ocidentais, esmagasse a rebelião.

A administração colonial-escravista convocava brancos e mestiços a assumirem postos de milícias com armas nas mãos. Os ingleses mobilizaram tropas de Kingston para Morant Bay e apelaram para o incêndio de terras agrícolas de Negros emancipados. Outro artifício eficaz da Coroa Inglesa foi a negociação do governo com Maroons, seduzidos a entrarem no combate para capturar Paul Bogle e proteger a região de St. Antônio a troco de recompensas. A colaboração Maroon à Coroa Inglesa foi fundamental para a liquidação do movimento popular liderado por Paul Bogle. George William Gordon, que se tornou seu amigo e membro importante do movimento foi preso, torturado e enforcado em 23 de outubro de 1865 sob ordens do governador Edward J. Eyre. No total, mais de 1000 Negros foram mortos, cerca de 400 torturados e Paul Bogle enforcado no dia 24 de outubro de 1865.

A rebelião de Morant Bay resultou em execuções de mais de 400 pessoas Negras, a flagelação pública de cerca de 600 e a queima de mais de mil habitações. As ações de Edward J. Eyre provocaram uma intensa controvérsia entre proeminentes intelectuais britânicos liderados por John Stuart Mill e Charles Darwin, que defenderam sua prisão e julgamento por assassinato em massa. John Stuart Mill (filósofo britânico) coordenou o Comitê Jamaica, órgão que avaliou o caso e que tentou atribuir condenação do governador Edward John Eyre. A partir desse comitê foi declarada a dispensa do governador, a dissolução da Assembleia de governo e a instauração do Crown Colony, uma sede administrativa da coroa britânica na Jamaica. Entretanto, o Círculo de Edward John Eyre formado por nomes como Thomas Carlyle e Charles Dickens não sofreu condenação alguma pelos seus crimes. Cinquenta anos após a rebelião de Morant Bay, Marcus Garvey fez uma reflexão política sobre o seu significado histórico no contexto de organização política africana na região:

Os ex-escravos novamente se revoltaram em 1865 no Oriente, sob a liderança do Exmo. George William Gordon, membro do Conselho Legislativo, e Paul Pogle. Eles alimentavam o clima de liberdade [...], mas devido à Supressão da comunicação telegráfica, eram prejudicados e reprimidos, do contrário a Jamaica estaria hoje tão moderna quanto o Haiti, que suspende o jugo francês sob a liderança do famoso Negro General, Toussaint. L'Ouverture. [...]. O partido vitorioso enforcou Gordon, Paul Bogle e várias centenas de Negros [...]. (Garvey, 1983, p.14) (tradução nossa)

No ano de 1925, Marcus Garvey estava preso em Atlanta sob acusação de Fraude Postal, foi nessa ocasião que ele escreveu Fundamentalismo Africano, editorial do jornal The

Negro World. Nessa ocasião, Marcus Garvey elegeu William Gordon como um homem digno de ser lembrado como um mártir da comunidade Negra, não somente da jamaicana, mas global. (Garvey, 2004, p. 184). Além de homenagear William Gordon, Marcus Garvey transmitiu uma dura mensagem para as elites Negras, indispostas a se sacrificarem pela causa Nacionalista Negra Universal, como acontecera com o Programa Libéria e na própria UNIA¹⁵².

No rearranjo político e social pós-Morant Bay, a diferenciação racial-racista foi determinante na escolha dos funcionários e membros dos setores mais altos, ocupados por brancos, enquanto os setores mais baixos por aqueles considerados mestiços, e mesmo assim, sem poder de voto em Assembleia. Alguns dos cargos na esfera funcional de serviços gerais poderiam ser ocupadas por africanos com tonalidades de pele mais escura, seria essa mesma hierarquia baseada no fenótipo e refletida na renda, no acesso ao trabalho e poder econômico na Jamaica desde então.

Algumas medidas urgentes do governo foram tomadas ao fim dos conflitos tais como dificultar a entrada de estrangeiros Negros e deportar alguns (principalmente haitianos). Outras duas medidas importantes para o governo na época foram a criação de representação política aos considerados mestiços, através do estatuto de Crown Colony, que diluiu a Assembleia Representativa. Os emancipados perderam o acesso à palavra bíblica com a taxa sobre livros e impedimentos de atividades coletivas.

Indiferente ao caos local, o capitalismo imperialista manteve-se internacional em linha com o seu movimento de expansão em um contexto de dificuldades comerciais jamaicanas. Canadá e Estados Unidos estavam investindo sobre o território caribenho continuamente, com a compra de terras para plantações de banana e da especulação financeira de bancos. A população Negra por sua parte, manteve-se em resistência sobrevivendo em diversas frentes, tais como a agricultura doméstica e busca por novas profissões como professores, advogados e escriturários; houve um movimento dos emancipados em direção aos EUA, Costa Rica, Cuba e Canadá. Nesse contexto, foram organizadas greves nas fazendas de aprendizado e migrações para as montanhas, tradicionalmente ocupadas por Maroons.

O acesso as escolas, aos poucos Negros que conseguiram, foi o mergulho na completa alienação cultural, tratava-se de um ensino grosseiramente eurocêntrico de exaltação a

¹⁵² O caráter universal do Nacionalismo Negro da UNIA contrastava com um Nacionalismo Negro focado no país, local, como no caso dos EUA ou da Libéria. O Nacionalismo Negro (não universal) nos EUA e na Libéria possui responsabilidade direta no fracasso do Programa Libéria

assassinos , bandidos e estupradores como Cristóvão Colombo e o pirata Morgam. Objetivamente, o propósito era a manutenção de mentalidade anti-africana entre os Negros que conseguiram criar acessos ao sistema de educação colonial da ilha, reforçando contundentemente o próprio imperialismo britânico. Contra esse processo de desafricanização, parte da população Negra manteve os seus patrimônios culturais em uma cadeia de transmissão, adaptação e vivência ininterrupta através da história oral e da música, preservando dos périplos de Anancy, assim como as jornadas de resistência protagonizadas por Nanny, Sam Sharpe e Paul Bogle.

2.2.7 Religiosidade, Etiofricanismo e espiritualidade africana na Jamaica

A religião cristã fundamentada na Bíblia foi uma arma de base cultural e ideológica utilizada para captura de africanos e para o seu condicionamento ao sistema escravista nas Américas. Na Jamaica, no Caribe e na grande diáspora ocorreram resistências à imposição da fé e costumes cristãos . Lembra-nos o estudioso Horace Campbell (1991) que a mesma igreja que praticava ou legitimava assassinatos, estupros e torturas, proibia os cultos africanos com o máximo de violência possível :

Leis foram aprovadas contra expressões religiosas africanas, como Kumina e Xangô, e o uso do tambor, o principal instrumento no derramamento de emoções que acompanhavam essas cerimônias, foi banido. Essa tentativa de extermínio legal forçou as manifestações africanas mais evidentes a se esconderem (...) Os europeus denegriram a religião africana tanto no Novo Mundo como na África. Uma barragem de tratados depreciativos foi escrita na Europa , que chamava de religião ancestral africana, superstição, magia, fetichismo e paganismo (Campbell 1991, p.62) (tradução nossa)

As práticas espirituais-religiosas africanas de reverência aos ancestrais eram realizadas com maior intensidade nas montanhas, fora da visão dos fazendeiros, informantes, da igreja com seus missionários e dos *slave drivers*¹⁵³. O governo imperial manteve medidas de perseguição aos cultos e de proibição do uso das línguas, assim como de tambores e de instrumentos típicos dos cultos. Em acordo às perseguições nas colônias, no ambiente imperialista internacional foi criada uma literatura panfletária de ataques aos religiosos Negros conotados como feiticeiros, paganistas, animistas e supersticiosos, tal como era feito sobre os africanos no continente.

¹⁵³ Na Jamaica, o Slave Drive foi uma espécie de capataz na plantation, similar ao Capitão do Mato no Brasil colônia.

No início da década de 1860, o acúmulo de resistências da cultura proporcionaram o renascimento de práticas religiosas africanas (Campbell, 1991), um dos sinais desse “renascimento” foi o surgimento do culto Bongo, executado pelos africanos inseridos no contexto das comunidades e povoados em desafio frontal ao *status quo*. As tensões foram inevitáveis, a organização social, tecnológica e política africana estavam completamente cruzada ao mundo espiritual, portanto, o culto Bongo tinha um viés concreto de resistência antiescravista e – como outros cultos africanos na Jamaica..

A Jamaica foi cenário de manifestações religiosas de várias origens. No caso africano, como com a Kumina/Pokomina e Myalismo, essas manifestações preservaram as expressões próprias das religiões trazidas de África, como conhecimento botânico, dança, tambor e transe. Outras expressões são os cultos fundamentalistas protestantes com influências de sistemas espirituais tradicionais africanos interpretados sob os problemas quotidianos dos crentes, a Jamaica Baptist Free Church.

De acordo com o último censo nacional da Jamaica realizado em 2001 (Pamplona, 2017) o gradiente de religiões na Jamaica, a partir de um total de 2.595.962 pessoas entrevistadas, é composto por uma maioria cristã protestante (Igreja de Deus na Jamaica, metodistas, anglicanos, moravianos, pentecostais etc.) , seguida por católicos e pessoas de outras religiões. No campo da espiritualidade, mesmo não contabilizados, podemos pensar que estão em plena atividade na sociedade jamaicana cultos a voduns e orixás, assim como a senda cultural Rastafari.

O cristianismo foi instalado no contexto escravocrata na Jamaica, como artífice do holocausto do povo Taino (Arawaque) e dos povos africanos. Inicialmente com o catolicismo trazido com os espanhóis, a partir de 1650, a dominação inglesa na Jamaica faz com que ingresse na atmosfera religiosa o protestantismo. O modelo inicial protestante britânico foi simbolizado nas colônias pela Igreja Anglicana, que regulava a penetração da fé entre escravizados com muita reserva. A partir de 1754, o crescente acesso de africanos ao sistema protestante por meio de missionários moravianos abriu uma demanda para outras denominações protestantes como a Wesley e Metodista.

Ainda no início da década de 1780, dois africanos, George Lesle e Moses Baker, fundaram o Movimento Batista Nativo, afim de construir uma total autonomia na liturgia, estrutura e ferramenta política representada por um igreja dentro de uma sociedade escravocrata. No ano de 1793 a Lei Consolidada previa batismo e ensino religioso a africanos escravizados, porém a resistência dos senhores rurais foi em uníssono. Mas, não foram todas as expressões religiosas que obtiveram problemas na Jamaica, na verdade, os problemas não

tinham relação com a religião, mas com a prática religiosa (seja qual for) dos povos africanos na Ilha.

A comentada Guerra Batista dos anos de 1831 e 1832, aumentou o grau de incomodo com as ideias progressistas de missionários, aumentando também a censura contra o seu trabalho, uma vez que os mesmos eram acusados de influenciar revoltas populacionais. As violências e constrangimentos passados por Negros cristãos ou de religiões tradicionais da África Central nada tiveram em relação à prática judaica, que mesmo sob o estatuto de desconfiança não era refletido pelo espelho racial na época, tratava-se, sobretudo, de uma pequena população branca na ilha. Os judeus chegaram na Jamaica com os espanhóis no século XVI para o seu benefício foram apoiadores da entrada britânica no século XVII. A população judaica manteve diversos tipos de relação com a população Negra, desde a participação na escravidão, ao apoio discreto a iniciativas antiescravistas. A condição da comunidade judaica era manter-se íntegra e tirar benefícios de todas as situações sociais a sua volta.

Católicos e protestantes e judeus são considerados uma grande influência indiana hindu para a organização política africana na Jamaica. Comumente, essa perspectiva descarta as iniciativas da população Negra com base em suas experiências. Desconhecem-se ou ignoram-se o poder e a incidência do Etiopianismo e das religiões de matriz africana no seio da organização social/Neгра na ilha. Essa limitação exclui da cultura espiritual-religiosa Negra na Jamaica. Experiências como a Kumina/Pokomia e Myalismo são chave para um panorama geral das expressões de espiritualidade africana na Jamaica e alguns de seus agentes referenciais.

2.2.8 Do Myalismo aos Pregadores de Rua

O Myalismo foi presente entre a população Negra na Jamaica desde o início do sistema escravista, tratava-se um antigo culto afro-jamaicano tido como de origem Fanti-Axanti (Akan). O agente central do Myalismo era reconhecido Myalman, sacerdote e herbalista. O Myalismo representou a identidade de um movimento comunitário africano, reunindo todas as bases de uma vida comunitária com segurança, saúde, educação e espiritualidade. Os praticantes do Myalismo entendiam que o combate contra o sistema escravista foi também um combate de caráter espiritual, e não somente material, portanto, as forças malignas deveriam ser confrontadas e afastadas das comunidades.

O Myalismo se apropriou da experiência Negra na Igreja Batista, que acabou por gerar em 1791 o Movimento Batista Nativo. Esse movimento envolveu diretamente as mensagens bíblicas nos cultos Myalistas, o que gerou conflitos com missionários batistas que apoiavam inicialmente a relação. O movimento recebeu forte repressão militar em 1842, durante as suas assumidas contribuições a movimentos comunitários de resistência, anterior a Morant Bay.

Na década jamaicana de 1860, pós-emancipação, a Kumina /Pokumia esteve em evidência. A sua denominação é provavelmente relacionada ao kmmbundo tumina, “mandar”, “ordenar”, “legislar”, dentro da mesma relação de mbanda, “mandamento”, “regra”, “lei”. A Kumina é uma expressão religiosa das Antilhas e da América Central, resultado da acomodação de práticas espirituais africanas ao catolicismo espanhol. O altar é coberto com tecido branco, utilizam-se hinos em suas cerimônias e suas adeptas usam turbante, também branco. Segundo algumas versões, a denominação Pokumia derivaria dos vocábulos espanhóis poco, “pouco”, e mania, “loucura”, para expressar algo como “uma crença louca”.

Figura 32: Manifestação tradicional da Kumina na Jamaica



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/32357038@N08/3135887249/in/pool-vintagejamaica>

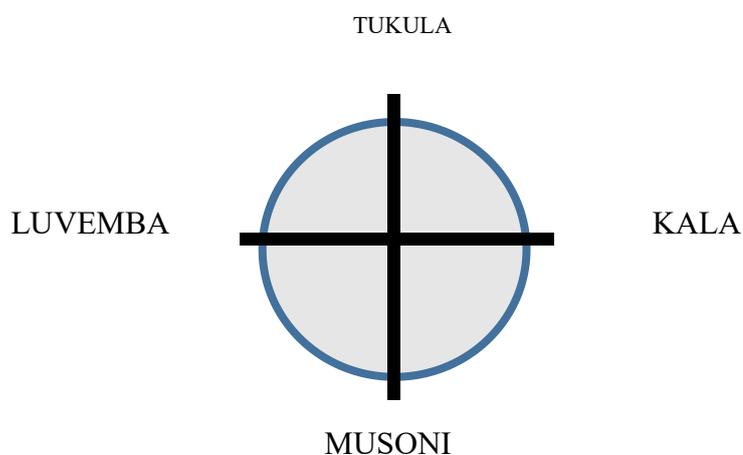
Todavia a origem da Kumina pode, mais provavelmente, estar na língua Kikongo, na qual ocorrem os vocábulos como “mpoko”, significando, entre outras acepções, “chifre”; e manya, “milho” etc. A Kumina possui uma forte incidência no território jamaicano e no Panamá, onde, na década de 1930, foi objeto de violenta repressão por parte das autoridades governamentais. Kumina foi também conhecida como Tendência de 61 por causa do seu

registro história inicial em 1861, as suas cerimônias eram muitas vezes feitas em *poco yard* (em jardins nos fundos de casas).

A Kumina está inserida ou é um reflexo da cosmogonia Bakongo, originária das populações do grande grupo linguístico Bantu. Os Bakongo são uma extensa população sedentária às margens do Rio Kongo, anteriormente migrantes da região do atual Camarões. Os Bakongo, somado ao grande grupo linguístico Bantu, possui uma conexão com o Vale do Rio Hapi (Nilo), com Kemet (Egito antigo) e Núbia-Kush. O Bakongo ou Ba-Kongo se refere à população do Reino do Kongo, que dominava um antigo sistema filosófico entendido por dois mundos (físico e extrafísico ou material e imaterial) divididos por uma passagem líquida no sentido horizontal denominada “Kalunga”. O mundo físico encontra-se na parte superior (norte) do Kalunga e o mundo extrafísico inferior (Sul).**nota**

Toda a cosmogonia e cosmovisão Bakongo, responde a esse sistema filosófico universal , onde o binário, a polaridade, os ciclos e a unidade do tempo se complementam integrados por um meio, que no caso em questão é representado por um líquido, Kalunga. Os Bakongo expressaram essa filosofia graficamente por um símbolo conhecido como Cruz ou Cosmograma Bakongo, ou mais corretamente Dikenga. Esse cosmograma milenar africano é composto por um círculo com duas linhas cruzadas, uma na vertical e outra na horizontal, mantendo uma distância perfeita entre as extremidades, que representam dois mundos unidos pela linha horizontal, Kalunga.

Figura 33: Representação gráfica do cosmograma Bakongo – Dikenga



Fonte: produção do autor

O filósofo Kimbwandènde Kia Bunseki Fu-Kiau dissertou profundamente sobre a cosmogonia Bakongo em uma série de obras, tais como African cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living (2001), Kindoki ou solution attendu (1970) e Mbongi: an African Traditional Political Institution. No livro African cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living (2001), Dr. Fu-Kiau para ilustrar o significado de Kalunga :

O Kalunga, que também significa oceano, é uma porta e uma parede entre estas duas palavras. Kalunga tornou-se também a ideia de imensidão, (sêsele/wayawa) que não se pode medir; uma saída e entrada, fonte e origem da vida, potencialidades (n'kîngu Nzâmbi) o deus-princípio da mudança, a força que gera continuamente. Porque Kalunga era a vida completa, tudo o que estava em contacto com a terra partilhava essa vida e tornava-se vida depois de si mesmo. Essa vida apareceu na terra sob todos os tipos de tamanhos e formas: plantas, insectos, animais, rochas, seres humanos, etc. (ver em Kindoki, 1970). (tradução nossa)

No mesmo sentido da vida, o cosmograma Dikenga está em movimento contínuo. Outras quatro denominações são empregadas às fases (ciclos) do Dikenga: Musoni – estado de vazio e unidade; Kala – Formação dos astros, planetas e do tempo, zona de alto poder espiritual; Tukula – auge da energia cósmica no corpo físico; e Luvema - ciclo final da formação da vida humana (Muntu) materializada na complementaridade homem-mulher (Fu-Kiau, 17-27, 1969). Esses ciclos adquirem diferentes interpretações, inclusive no campo metafísico das escolas místicas Bakongo, onde a Kalunga pode tanto fazer referência ao mundo dos vivos e dos “mortos” quanto à zona limítrofe de transformação de um iniciado. Essa sofisticada e tradicional cosmogonia foi diluída nas diversas vivências da população de origem Bantu-Kongo na diáspora, inclusive no campo das resistências Maroon ou Kilombola, por exemplo.

Na aplicabilidade capital, a filosofia Bakongo é regente racional do ciclo da vida, dos movimentos cósmicos, do gênero e das relações humanas, inclusive no que se refere a organização sócio comunitária. Os círculos ou as rodas da Kumina/Pokomia e a Dikenga representam um caminho de compreensão do contexto cultural jamaicano profundo, no sentido do caráter do caráter filosófico regente da organização sócio comunitária Maroon. Pensamos com isso que, o pensamento intelectual de Marcus Garvey tem a sua raiz constitutiva em elementos filosóficos e culturais africanos também de origem Bantu, presentes na história Negra da ilha, especialmente sobre os Maroons. Nesse sentido, a Kumina/Pokomia e a Dikenga também fazem parte do Prelúdio Garveyista, dos fundamentos de seu pensamento intelectual.

Na Jamaica, havia mais elementos africanos nas resistências de cultura e de confronto Maroon ou urbana (Batista) que simplesmente Negros letrados que se identificavam com passagens Bíblicas em que África era mencionada. Na mesma década jamaicana de 1860 foi edificado um movimento conhecido por Grande Avivamento, Grande Despertamento ou Avivamento. O projeto desse movimento integrava africanos com alguns missionários batistas, e previa a revitalização da religiosidade/espiritualidade de matriz africana na Jamaica . Os missionários batistas aproveitaram a situação para propor um “Avivamento Batista”. Mas a proposta enfrentaria problemas com a não submissão dos cultos de matriz africana aos preceitos Bíblicos eurocêntricos e racistas. Avivamento foi crescente e originou o zionismo, tendência que mudaria o perfil de intervenção social dessa mescla entre política, religião e espiritualidade.

O Zionismo, como iniciativa político-espiritual, esteve desvinculado dos segmentos do cristianismo europeu, a Bíblia (versão King James) foi utilizada como uma ferramenta para um culto estabelecido por dança, tambores, rituais com posicionamentos definidos (em círculos concêntricos), medicina tradicional africana e oratória. O Movimento também foi conhecido como Tendência da década de 1860 , por conta do seu período de desenvolvimento. Na forma completa de manifestação, o Zionismo prevaleceria como uma escola que influenciou uma sequência de renomados pregadores de rua, que na primeiras décadas de 1900 desenvolveriam seus próprios movimentos , igrejas e empreendimentos comunitários.

Entre os pregadores de rua ascenderam nomes como Issac Uriah Brown, Prince Shereengton, Warrior Higgins, Seven Keys Man e posteriormente Marcus Garvey. Alexander Bedward, por exemplo, desenvolveu uma doutrina espiritual excepcionalmente Pan-Africanista, advogando o seu lugar como novo mensageiros do Antigo Testamento caminhando sobre a Terra. O canal aberto por Alexandre Bedward como pregador de rua foi muito amplo na Jamaica e recebeu duras represálias do governo neocolonial jamaicano. A. Bedward está entre as mais importantes influências para a formação da mentalidade de Marcus Garvey.

A literatura racista e a sua operacionalidade historiográfica foram prontamente combatidos por intelectuais como Antenor Firmin (1850-1911), Edward Wilmot Blyden (1832-1912). Além de estarem interessados na reconstrução e preservação dos patrimônios históricos africanos, essas referências produziram respostas de enfrentamento aos cientistas do racismo europeu. Edward Wilmot Blyden entre outros intelectuais do período, sabia que a ideia de um Kemet “branco” advinha da falsificação histórica para fins de dominação racial.

O imaginário europeu pretendia destruir a memória do africano por meio de ataques psicológicos violentos, há séculos utilizados pelas igrejas escravistas.

2.3 Um escopo preliminar para o estudo de Marcus Garvey na Jamaica 1887-1900

Este capítulo nos exigiu abordar um escopo preliminar sobre o contexto jamaicano de Marcus Garvey formado pela historiografia, resistências e organização sócio comunitária. Esses são os pontos de partida que optamos para discorrer sobre a sociedade jamaicana do século 19. Todos os elementos trazidos nesta introdução sobre a problemática de uma historiografia eurocêntrica de alta influência em sistemas educacionais de sociedades com graves tensões raciais (Inglaterra, Jamaica e Brasil) atingem frontalmente o ensino sobre a presença africana na esfera local e global.

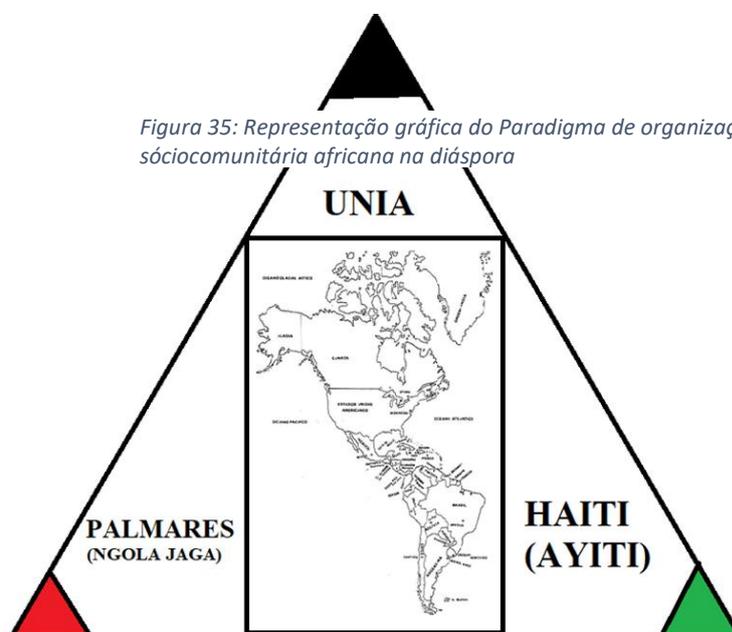
Abordagens como as de Basil Davidson (1981)¹⁵⁴ e John Thornton (2004) são abundantes em programas universitários africanos, nos quais os historiadores optaram por essas narrativas eurocêntricas. A penetração dessas obras também está conectada ao tipo de governação neocolonial, como no caso de governo de Angola que na década de 1980 financiou a tradução do livro Mãe África de Basil (1981) de Basil Davidson para ser inserido no programa nacional de história do país. A tradução foi feita sob auspícios do Movimento Popular da Libertação de Angola (MPLA), presidido por José Eduardo dos Santos. No caso de Cheikh Anta Diop, o historiador já havia escrito obras de excelência para a história da África como Nações Negras e Cultura (1954) e Unidade Cultural da África Negra (1959), que poderiam ter sido traduzidos pelo MPLA.

As resistências de cultura e de confronto, tratam-se de duas categorias importantes para se pensar a historiografia sobre os tipos de organização sócio comunitária nas Américas. É o nosso interesse iniciar a sistematização dessa categoria no compromisso de rever as abordagens historiográfica sobre o período escravista e não só, esse duplo eixo resistências iniciado no século XV persiste no modo de operação de comunidades, movimentos ou entidades, obviamente com novas linguagens. A Jamaica e o grande conjunto de países que integram o Caribe são historicamente as fontes de grandes debates e movimentos de resistência ao escravismo racial, oficialmente encerrado em primeiro de agosto de 1838, data da chamada emancipação da escravatura na ilha. No decurso do holocausto africano entre os séculos XVII-XIX na Jamaica, inúmeros movimentos sociais de resistência foram guiados

¹⁵⁴ Nas décadas seguintes, Basil Davidson realizou diversos trabalhos importantes envolvendo civilizações da história africana antiga e luta de libertação nacional. Tudo indica que houve uma mudança de perspectiva.

pela africanidade de Maroons, associações comunitárias, empreendimentos e entidades organizadas, como os exemplificados nesse capítulo.

Nesta tese, nós exploramos a ideia ou teoria sobre as experiências africanas de organização sócio comunitária, que denominamos de Pan-Africanismo Histórico. Por sua vez, essa teoria subsidiou-nos uma Cronologia Geral (milénar/secular) do do Pan-Africanismo Histórico ou das formas de organização sócio comunitária no continente africano e na sua diáspora. No período secular do Pan-Africanismo Histórico correspondente ao eixo entre os séculos XVII-XX0, nós identificamos um paradigma tripartite de organização sócio comunitária na diáspora africana, formado por : Quilombos (Ngola Jaga-Palmares); Revolução do Haiti; e UNIA. A seguir, uma ilustração para esse paradigma .



Fonte: produção do autor

Pensar um paradigma da organização sóciocomunitária africana na diáspora nos oferece a identificação de duas bases complementares a respeito das formas de resistência, a Resistência de Confronto e a Resistência da Cultura. Essas duas categorias de análise variavam na tônica de estruturas dos Kilombos mais afastados dos perímetros das vilas portuárias, aos que interagiam e que estabeleciam conexões comerciais e até mesmo de ataques com guerrilhas urbanas como foram os casos de Malês no Brasil e do ápice da organização social no período colonial com o Haiti .

O pensamento intelectual de Marcus Garvey resulta dos séculos de resistência e organização sóciocomunitária no continente africano e na diáspora. Portanto, a própria família Garvey esteve assentada no escopo de resistências e organização sociocomunitária africano-jamaicana apresentados neste presente capítulo. O nascimento, a formação intelectual e as primeiras experiências políticas de Marcus Garvey formam o enredo do nosso próximo capítulo.

3 FORMAÇÃO DA MENTALIDADE NACIONALISTA NEGRA UNIVERSAL DE MARCUS GARVEY

Minha mãe era uma cristã sóbria e conscienciosa [...] ela era o oposto direto do meu pai. Ele era severo, firme, determinado, ousado e forte, recusando-se a render-se mesmo às forças superiores se acreditasse que estava certo [...] Desta estranha combinação, nasci há trinta anos, e assim cheguei a esse mundo de pecado, carnal e diabólico. (Garvey,1969,p.59) (tradução nossa)

No capítulo anterior, apresentamos um breve panorama histórico do contexto geopolítico e cultural da Jamaica, ilha do Caribe onde Marcus Garvey nasceu em 1887. Nesse

panorama, percorremos a 1ª Fase do Período Secular do Pan-Africanismo Histórico entre os séculos XVI-XVIII E.C.. Marcus Garvey nasceu no momento em que o movimento Pan-Africanista começou a ser oficialmente organizado na diáspora por pessoas Negras de várias procedências. Afirmações de que o Pan-Africanismo tem sua origem fora da África revelam-se fatalmente como visões tacanhas da história africana, presas às dimensões culturalistas, fronteiriças e linguísticas impostas pelo imperialismo europeu pela via acadêmica, principalmente. Definitivamente, o Pan-Africanismo é uma formulação de pessoas na diáspora e no continente africano.

No ano de 1923 a Sra. **Amy Jaques Garvey**¹⁵⁵ reuniu uma série de documentos escritos e publicados em jornais pelo seu companheiro de vida e militância política, o material foi intitulado *Filosofia e Opiniões de Marcus Garvey*, publicado, inicialmente, em dois volumes. A publicação da obra possuía dois objetivos diretos, difundir as mensagens de Marcus Garvey em uma base sólida documental, e angariar fundos para arcar com despesas processuais de Marcus Garvey, que na época foi réu condenado nos Estados Unidos da América sob acusação forjada de fraude postal.

A iniciativa da Sra. Amy J. Garvey na publicação de *Filosofia e Opiniões de Marcus Garvey (1923)* delimitou uma referência patrimonial decisiva para o Nacionalismo Negro Universal em sua Primeira Era (1914-1940). Além do valor patrimonial da obra, os leitores de muitos países obtiveram a possibilidade de adentrar ao pensamento intelectual biográfico do próprio Marcus Garvey, como no trecho de abertura deste capítulo extraído do artigo **O maior Inimigo do Negro (Garvey, 2017)**. Essa mensagem de 1923 pode ser considerada um dos textos mais importantes de Marcus Garvey por dois motivos: 1º - O caráter autobiográfico; e 2º - A narrativa historiográfica da UNIA. No Sentido autobiográfico, o artigo nos permite conhecer mais elementos que formaram o pensamento intelectual de Marcus Garvey em termos de educação e política. Examinando o texto **O maior inimigo do Negro (Garvey, 1967)** percebe-se que a educação e a política surgiram em momentos distintos e se complementaram, para posteriormente se tornarem componentes de difícil separação em um exame histórico que contemple o pensamento intelectual de Marcus Garvey.

Essa difícil distinção entre educação e política pode ser observada nas considerações feitas por Marcus Garvey sobre os seus professores :

¹⁵⁵ Organizadora, militante política e esposa do segundo casamento de Marcus Garvey

Obtive minha educação de muitas fontes — através de tutores particulares, duas escolas públicas, duas escolas secundárias e duas faculdades. Meus professores eram homens e mulheres de diversas experiências e habilidades.(...) Eu me tornei um aprendiz em uma gráfica em uma idade precoce, enquanto ainda frequentava a escola. Meu tutor era um homem altamente educado, e alerta. Nos assuntos dos negócios e do mundo, não tinha igual. Ele me ensinou muitas coisas antes de chegar aos doze, e aos catorze anos eu tinha inteligência e experiência o bastante para chefiar homens. Eu era forte e varonil, e fiz com que eles me respeitassem. Desenvolvi uma personalidade forte e contundente, e ainda a tenho. (Garvey, 1986, p.29 – 30) (tradução nossa)

Neste capítulo, nós exploramos o ambiente onde Marcus Garvey nasceu e e vivenciou o período das décadas de 1880-1900. O nosso objetivo é identificar algumas das referências educacionais e políticas que inicialmente formaram o pensamento intelectual de Marcus Garvey. **Na primeira parte deste capítulo** focamos em aspectos estruturais da família Garvey, considerando as experiências vividas pelo jovem Garvey. **Na segunda parte, localizamos a atmosfera política pela qual Marcus Garvey se identificou, a dos sindicatos de trabalhadores gráficos. Na terceira parte, atentamos** para a política internacional Negra emergente e o caminho da migração desvelado para Marcus Garvey no final da década de 1900.

Componentes de uma mentalidade Negra Universal

A experiência política de Marcus Garvey advém de sua inserção no mundo do trabalho como gráfico, após ser instruído educacionalmente na profissão. Aos dezoito anos, Marcus Garvey começou a se interessar pela política feita na Jamaica, nas suas palavras:

A injustiça cometida à minha raça porque éramos pretos, indignei-me por conta disso. Fui viajar para a América do Sul, Central e partes das Índias Ocidentais para descobrir se era assim em outros lugares, e encontrei a mesma situação. Parti para a Europa para descobrir se era diferente lá, e novamente encontrei o mesmo obstáculo; “Você é preto” (Garvey, 2017, p32).

No sentido mais amplo, a formação educacional e política que estruturou o pensamento intelectual de Marcus Garvey está atrelada a uma reunião de fatores decorridos do cruzamento do século 19 para o 20, tais como: a) o **Etiopianismo** no contexto histórico de resistência nacionalista Negra nas Américas, especialmente na Jamaica; b) **notícias sobre os movimentos anticoloniais na África**; c) a emergência do **Movimento Pan-Africanista na diáspora africana**; e d) a **Imprensa Negra**. Como sinalizamos, é importante ressaltar que o mundo africano a partir da década de 1880 foi agitado pelas resistências ao colonialismo europeu oficializado na Conferência de Berlin ocorrida nos anos de 1884-1885.

O período entre o final do século 19 e início do século 20 foi marcado por uma rede de resistência política organizada, a imprensa foi fundamental nesse processo. Surgiram novas vozes da militância política Negra, como a do advogado e escritor Henry Silvester Williams (Trinidad & Tobago), e periódicos como o Freedom's Journal (1827-30) - iniciado por Samuel E. Cornish (EUA); o Voice of Fugitive - fundado por Henry Walton Bibb em 1851 (Canadá); o The Crisis - editado por W.E.B. Du Bois (EUA) a partir de 1912; o African Times & Orient Review – administrado por Duse Muhamad Ali, em circulação no ano de 1912 (Egito, Sudão e Inglaterra); e O Menelik - fundado por Deocleciano Nascimento em 1915 (Brasil) (Domingues, , 2017). A existência de um jornal denominado O Menelik no Brasil pode indicar a aproximação da comunidade Negra do país com o Etiopianismo.

Figura 35: Capa do jornal O Menelik



Fonte: https://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/verbetes/o_menelik.html

No final do século XIX, as resistências coloniais no continente africano encontravam-se generalizadas com as lideranças de Lat-Dior (Cayor), Hanga dos Barué (Moçambique), Prepeh I dos Ashanti (Costa do Ouro), Samori Turé (Reino Mandinga), Nana Olomu (Delta

do Niger), Moro Naba Wogoboo (Uagadugu), Wad Habuba (Sudão), Menelick II (Etiópia) e Mbunga (Tanganica). Entre os quadros de liderança, alguns demonstraram uma visão ampla de todo o território africano em suas preocupações e projeções de ação anticolonial, como no caso do Chefe Hanga dos Makumbe:

Estou vendo como os brancos penetram cada vez mais na África; em todas as partes do meu país as companhias estão em ação (...) É preciso que meu país também adote estas formas, e estou plenamente disposto a propiciá-las (...), mas meus antepassados eram makombe e makombe quero continuar a ser. (Ranger, 2010, p.56).

A década de 1890 foi repleta de iniciativas de cunho político organizacional empreendidas por Negros, como a formulação das entidades Haitian Emigration Society (Haiti/EUA), Associação Pan-Africana (Trinidad/Inglaterra), Associação Afrodescendente (Cuba); African Blood Brotherhood /ABB (EUA), algumas das iniciativas da National Association for the Advancement of Colored People/ NAACP (EUA); e finalmente a UNIA, a maior de todas as entidades do século XX.

Os eventos anticoloniais ocorridos nesse final do século XIX foram de suma importância para o movimento Pan-Africanista, talvez os mais significativos se refiram à vitoriosa Batalha de Adowa na Etiópia, que incentivou **ações de** mobilização no território etíope, com a criação do grupo comunitário **Black Lions**. A segunda linha de eventos significativos para a organização do movimento Pan-Africanista está interligada à grandes encontros políticos internacionais, a começar pela Conferência Pan-Africana em Londres (1890); pelos Congressos Pan-Africanos nos Estados Unidos e Europa (1900-1940), e pelas Convenções da UNIA realizadas Estados Unidos, Jamaica e Canadá (1920-1930).

Na Jamaica das décadas de 1890 e 1900, a unidade estrutural da família Garvey foi um elemento determinante na formação intelectual e moral do jovem Garvey. Entendemos como unidade familiar estruturada a união estável de um casal com residência fixa e empreendimentos dentro de uma relação interpessoal de complementaridade. Outro elemento importante na gênese da família Garvey na década de 1880 foi o estímulo ao empreendedorismo econômico, aliado a uma consciência política nacionalista, muito dinamizada pela Imprensa Negra daquele período.

Alguns parentes próximos ao jovem Garvey eram gráficos profissionais e o estimularam a percorrer esse caminho profissional. No final do século XIX, a Jamaica e outras ilhas do Caribe serviram de plataformas de migração para milhares de pessoas do Caribe a procura de oportunidades de trabalho, educação e progresso político. Africano-jamaicanos se deslocaram para Guyana Inglesa (atual República Cooperativa da Guyana) e

Trinidad & Tobago. Mas o Panamá foi o destino mais requisitado naquele período devido à construção do Canal do Panamá (1880-1914).

A maioria dos trabalhadores no Canal do Panamá advinham da Jamaica e de Barbados, de uma forma geral, a migração caribenha era responsável por aumentar a densidade populacional Negra em seus destinos. Entre as décadas de 1880 e 1900, os caribenhos (ou West Indians) foram atingidos por atos discriminatórios e racistas no Panamá, onde os trabalhadores brancos do Sul dos Estados Unidos eram classificados pelos contratantes como empregados dourados, enquanto os Negros eram os empregados prateados (Martin, 1986). Os empregados prateados trabalhavam mais horas, recebiam menores salários e em condições decadentes de salubridade, inclusive, muitos pereceram pela *malária*. Os EUA passaram a ser dominantes na política de construção do Canal do Panamá, como apontamos neste capítulo.

Entre os anos de 1879 e 1888 o governo frances financiou a construção do Canal do Panamá, posteriormente as obras foram assumidas pelo governo dos Estados Unidos da América (EUA) até o ano de 1904, a conclusão total do Canal do Panamá foi finalizada no ano de 1914 (Lewis, 1994). Para o jovem Garvey em ascensão técnico-profissional e atividade política, novos horizontes precisavam ser explorados. O desejo jovial de conhecer o mundo se mesclava à tradição de miséria jamaicana, que obrigava um contingente significativo da juventude a migrar em busca de melhores condições de vida. O Canal do Panamá (América Central) atraiu centenas de jovens para a região.

Nos EUA, pouco antes do ano de 1900, uma série de militantes políticos Negros iniciaram a formação de movimentos nacionalistas, alguns deles interessados pela denominação “Etiópe/Etiopianista”, a fim de buscar algo que determinasse o signo de uma identidade africana. Faz-se necessário situar o leitor na história social dos EUA do início do século XX. Desde o final do século XIX, o país se arrastava em um passado recente de conflitos e contradições na esfera racial. Antes do encerramento da Guerra de Secessão (1861-1865), o Congresso de Washington votou a 13ª Emenda, a favor da abolição da escravidão no país. Nos quatro anos seguintes foram criadas emendas (14-15) para assegurar direitos civis para a população Negra.

Mas a população racista no Sul dos EUA batalhou para manter a supremacia racial, impedindo que os direitos civis das populações Negras fossem colocados em prática. Nesse intuito foi criada a **Cláusula Familiar**, para que a comunidade Negra não tivesse acesso ao voto e outros direitos civis. Além das limitações político-sociais, ocorreram os horrores da

Ku-Klux-Klan (K.K.K.)¹⁵⁶, entidade e movimento terrorista que promoveu linchamentos, espancamentos, expulsões e mortes de pessoas Negras em alguns dos estados da federação. As pressões racistas do Sul garantiram obstáculos para que os Negros acessassem serviços públicos como escolas e transportes.

Foi nesse sentido que o termo Pan-Negrismo entrou em circulação como identidade política de movimentos sociais Negros. Pensado inicialmente na esfera dos Estados Unidos, o Pan-Negrismo apelava à máxima de união dos Negros em nome do bem-estar, solidariedade, garantia de direitos e autoajuda. Um dos articuladores desse movimento foi W.E.B Du Bois (1868-1963), mestre – escola (professor, pedagogo), historiador, militante político e escritor. Ao longo de toda a primeira metade do século XX, W.E.B. Du Bois foi o agente central na organização dos Congressos Pan-Africanos.

O processo de conscientização racial e política de Marcus Garvey acompanhou os primeiros anos de desenvolvimento de Pan-Africanismo. O jovem Garvey conseguiu de forma espetacular concatenar as aspirações populares e as tendências organizacionais da época na sua própria formação intelectual, dando passos decisivos no arranque do Nacionalismo Negro Universal em sua Primeira Era (1914-1940).

Retratos auspiciosos da família Garvey

Marcus Garvey nasceu dia 17 de agosto de 1887 no número 32 da Rua Market – Norte de St. Ann’s Bay (Parish North Coast), uma cidade portuária da Jamaica. Seus pais foram a Sra. Sarah Jane Richards e o Sr. Marcus Garvey, que facultaram ao jovem Garvey valores acordados à identidade coletiva e consciência histórica Maroon. O Sr. Garvey havia saído de dois casamentos em que foi pai de onze filhos. Casado com a Sra. Sarah Jane, a família Garvey teve quatro crianças, mas somente Marcus Garvey e sua irmã Indiana sobreviveram aos primeiros anos de idade (Martin, 1991). A Sra. Jane Richards fazia parte de uma família de pequenos agricultores, possuía conhecimentos em culinária e de negócios

O pai de Marcus Garvey foi um pedreiro altamente requisitado, que se dividia entre uma série de atividades, diácono leigo da Igreja Metodista, mediador de conflitos comunitários e conselheiro pessoal. Estudioso bíblico e político, o Sr. Garvey organizou uma biblioteca particular que serviu à família e aos seus vizinhos, o acervo dessa biblioteca foi

¹⁵⁶ Organização criminosa e terrorista de supremacistas brancos nos EUA, constituída no Tennessee em 1865. A KKK humilhou e matou centenas de pessoas Negras durante mais de um século. Segundo Nei Lopes (2004,p.375) a entidade conseguiu reunir cerca de 4 milhões de membros na década de 1920.

basilar para a alfabetização de Marcus Garvey em sua própria residência (Lewis, 1988). O pai de Marcus Garvey foi um leitor ávido de livros e jornais, um homem respeitado em sua comunidade, um crítico às desigualdades sociais que sempre procurou se atualizar sobre as notícias do mundo. O Sr. Garvey assumia abertamente sua origem no povo Marron e a condição de mantenedor de valores desse povo, tais como o espírito de liberdade e coragem.

Entretanto, a relação do Sr. Garvey com seu filho foi rigorosa e um tanto afastada, um pai de pouco diálogo, um homem inflexível em seu rigor educacional metodista. Em dada oportunidade, Marcus Garvey narrou que após a escavação de uma vala com o seu pai, o mesmo o deixou propositadamente dentro da cavidade foi embora sozinho. O jovem Garvey permaneceu preso na vala durante horas, não havia quem pudesse ajuda-lo e ele não tinha condições de sair por conta própria daquele lugar. A intenção de seu pai foi de ensinar-lhe a não depender de ninguém, mesmo nos momentos mais difíceis, ele deveria aprender a resolver os seus próprios problemas.

O temperamento da Sra . Sarah Richards era o oposto ao de seu esposo em alguns fatores , seu trato com os filhos tendia para uma pedagogia equilibrada, incisiva e compreensiva , uma mãe presente na vida da família. A Sra. Richards produzia doces e salgados para serem comercializados nas vizinhanças e no mercado local, demonstrando ao jovem Garvey um alto grau de organização de recursos e geração de renda. A economia familiar dos Garvey atingiu uma momentânea estabilidade com o trabalho de pedreiro do Sr. Garvey, o comércio da Sr. Sarah e uma roça agrícola familiar, cujo terreno era arrendado.

O lote agrícola da família posicionou os Garvey fora da linha de miséria material, uma vez que após 1838 não houve nenhum programa sério de reforma agrária na Jamaica. Os pais de Marcus Garvey o levavam para ajudar no trabalho agrícola, incentivando-o a valorizar a perseverança e a paciência, o jovem Garvey gostava de ajudar na colheita de bananas e alimentar os animais (Lewis, 1988). Além dos trabalhos na construção civil e na igreja, o Sr. Garvey recolhia-se durante muitas horas para leitura de livros e jornais em sua biblioteca. Os finais de semana e férias no lote arrendado eram uma das poucas oportunidades de Marcus Garvey disfrutar da presença de seu pai.

O Sr. Garvey foi assinante de um jornal local, que o manteve atualizado sobre notícias internacionais durante anos. Todavia, aquele jornal seria motivo de um grande infortúnio que atingiria toda a família Garvey. A assinatura do periódico foi uma gentileza do proprietário do jornal , Sr. Gall ao Sr. Garvey. É provável que esse laço tenha se constituído através da igreja ou de algum circulo fechado que agregava figuras políticas de relevo e alguns trabalhadores prósperos, confiáveis, como era o caso do Sr. Garvey .

Mas em uma mudança estrutural na gestão do periódico, o novo administrador exigiu que o Sr. Garvey arcaasse com todos os anos em que o jornal foi-lhe oferecido gratuitamente. O Sr. Garvey investiu tudo o que conseguiu em advogados, mas não foi capaz de vencer o novo administrador do jornal nos tribunais, conseqüentemente, houve a penhora de sua propriedade arrendada e posteriormente a falência da economia doméstica. A família Garvey foi obrigada a se deslocar para uma propriedade cedida pela Igreja Metodista. Enquanto isso, Marcus Garvey desfrutava de uma infância escolar ativa, sendo uma criança influente e respeitada por seus colegas na escola. Um dos motivos do destaque geracional do jovem Garvey era a sua voz grave e as suas ações criativas. As atividades preferidas de Marcus Garvey na infância eram nadar, jogar *cricket*, correr e andar de bicicleta.

Entre uma brincadeira e outra, o jovem Garvey escapou do ataque de um tubarão enquanto nadava em uma praia, em outra situação, quase consumiu um abacate que continha uma substância para matar ratos. Nesse caso, foi o alerta de sua mãe atenciosa que o impediu de ingerir o alimento envenenado. Durante as brincadeiras, certa feita Marcus Garvey quebrou a vidraça de uma igreja, o Sr. Garvey preferiu não arcar com os custos do acidente para que o filho sofresse as conseqüências do que fez em algum tipo de reformatório. Mas a Sra. Garvey interveio custeando uma nova vidraça, sem essa ação, o jovem Garvey poderia ser punido a ponto de criar traumas físicos ou psíquicos permanentes. Essas pequenas tensões do cotidiano eram aliviadas em momentos de convívio comunitário, a igreja foi um lugar propício. A família Garvey fazia-se presente na Igreja Metodista, Marcus Garvey foi assistente de órgão nos cultos, a sua função era bombear ar comprimido para o instrumento produzir som (Martin, 1986).

Até os 14 anos de idade, Marcus Garvey frequentou a escola da Igreja Metodista e obteve aulas de reforço para complementar os estudos. As aulas na escola Metodista eram divididas com tarefas na fazenda de um tio materno, irmão da Sra. Sarah Richards. O contato interpessoal com crianças e famílias brancas facultaram a Marcus Garvey as primeiras lições práticas do racismo. Segundo Marcus Garvey, ele se tornou muito próximo à uma família da Igreja Wesleyana, mais especificamente de uma jovem menina branca, de sua mesma idade. Na sequência, os pais da menina a enviaram para estudar na Suíça, e ao perceberem a amizade entre os dois, a família Wesleyana expos ao jovem Garvey que ele era apenas um Negro, e que como tal deveria procurar o seu lugar, conviver com os de sua laia. Uma situação marcante para o jovem Garvey, que começou a despertar para uma face desconhecida e dominante camada no mundo que o cercava, o racismo.

Ainda na infância, Marcus Garvey desenvolveu uma forte relação afetiva com o seu tio agricultor, passando a acompanhá-lo nas roças. Isso possibilitou ao jovem Garvey uma espécie de iniciação em todo o ciclo de negócio agrícola, tradicionalmente dominado pelos maroons, inclusive como forma de resistência da cultura. Percorrendo as fases de preparo do solo, acompanhamento embrionário das sementes até a extração, armazenamento, transporte e venda das dádivas da terra (grãos, frutas, verduras e legumes). Marcus Garvey estava tendo contato com o desenvolvimento de uma economia próspera, capaz de manter a sustentabilidade de famílias e comunidades inteiras. Naquele período de perdas materiais, a agricultura foi o que impediu o sofrimento e humilhação maior de sua família pelo gerente do jornal.

Além do consumo diário de alimentos com maior qualidade pelas famílias, havia em St. Ann uma conexão com a comunidade pesqueira e portuária. A mãe de Marcus Garvey mantinha um negócio de quitutes, interdependente dos negócios agrícolas e portuários manejados pela população local. Entretanto, a especulação imobiliária na região começou a dificultar o plantio e acesso a terra, o que atingiu financeiramente negócios mantidos por pequenos agricultores e empreendedores, como no caso do tio e mãe de Marcus Garvey.

A Sra. Richard iniciou à exploração comercial de um espaço dentro do mercado municipal de St. Ann para a venda de seus quitutes, que passaram a ser a única fonte de renda da família Garvey. Marcus Garvey testemunhou os combates diários de sua mãe e o posicionamento político da mesma contra os impostos abusivos do mercado. Amy Jaques Garvey relatou as impressões de Marcus Garvey sobre o comportamento de seu pai naquele momento. Desde a perda da causa dos jornais nos tribunais, o Sr. Garvey manteve-se cada vez mais distante, até desaparecer de casa :

Ele ficou mais irritado, considerando que haviam sido injustos com ele. Lutou com um vizinho por causa de uma cerca de poucos metros: como outra, por ter cortado um cedro que reclamava como seu, e assim entrar e sair dos tribunais, perdeu e os custos aumentaram contra ele, até ele perdeu todas as suas terras, exceto um pomar (Garvey, 2014, p.302) (tradução nossa)

O contexto sociopolítico jamaicano era de regiões segregadas, as melhores condições do espaço territorial estavam destinadas a uma minoria branca, que a partir de Kingston ramificava-se por toda a ilha através de clubes (futebol e *cricket*) em bairros estruturalmente privilegiados. Estrategicamente, uma camada da população considerada e autoconsiderada mestiça, os “*Colored*”, era preterida para a ocupação de cargos de vigias, segurança e policiamento. Mesmo assim, a maior parte dos cargos de serviço público permaneceu nas

mãos dos brancos. A outra camada em maior número (Negra, africana) sobrevivia enfrentando discriminação racial e uma vida miserável.

Na ausência do pai, o jovem Garvey foi apoiado por um tio, que o empregou como ajudante em uma plantação de bananas na região de St. Ann. Entretanto, o seu tio foi expulso abruptamente de seu lote de terra, levando-o ao adoecimento e posteriormente o óbito. A total estrangulação das famílias jamaicanas prejudicadas por golpes imobiliários de exploradores racistas encontrou barreira somente na solidariedade sóciocomunitária, nas lembranças de Marcus Garvey :

Lembro-me de um homem chamado Pratt em St. Ann. Ele possuía uma grande quantidade de terras e arrendou meu tio cerca de vinte e cinco acres. Meu tio era um cristão trabalhador. Quando não estava lendo a Bíblia, ele trabalhava na terra. Ele plantou e cultivou os vinte e cinco hectares de canã, mantimentos e todos os produtos agrícolas que você possa imaginar, ele tinha uma fazenda que dava um lucro de cerca de cem libras por ano. Ele até tinha sua mula com a qual trazia as bananas ao mercado todas as segundas-feiras. Meu tio estava progredindo, era inteligente e me educou, porque meu pai não conseguia. Eu ajudava na contabilidade e assim no final da semana ele ganhava uma comissão de 13% pela venda das bananas, umas ganhava de verdade e outras roubava. (Risos) (...) Esse tio meu, uma manhã quando Ele estava indo da cidade onde morava para a fazenda, ele encontrou cem vacas pastando em suas terras. Pratt ordenou que seu capataz tirá-lo do lugar; E quando meu tio foi para sua residência, ele o expulsou sem indefinições e assim tirou meu tio de um pedaço de terra. Meu tio nunca se recuperou e morreu (Garvey, 1986, p.17) (tradução nossa)

Mesmo com esses problemas, a família Garvey incentivava o jovem Garvey a trabalhar e permanecer nos estudos, segundo o próprio Marcus Garvey:

Eu me tornei um aprendiz em uma gráfica em uma idade precoce, enquanto ainda frequentava a escola. Meu tutor era um homem altamente educado e alerta. Nos assuntos dos negócios e do mundo, não tinha igual. Ele me ensinou muitas coisas antes de chegar aos doze, e aos catorze anos eu tinha inteligência e experiência o bastante para chefiar homens. Eu era forte e varonil, e fiz com que eles me respeitassem. Desenvolvi uma personalidade forte e contundente, e ainda a tenho. (Garvey, 2017, p.30)

Aos 14 anos, o jovem Garvey teria a oportunidade de ser treinado no ofício da tipografia. Seu tutor foi Alfred E. Burrows, proprietário de uma pequena tipografia em St Ann. O principal meio de informação da época (1901) era o jornal, que tornava as profissões técnicas muito requisitadas. Marcus Garvey desenvolveu um rápido apreço às técnicas de tipografia e de imprensa, o treinamento na tipografia serviria como verdadeiro estágio para uma longa vida de trabalho editorial militante em sua vida.

No ano de 1904, Alfred E. Burrows prosperou e conseguiu abrir uma filial de sua gráfica na região de Port Maria, ao jovem Garvey foi oferecida a oportunidade de gerenciar o novo empreendimento, passando a fazer viagens constantes dentro da Jamaica. Nesse ínterim,

os problemas financeiros da família Garvey foram se agravando, e aos 16 anos de idade o jovem Garvey ingressava no grande movimento de evasão escolar junto com centenas de outros jovens jamaicanos. Marcus Garvey saiu da escola consciente de que a autoeducação resolveria o vácuo do ensino escolar formal. Prova disso é o relato de um de seus colegas de infância sobre o hábito do jovem Garvey, que carregava um dicionário para consultas e escrevia diariamente. Uma das maiores influências para Marcus Garvey nesse sentido foi seu pai, o Sr. Garvey.

No ano de 1906 Marcus Garvey mudou-se para Kingston, instalando-se em um bairro operário denominado Smith Village, onde as possibilidades de trabalho eram maiores. Sua mudança foi acompanhada por sua mãe e irmã, em Kingston ele começou a trabalhar na impressora P.A. Benjamin Manufacturing Company Ltda. Sobre essa experiência de trabalho e responsabilidade precoce, Marcus Garvey declarou que [...] **aos dezoito anos eu tinha um excelente cargo de gerência de um grande estabelecimento de impressão – gráfica- tendo sob meu controle , vários homens com idade suficiente para serem meus avós . (Garvey, 2017, p.32)**

Logo no ano seguinte de sua chegada em Kingston, o jovem Garvey testemunhou um terrível terremoto no dia 14 de janeiro de 1907, que provocou destruição e mortes. Os danos se concentraram na região Norte da ilha, atingindo Buff Bay e Annotto Bay com incêndios, desabamentos e pânico entre a população. O terremoto, que durou trinta e cinco segundos, desencadeou consequências imediatas nas infra-estruturas da capital. Uma grande *tsumani* em decorrência do abalo sísmico atingiu as regiões de Hope Bay, Port Antonio , Orange Bay , Sheerness Bay , Saint Ann's Bay , Buff Bay, Port Maria e Annotto Bay. Desde então, medidas de precaução a fenômenos da natureza foram popularizadas no cotidiano jamaicano. Durante os dois primeiros meses após o desastre, Marcus Garvey, sua mãe e irmã viveram desabrigados em Kingston, contando com apoios de míseros programas de governo e principalmente das igrejas.

Figura 36: Cidade de Kingston destruída por um ciclone em 1907



Fonte: <http://www.britishempire.co.uk/maproom/jamaica.htm>

A destruição provocada pelo terremoto de 1907 e o histórico de ciclones, furacões e terremotos na Jamaica seriam uma marca na vida de Marcus Garvey . Mas naquele momento, o terremoto de 1907 foi particularmente desastroso para a Sra. Garvey, que além de enfrentar os altos impostos, agora teria que encarar os estragos causados às colheitas agrícolas, uma das bases para o seu trabalho de quituteira (Martin, 1986).

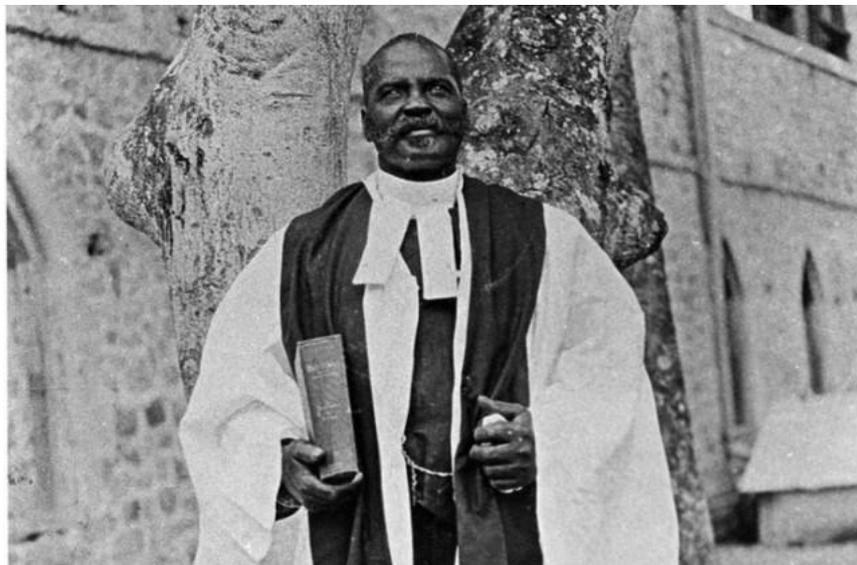
Na Jamaica, as décadas de 1890 e 1920 foram de ascensão para lideranças que mesclavam política e religião, dois elementos de difícil separação no contexto histórico cultural do mundo africano. Duas das lideranças em destaque foram Fitz Balantine Pettersburg e Alexander Bedward. Fitz B. Pettersburg foi um sacerdote, escritor e pregador Etiopianista que publicou em 1926 o livro *The Royal Parchment Scroll of Black Supremacy* (Pergaminho Real da Supremacia Negra), um documento doutrinário e teológico para os adeptos do Etiopianismo. O livro foi composto de forma econômica com poucas páginas e baixo custo de impressão, alcançando uma alta circulação dentro e fora das igrejas . Na verdade, os materiais revelam a existência de círculos ocultos, escolas iniciáticas fundamentadas no Etiopianismo

Fitz B. Pettersburg desenvolveu uma linguagem popular muito similar a bíblica com conteúdos sobre Supremacia, ou Soberania Africana, expostos em 50 tópicos. O autor previa

a importância da disseminação de suas ideias escritas para as populações do século XX, salientando a importância do trabalho para homes, mulheres e toda a comunidade. Entre os conteúdos dos capítulos estão o batismo místico sob as águas, a ascensão do trono etíope perante o mundo, a lei de ressurreição, teocracia, política diplomática e governação. O Capítulo 28 do livro foi dedicado a Marcus Garvey e a UNIA, “General Marcus Garvey and Bishop Rogers”. O “Bispo Rogers”, indicado no título, é uma menção a Robert Athlyi Rogers, autor de *The Holy Piby – The Blackman’s Bible* (1928), outro documento que seguiu a mesma linha doutrinária teológica Etiopianista.

Alexander Bedward migrou na adolescência para o Panamá, e assim como Marcus Garvey pode experimentar as terríveis experiências vividas por africanos na América Central (BEDWARD, P15). No seu retorno para a Jamaica, Alexander Bedward se identificou com a avivamento e com a resistência Pan-Africanista, fundando assim o seu próprio centro religioso, conhecido por agregar centenas de pessoas em suas sessões, que contavam com serviços de cura.

Figura 37: Alexander Bedward



Fonte: <https://www.printbigja.com/february-marks-black-history-month-a-tribute-to-a/>

O movimento de Alexander Bedward se desenvolveu a partir da década de 1890 em um contexto de êxodo rural e empobrecimento gradual dos camponeses, desencadeado pela ação predatória da Coroa Inglesa em relação às terras. Somente entre 1894 e 1901, cerca de 128 mil acres de terra foram tomados pelo governo colonial, empurrando o homem do campo para Kingston e St. Andrew (Lewis, 1988). O Bedwardismo, como ficou conhecido o seu movimento, apresentava-se contrário ao interesse das classes dominantes na Jamaica, criticando o que se poderia considerar como continuidade do período escravista e incitando o povo à organização social autônoma.

A Bíblia foi o guia para os Bedwardistas, uma forma de ver o mundo e enfrentá-lo a partir das mensagens que envolviam a Etiópia nos livros bíblicos. O **Salmo Bíblico** popular entre os etiopianistas sobre a Etiópia e a sua redenção a Deus foi imensamente explorado pelos Bedwardistas, como uma mensagem de força e esperança. O Etiopianismo através do Bedwardismo tornou-se dominante na Jamaica como uma nacionalismo emergente do povo. As agitações abertamente de cunho anticolonial levaram Alexander Bedward à prisão no ano de 1891(21 de Janeiro) sob a acusação de sedição. Após quatro meses no cárcere, o Sr. Bedward foi julgado e considerado demente, para em seguida ser internado em um manicômio. Um dos motivos de maior descontentamento sobre o movimento de Alexander Bedward na década seguinte de 1910 foi a sua capacidade de mobilização das comunidades.

A imprensa do governo, comandada pelo periódico The Daily Gleaner foi implacável nos ataques ao movimento Bedwardista. Sob direção de Joshua de Cordova em 1890, o periódico solicitava ao governo esforços na destruição do movimento, além de apresentar periodicamente matérias para ridicularizar Alexander Bedward. Todavia, independente da propaganda anti-Bedward da imprensa, o movimento estaria cada vez mais sob a pressão de forças do governo devido à sua influência nas mentalidades populares, no seio do povo.

Os anos entre 1890-1920 foram centrais para a história do Bedwardismo, com inúmeros seguidores, o movimento assumiu a dinâmica da militância legada por Paul Bogle de Morant Bay, com um aperfeiçoamento político extraordinário na organização do campesinato em bases comunitárias nutridas por solidariedade, consciência política e revolta.

No mesmo sentido de Paul Bogle¹⁵⁷, Alexander Bedward conseguiu interligar degradados do campo e das pequenas cidades, a oratória Bedwardista foi profundamente arraigada por parábolas esteticamente bíblicas de conteúdo Etíopianista. Todos esses elementos faziam parte da história das localidades que inspiraram e moldaram o pensamento intelectual de Marcus Garvey .

Envolvimento político sindical organizado

Na sociedade estratificada jamaicana o ramo de impressor era promissor, e a partir dele, Marcus Garvey mergulhou na organização política sindical de impressores/gráficos. A capacidade natural de organização e mobilização do jovem Garvey ultrapassou o sindicato de gráficos (Print Union) para alcançar pequenos núcleos de comerciantes e jornalistas. Mas a Print Union foi a sua maior plataforma de visibilidade e trabalho na época, tratava-se de uma das primeiras e mais respeitadas entidade de trabalhadores de toda a região das Colônias Britânicas do Caribe ou British West Indians. Naquele momento, o jovem Garvey era funcionário da Sessão de impressão da Companhia Farmacêutica P. A. Benjamin, Kingston.

O envolvimento de Marcus Garvey com a comunidade Negra em Kingston aumentou vertiginosamente entre **1908-1909**. O ápice desse engajamento foi a sua participação em uma grande greve por melhores condições de trabalho e salarial organizada pelo sindicato. No ano de 1908, o coletivo sindical de impressores escolheu Marcus Garvey como uma de suas lideranças, objetivamente o porta-voz dos trabalhadores. Historicamente, aquelas eram as primeiras movimentações de organização sindical na Jamaica.

Todas as pressões possíveis colocaram o jovem Garvey sob teste de caráter e autodeterminação, foram-lhe oferecidas regalias para o encerramento da greve, inclusive o aumento de seu salário. Entretanto, cumprindo o seu compromisso com os impressores, Marcus Garvey não aceitou ceder às pressões ou benefícios individuais. A resignação de Marcus Garvey foi aliada aos seus discursos nos núcleos de trabalhadores, esses discursos ocuparam lugar chave na mobilização, organização e solidariedade pra a continuidade da greve.

O nível de organização dos trabalhadores chamou a atenção de sindicatos nos Estados Unidos da América, que enviaram recursos financeiros em solidariedade aos impressores

¹⁵⁷ Paul Bogle,, comentado no capítulo anterior com uma imagem ilustrativa, que atualmente tem sido tema de debates sobre a sua veracidade histórica .

paralisados pela greve. Mas, o quadro sindical responsável pelas finanças na Jamaica desviou do montante doado, o que acabou por desmoralizar os grevistas no nível nacional e internacional. Mas, mesmo com esse problema de conduta, existiam outros motivos para o fracasso da greve, a mobilização não atingiu os seus objetivos centrais, por causa da falta de unidade sindical. Uma das questões decisivas para o enfraquecimento da mobilização grevista foi o conflito entre o Sindicato de Artesãos e Trabalhadores da Jamaica (JTLU) com o sindicato local de tipógrafos. O primeiro intencionava autonomia total e o segundo uma filiação a Federação Americana do Trabalho.

A luta comum entre os sindicatos e as divergências sobre uma possível filiação à Federação Americana do Trabalho ampliariam o clima de tensão da política sindical. A combinação de protestos contra a taxa colonial e as condições de trabalho (materiais, horas, férias, etc) estavam proibidas perante uma lei de 1835, sendo considerada uma afronta ao comércio. Definitivamente, o salário e a produção não poderiam ser combinados enquanto itens de um mesmo protesto ou processo sindical. Essas tensões geraram perseguições às lideranças e apoios inusitados como do jornal *The Gleaner*, que supervalorizava a aproximação dos sindicatos da Jamaica com os Estados Unidos da América. Independentemente de estar ou não estar em concordância com as causas sindicais, para a cúpula administrativa do *The Gleaner*, o mais importante era uma aproximação com os EUA em detrimento a Inglaterra.¹⁵⁸

O próprio Marcus Garvey, identificado como um dos líderes da greve, foi duramente criticado e despedido pelos proprietários da empresa onde trabalhava. Poucas semanas depois, o jovem Garvey alocava-se em um posto de impressor na **Companhia Gráfica Jamaicana**, uma impressora do governo. Aos 20 anos de idade, Marcus Garvey era um jovem com responsabilidades de um homem adulto, muitos dos jovens de sua idade eram delinquentes corriqueiros, o que aumentava a sua popularidade como exemplo de conduta. No meio social Marcus Garvey se destacava como um jovem educado, sem vícios e politicamente engajado, a sua postura atraía outros jovens. O jovem Garvey continuou em Kingston exercendo a militância trabalhista, além de buscar o aperfeiçoamento político organizacional.

Os aprendizados da experiência sindical facultaram a Marcus Garvey força suficiente para fazer uma pressão eficiente sobre empresas e governos, mas dependiam de acertos difíceis devido à quantidade de membros e à falta de centralidade de interesses, o que gerou

¹⁵⁸ Havia uma contrariedade entre as elites jamaicanas em relação ao estatuto colonial Britânico para a Jamaica, que não permitia uma maior autonomia político-econômica de grupos locais detentores de poderes em meios de produção.

fragmentações internas. Os trabalhadores sindicalizados não possuíam ações nas empresas e poderiam ser substituídos a qualquer momento, o que gerava um ambiente de desconfiança e vulnerabilidade.

No ano de 1909 foi criado em Kingston o **Clube Nacional**, uma entidade idealizada pelo advogado S.A.G. Cox, membro da Associação de Cidadãos de Montego Bay. S.A.G. Cox candidatou-se com sucesso a uma cadeira na Legislatura no ano de 1909, uma vitória por votação possibilitada pela sua posição como representante da Paróquia de S.Thomas, que durou até o ano de 1911. Nesse mesmo período, S.A.G. Sax editou o jornal **Our Own**, um periódico anticolonial que conseguiu tiragens de 3000 exemplares. Nesse sentido, o **Our Own** foi uma espécie de voz política combativa do Clube Nacional. O jornal circulou entre os anos de 1909-1911.

Na pauta do **Our Own** estavam denúncias críticas com propostas de mudanças no que se refere a importação de mão-de-obra indiana e a carga tributária da mesma sobre os trabalhadores Negros, além da legalização sindical e a distribuição equitativa de terra. Através do jornal foram organizadas petições e leis que protegessem a cultura tradicional de base Arawake e Africana. A proposta do **Our Own** era romper com as subdivisões hierárquicas dentro da comunidade Negra. Na década seguinte, este aspecto de diluição seria um dos fundamentos de organização da UNIA, expresso no caráter universal de seu nacionalismo africano organizado na diáspora. A partir de 1911, a unidade passou a ser sistemática no posicionamento político de Marcus Garvey.

No ano de 1910 começaram as campanhas para a direção da secretaria do Clube Nacional, Marcus Garvey se candidatou e venceu com uma participação triunfal, assumindo o cargo de secretário em abril do mesmo ano. A entidade foi potencializada com o trabalho dedicado de Marcus Garvey até o ano seguinte, aumentando significativamente o número de sindicatos. S.A.G. Fox estava construindo linhas críticas ao colonialismo utilizando-se do **Our Own**, o que para Marcus Garvey significou uma escola de iniciação ao jornalismo político. Essas experiências serviram de base para o pensamento intelectual de Marcus Garvey, tanto no sentido educacional quanto no político. As bases de sustentação do Clube Nacional foi formada pelo conhecimento e pelo fazer política.

O Clube Nacional defendia a autonomia política da Jamaica dentro do Reino Britânico, como o que havia ocorrido com Canadá e Austrália). As fileiras de seus membros reuniam políticos engajados como S.M. Delon (Londres), W. Domingo (Jamaica) e J. Coleman Beecher (Jamaica), que posteriormente foi diretor de distribuição do jornal **The Negro World**, publicado pela UNIA em 1918. Uma considerável parte de membros do Clube Nacional

estava ligada à Associação de Cidadãos de outras cidades jamaicanas, os anos de atividade mais intensa da entidade ocorreram de 1909-1911, chegando a alcançar adeptos na América Central e especialmente no Panamá em 1910 (Lewis, 1988).

O Clube Nacional enfrentava problemas políticos de candidaturas ilegais para as eleições gerais de 1911, que geraram sérios abalos para a entidade. S.A.G. Cox foi acusado de ter fraudado pré-requisitos da disputa eleitoral e por conseguinte teve sua imagem desgastada, saiu do país, o que desmantelou a estrutura do Clube Nacional. A entidade foi reorganizada em 1913 por Alexander Dixon e S. DeLeon, mas não obteve sucesso para seguir em frente (Lewis, 1988).

Inegavelmente, o Clube Nacional foi uma base de formação para Marcus Garvey, diferente da organização Sindical, o Clube tinha um nível de autonomia política maior, mesmo não possuindo uma base de produção como os sindicatos. O Clube permitia a organização mais eficaz de seus membros e uma posição única diante das ameaças de todo o cariz, além de conseguir estar centralizado sobre o consenso de uma pauta maior de interesses. O jornal **Our Own** conseguiu uma comunicação mais ampla e consistente que as atividades do sindicato.

A experiência sindical foi uma escola, que ofereceu ao jovem Garvey os procedimentos necessários para embates hierárquicos e negociações sob alta tensão política. Marcus Garvey foi um crítico incisivo de si mesmo no período em que esteve no sindicato, o que lhe deu condições para identificar as suas próprias limitações pessoais, uma delas seria a dificuldade de falar em público, devido à timidez. Naquela Kingston politizada, racializada e repleta de injustiças socioeconômicas, Marcus Garvey identificava-se e inspirava-se em líderes de alto relevo sindical, mestres da oratória. Um desses líderes foi Joseph Robert Love (1839- 1914).

Robert Love ou Dr. Robert (Lewis, 1994) nasceu nas Bahamas, durante a adolescência mudou-se com a sua família para os EUA, onde estudou teologia em um convento episcopal. Após exercer o sacerdócio no Sul do país, ingressou na Buffalo University para cursar medicina. Certa ocasião (1930), Marcus Garvey comentou que a (...) *maior parte dos meus primeiros conhecimentos sobre a consciência racial deve-se a Robert Love . Não se pode ler o seu Jamaican Advocate sem ganhar uma consciência racial. (Garvey, 1986, p.59) (tradução nossa)*

Figura 38: Dr. Robert Love no final do século 19



Fonte: https://www.buffalo.edu/ubreporter/archive/2010_02_24/flashback.html

No plano suprapartidário, Robert Love foi um membro da Maçonaria organizada pela comunidade Negra nos Estados Unidos. **Maçonaria, que já abordamos nesta tese,** é um nome genérico para um conjunto de associações místicas ou ocultistas baseadas em laços de autoajuda e fraternidade entre os seus membros associados. As entidades Maçônicas dividem-se em lojas onde seus membros se reúnem em um sistema hierárquico e metódico. A cultura ritual maçônica é uma mescla de **símbolos e signos do Kemet, da Mesopotâmia e do cristianismo.**

As primeiras lojas Maçônicas começaram a ser organizadas no contexto iluminista europeu do século XVIII, nesse período, o centro político da Maçonaria foi a Inglaterra de 1717. No movimento histórico de expansão Maçônica, os Negros foram preteridos em muitas lojas na Colônia Americana do Norte (EUA), levando-os a criar suas próprias lojas. Prince Hall (1735-1807) é a mais influente referência na criação da Maçonaria Negra, ele viveu a experiência da Guerra de Independência dos Estados Unidos (1776) e o engajamento nas atividades de movimentos abolicionistas durante o início do século 19, concentradamente em Massachusetts (EUA) (Lewis, 1988).

Prince Hall organizou a Ordem Maçônica Negra na Loja Africana Nº 459 dos Estados Unidos, Boston, reconhecida no final do século XIX pela Matriz, a Grande Loja da Inglaterra. A Ordem Maçônica Negra tornou-se uma grande instituição fraternal de autoajuda dos Negros nos Eua, Prince Hall desenvolveu um trabalho político de solidariedade através da construção de igrejas, escolas e uma série de serviços voluntários para as comunidades Negras. O alto

nível de organização empregado por Prince Hall atraiu a filiação de outras lojas Maçônicas organizadas por Negros.

Robert Love envolveu-se com a Grande Loja Independente de New York, sendo incumbido de viajar para o Sul afim de abrir uma Grande Loja Independente na Flórida e na Georgia. Entre os anos de 1870 e 1875 Robert Love serviu como o 1º Mais Venerável Grão-Mestre da Maçonaria Prince Hall, da Grande Loja Soberana da Flórida e da Grande Loja da Geórgia (Martin, 1986). O jovem médico abdicou de uma vida com de *status* nos EUA para em 1880 migrar com destino ao Haiti. O interesse de Robert Love pelo Haiti era de caráter idealista e militante, conhecer de perto uma nação Negra soberana, contribuir para o desenvolvimento social e aprender com grandes referências do país, como no caso do proeminente Antenor Firmin.

No Haiti, Robert Love trabalhou para o governo como médico militar, ao mesmo tempo que exerceu atividades como professor, clérigo da Igreja Episcopal e jornalista. Admirador da revolução haitiana, o posicionamento político de Robert Love foi abertamente Pan-Africanista. Os seus interesses se dividiam entre o futuro da África, a luta anticolonial no território africano e as condições da população Negra na Jamaica.

Anos após sair da Bahamas, estudar nos EUA e aprofundar sua consciência política no Haiti, Robert Love desembarcou no território jamaicano, onde fixou residência. Dr. Love criou em 1894 o jornal *Jamaican Advocate*, um veículo porta-voz dos direitos da maioria da população Negra da ilha, mantida sob os reflexos das injustiças brutais da suposta emancipação em 1834. Robert Love entendia que havia uma continuidade histórica que conectava as lutas em sua diáspora durante os séculos de holocausto africano, com as lutas atuais do Negro, envolvendo raça e classe nas Américas do século XIX onde ele vivia (Martin, 1976).

Empenhado na política governamental, Robert Love candidatou-se às eleições para Câmara dos Representantes da Jamaica, foi presidente do Conselho Paroquial de Saint Andrew, além de trabalhar em Comissões, entidades educacionais e atividades religiosas. Entretanto, as mensagens de Robert Love alcançaram um público maior através do jornal **Jamaican Advocate**, uma referência informativa para o jovem Garvey, leitor assíduo do periódico. No *Jamaican Advocate*, Robert Love defendia criticamente que a : [...] *África foi a carcaça morta sobre a qual os abutres da Europa desceram e repartiram-na entre eles, sem nenhum respeito aos direitos dos africanos (Lewis, 1988, p.21). (tradução nossa)*

Entre as diversas matérias do *jornal Jamaican Advocate*, havia aquelas que se referiam em reverência às grandes nomes da revolução haitiana, tais como Toussaint Louverture e Jean

Jaques Dessalines, homenageando-as como ancestrais que deveriam ser lembrados e honrados. Isso impressionou Marcus Garvey tanto quanto as notícias sobre entidades e comunidades Negras organizadas naquele momento em outras partes do mundo africano. Robert Love era um homem conhecido na Jamaica pela sua conduta impoluta, que simbolizava a vanguarda dos movimentos sociais no Caribe. Na Jamaica de 1900, a presença política de Robert Love foi de alta relevância.

O *Jamaican Advocate* circulava nas mãos de trabalhadores emigrantes nas Américas Central e Sul, foi um veículo de informação importante para denunciar as causas dos trabalhadores Negros em diferentes regiões e sob um mesmo sistema de exploração racial capitalista. Além dessas denúncias, o jornal abordava temáticas sobre violência policial, educação, saúde e a situação social da mulher Negra, diretamente atingida pelo racismo. Na concepção de Robert Love, expressa no **The Jamaican Advocate**, a vida do Negro no Caribe era um retrato da opressão contra a mulher Negra.

O periódico de Robert Love rodou entre os anos de 1894-1897 e trabalhou em conjunto com a Associação Cooperativa da Jamaica (1897) e do Congresso dos povos (1898), ambas entidades foram iniciativas de Robert Love. Desde o início de sua estadia na ilha, Dr. Robert foi vigiado de perto pelo Secretariado Colonial Britânico. O seu trabalho de militância política incomodava colonos, mercadores e funcionários coloniais. Especialmente na segunda metade da década de 1880, as matérias do *Jamaica Advocate* chegaram ao ápice da denúncia crítica às restrições ao voto da população Negra em cadeiras de representação na Legislatura Colonial, uma espécie de Câmara do governo local chancelada pela Coroa Britânica. No ano de 1884 existiam 2000 votantes, mas após uma grande campanha popular impulsionada para o fim das restrições eleitorais, as leis mudaram a favor da reivindicação. No ano de 1895, o número de eleitores foi elevado para 4366 pessoas (Lewis, 1994).

Nos três anos seguintes após a estabilização de quadros populares na legislatura colonial, já haviam condições políticas para a ocupação das estruturas da Câmara, uma delas foi o Conselho da Cidade de Kingston. Robert Love conseguiu ser eleito seguidamente para a legislatura colonial e para o Conselho da Cidade de Kingston. Obviamente, Dr. Robert Love passou a ser um desagradado ainda maior para as forças coloniais locais, mas as regras deveriam ser cumpridas em relação aos mandatos. Toda a ação política de Robert Love foi para assistir necessidades das populações trabalhadoras, seus mandatos foram dedicados à reforma agrária, fim dos impostos sobre os camponeses e regulação das migrações de asiáticos.

A maior parte de imigrantes da Ásia era formada por indianos, introduzidos na Jamaica (e Caribe) pela Coroa Inglesa e elites locais em uma área intermediária entre Negros

e os “mestiços”. O trabalho da população Negra passou a ser drasticamente reduzido, desqualificado e deslocado para as funções com menos condições de salubridade. Outro combate assumido por Robert Love foi contra o sistema de trabalho nas plantações, que pouco diferiam do sistema escravista nas *Plantations*. O contexto de trabalho nas plantações era repleto de maus tratos, brutalidade, horas excessivas de trabalho, assédio e degradação moral. O *Jamaica Advocate* combateu esse tipo de sistema frontalmente em suas materiais jornalísticas, denunciando a persistência de um sistema escravista sob nova roupagem.

Robert Love oferecia conferências de formação, o seu trabalho nessas atividades tinham o propósito de conscientização sobre a necessidade de uma escola secundária para moças (Lewis, 1988). Na perspectiva política de Dr. Love, a memória das resistências deveriam ser continuamente exploradas como recursos de organização social. No ano de 1896, Robert Love sugeriu um monumento em homenagem à **George Willian Gordon**, assassinado em 1865 no movimento de Morant Bay, apresentado no capítulo anterior. Normalmente, essas conferências de formação abordavam temas como mulher, revolução haitiana e a organização social na Jamaica. **A Revolução do Haiti** foi tema recorrente de palestras do **Jamaica Advocate em 1898 (Martin, 1976)**.

O **Jamaica Advocate** foi um canal de comunicação jornalística adequado às ideias de conexão e ascensão Negra ao redor do mundo. O periódico estava em constante comunicação com outros similares como *Weleky News* (Serra Leoa), *Weekley Record* (Lagos), *Standar* (Lagos) *Leader* (Costa do Ouro/Gana). O jornal também reproduzia artigos de Edward Wilmot Blyden, Casely Hayford e Dr. Scholes. A visão editorial do periódico em sua edição de 20 de abril de 1901 não deixa dúvidas de seu caráter Pan-Africano :

África para os africanos é a nova forma de um velho lema... esse lema vai despertar o chamado mundo civilizado e criar consciência de que outros que não são considerados civilizados pensam sobre os direitos naturais, tal como eles. Povos civilizados fazem isso... (Garvey, 1986, p.87) (tradução nossa)

Porque África para Africanos foi comentado por Robert Love como um velho tema? Um dos precursores desta expressão foi Edward Wilmot Blyden, que defendeu essa temática no final do século XIX, tendo como argumentação a repatriação da diáspora para o continente africano afim de formar uma frente de reorganização das instituições e sociedades, principalmente das regiões africanas do Oeste, Ocidental. Décadas depois, Marcus Garvey reafirmaria África para Africanos em uma perspectiva de construção de uma soberania continental, a unidade político administrativa de todo o continente.

Durante cinco anos, a Associação Universal para o Progresso do Negro tem defendido a causa de África para os africanos — isto é, que os povos Negros do mundo devem concentrar-se no objetivo de construir uma grande nação na África (...) seria aconselhável (...) As massas de Negros nos Estados Unidos, nas Índias Ocidentais, nas Américas do Sul e Central estão em harmonia com as aspirações dos africanos nativos. Desejamos ajuda-los a construir um Império Negro, onde todo o homem Negro, seja ele nascido na África ou no mundo ocidental, terá a oportunidade de se desenvolver em suas próprias linhas sob a proteção das instituições democráticas mais favoráveis (Garvey, 2017, p.68). (tradução nossa)

À procura de aperfeiçoamento e seguindo orientações de pessoas experientes como Robert Love , Marcus Garvey se matriculou em igrejas ministeriais, voltadas a formação de ministros, visando desenvolver a sua oratória. Além do fundamental apoio técnico da oratória, o estudo diário foi a chave mestra para o seu sucesso ministerial. O progresso de Marcus Garvey foi um desconforto nas igrejas, afinal, Marcus Garvey não demonstrava ser um “cordeiro 100% fiel”, por ter muitas iniciativas, críticas e reflexões que ultrapassavam os dogmas religiosos, como no caso da questão racial nos planos nacional e internacional. Além disso, o jovem Garvey já havia tido algum contato com as fraternidades Negras como a Maçonaria e possivelmente outras ainda mais restritas.

Para além das fronteiras da Jamaica: política nacionalista e resistência Negra internacional

O final do século XIX apresentava alguns das frentes dos combates anticoloniais , uma dessas frentes foi a literatura. Escritores como Martin Delany, Edward Wilmot Blyden, Antenor Firmin e W.E.B. du Bois ilustraram essa frente literária anticolonial na diáspora africana, sendo divulgadas pela Imprensa Negra. As notícias sobre Etiopianismo e Pan-Africanismo chegavam na Jamaica por meio do Jamaican Advocate, publicados de forma recorrente no periódico, que fez questão de compartilhar notas sobre a realização da Primeira Conferência Pan-Africana de 1900 em Londres (Inglaterra) :

A Conferência Pan-Africana composta por homens Negros se reunirá e realizará suas deliberações em Londres, este mês. O seu objetivo é o de apresentar ao povo e ao governo da Gran Bretanha as circunstâncias, reclamações e desejos das populações Negras incorporadas ao Império Britânico. (Lewis, 1988, p.24) (tradução nossa)

Dividido pelo sentimento de descoberta do além Jamaica e pelos receios naturais resguardados nos mistérios de um mundo desconhecido, Marcus Garvey passou em 1908 pela

primeira grande dor em sua vida, o falecimento da sua mãe no dia 18 de março. Além da ausência materna, Marcus Garvey também sofreu por não ter conseguido beneficiar sua mãe com os frutos de seu trabalho. Mas todo o sofrimento foi convertido em energia criativa, essa era a realidade para um povo cercado de dificuldades, obrigado a se reconstruir diariamente, a ressuscitar. Visivelmente satisfeito com o reconhecimento pelo seu trabalho no meio sóciocomunitária, o desejo mais profundo de Marcus Garvey era que sua mãe pudesse ver as suas conquistas.

A forma encontrada por Marcus Garvey para superar o desaparecimento físico de sua mãe foi a radicalização da dedicação ao conhecimento, ao trabalho na impressora e ao fazer política. A união desses elementos ainda em 1900 sintetizava dois aspectos da formação do pensamento intelectual de Marcus Garvey: 1. a educação e 2. a política. Ambas em fase de amadurecimento e que resultaram em sua primeira iniciativa como editor com a publicação do jornal *The Watchman* (O *Vigia*) em 1909 (Martin, 1983). Mesmo com uma vida curta (apenas três edições entre 1909-1910), a experiência editorial serviu como grande impulso, ou teste, para Marcus Garvey avançar com projetos semelhantes e melhor apurados.

Envolvido em atividades políticas sérias com o Clube Nacional, o jovem Garvey também militou no Clube Wilfred Domingo, chegando a publicar um pequeno panfleto intitulado *The Struggling Mass*. O interesse e empenho de Marcus Garvey pelo conhecimento possibilitaram-no começar a compreender seu próprio momento político e contexto global. A busca pelo conhecimento geral e específico das sociedades contemporâneas desvelaram progressivamente para o jovem Garvey o momento político de mobilização trabalhista, crítica ao sistema capitalista, resistência anticolonial no mundo africano.

Através da imprensa, Marcus Garvey e outras pessoas envolvidas com organização política obtinham, com dificuldade, informações sobre movimentos de resistência anticolonial em África. O contexto africano no cruzamento do século XIX para o XX era de resistência generalizada. Os casos da Libéria e Etiópia são importantes uma vez que ambas se destacaram impedindo a colonização em seu território.

A Libéria assumia-se como nação independente, entretanto, a Sociedade Americana de Colonização (SAC) foi responsável por organizar os assentamentos de Negros repatriados dos EUA para Monróvia (capital da Libéria) a partir de 1822 (Akpan, 2010). Às vésperas da implantação oficial do sistema colonial europeu no continente africano, a partir da Conferência de Berlim (1884-1885), o governo da Libéria enfrentava as intenções coloniais da Inglaterra e da França. O colonialismo europeu pressionou a Libéria e ameaçava a sua sensível soberania com expropriação territorial e intervenção, tanto na política quanto na

economia . O presidente da Libéria em 1907, Arthur Barclays, fez o seguinte pronunciamento sobre as pressões internacionais no seu território:

Nunca se fez tão evidente que vivemos numa época de uma nova diplomacia, a diplomacia que não leva em conta os princípios fundamentais do direito internacional, do direito natural e da equidade quando se trata de pequenas nações. As grandes potências reúnem-se e partilham pequenos Estados sem os consultar; e estes ficam sem defesa, já que não possuem exército nem marinha que possam responder à força com força. (Akpan, 2010, p. 281)

As ameaças enfrentadas pela Libéria ocorreram de forma permanente entre os anos de 1885-1910. O país via-se com a necessidade iminente de ocupar mais e produtivamente o seu território, mas esbarrava em obstáculos das estruturas, fundos e equipamentos inexistentes (Akpan,2010). Diante do avanço colonialista, o caso etíope distinguia-se do da Libéria pela solides de sua soberania, principalmente após o processo de restauração nacional comandado por Teadros II (1855-1868). Entre 1871 e 1889, Yohannes IV aprofundou o sentido e as estruturas nacionais comandando a resistência à penetração árabo-muçulmana advinda do Egito. Todo esse processo foi revestido por um trabalho de alta diplomacia com países europeus, cada vez mais próximos através de cooperações nas áreas de infraestruturas (pontes e prédios) e sistemas de comunicação.

Na sequência alternada de poder na Etiópia, Menelik II (1889-1913) manteve diálogos aparentemente positivos com ingleses, franceses, russos e italianos. Entretanto, a Conferência de Berlin (1885) traria à tona algumas das principais intenções europeias com os etíopes. As fronteiras do país estavam sendo cobiçadas durante décadas por italianos, que firmaram um acordo de soberania com a Etiópia através de um documento internacional, o Tratado de Wchale (Akpan, 2010) .

Nesse contexto, os italianos falsificaram um dos artigos do Tratado de Wchale (Número 17) no ano de 1889. A versão italiana possibilitava que a Etiópia fosse subvertida a um protetorado italiano, algo totalmente contrário ao que foi acordado. No plano internacional europeu, o Tratado de Wchale foi apresentado pela Itália aos países da Cúpula de Berlin (Conferência), legitimando o projeto de colonização no território africano com uma suposta autorização dos próprios etíopes.

Os italianos também mudaram a cartografia do território etíope, identificando o mesmo como seu protetorado, inclusive denominando-o de Abissínia Italiana. No momento em que Menelik II anunciou aos seus supostos parceiros europeus a sua coroação prevista para ocorrer ainda em 1889, o seu comunicado foi motivo de deboche e escárnio internacional. De acordo com o Tratado de Wchale, não somente as fronteiras, mas a definição do chefe de

estado etíope estava sob a guarda italiana. Taytu, diplomata e esposa de Menelik II, emitiu observações sobre a gravidade da falsificação do tratado de Wchale afirmando que:

Informaremos às outras potências que esse artigo, tal qual está redigido em nossa língua, não tem o mesmo sentido que em italiano. Nós também temos de pensar em nossa dignidade. Desejais fazer passar a Etiópia como vosso protetorado, mas jamais será assim.(Akpan, 2010, p.211).

No ano de 1890, Menelik II possuía todas as provas sobre a falsificação do documento feita pelos italianos, recorrendo imediatamente ao Rei Humberto I da Itália que desconsiderou sua denúncia. Para a Etiópia, o fato de permanecer não colonizada e desenvolvendo tentativas diplomáticas de acordos fronteiriços somente adiou aquele que seria o seu último grande desafio do século, enfrentar de fato o avanço colonial. A declaração de Taytu em 1890 foi o prenúncio de que a agressão italiana seria enfrentada por meios extremos, afim de garantir que a Etiópia jamais fosse um protetorado italiano ou de outra nação estrangeira.

Figura 39: Taytu Betul e Menelik II



Fonte: <https://mereja.com/forum/viewtopic.php?t=111802&start=10>

O trabalho diplomático etíope não foi capaz de anular a versão italiana do Tratado de Wchale, mas conseguiu assegurar armas provenientes da França e da Rússia. Esse acordo possibilitou a aquisição de 82.000 fuzis e 28 canhões, o exército etíope conseguiu reunir

100 .000 homens e armamentos como espadas, lanças e escudos (Akpan, 2010) . Os etíopes combateram os italianos com seus aliados da Eritréia, que no conjunto não chegavam no total de 10.000 homens entre 1894 e 1896. A vitória etíope ocorreu em março de 1896 na região de Adowa, nome pelo qual a vitória passou a ser conhecida nacional e internacionalmente.

O projeto colonialista europeu visava a dominação total do continente africano . As resistências em suas mais variadas frentes foram amplas, de Norte a Sul e de leste ao Oeste africano . O Etiopianismo representou a síntese do nacionalismo africano contra o colonialismo europeu . Esse nacionalismo reverberou da África para o Caribe mobilizando famílias jamaicanas, inclusive as de inclinação bíblica (protestante), como a de Marcus Garvey . As notícias veiculadas pela imprensa encontravam eco nos mercados e eram complementadas por mensagens de familiares no estrangeiro, trabalhadores imigrantes nos EUA e Inglaterra. O Caribe se comunicava em pontos de apoio muito bem organizados no Haiti e em Trinidad & Tobago. As informações também circulavam em igrejas, clubes, bibliotecas, salões e confrarias .

Aquele era um momento em que condições estavam reunidas para a criação oficial de um movimento que pudesse congregiar as aspirações Negras em África e na diáspora. Na década de 1890, Henry S. Williams, um advogado de Trinidad & Tobago, iniciava uma frente organizada para enfrentar politicamente o colonialismo europeu no contexto africano e as dificuldades vividas pelos Negros na diáspora. Em 1898, Henry S. Williams foi um dos fundadores da **Associação Pan-Africana**, que teve como objetivo promover e proteger os interesses de todos os indivíduos de ascendência africana, essas informações circularam amplamente com o jornal Jamaican Advocate .

Passos importantes para a organização política internacional

Através da Associação Africana, Henry Silvester Williams liderou a Conferência Pan-Africana em Londres, Inglaterra. Cinquenta anos depois, o sobrinho de H. Silvester, George Padmore¹⁵⁹, iniciaria um trabalho de historiografia do movimento Pan-Africanista e de apoio com Kwame Nkrumah¹⁶⁰, presidente eleito do Gana em 1957, um grande admirador de Marcus Garvey. Entretanto, G. Padmore seria um crítico ao trabalho de Marcus Garvey, posteriormente inspirando muitos autores e movimentos ao redor do mundo africano .

¹⁵⁹ George Padmore, citado no capítulo anterior .

¹⁶⁰ Kwame Nkrumah, citado no Capítulo 1, além de uma referência fundamental do Pan-Africanismo contemporâneo, escreveu clássicos como *Africa Deve Unir-se* (1978) e *Neocolonialismo – Última fase do imperialismo*.

Figura 40: O advogado Henry Silverter Willians



Fonte: <https://blacklegacy.co/blogs/news/pan-africanism-part-i-meaning-and-origins-of-the-worldwide-black-emancipation-movement>

As sessões da Conferência Pan-Africana foram realizadas na Prefeitura de Westminster nos dias 23, 24 e 25 de julho de 1900. Havia 37 delegados e 10 outros participantes e observadores. A cadeira para presidir a Conferência foi ocupada pelo Bispo Alexander Walters, líder da Igreja Metodista Episcopal Africana nos Estados Unidos da América e presidente do Conselho Nacional Afro-Americano. Os vice-presidentes foram representantes de estados independentes: Frederick Johnson, ex-procurador-geral da Libéria, e o haitiano Benito Sylvain, ajudante de campo do imperador etíope Menelik II . No ano anterior à Conferência, os esforços de mulheres militantes políticas residentes no continente africano foram singulares, dentre as quais a senhora A.V. Kinlok (África do Sul).

Figura 41: Convite para a Conferência Pan-Africana de 1900 em Londres



Fonte: <https://www.panafricanthought.com/tag/henry-sylvester-williams/>

Entre as questões centrais da Conferência estiveram, a relevância de preservar a identidade da raça Negra, atacar o colonialismo e trabalhar para que as potências coloniais reconhecessem os direitos dos povos indígenas da África. O axioma de que não deveria haver poder humano para deter o desenvolvimento social e político das populações africanas simbolizou o espírito maior da Conferência. A reunião contou com apoios de prestígio como

os de J. Albert Thorne, defensor direto do retorno de Negros na diáspora para o continente africano.

No relatório da Conferência consta a oficialização do nome Pan-Africana em detrimento do antigo nome Associação Africana. Foi assinalada a decisão de realizar novas conferências nos EUA e Haiti até 1904. A participação de religiosos, bispos entidades cristãs etiopianistas foi muito intensa, especialmente nos preparativos que precederam a Conferência, onde foi elaborado um programa de expansão que exprimia a visão transcontinental da Associação Pan-Africana :

Associações afiliadas serão constituídas e encorajadas por toda a África, Estados Unidos Antilhas, e onde já existam associações irmãs, que deverão se filiar à Pan-Africana. A Conferência demonstrou, particularmente, um desejo de que a Associação para o Pan-Africanismo seja independente e livre de entraves para realizar seus objetivos. O povo Negro para qual ela foi criada deve, portanto, dar-lhe apoio material e moral. Neste relatório, o Comitê Executivo, respeitosamente, chama a atenção de todo nosso povo para a existência desta Associação e do escritório, o qual, se apoiado efetivamente, cumprirá a tarefa que lhe foi atribuída e que esperamos há muito tempo. Ele se tornará o porta-voz do povo Negro para denunciar os males dos quais ele sofre. (Martin, 1976, p.257) (tradução nossa)

O relatório da Conferência Pan-Africana deixa nítido que o seu propósito estava além das fronteiras coloniais linguísticas impostas aos povos Negros sob a categorização de anglófonos, lusófonos e francófonos. A coerência crítica da Associação Pan-Africana pode estar na sua dificuldade de assumir uma linguagem mais dura contra o colonialismo, na falta de um projeto de soberania e na inexistência de uma postura combativa ao colonialismo como um todo. Entretanto, a Conferência Pan-Africana foi a primeira atividade desse nível organizada por uma entidade historicamente pioneira na autodenominação de Pan-Africana.

O evento foi amplamente divulgado pela imprensa de Londres e obteve com algum destaque internacional nos EUA . W.E.B. Du Bois foi o presidente da comissão de resoluções e membro do grupo que confeccionou o documento final da Conferência Pan-Africana. O seu trabalho foi fundamental no campo de divulgação internacional do Pan-Africanismo.

Figura 42: Professor, escritor e intelectual Pan-Africanista, W.E.B. Du Bois



Fonte: <https://english.colostate.edu/news/black-history-month-w-e-b-du-bois/>

Nesse Relatório da Primeira Conferência Pan-Africana, o documento foi conduzido por um Comitê Executivo, que a dividiu em cinco tópicos : 1.Os Trabalhos; 2. Resoluções; 3.A Sociedade de Proteção dos Aborígenes; 4. A Sociedade dos Amigos dos Negros; 5. Às Nações do Mundo.Todos os tópicos dotados de contrariedade ao colonialismo racista global, mas excessivamente conciliatórios em relação às autoridades britânicas e instituições filantrópicas. A **Carta às Nações do Mundo** foi um apelo às grandes potências pelo término da exploração colonial e do racismo, mesmo sem efeito prático, a mensagem conseguiu envolver preocupações com a situação africana ao redor do mundo.

Participaram do grupo para a confecção do documento final da Primeira Conferência Pan-Africana Antenor Firmin (Haiti) , FER Johnson (Libéria), J. Otomba Payne (Nigéria) , H.R . Cargil (Jamaica), Edwin Kinloch (África do Sul), J.A. Williamns (Serra Leoa) entre outros do Canadá, Costa do Ouro (atual Gana) , Rodésia (atual Zimbabue) e Antilhas Britânicas. Os envolvidos na conferência sabiam que estavam enfrentando um sistema altamente violento, militarizado e racista, não seria inteligente iniciar um combate frontal, aquele era um momento de reflexão , diálogo e projeção da resistência política Pan-Africana.

A opção da Primeira Conferência Pan-Africana foi acertadamente político e diplomático, o enquadramento aparentemente limitado ao domínio colonial Britânico significava um passo para a organização anticolonial na diáspora, e não um paradigma de luta

anticolonial. Esse paradigma seria desencadeado posteriormente por Marcus Garvey através da UNIA, tal como foi registrado em seu manifesto em conferência no ano de 1920 .

A Associação Pan-Africana criou o jornal The Pan-African em 1901, em seguida, Henry Silvester Willians viajou a Jamaica, Trinidad & Tobago e EUA afim de criar filiais da Associação Pan-Africana. Entretanto, o advogado não conseguiu estabelecer filiais e responder às demandas surgidas no contexto político internacional, enfraquecendo por completo a Associação Pan-Africana, inviabilizando o seu jornal e afastando a possibilidade de uma Segunda Conferência. Henry Silvester Willians passou a investir continuamente no campo jurídico, enfrentando leis segregacionistas e ações do colonialismo europeu em África. O advogado visitou a Libéria em 1908, algo que despertaria perseguições do Consul Britânico, que o acusou de incitar conflitos locais anticoloniais.

O encontro de Robert Love com Henry Silvester Willians foi inevitável, Dr. Love estava consciente de todo o patrimônio intelectual de seu tempo, e manteve diálogo com W.E.B. du Bois, Paul Laurence Dunbar, Phyllis Wheatley, Booker T. Washington, Alexander Crummel, John E. Bruce, J. Hebert Thorne. Frederick Douglas, Casely Hayford e Edward Wilmot Blyden. No ano de 1901, Robert Love e Henry Silvester Willians elaboraram um documento para a instalação de uma filial da Associação Pan-Africana na Jamaica. Um nítido resultado do trabalho feito pelos delegados do Caribe na Conferência Pan-Africana de 1900.

Em cerca de 30 dias , a Associação Pan-Africana na Jamaica já possuía 500 associados e instalações em Kingston, Annotto Bay, St. Thomas, Por Antonio, Mandevellen, Black River e mais alguns outros sítios da ilha. Os objetivos da entidade em operação na Jamaica podem ser contabilizados em cinco pontos:

- 1. Garantir os direitos políticos e civis dos africanos e seus sucessores em todo o mundo.**
- 2. Melhorar a situação de nossos irmãos oprimidos na África, América e outras partes do mundo, aumentando os esforços para garantir uma legislação eficaz.**
- 3. Incentivar nossos povos nos campos comerciais, industrial e educacional.**
- 4. Promova relacionamentos amigáveis entre as raças negras e caucasiana.**
- 5. Organizar um escritório de depósito para as coleções de resultados escritos e estatísticas autorizadas, que são relacionadas às pessoas em qualquer parte do mundo.**
- 6. Estabelecer um fundo monetário que somente será utilizado de acordo com o anterior. (Lewis, 1988, p.25-26) (tradução nossa)**

A Associação Pan-Africana iniciou a elaboração de projetos para arrecadação de fundos afim de melhorar as estruturas da sede. A Associação recorreu ao governador Sir . Auguste Hemming, que aproveitou-se da brecha para expor o seu desacordo com a instalação de uma Associação Pan-Africana na Jamaica. Em matérias jornalísticas, o governador alegava

que a entidade estava desautorizada pela Secretaria do Estado das Colônias, era desnecessária e provocadora.

O Jamaican Advocate foi a voz de enfrentamento utilizada pela Associação Pan-Africana na Jamaica, Robert Love assumiu o quadro contestador frontal do governo. Após o governador afirmar que a lei era para todos, os embates avançados por Robert Love entraram pela esfera jurídica. Robert Love utilizou-se do jornal Jamaican Advocate como uma frente de resistência:

Só existe uma lei para negros e brancos” é uma frase prática usada com frequência na Jamaica, e em todos os outros lugares, como um veículo para comunicar uma falsa impressão das condições que prevalecem nas diferentes classes, de forma positiva e verdadeira. Tornou-se uma fórmula de resposta pela qual o som plausível de uma decepção sutil é velado. (...) Sua Excelência afirma: “Na Jamaica só existe uma lei para negros e brancos, e essa lei é administrada de forma imparcial, sem medo, benefício e preconceito”, mas apesar disso, continuamos perguntando, onde está o negro que Vossa Excelência indicou como membro de algum conselho governamental? Embora quase todos os presos da ilha sejam negros? Onde está o negro que ele nomeou para o conselho visitante, seja da prisão ou dos reformados? ... Na Jamaica “Só existe uma lei para negros e brancos”; no entanto, por essa mesma lei, as massas têm de pagar impostos mais elevados do que as classes brancas... Não negamos que na Jamaica “só existe uma lei para negros e brancos”, mas não negamos que um sentimento de justiça imparcial valoriza que lei; e, afinal, o último é o principal (LEWIS, 1988, p.25 – 26) (tradução nossa)

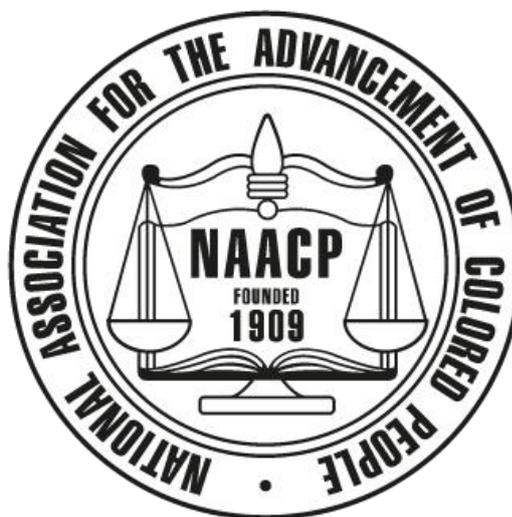
Enquanto a Associação Pan-Africana tentava sem sucesso edificar bases no Caribe, EUA e Europa, W.E.B. Du Bois assumia à frente do Pan-Africanismo que ele mesmo ajudou a levar para os EUA. A partir da Conferência de 1900, os EUA se tornaram a base do Movimento Pan-Africano, ainda muito marcado pela reivindicação política e engajado na produção periódica de Congressos. Os EUA naquele momento simbolizava um dos maiores centros de comunicação do mundo africano.

Eixo de mobilização política nos EUA

Na esfera política internacional Pan-Africana, W.E.B. Du Bois assumiu um papel na fase de maturação do movimento Pan-Africanista. O historiador compôs uma rede internacional de influências através da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor/National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), instituição pelos direitos civis da minoria Negra (principalmente) nos Estados Unidos (SANTOS, 1968).

A NAACP foi fundada em 12 de fevereiro de 1909 por um grupo de militantes políticos conhecidos como The Call (A Chamada), com o objetivo de lutar pelos direitos de afro-americanos. Tratava-se de um núcleo de intelectuais Negros e alguns simpatizantes brancos, formou uma base em New York, que no ano em 1910 transformou-se na NAACP.

Figura 43: Logotipo da NAACP



Fonte: <http://thyblackman.com>

A NAACP teve como frentes de trabalho a promoção da educação e serviço jurídico de qualidade para a minoria Negra, em um momento de segregação autorizada pelo estado por meio de um painel de leis restritivas aos Negros, denominado Leis Jim Crow. A NAACP foi bem-sucedida como trincheira de combate para assegurar direitos mínimos, e foi nesse sentido

que no campo educacional W.E.B. Du Bois serviu à entidade percorrendo estados da federação como mestre-escola. Essa experiência profunda com comunidades Negras possibilitou a W.E.B. Du Bois formular teorias como a “dupla consciência” para se referir ao estado de dubiedade psicossocial do Negro na diáspora africana (Du Bois, 1999). Alinhado ao pensamento marxista e sob muitas críticas de ser elitista, Prof. Du Bois fez um polêmico arranjo hierárquico entre a população africano-americana por meio da identificação dos mais e dos menos aptos (Talenth Teenth).

O próprio W.E.B. Du Bois e a NAACP assumiam o Movimento Niágara como referência daquele período. O Movimento Niágara recebeu esse nome no ato de sua fundação em 1905 nas Cataratas do Niágara, em uma reunião que mobilizou 29 intelectuais em ascensão como W. E. B. Du Bois e William Monroe Trotter. O movimento nasceu com o intuito de unificar iniciativas para defender os direitos políticos da comunidade Negra sem segregação ou discriminação. Na ocasião, W.E.B. Du Bois produziu um programa de oito pontos para o Movimento Niágara :

1. Liberdade de palavra e de crítica; 2. Uma imprensa livre e sem subsídios; 3. O Sufrágio Masculino; 4. Abolição de todas as distinções de castas, baseadas unicamente na raça e cor; 5. O reconhecimento dos princípios de fraternidade humana como uma crença prática do tempo presente; 6. O reconhecimento do fato de que a formação mais elevada e melhor que se conhece não é monopólio de uma classe ou raça; 7. Crer na dignidade e no trabalho; 8. Unidade de esforços para realizar as ideias sob uma chefia sábia e corajosa; (PADMORE, 1956, p.123) (tradução nossa)

No ano seguinte, o *Niagara Movement* realizou uma grande reunião em Virgínia Ocidental com tom mais reivindicativo e combativo. Novamente, W.E.B. Du Bois responsabilizou-se pela redação de um documento final intitulado “Uma mensagem ao País”. Todavia, os encaminhamentos seguintes do movimento foram considerados radicais e intransigentes, principalmente no quadro de manifestações sociais por justiça aos assassinatos da população Negra. Enfraquecido com as críticas, o *Nyagara Movement* diluiu-se por divergências internas entre os seus membros antes de 1910, nos seus três anos de maior atividade política ocorreram muitos embates com grupos Negros em desacordo com posicionamento político do movimento.

Um dos porta-vozes discordantes do *Nyagara Movement* foi Booker Taliaferro Washington (1856 -1915), ex-escravizado, educador, escritor e conselheiro de presidentes. O Sr. Washington foi um opositor de primeira ordem ao envolvimento da comunidade Negra em trabalhos de caráter estritamente político e intelectual, sendo W.E.B. Du Bois um de seus maiores opositores na época.

Figura 44: Sr. Booker Taliaferro Washington



Fonte: <https://www.nps.gov/bowa/learn/historyculture/index.htm>

Mas, Booker T. Washington possuía argumentos plausíveis para justificar a sua posição política considerada retrógrada para os seus contemporâneos. O educador articulou uma rede de parceiros para desenvolver um trabalho pragmático de formação educacional-técnica em ofícios, albergados em uma escola denominada Instituto Tuskegee (Alabama):

Eu queria que em Tuskegee os alunos se empregassem na cultura da terra, nos serviços domésticos e nas construções. Pretendia inculcar-lhes os mais aperfeiçoados métodos de trabalho, no interesse da escola, evidentemente, mas também com o intuito de ensinar-lhes que essas ocupações eram belas, úteis e dignas. Habitaram-se e deixaram de ver nelas um prolongamento da escravidão. E para animá-los, fixar-lhes esses bons propósitos, eu desejava adotar processos modernos, utilizar as forças da natureza: água, o vapor e a eletricidade. (Washington, 1948, p.106)

O instituto gerou um impacto relevante na comunidade Negra do Sul, formando gerações técnicas de alta influência no país. Estiveram entre os quadros docente da entidade gênios do conhecimento como Dr. George Washington Carver (1860-1943), cientista, botânico e inventor responsável por inovações na área agrícola de amendoins e batata doce. Dr. Carver desenvolveu métodos inovadores para o plantio em mais de quarenta anos de trabalho em Tuskegee. Contudo, as críticas ao trabalho de Booker T. Washington permaneceram:

Muitas pessoas combateram a minha ideia, acharam absurdo confiar a execução de obras de arquitetura a indivíduos incompetentes, mas não me dei por vencido. Admitia que as primeiras construções não ficariam tão perfeitas como as executadas por operários hábeis; mas não seria uma compensação a

falta de conforto e beleza a convicção que os nossos rapazes adquiriram de poder, em qualquer momento, livrar-se de apuros e contar com as próprias? (Washington, 1948, p.107)

No dealbar da década de 1910, o Instituto Tuskegee foi a mais importante influência institucional para Marcus Garvey. Ávido pelo conhecimento, Marcus Garvey consumia cotidianamente jornais e livros, dialogava com viajantes e adquiria uma série de informações sobre embates internacionais relacionados à política e as comunidades Negras. Os escritos de Edward Wilmot Blyden, de Robert Love e de Booker T. Washington foram documentos de cabeceira para Marcus Garvey em uma Kingston de intensa vida política.

Robert Love descreveu Booker T. Washington como o : (...) *apóstolo negro da educação industrial da raça africana* (Lewis, 1988, p.27) (tradução nossa). Contudo, Robert Love também criticou Bookert T. Washington por sua postura um tanto conciliadores e condescendente aos brancos nos EUA. Nesse sentido, Robert Love destacava o nome de **John E. Bruce** , militante político radical dos EUA, contemporâneo a Booker T. Washington. John E. Bruce foi autor do celebrado manifesto **Blood Red Record**, e posteriormente **tornou-se um parceiro de Marcus Garvey no jornal The Negro World, fundado pela UNIA em 1918.**

Autoestudo e produção documental , uma herança vital

Uma das maiores lições de Robert Love para Marcus Garvey estava no valor da autoeducação, Dr. Love foi um homem que alcançou diplomas com ações pragmáticas no terreno, mas em nenhum momento deixou de se atualizar com os estudos de forma crítica à desafrikanização dos sistemas escolares de formação em todos os níveis. O Jamaican Advocate fazia apologia à autoeducação no Caribe como forma de fortalecimento da consciência racial, e das próprias comunidades Negras (Lewis, 1988) . Anos mais tarde, Marcus Garvey dissertaria anos mais tarde sobre o tema e a própria UNIA promoveu formações para seus quadros na área filosófica.

Lembramos que na oficina de Impressão do governo no fim da década de 1900, Marcus Garvey conheceu Enos J. Stoly, que o inteirou sobre o pensamento político de Dr. Love , inclusive orientando o jovem Garvey a se engajar politicamente . Posteriormente, Enos J, Stoly começou a trabalhar com Marcus Garvey na UNIA.

No ano de 1910, Marcus Garvey representou a Igreja de St. Ann Parish em uma competição de recitação poética em Colligate Hall, Kingston. A competição foi dividida em cinco *rounds*, Marcus Garvey ganhou o primeiro *round*. De acordo com as regras, o segundo *round* deveria ser apresentado pelo vencedor do primeiro, entusiasmado pela vitória, Marcus Garvey escolheu a complexa poesia de Lord Chapman para a House of Lords dos Estados Unidos da América. No momento da apresentação a sua voz falhou, sendo bruscamente interrompido com vaias da plateia. O resultado foi o terceiro lugar para Marcus Garvey. Insatisfeito e atento ao resultado, o jovem Garvey recorreu à decisão acusando o júri de malícia, mas não obteve sucesso na sua tentativa.

Durante um momento de profunda reflexão no ano de 1923, Marcus Garvey definiu uma hierarquia de formas pelas quais ele adquiriu educação enquanto esteve na Jamaica. Segundo Marcus Garvey (2017), a sua primeira base educacional formal foi a sua família, em segundo lugar os seus tutores particulares e em terceiro lugar; as duas escolas públicas da Igreja, que cursou até os catorze anos de idade e as primeiras lições profissionais em uma gráfica. Até a adolescência, duas referências foram tangentes para a formação do pensamento e personalidade de Marcus Garvey: a tradição cultural guerreira de contestação organizada por maroons e pelo movimento Etiofianista.

No que se refere à família, Marcus Garvey herdou do Sr. Garvey a necessidade pela informação, a cultura bibliográfica, além de autonomia na construção de seu próprio pensamento sobre si e mesmo sobre o mundo. A Sra. Sarah Jane foi o seu pilar fundamental até 1908, mãe confidente e incentivadora de primeira hora, capaz de imprimir em Marcus Garvey exemplos concretos de toda a cadeia produtiva e gestão de negócios. A Sra. Sarah Jane foi a primeira professora de Marcus Garvey, que o iniciou no pensamento ponderado capaz de fazer-lhe utilizar com sabedoria as lições de engajamento e coragem apreendidas com seu pai. Essas considerações que estamos tratando fazem parte de um olhar sobre o contexto, fora da busca pela desqualificação de Marcus Garvey utilizando a visão de seus críticos.

Firmando a Kilombologia no tratamento à estudos históricos sobre pensamento e movimentos

Pretendendo contribuir para o Centenário de fundação da UNIA em 2013, o autor Danilo Rabelo publicou o ensaio Um balanço historiográfico sobre o Garveyismo às vésperas

do centenário da UNIA (2013). Não identificamos no Brasil um outro trabalho escrito nesse período dedicado, e isso é duplamente preocupante. Mesmo há exatos dez anos após da Lei Federal 10639 e nove do DCN, a escassez literária sobre Marcus Garvey permanecia gritante em 2013. A outra preocupação é sobre caráter do ensaio citado. O autor optou por desqualificar Marcus Garvey fazendo mimetismo com os críticos de Marcus Garvey, que os acusam de fazer “jornalismo virulento”, por ser um mau administrador e gestor inexperiente (Rabelo, 2013, p.498).

O ensaio de Danilo Rabelo desenvolve uma narrativa ambígua e que desqualifica do pensamento intelectual de Marcus Garvey, exaltando as contradições do contexto, da cultura do período entre as décadas de 1880-1930 e do próprio Marcus Garvey. Esse ensaio segue o caminho contrário de nossa proposta, o autor em questão calculou o afastamento literário, científico, cultural, lexical e comunitário Pan-Africano. Uma das principais referências de Danilo Rabelo é Colin Grant (2009), cujo trabalho (**Negro with a Hat: The rise and fall of Marcus Garvey**) apresenta uma fragmentação teórica que põe em confronto o Nacionalismo Negro e o Pan-Africanismo, Marcus Garvey e W.E.B. du Bois ...algo que parece ser útil apenas para o *status dos* autores. A dificuldade de dialogar com as fontes ou bases comunitárias literárias é marcante no processo de objetificação de Marcus Garvey, dos Nacionalismos Negros, do Pan-Africanismo entre outros.

Essa interpretação e estética acadêmica aplicada por Danilo Rabelo a Marcus Garvey nos permite dialogar e compreender mais sobre o atual estado do lusotropicalismo no Brasil, aplicado no contexto da Lei 10639/03 e de seu DCN. Entendemos que, as pesquisas sobre experiências culturais de movimentos sócio-comunitários só fazem sentido se servirem aos agentes que integram essas experiências culturais, a objetificação acadêmica aliada ao lusotropicalismo (hibridista) percorre o sentido inverso.

Objetivamente, é nesse contexto violento de historicídio no Brasil que os exemplos de pesquisadores que uniram a qualidade acadêmica, o espírito da ciência e compromisso com a resolução de problemas. É nesse sentido que os trabalhos de Tony Martin, Rupert Lewis e Tetevi Godwin Teté – Adjalogo são de tanta relevância no contexto brasileiro de pesquisa sobre Marcus Garvey ou UNIA. O trecho a seguir é de apresentação do livro Marcus Garvey, père de l'unité africaine des peuples - Tome 1, Sa vie, sa pensée, ses réalisations, escrito por Tetevi Godwin Teté –Adjalogo (1995)¹⁶¹, antes de abordamos a sua colocação propriamente

¹⁶¹ Pesquisador nascido no Togo e pioneiro na abordagem sobre Marcus Garvey. Participou ativamente nas comemorações do centenário de Marcus Garvey em 1987.

dita, a contracapa de seu livro é honesta ao apresentar o leitor ao objetivo concreto do documento :

Ostracizado ou proibido pelos Estados colonialistas ou racistas, o indiano ocidental Marcus Garvey nunca pôde pôr os pés em África. Morreu em Londres em 1940, destituído e abandonado. A vida e o pensamento de Marcus Garvey foram inteiramente dedicados à emancipação do povo escravizado, à sua capacitação em todos os domínios, quer através de esforços políticos, económicos ou filosóficos levados a cabo por e para o povo negro, quer através do regresso a Sião - a África Mãe Terra.

Hoje, numa altura em que a África "independente" está a sofrer todas as catástrofes possíveis e em que os africanos e os negros de todo o mundo continuam a sofrer os estragos do racismo e da exclusão, vale a pena redescobrir e meditar sobre a obra pan-africanista de Marcus Garvey (Teté-Adjalogo, 1995 p.3). (tradução nossa)

A diversidade de interpretações e críticas ao pensamento intelectual de Marcus Garvey, aos Nacionalismos Negros , ao Nacionalismo Negro Universal, são necessários, tanto para complementaridade de ideias quanto para o enfrentamento de contradições. O que destacamos aqui é a ação lusotropical acadêmica e as suas tendências imprestáveis na resolução de problemas.

No livro, Tetevi Godwin Teté-Adjalogo (1995) comenta o sentido da diversidade e o verdadeiro problema que está no agente da pesquisa, e não no agente histórico, Marcus Garvey. Na perspectiva do autor , a *[...] diversidade na imagem de Garvey e do Garveyismo tem induzido em erro muitos leitores; tem confundido muitos investigadores superficiais (...)* (Teté-Adjalogo, 1995,p.8) (tradução nossa) . Sob análise de Tetevi Godwin Teté – Adjalogo, há uma tendência de acusar Marcus Garvey de ter ódio de brancos e de querer levar todos os Negros dos EUA para África, por exemplo. Esses problemas analíticos acabam por anular abordagens realmente importantes, tais como o Pan-Africanismo e a construção de uma unidade federal africana, o grande projeto político da UNIA.

Nesta tese, nós estamos em total acordo com as observações anteriores de Tetevi Godwin Teté-Adjalogo, o nosso propósito passa diretamente por esses aspectos. As ideias sobre Nacionalismo Negro Universal e Pan-Africanismo Histórico estão sendo aqui desenvolvidas em diálogo com o pensamento intelectual de Marcus Garvey, evitando equívocos do racismo eurocêntrico, dominante nas ciências sociais .

Da formação de base regional para o progresso universal

No final da década de 1900 , as bases de formação do pensamento intelectual de Marcus Garvey já estavam compostas e afirmadas, essas bases foram fundamentalmente a formação educacional da família Garvey; a atmosfera política-espiritual Etiopianista do Bedwardismo; o trabalho sindical, através do envolvimento com o Clube Nacional e com o Jamaican Advocate de Dr. Love, uma escola de teoria e prática política.

Dentro de um segundo momento, Booker T. Washington e Edward Wilmot Blyden influenciaram diretamente Marcus Garvey, respectivamente na educação e política diplomática. Não havia em Marcus Garvey uma inclinação para o estilo de educação técnico racial defendida por Booker T. Washington, mas o advento de Tuskegee nos EUA era uma conquista exemplar, um modelo a ser seguido e implantado na Jamaica. Esses componentes podem ser considerados como a gênese do pensamento intelectual de Marcus Garvey, e é com base neles que nós podemos destacar dois conteúdos permanentes no pensamento educacional e político de Marcus Garvey : a História e a Filosofia.

Existem dois pontos de destaque importantes sobre esse início de formação da mentalidade de Marcus Garvey: a não separação entre educação e política , que o acompanhou até o final da década de 1930; e a sinalização de que havia uma cultura de escolas iniciáticas que formou personalidades influentes na vida de Marcus Garvey , como no caso de Robert Love na Maçonaria. Em um momento posterior, esses contatos se estreitariam através de Duse Muhammad (Egito /Sudão), o que abordamos no Capítulo 4 .

A partir do próximo capítulo será possível compreender o processo inicial de amadurecimento dessas ideias através da experiência prática e de certos estudos levados a cabo por Marcus Garvey , inclusive sobre a antiguidade histórica africana, Kemet . Será a partir dessas bases e da experiência cultural que nos próximos dez anos das décadas de (1910-1920) o conteúdo do pensamento educacional e político de Marcus Garvey se manifestou no Pan-Africanismo e no Nacionalismo Negro Universal . As operações e meandros desse pensamento intelectual constituíram o núcleo fundador da **Associação para o Progresso Universal do Negro** (UNIA), que desencadeou um grande movimento nacionalista ao redor do mundo, tema central do nosso próximo capítulo.

CONCLUSÕES

Após uma extensa introdução (Capítulo 1), os Capítulos 2 e 3 encerram as bases fundamentais do nosso exame histórico sobre o pensamento intelectual de Marcus Garvey. Podemos elencar os principais aspectos tratados nesse conjunto teórico reunido nos últimos três capítulos. O primeiro é a tese em si, que apresentou as três colunas da vitalidade cultural do pensamento intelectual de Marcus Garvey entre 1914 – 2014, nomeadamente a UNIA, o Movimento Rastafari e a Renascença Africana. Dessas três colunas, a mais instigante é a terceira (Renascença Africana), que por seu conteúdo relacionado a unidade política administrativa do continente africano exige uma genealogia, tornando a memória de Marcus Garvey sempre viva e revisitada. A Renascença africana também está diretamente ligada a nossa hipótese, que intenciona compreender as transformações culturais sobre a UNIA e no interior do Movimento Rastafari.

O segundo aspecto principal tratado nesta primeira parte da pesquisa é o Pan-Africanismo Histórico, como uma teoria do conhecimento que detêm uma Cronologia Geral em diálogo com um paradigma da organização sóciocomunitária africana na diáspora, e a projeção de um campo de estudos específico sobre o Brasil, a Kilombologia. O objetivo de um campo de estudos nesse sentido é criar um ambiente para análise de grandes movimentos político-culturais no mundo africano, como no caso dos Nacionalismos Negros, Pan-Africanismo e Movimento Rastafari, por exemplo. Reservamos uma sessão dentro da Conclusão da tese para dissertar sobre a constituição de Kilombologia, seu conceito e operacionalidade nas tramas do tecido social brasileiro.

Pensamos que o terceiro elemento relevante desta primeira parte e que será abordado novamente na segunda parte desta tese é a Ciência Social da Unidade Africana e seus Cientistas, uma abordagem operacional inspirada no trabalho Renascentista Africano de Cheikh Anta Diop. A ideia de Ciências Sociais da Unidade Africana é também uma revisitação da memória de Marcus Garvey, como comentamos no início dessas conclusões parciais da tese. Dentro desse campo, pensamos que foi acertada a escolha de diálogo com Tetevi Godwin Tete-Adjalogo, um pioneiro em África nos estudos sobre o pensamento de Marcus Garvey face o desafio da unidade político-administrativa africana.

Nos quatro capítulos que formam a segunda parte desta pesquisa, o nosso objetivo é expor os argumentos que fundamentam a nossa tese, abordando os contributos da UNIA, do Movimento Rastafari e da Renascença Africana para a vitalidade cultural da memória de Marcus Garvey. Nesta versão da tese, incluímos uma bibliografia parcial, que será posteriormente complementada com a disponibilização dos capítulos seguintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEGAZE, M.T. **EMAYE: works & teachings of Empress Menen of Ethiopia**. Bromley: Null, 2003.

ADI, Hakim; SHERWOOD, Marika (Ed.). **Pan-African History - Political figures from Africa and Diasporica Since 1787**. New York: Routledge, 2003.

ADIJUMOBI, Saheed A. , The Pan-African Congress, in: *Organizing Black America : an Encyclopedia of African American Association*; MJAGKI, Nina. New York: Galand Publishing , Inc. 1921.

APTHEKER, Hebert. **American Negro Slave Revolts**. Boston: International Publishers Co., 1983.

ASSATA, Nzingha. *Women in the Garvey Movement*. Georgia: York Publishing, 2015.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricity**. New Jersey: África World Press, 1988.

_____. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: Uma Abordagem Epistemológica Inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ANDRADE, Mario Pinto de. **Origens do Nacionalismo Africano**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

AKPAN, Monday B. libéria e Etiópia -1880-1014: a sobrevivência de dois estados africanos. In: **História Geral da África. Livro VII. África sob dominação colonial, 1880-1935**. Ed. Boahen, Albert Adu. São Carlos: UNESCO, 2010. pp.281-318.

BARASHANGO, Deus , a Bíblia e o Destino do Homem Negro . Um tesouro compilado de fatos bíblicos, históricos e científicos

BARNETT, Michael. **Rastafari Dialecticism: The Epistemological Individualism and Collectivism of Rastafari**. Caribbean Quartely. V. 48, n.4, p.54-61, Dec. 2002.

_____. The Rastafari Movement: a North American and Caribbean Perspective Perspective. Routledge, 2018

_____. As muitas faces de Rastafari : a diversidade doutrinária dentro do movimento Rastafari. Ilha de Santiago : Addis-Fetha. 2020

BARUTI, Mwalimu K. Bomani. **Asafo: A Warrior's Guide to Manhood**. Atlanta: Akoben House, 2015.

BEV, Carey. **The Maroon Story: The Authentic and Original History of the Maroons in the History of Jamaica, 1490-1880**. St Andrew: Agouti Press, 1997.

BLACK, Clinton. **History of Jamaica**. Scotland: Livingstone, Churchill, 1988.

BONACCI, Giulia. The Ethiopian World Federation: A Pan-African Organisation among the Rastafari in Jamaica. Disponível em : https://www.researchgate.net/publication/280638690_The_Ethiopian_World_Federation_A_Pan-African_Organisation_among_the_Rastafari_in_Jamaica; acesso em agosto:2018

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Diretrizes **Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-**

Brasileira e africana, Brasília/DF: MEC/SEPP/IR/SECAD, 2004. Disponível em:<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/w-content/uploads/2012/10/DCN-s-educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em:jan.2016.

BRASIL. **Lei Federal nº10639**, 09 de Janeiro de 2003.Alterar a lei nº9394, de 20 de Novembro de 1990 (estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “ História e Cultura Afro-Brasileira”, e da outras providências). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: fev.2016

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?1&u5=1&u6=1&u3=34>>. Acesso em: Jan. 2016

BLAISDELL, Bob. **Selected writings and speeches of Marcus Garvey**. New York: Dover Publication, 2004.

BAKAN, Abigail. *Ideology and Class Conflict in Jamaica: The Politics of Rebellion*. Kingston: McGill-Queen's University Press, 1990.

Bíblia Sagrada (Versão do Rei James): Baseada na King James Version Atualizada (KJV - KJA) -----: Secret Masters eBook . 2015.

BOAHEN, Albert Adu. *Política e Nacionalismo na África Ocidental 1919-1935*. In: BOAHEN, Albert (Ed). **História Geral da África: África sob dominação Colonial : 1880- 1935**. 2.ed. Rev. Brasília: UNESCO, 2010.

BONACCI, Giulia. *Exodus ! L' histoire du retour des Rastafariens em Ethiopie* . Paris: L'Harmattan, 2014.

_____. *Généalogies afrocentrées: Éthiopianisme et écriture de l'histoire*

BUTLER, Kim D. *Historical Commentaries. Brazil*. In: **Marcus Garvey and Universal Improvement Associations Papers. Volume IX; The Caribbean Diaspora 1910-1920** .Durham : Duke University Press, 2011,pp.43-60.

_____. *Freedoms Given Freedom Won. Afro-Brazilians in Post- Abolition São Paulo and Salvador*. New Jersey : Rutgers University Press, 1998.

CAMPBELL, Horace. **Rasta and Resistance** – From Marcus Garvey to Walter Rodney. Trenton: Africa World Press, 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa de . Aspectos culturais e linguísticos do Africano no Caribe. A Herança Africana no Brasil e no Caribe. CARDIN , Carlos Henrique; DIA, Rubens Gama . Brasília: Fundação Alexandre Gusmão : 2011.p.91-104

CLARKE, John Henrik . *Christophe Columbus and the Afrikan Holocaust : Slavery and the rise of European Capitalism*. New York: E. Word Inc. : 2011.

CURTIN, Philip D. **Two Jamaicas: The Role of Ideas in a Tropical Colony, 1830-1865**. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

CUNHA JR., H. **Metodologia de Pesquisa Afrodescendente**. Disponível em: <http://Afrobrasileira.multiply.com/journal/item/52?&show_interstitial=1&u=%2Fjournal%2Fitem> Acesso em: 28 Fev. 2012.

_____. **Textos para o movimento negro**. São Paulo: EDICON,1992.

DAVIDSON, Basil. **Mãe Negra**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1961.

DIOP, Cheikh Anta. **Alerte sous les tropiques** (Articles 1946-1960). Culture et Développement en Afrique noire, Paris: Présence Africaine, 1990.

_____. **Nations Nègres et Culture**. Paris: Présence Africaine, 1979.

_____. **Civilization or Barbarism** – an authentic anthropology, New York: Laurence Hill Books, 1991.

DICK, Devon. **The Cross and the Machete: Native Baptists of Jamaica - Identity, Ministry and Legacy**. Hanôver: Ian Randle Publishers, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. O “Moisés dos Pretos”: Marcus Garvey no Brasil. In: **Novos Estudos** .São Paulo: CEBRAP, 2017 . V36.p129-150

DU BOIS, W. E. B. **As Almas da Gente Negra**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

DUNCAN, Grahan A. *Ethiopianism in pan-african Perspective, 1880-1920*. Pretoria: University of Pretoria, 2015.

ESEBEDE, P. Olisanwuche . **Pan-Africanism . The Idea and Movement, 1776-1991**. Washington: Howard University Press, 1994.

EHRENGARDT, thibault. **The history of Jamaica from 1494 to 1838**. França: DREAD Editions, 2015.

FIRMIN , Antenor. **Igualdad de las Razas Humanas. Antropológia Positiva**. Habana: Instituto Cubano del Libro, 2013.

GAYETANO, Sebastian. A Influência Africana na identidade nacional de Belize, particularmente os crioulos e os Garinagu. A Herança Africana no Brasil e no Caribe. CARDIN , Carlos Henrique; DIA, Rubens Gama . Brasília: Fundação Alexandre Gusmão : 2011.P.67-90

GARVEY, Amy Jacques. **The philosophy and opinions of Marcus Garvey** .Londres: Frank Cass and Company, 1970.

GARVEY, Marcus. *Message au Peuple. Le Cours de Philosophie Africaine*. Paris: Menaibuc, 2010.

_____. *Procure por mim na tempestade*. São Paulo: Ciclo de Formação Marcus Garvey, 2017.

_____. **Selected writings and speeches of Marcus Garvey**. N. Y. Dover Publication, 2004.

GATSHENI, Sabelo Jondovlu. “ My life’s One Long Debate”. Ali A. Marzrui on the invention of Africa and Post Colonial Predicaments **MAIS INFORMAÇÕES**

GOTTLIEB, Karla. **The Mother of Us All: A History of Queen Nanny, Leader of the Windward Jamaican Maroons**. Trenton: African Word Press, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOODRIGE, Richard A. O comércio escravo transatlântico e o seu legado em Barbados: Algumas questões culturais. A Herança Africana no Brasil e no Caribe. CARDIN, Carlos Henrique; DIA, Rubens Gama. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão: 2011. P. 49-66

HANCHARD, Michael (1994). **Orfeu and Power**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

HEUMAN, Gad. *The Killing Time: The Morant Bay Rebellion in Jamaica*. Tennessee: University of Tennessee Press, 1994.

_____. "Post-Emancipation Protest in Jamaica: The Morant Bay Rebellion, 1865." In: **From Chattel Slaves to Wage Slaves: The Dynamics of Labour Bargaining in the Americas**. Kingston: Ian Randle, 1995.

HOLT, Thomas C. *The Problem of Freedom: Race, Labor, and Politics in Jamaica and Britain, 1832-1938*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1992.

IBRAHIN, Hassand Ahmed. Política e Nacionalismo no Nordeste da África 1919-1935. In: BOAHEN, Adu (Org.). **História Geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. Ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. pp.675-702.

JAMES, C.R.L. **Os jacobinos negros: Toussaint L' Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

KARENKA, Maulana. **Introduction Black Studies**. California: Kawaida Publications, 1987.

KEITA, Boubacar Namory. **Contribuição Endógena para a escrita da História da África Negra. Ensaio sobre a obra de Cheikh Anta Diop**. Luanda: Mayamba, 2015.

KILIMANJARO, Tdka; KILIMANJARO, Ifé; AANEB, Yahra. **AFRICAN TIME (Universe to 1896 AD*) Complete Vol. 1**. Detroit: University of Kmt Press, 2016.

LARKIN, Elisa. **Pan-africanismo na América do Sul.** Emergência de uma rebelião negra. Petropolis: Vozes, 1981.

LEWIS, Rupert; LEWIS, Maureen. Garvey. Africa, Europe, the Americas. Tenton: Africa Word Press, 1994.

LEWIS, Rupert. Marcus Garvey. Paladin Anticolonialista. Havana: Casa de las Americas, 1988

_____. Marcus Garvey and the early Rastafarians > continuity and Descontinuity in: N.S Murrell, W.D. Spencer , A.A. McFarlane (Eds.), Chanting Down Babylon . The Rastafarians Reader : Kingston : Ian Randler: p.145-158 (1998).

LIGHTFOOD , Natasha . O Legado da África nas Costas da Antigua: A presença Africana na identidade cultural Antiguana. A Herança Africana no Brasil e no Caribe. CARDIN , Carlos Henrique; DIA, Rubens Gama . Brasília: Fundação Alexandre Gusmão : 2011.Pagina: 13-30

MARTIN, Tony. **Marcus Garvey Hero** – A first Biography. Dover: The Majority Press, 1983.

_____. **Race First. The Ideological and Organizational Struggles of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association.** Massachussets: First Majority Press, 1986.

_____. **African Fundamentalism. A Literary and cultural Anthology of Garvey's Harlem Renaissance.** Massacgussetts:The Majority Press, 1991.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda.** Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

MOORE, Richard B. (1992).The Name 'Negro' Its Origin and Evil Use. EUA: Black Classic Press.

MBOKOLO, Elikia.**África negra: história e civilizações.** Salvador: EDUFBAH, 2010

MOURA, Clóvis. **Os Quilombos e a rebelião negra.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

NASCIMENTO, Abdias. Marcus Garvey e a causa Pan-Africana. Thoth: O Escriba dos Deuses, N° 2, Brasília, p. 89-92; 1997.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e Intelectual. Possibilidades nos dias de destruição.**São Paulo: Editora Filhos da África, 2018

OBENGA, Théophile. **O sentido da luta contra o africanismo eurocentrista.** Lisboa/Luanda: Pedago/Mulemba, 2013

PATRIOTA, Antônio de Aguiar. Apresentação- A herança africana no Brasil e no Caribe . A herança africana no Brasil e no Caribe . CARDIN, Carlos Henrique ; DIAS, Rubens Gama . Brasília: Fundação Alexandre Gusmão. PÁGINAS: 9-12. 1997

PAMPLONA, Débora. (2017) História do Movimento Rastafari – da Jamaica para o Mundo . Fortaleza: Edição da autora, 2017.

PEREIRA, Amílcar Araújo. Linhas de cor cruzadas: relações raciais, imprensa negra e movimento negro no Brasil e nos Estados Unidos. *In:* SILVA, Joselina da. MENDES, Amauri (Org.). **O Movimento Negro Brasileiro - Escritos sobre os sentidos de democracia e justiça no Brasil.** Belo Horizonte: Nandyala,2009.

PADMORE, George. **Pan-Africanism or Communism.** New York: Doubleday Anchor, 1972.

QUILOMBO: Vida, Problemas e Aspirações do Negro. Edição fac-similar, dirigido por Abdias Nascimento, São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo. Editora 34, 2003, 2º edição.

RÜSEN, Jörn. Razão Histórica. **Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora da UnB, 2001.

Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

SANDERS, Gil. A Herança. A Influência do Legado Africano na Fundação da identidade nacional na Bahamas. Africana no Brasil e no Caribe. CARDIN , Carlos Henrique; DIA, Rubens Gama . Brasília: Fundação Alexandre Gusmão : 2011.P. 31-48

SANTOS, Eduardo dos.**Pan-africanismo de ontem e de hoje.** Lisboa: Edição do Autor> 1968

SANTANA, J. V. J. ALVES, J. S.Tensões e desafios para a implantação da lei 10.639/03 no

município de Itapetinga – BA. **Revista África e Africanidades** –v.8, p.1- 8, fev. 2010, Disponível em:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/14501>, Acesso em: 28 mar. 2016.

SAMBA, Buri Mboup. Conflicting leadership paradigms in Africa: A need for an African Renaissance perspective. **International Journal of African Renaissance Studies** v.3. P-94-112, October, 2008

SEUNARINE, A. Lance. Visions of Rastafari : from Facts on Haile Selassie I . Trican Books : New York, 1999.

TOASIJÉ, Antumi. **Si mi preguntáis por el Pan-africanismo y la Afrocentricidad** – Artículos, Conferencias, discursos y entrevistas (2001-2013), Madrid: Wanafrika, 2013.

VELASQUEZ, Norberto Barreto. **Marcus Garvey y la lucha por los derechos de los afroamericanos**.Lima: Instituto Cultural Peruano Norteamericano, 2017.

YABARA, Amzat Boukari. **Africa Unite! Une histoire du Panafricanisme**. Paris: La Découert, 2014

ZERBO, Joseph Ki. Introdução Geral. *In*: ZERBO, Joseph Ki (Org.). **História Geral da África, Metodologia pré-história da África**. 2.ed.rev. Brasília: UNESCO, 2010. pp. XXI-LVII.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: Diretrizes **Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e africana**, Brasília/DF: MEC/SEPP/SECAD, 2004. Disponível em:<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/w-content/uploads/2012/10/DCN-s-educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: jan.2016.

BRASIL. **Lei Federal nº10639**, 09 de Janeiro de 2003. Altera a lei nº9394, de 20 de Novembro de 1990 (estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “ História e Cultura Afro-

Brasileira”, e da outras providências). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: fev.2016

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?1&u5=1&u6=1&u3=34>>. Acesso em: jan. 2016

BLAISDELL, Bob. **Selected writings and speeches of Marcus Garvey**. New York: Dover Publication, 2004.

CAINELLI, MARLENE;SCHMIDT, MARIA AUXILIADORA. Desafios teóricos e epistemológicos na pesquisa em educação histórica. **Antíteses**, Londrina, v. 5, n. 10, p. 509-518, jul./dez. 2012. Disponível em :<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/14501>. Acesso em :20mar. 2016.

CAMPBELL, Horace. **Rasta and Resistance – From Marcus Garvey to Walter Rodney**. Trenton: Africa World Press,2001.

CUNHA JR. , H. **Metodologia de Pesquisa Afrodescendente**. Disponível em: <http://Afrobrasileira.multiply.com/journal/item/52?&show_interstitial=1&u=%2Fjournal%2Fitem> Acesso em: 28 Fev. 2012

_____. **Textos para o movimento negro**. São Paulo : EDICON,1992.

DIOP, Cheikh Anta. **Alerte sous les tropiques** (Articles 1946-1960).Culture et Développement en Afrique noire, Paris: Présence Africaine, 1990.

_____. **Civilization or Barbarism – an authentic anthropology**,NewYork: Laurence Hill Books,1991.

GARVEY, Amy Jacques. **The philosophy and opinions of Marcus Garvey** .Londres: Frank

Cass and Company, 1970.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Fábio F. **Pan-africanismo, Historiografia e Educação - Experiências em Cabo verde e Brasil**. 2014. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

IBRAHIN, Hassand Ahmed. Política e Nacionalismo no Nordeste da África 1919-1935. *In*: BOAHEN, Adu (Org.). **História Geral da África: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p.675-702.

LARKIN, Elisa. **Pan-africanismo na América do Sul**. Emergência de uma rebelião negra. Petropolis: Vozes, 1981.

MARTIN, Tony. **Marcus Garvey Hero – A first Biography**. Dover: The Majority Press, 1983.

_____. **Race First**

PEREIRA, Amílcar Araújo. Linhas de cor cruzadas: relações raciais, imprensa negra e movimento negro no Brasil e nos Estados Unidos. *In*: SILVA, Joselina da. MENDES, Amauri (Org.). **O Movimento Negro Brasileiro - Escritos sobre os sentidos de democracia e justiça no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SANTANA, J. V. J. ALVES, J. S. Tensões e desafios para a implantação da lei 10.639/03 no município de Itapetinga – BA. **Revista África e Africanidades** –v.8, p.1- 8, fev. 2010, Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/14501>, Acesso em: 28 mar. 2016.

SANTOS, E.S. FILHO, G. R; AMAURO, N. Q. - Dificuldades na aplicação de materiais

didáticos digitais que trabalham assuntos estudados pela Química em conformidade com a Lei no 10.639/03.SP.In: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC**, 2013, São Paulo. Atas. Disponível em:<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R1726-1.pdf>. Acesso em: mar.2016

SAMBA, Buri Mboup. Conflicting leadership paradigms in Africa: A need for an African Renaissance perspective. **International Journal of African Renaissance Studies** v.3. P-94-112, October, 2008

TOASIJÉ, Antumi. **Si mi preguntáis por el Pan-africanismo y la Afrocentricidad** – Artículos, Conferencias, discursos y entrevistas (2001-2013), Madrid: Wanafrika, 2013.

ZERBO, Joseph Ki. Introdução Geral. In: ZERBO, Joseph Ki (Org.). **História Geral da África, Metodologia e pré-história da África**. 2.ed.rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. XXI-LVII.

Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro (COMDEDINE). Lei 1.370/88 Regimento Interno Endereços e Telefones Úteis. Diretoria Executiva . Rio de Janeiro : Prefeitura : 2002/2003

BARNETT, MICHAEL (2014).-----

_____. The Rastafari Movement : a North American and Caribbean Perspective. -----: Routledge. 2018.

BENNETT Jr., Lerone . **O que há em um nome? “Negro” vs “afro-americano” vs “Preto”**. Fonte: Revista Ebony 23 (Novembro de 1967): 46-48, 50-52, 54. <http://www.quilombhoje.com.br/afropretonegro.html>

CAMPBELL, Horace. (2001) **Rasta and Resistance. From Marcus Garvey to Walter Rodney**. Trenton: Africa World Press, Inc.

CARVALHO, Marcus J. M. (2004). “Fácil é serem sujeitos, de quem já foram senhores”: O ABC do Divino Mestre. in: Afro-Ásia, 31, 327-334

CUTI.(2007) ...**E disse o velho militante José Coreia Leite**. São Paulo : Noovha America.

DIONGUE-DIOP, Mariétou; DIOP, Cheikh M’Backé ; DIOP, Dialo ;LAM, Aboubacry Moussa ; SALL, Babacar . (2019) **Panorama histórico da vida, do pensamento e da obra de Cheikh Anta Diop**. Recife : Ed. UFPE.

FORD, W. Cliford. (199).**O Herói com rosto africano** . Mitos da África. São Paulo: Summus

LOPES, NEI (2005) . **Kitábu – O livro do saber e do espírito negro-africanos**. Rio de Janeiro : SENAC.

_____.Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. (2004).São Paulo: Selo Negro .

MITCHELL. Michael . (1985). Raça, Legitimidade e o Estado no Brasil. Revista Afrodiáspora. Revista Trimstral do Mundo Negro.Rio de Janeiro : IPEAFRO. P.90-108

N’ANA, Yéo. (2018). Uma tradução de *Décoloniser l’esprit* de Ngugi wa Thiong’o in: RÓNAI: **Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios** – 2018 V.6 N.2 – pp. 93-102 – UFJF – JUIZ DE FORA.

PATRIOTA, Antonio de Aguiar. (2011). A Herança Africana no Brasil e no Caribe. In: CARDIM, Carlos Henrique ; FILHO, Rubens Gama Dias (Orgs.). **A Herança Africana no Brasil e no Caribe**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 9-12.

JEREMIAH, Moses Wilson. (1996). **Classical Black Nationalism – From American Revolution to Marcus Garvey** . New York: New York University Press.

KAMABAYA . Moisés. (2014). **O Renascimento da Personalidade Africana**. Luanda: Mayamba.

WOODSON , Carter Godwin. (2018). **A deseducação do Negro**. São Paulo : Medu Neter.

RODNEY, Walter . (1975). **Como a Europa subdesenvolveu a África**. Lisboa: Seara Nova.

TOASIJÉ, Antumi. (2014) **.Si me preguntáis por el Pan-Africanismo y la Afrocentricidad. Artículos, Conferencias , Discursos y entrevistas...**Madrid: Wanafrika

THORNTON, John . (2004). **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800)**. Rio de Janeiro: Elsevier.

